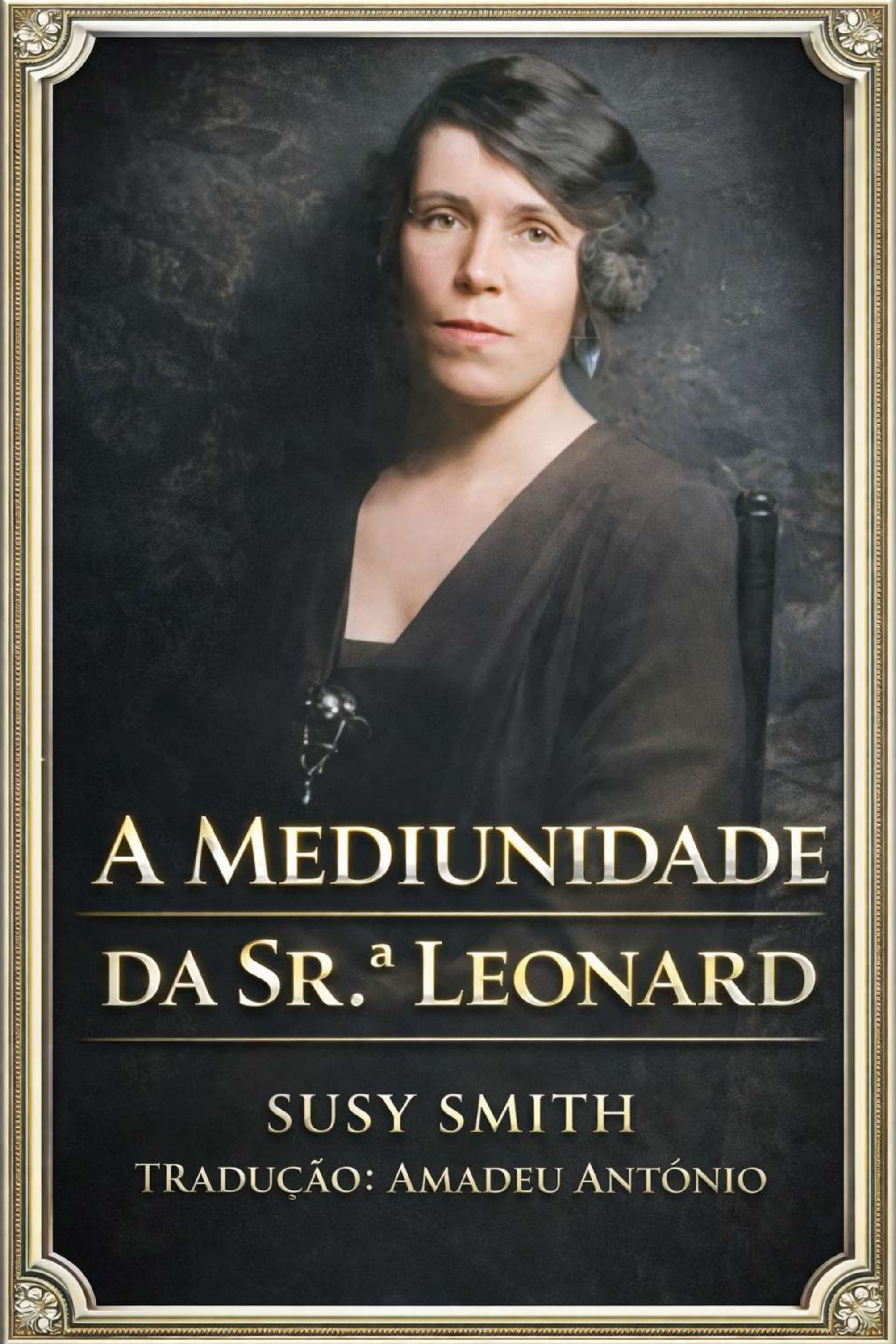


A portrait of a woman with dark, wavy hair, wearing a dark, low-cut dress. She is looking directly at the camera with a neutral expression. The background is dark and textured. The portrait is framed by a decorative gold border with ornate corner pieces.

A MEDIUNIDADE DA SR.^a LEONARD

SUSY SMITH
TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

A MEDIUNIDADE DA SRA. LEONARD

Susy Smith, 1964

SUMÁRIO

A Médium
Os Convidados
Os Controles
Os Relatórios Troubridge-Hall
Sessões por Procuração
Testes com Livros
Precognição
Testes de Associação de Palavras
Complexidades e Perplexidades
Modus Operandi
Voz Direta
A Ponte
Enviar feedback e opiniões

I

A MÉDIUM

UM GRANDE MÉDIUM é um fenómeno raro, mais raro do que um grande pintor ou um virtuoso do piano. O mundo produziu apenas alguns médiuns cujos poderes eram tão excepcionais que podiam ser considerados grandes. Gladys Osborne Leonard é uma dessas pessoas.

Uma senhora a quem a Sr.^a Leonard foi apresentada como «um médium famoso» disse, surpreendida: «Mas parece tão sensata!» É verdade que alguns sensitivos bem conhecidos foram figuras excêntricas. Não lhes é fácil viver de forma normal por numerosas razões: muitas vezes são venerados de maneira excessiva por seguidores acríticos; muitos psiquiatras consideram-nos histéricos; o público tende a classificá-los como impostores. Alguns médiuns, contudo, conseguiram viver vidas saudáveis e produtivas, e a Sr.^a Leonard é um desses casos. É uma mulher discreta, de bom senso e integridade, agora com mais de oitenta anos.

Muitas pessoas que tiveram sessões com ela durante o seu longo período de atividade ficaram convencidas de que tinham comunicado com parentes e amigos falecidos, e isso bastou para as satisfazer.

Certos outros consulentes tinham objetivos mais objetivos em mente. A maioria destes esperava receber material tão verídico que pudesse resistir a uma análise científica como prova de sobrevivência. Por isso, desejavam trabalhar dentro de um quadro de supervisão cuidadosamente controlada e manter registos exatos de tudo o que era dito. Acolhiam de bom grado discussões e sugestões de outros investigadores.

É sobretudo deste grupo de trabalhadores pacientes que este livro tratará. Foram eles que, com a sua determinação e perseverança, com a sua disposição para passarem muitas horas a tomar notas em salas de sessões abafadas e semiescuras, fizeram de Gladys Osborne Leonard o médium mais cuidadosamente investigado e documentado da história. Durante mais de cinquenta anos foi estudada por alguns dos melhores investigadores das Sociedades Britânica e Americana de Pesquisa Psíquica.

O Sir Oliver Lodge, o famoso físico, dedicou considerável tempo à mediunidade da Sr.^a Leonard. O Reverendo Charles Drayton Thomas teve mais de 500 sessões com ela, todas integralmente registadas. Radclyffe Hall (a autora) e Una, Lady Troubridge tiveram sessões semanais com ela durante oito anos e conservaram cuidadosamente cada palavra que foi pronunciada. O Reverendo W. S. Irving participou em sessões duas ou três vezes por ano durante mais de vinte e dois anos. A Sr.^a Lydia W. Allison, dos Estados Unidos, fez viagens frequentes a Inglaterra entre 1921 e 1927 para ter sessões com a Sr.^a Leonard e outros médiuns. A Sr.^a W. H. Salter, figura destacada da Sociedade de Pesquisa Psíquica, dedicou incontáveis horas a sessões com a Sr.^a Leonard. A Sr.^a Nea Walker, secretária psíquica de Sir Oliver Lodge, fez visitas regulares durante dezanove anos como «consulente por procuração» em nome de outras pessoas.

Lodge já era bem conhecido como investigador psíquico quando conheceu a Sr.^a Leonard pela primeira vez. Pode atribuir-se-lhe o mérito de ter descoberto os seus extraordinários talentos. Em 1916 tinha acabado de perder o seu filho Raymond na guerra. Ele e a sua esposa visitaram a Sr.^a Leonard, inicialmente de forma anónima, e receberam informações que os impressionaram. Continuando as suas sessões com ela, Sir Oliver passou a acreditar que o seu filho estava efetivamente a comunicar com ele. No seu livro *Raymond* relatou as mensagens que recebera e o material probatório¹ que o convencera.

Como um dos vários episódios que pareciam estabelecer a sobrevivência da personalidade e da memória do seu filho, Sir Oliver relata em *Raymond* a história de uma determinada fotografia de grupo. Nada sabia da sua existência até que lhe foi mencionada por dois médiuns, a Sr.^a Leonard e A. Vout Peters.

Raymond morreu em 14 de setembro de 1915. Em 27 de setembro, Lady Lodge assistiu a uma sessão com Peters, durante a qual foi recebida a seguinte mensagem:

«Tem vários retratos deste rapaz. Antes de ele partir tinha um bom retrato dele — dois — não, três. Dois em que está sozinho e um em que aparece num grupo com outros homens. Faz questão de que eu lhe diga isto. Num deles verá a sua bengala.»

«Tínhamos fotografias individuais do Raymond, naturalmente», escreve Sir Oliver, «e de uniforme, mas não sabíamos da existência de qualquer fotografia em que ele aparecesse integrado num grupo; e Lady Lodge mostrou-se cética quanto a isso, pensando que poderia muito bem tratar-se apenas de um palpite ou tentativa do médium sobre algo provável. Eu próprio, contudo, fiquei bastante impressionado com a ênfase dada ao assunto — “faz questão de que eu lhe diga isto” — e, por conseguinte, fiz uma ou duas averiguações sem grande convicção; mas nada mais se ouviu sobre o tema durante dois meses. Contudo, na segunda-feira, 29 de novembro, chegou uma carta da Sr.^a Cheves, uma desconhecida para nós, mãe do Capitão Cheves do Corpo Médico do Exército Real, que conhecera Raymond e nos informara acerca da natureza do seu ferimento.» A carta da Sr.^a Cheves, datada de 28 de novembro de 1915, dizia o seguinte:

¹ *Sir Oliver Lodge, Raymond, Nova Iorque, George H. Doran Co., 1916.*

«O meu filho, que é médico militar junto dos Second South Lancers, enviou-nos uma fotografia de grupo dos oficiais tirada em agosto, e perguntei-me se conheciam esta fotografia e se possuíam uma cópia. Caso contrário, posso enviar-vos uma, pois temos meia dúzia delas e também uma legenda identificativa.»

Sir Oliver escreveu-lhe imediatamente. A fotografia só foi recebida na tarde de 7 de dezembro. Em 6 de dezembro, Lady Lodge encontrou uma anotação no diário de Raymond, devolvido da frente de combate, indicando que uma fotografia fora tirada a 24 de agosto. Assim, a fotografia tinha sido tirada apenas vinte e um dias antes da sua morte, e algum tempo poderia ter decorrido até que ele visse uma cópia impressa, caso alguma vez a tivesse visto; nunca a mencionara nas suas cartas.

Em 3 de dezembro, antes de a fotografia ser recebida, Lodge visitou a Sr.^a Leonard, cujo controlador de transe, Feda, também a descreveu com algum detalhe. Para efeitos de possível prova futura, colocou esta informação numa carta que enviou a outro investigador em 6 de dezembro, no dia anterior à chegada da fotografia enviada pela Sr.^a Cheves. A carta dizia:

«A propósito daquela fotografia que Raymond mencionou através do médium A. Vout Peters (dizendo: “Uma em que estou num grupo de outros homens. Faço questão de que lhe diga isto. Numa delas verá a minha bengala”), acrescentou mais algumas coisas através da Sr.^a Gladys Osborne Leonard. Mas mostra-se incerto quanto à bengala. O que diz é que há um número considerável de homens na fotografia; que a fila da frente está sentada e que existe uma fila atrás, ou algumas pessoas agrupadas e colocadas na retaguarda; também que há uma dúzia ou mais de pessoas na fotografia, e que algumas delas mal conhecia; que um homem cujo nome começa por B é uma figura destacada na fotografia, e que também existe um C; que ele próprio

está sentado e que há pessoas atrás dele, uma das quais se apoiou, ou tentou apoiar-se, no seu ombro. A fotografia pode chegar a qualquer momento, por isso envio esta carta antes de a receber.»

Sir Oliver escreve mais tarde:

«A fotografia foi entregue em Mariemont entre as três e as quatro horas da tarde de 7 de dezembro. Considerada como fotografia de Raymond, é má; considerada como prova, é excelente. Ao examiná-la, verificámos que todas as particularidades mencionadas por Raymond, sem ajuda do médium, eram notavelmente exatas. A bengala está presente, mas Peters colocara-a debaixo do braço (o que não é correto) e, quanto ao fundo, o controlador da Sr.^a Leonard tinha enfatizado, através de gestos, linhas verticais. Existem seis linhas verticais proeminentes no telhado do barracão, embora as linhas horizontais do fundo sejam igualmente visíveis.

Por “grupo misto”, compreendemos membros de diferentes companhias — não pertencentes todos à companhia de Raymond, mas reunidos a partir de várias. Isto deve estar correto, pois são demasiado numerosos para uma única companhia. Quanto à “proeminência”, perguntei a várias pessoas qual dos membros do grupo lhes parecia mais destacado e, excetuando a posição central, apontaram geralmente para uma figura de pé, bem iluminada, à direita. Esse é o “B” referido.

Existe também um oficial cujo nome começava por C.

Alguns membros do grupo estão sentados enquanto outros permanecem de pé atrás deles.

Raymond é um dos que estão sentados e a sua bengala, ou bastão regulamentar, encontra-se pousada diante dos seus pés. O fundo é escuro e apresenta linhas muito visíveis. A fotografia foi tirada ao ar livre, mesmo em frente de um barracão ou alojamento militar, praticamente como me fora sugerido pelas declarações feitas na sessão com Leonard — aquilo a que chamei um “abrigo”.

Mas, de longe, a prova mais impressionante é o facto de alguém sentado atrás de Raymond estar apoiado ou a repousar a mão sobre o seu ombro. A fotografia mostra felizmente o acontecimento real e

quase indica que Raymond estava ligeiramente incomodado com isso; o seu rosto encontra-se um pouco contraído e a cabeça ligeiramente inclinada para um lado, afastando-se do braço do homem. É o único caso em toda a fotografia em que um homem se apoia ou coloca a mão sobre o ombro de outro, e considero que é algo suscetível de ser recordado por quem o viveu.

Graças às informações fornecidas pela Sr.^a Cheves, obtive cópias de todas as fotografias acessíveis tiradas na mesma ocasião. Descobri que o grupo fora fotografado três vezes, com pequenas variações — os oficiais mantinham as mesmas posições relativas, embora não exatamente as mesmas atitudes. Numa delas vê-se o mesmo homem com a mão pousada sobre o ombro de Raymond, e a cabeça de Raymond inclinada ligeiramente para um lado, como se estivesse algo incomodado.

Noutra, a mão tinha sido retirada e apoiava-se numa bengala; nessa imagem, a cabeça de Raymond encontra-se direita. Isto corresponde à sua incerteza quanto a ter sido ou não fotografado com esse homem apoiado nele.

Numa terceira variante, contudo, a perna do Capitão S. repousa ou toca no ombro de Raymond, e a inclinação da cabeça e a ligeira expressão de desagrado reaparecem.

Quanto ao valor probatório de toda a comunicação, observar-se-á que existe algo da natureza de uma correspondência cruzada, embora simples, no facto de a referência à fotografia ter sido feita por um médium e os detalhes fornecidos por outro em resposta a uma pergunta que eu formulara sobre ela; o comunicante demonstrando consciência de que uma referência anterior tinha sido feita através de outro canal.

E a eliminação da telepatia comum proveniente dos vivos, exceto sob a hipótese rebuscada da influência inconsciente de completos desconhecidos, foi excecionalmente completa, dado que toda a informação foi registada antes de qualquer um de nós ter visto a fotografia.»

A publicação de Raymond deu grande impulso à carreira da Sr.^a Leonard, que começara pouco antes de conhecer Sir Oliver Lodge. Nasceu a 28 de maio de 1882 em Lytham, na costa de Lancashire, Inglaterra, sendo a mais velha dos quatro filhos de Isabel e William Jocelyn Osborne.

O seu pai era um abastado entusiasta da vela e a família passava grande parte do tempo no seu iate. Por essa razão, as crianças tiveram pouca instrução formal. Gladys teve uma governanta até aos onze anos de idade.

Desde a primeira infância manifestou capacidades que um dia a distinguiriam dos outros como médium. Tinha frequentes visões daquilo a que chamava os seus «Vales Felizes» até que a família tomou conhecimento delas. Conta-nos² que via os lugares mais belos — vales, encostas suaves, árvores encantadoras e margens cobertas de flores. Caminhando aos pares ou em grupos encontravam-se pessoas que pareciam radiantemente felizes. Vestiam drapeados elegantes e fluidos, e cada movimento, gesto e expressão sugeriam um estado de êxtase sereno.

Não considerava essas visões algo de anormal ou invulgar. «Algum instinto dizia-me para guardar silêncio acerca delas», escreve, «mas eu pensava que todas as outras pessoas à minha volta viam aquelas paisagens, ou outras semelhantes...»

Numa manhã em que o seu pai se preparava para partir em viagem, estava a tomar o pequeno-almoço com ele como um privilégio especial. Quando a sua vista favorita do Vale Feliz se revelou diante dela na parede da sala de jantar, sentiu desejo de a partilhar com o pai e disse:

— Não é um lugar especialmente bonito aquele que estamos a ver esta manhã?

— Que lugar? — perguntou ele.

— Aquele lugar — respondeu ela, apontando para uma parede que, para ele, estava vazia, exceto por duas espingardas penduradas.

— Do que estás a falar? — perguntou o pai.

A explicação dela reuniu toda a família à sua volta num estado de preocupação e irritação.

«A princípio pensaram que eu estava a inventar», diz ela, «mas, como eu insistia e descrevia muitas das visões com tanto detalhe, foram forçados a concluir que havia ali qualquer coisa — algo que não se enquadrava na sua forma convencional de ver as coisas. Proibiram-me severamente de voltar a olhar para o Vale Feliz.»

Com esforço, conseguiu reprimir as suas visões, e estas deixaram gradualmente de surgir. Mas, devido à sua extrema sensibilidade, a vida não lhe foi fácil.

«A infância foi para mim um tempo de dor e tormento, mais do que o período despreocupado e alegre que normalmente se supõe ser», escreve.

Entretanto, a família atravessou um período de grandes dificuldades financeiras quando ela entrava na adolescência. Pelos seus próprios esforços conseguiu formar-se como cantora profissional, mas, quando estava prestes a ingressar na ópera, um ataque de difteria afetou-lhe a voz. Mais tarde trabalhou no teatro com companhias itinerantes, cantando e interpretando papéis juvenis e cómicos. Foi aproximadamente nessa época que começou a cantar aos domingos numa igreja espírita. Aí, um médium disse-lhe: «Os teus guias estão a preparar-te para uma importante missão espiritual.»

A sua mãe não se encontrava bem de saúde, mas ninguém suspeitava que estivesse gravemente doente. Certa noite, Gladys foi visitar amigos numa localidade vizinha. Às duas da manhã acordou com a súbita sensação de que algo fora do comum estava a acontecer:

«Olhei para cima e vi diante de mim, mas cerca de cinco pés acima do nível do meu corpo, uma grande mancha circular de luz com aproximadamente quatro pés de diâmetro. Nessa luz vi a minha mãe com toda a nitidez. O seu rosto parecia vários anos mais jovem do que eu o vira algumas horas antes. Tinha um rubor rosado de saúde nas faces, os olhos claros e brilhantes, e um sorriso de felicidade absoluta nos lábios. Olhou para mim durante um momento, parecendo transmitir-me uma intensa sensação de alívio e um sentimento de segurança e bem-estar. Depois a visão desvaneceu-se. Estive desperta durante todo o tempo, plenamente consciente do que me rodeava.»

Na manhã seguinte soube que a sua mãe tinha morrido às duas horas da madrugada.

Pouco tempo depois, Gladys Osborne conheceu um ator chamado Frederick Leonard, com quem viria a casar. Ocupada a aprender a ser uma boa dona de casa e, simultaneamente, a prosseguir a sua carreira teatral, dificilmente esperaria que em breve viesse a dedicar tempo ao desenvolvimento da sua mediunidade. Contudo, durante os intervalos entre atuações, ela e duas outras atrizes começaram a divertir-se com experiências de mesa girante no camarim.

Um dia, depois de estarem sentadas há algum tempo sem qualquer resultado, afirma ela:³

«A mesa começou a mover-se. Recebemos mensagens de vários amigos, soletradas através das inclinações da mesa; a minha mãe comunicou connosco, bem como várias outras pessoas; depois foi soletrado um nome comprido começado pela letra F. Não conseguíamos pronunciá-lo, por isso perguntámos se poderíamos escolher algumas das letras e utilizá-las como nome. Foi-nos dada uma resposta afirmativa, e escolhemos FEDA. Foi assim que começou o meu conhecimento de Feda.»

Feda disse-lhes que seria o espírito controlador de Gladys. Afirmou também ser a sua tetravó, hindu de nascimento, criada por

uma família escocesa até aos treze anos de idade. Nessa altura casara com um inglês chamado William Hamilton e morrera um ano depois ao dar à luz um filho. (A Sr.^a Leonard recordava-se de a sua mãe lhe ter falado dessa antepassada hindu, mas prestara pouca atenção aos pormenores.)

² *Gladys Osborne Leonard, My Life in Two Worlds, Londres, Cassell, 1931.*

³ *Ibid.*

³ «*Mrs. Leonard's Account of her Meeting with Feda*», p. 141, *Pamela Glenconner, The Earthen Vessel, Londres, John Lane, The Bodley Head, 1921.*

Feda disse-lhes então que tinha pressa em aprender a controlar Gladys porque tinha trabalho a realizar através dela, que algo muito importante estava prestes a acontecer na Terra e que os seus serviços seriam necessários.

A questão da verdadeira natureza de Feda tem sido discutida durante muitos anos. Será ela uma dramatização do subconsciente da Sr.^a Leonard? Será aquilo que afirma ser — o espírito de uma jovem que outrora viveu na Terra? Ou será uma personalidade secundária, capaz de assumir o controlo apenas durante o estado de transe? Por agora, basta dizer que a própria Sr.^a Leonard sempre acreditou firmemente que Feda era exatamente aquilo que dizia ser — a sua antepassada hindu.

A ideia de perder a sua identidade em transe repugnava a Gladys, e ela resistiu-lhe durante meses. Depois, certa noite, quando uma sessão de mesa girante decorria sob o palco do recém-construído Palladium Theatre, em Londres (o único local silencioso que conseguiram encontrar), ela adormeceu por instantes. Quando despertou, soube que estivera em estado de transe e que Feda falara através dela.

Assim começou uma longa «associação» de natureza muito invulgar. A personalidade Feda e Gladys eram amigas; por vezes pareciam quase rivais, disputando o uso do corpo conhecido como Gladys Osborne Leonard. Contudo, nunca conseguiram comunicar uma com a outra sem a assistência de um consulente que transmitisse as mensagens de ambas.

Feda pediu aos consulentes que dissessem a Gladys que estava destinada a tornar-se um grande médium e que deveria sentar-se regularmente para desenvolver os seus poderes. A partir desse momento, Gladys adquiriu o hábito de participar frequentemente em sessões, procurando aperfeiçoar as suas capacidades psíquicas.

Dezoito meses mais tarde, Feda declarou que já eram competentes e que Gladys deveria exercer a mediunidade profissionalmente.

«Mostrei muita relutância», conta-nos a Sr.^a Leonard, «porque não pensava que fosse capaz de realizar este trabalho sob encomenda; mas Feda prometeu que tomaria conta de mim.» Feda insistia que algo grande e terrível estava prestes a acontecer ao mundo. «Feda tem de ajudar muitas pessoas através de ti», dizia.

Assim, Gladys Osborne, a atriz, transformou-se na Sr.^a Osborne Leonard, a médium. Iniciou uma série de sessões públicas em Londres. Desde o princípio, esses encontros pagavam as suas despesas. Após o início da Primeira Guerra Mundial, multidões procuravam mensagens daqueles que tinham morrido em combate. Depois, Feda transmitiu à sua médium que deveria abandonar as reuniões públicas, onde as condições estavam longe de ser ideais, e dedicar-se apenas a sessões privadas.

A partir daí, o trabalho foi quase sempre excessivo. Como desejava proporcionar o consolo das suas mensagens ao maior número possível de pessoas, a Sr.^a Leonard aceitava frequentemente mais sessões por dia do que era aconselhável para a sua saúde. Quando Sir Oliver Lodge se interessou pelo seu trabalho, insistiu que, para preservar a sua mediunidade, não deveria realizar mais de duas ou três sessões por dia. Para garantir que ela não se sobrecarregava, reservou

parte do seu tempo exclusivamente para consulentes cuidadosamente selecionados. A publicação de *Raymond* transformou a Sr.^a Leonard numa celebridade. A partir de então viveu uma vida rica e plena como uma das figuras mais proeminentes do seu campo.

Uma descrição sua durante essa época apresenta-nos uma mulher alta, de postura elegante. Tinha tez clara, cabelo castanho-claro apanhado num carrapito na nuca e olhos extremamente azuis. Dotada de grande talento para a jardinagem, passava muito tempo no jardim a cuidar das flores. Possuía numerosos animais de estimação, adorava todos os animais e participou sempre ativamente em movimentos destinados à sua proteção. Os seus primeiros interesses eram o marido e o lar; e, enquanto o marido permaneceu nos palcos, a carreira dele era mais importante para ela do que a sua própria. Quando ele sofreu a doença final, já sexagenário, abandonou tudo para cuidar dele.

Quanto ao temperamento, a Sr.^a Leonard é calma e serena, franca, simples e direta. É afável, possuindo uma dignidade e uma bondade naturais. Agora com pouco mais de oitenta anos, aparenta cerca de sessenta e conserva a postura ereta e enérgica de uma mulher ainda mais jovem. Continua a ser uma pessoa dinâmica e interessante, equilibrada, sábia e tranquila; verdadeiramente uma grande senhora.

Nunca houve qualquer suspeita de fraude ou desonestidade durante toda a sua carreira. Aqueles que a conheciam bem estavam convencidos da sua absoluta veracidade e do seu empenho em obter para os seus consulentes as provas mais exatas possíveis.

O Reverendo Charles Drayton Thomas, um dos seus investigadores mais constantes, não tinha dúvidas quanto à sua sinceridade pessoal, franqueza e prudência. Segundo ele, a Sr.^a Leonard colaborava livremente com o espírito da investigação de uma forma compatível com todos os padrões da Sociedade de Pesquisa Psíquica. Considerava que tanto a Sr.^a Leonard como Feda eram sempre cooperantes, chegando por vezes a propor elas próprias testes cruciais de evidência.

No início da terceira sessão do Dr. Walter Franklin Prince com a Sr.^a Leonard, em 1927, ela perguntou:

— É o Dr. Walter Prince?

«Quando confirmei», escreveu ele, «observou que ouvira dizer, desde a sessão anterior, que o Dr. Prince estava em Inglaterra e que lhe ocorrera que eu poderia ser ele; por isso, achara melhor dizê-lo.»

A Sr.^a Lydia W. Allison testemunha que:⁴ «A fiabilidade e a escrupulosa honestidade da Sr.^a Leonard são garantidas por todos os seus consulentes habituais que conheci.»

A Sr.^a Allison foi uma dedicada investigadora psíquica durante mais de um terço de século, ativa tanto na Sociedade Britânica como na Sociedade Americana de Pesquisa Psíquica. Depois de receber da médium algumas informações sobre a sociedade americana que estavam corretas em todos os pormenores, escreveu a Sir Oliver Lodge perguntando-lhe se julgava possível que a médium estivesse a transmitir informações obtidas por meios normais, e não supranormais. Cita a seguinte resposta:

2 de julho de 1924

Cara Sr.^a Allison,

«... Pergunta-me a minha opinião acerca da confiança que se pode depositar na Sr.^a Leonard relativamente à divulgação de qualquer informação normal que possa ter adquirido.

Escrevo, portanto, para afirmar que tenho absoluta confiança na sua completa e transparente honestidade; e, se ela declara de forma inequívoca que não leu um livro ou publicação, pode confiar-se plenamente na sua afirmação.

Sempre que ocorreu alguma fuga de informação através de um consulente anterior ou de qualquer outra forma, teve o cuidado de me informar desse facto sempre que este chegava ao seu conhecimento consciente. É muito cautelosa nas suas leituras e abstém-se de ler grande parte do que poderia interessá-la, receando comprometer futuras provas. Tem plena consciência da importância das suas declarações a este respeito; e considero-a uma mulher extraordinariamente honesta e direta...»

Com os melhores cumprimentos,

(assinado) Oliver Lodge

⁴ Lydia W. Allison, Leonard and Soule Experiments in Psychical Research, Boston Society for Psychic Research, Boston, 1929.

Agora que a Sr.^a Leonard foi apresentada, ouviremos muito pouco da sua própria voz ao longo deste livro. Serão os consulentes, o controlador Feda e os alegados espíritos comunicantes que ocuparão o resto do nosso tempo. Daqui em diante, sempre que lidarmos com a Sr.^a Leonard, ela estará quase sempre em transe.

I

OS CONSULENTES

A Sr.^a LEONARD escreveu: «Quanto pode o consulente ajudar no desenvolvimento da mediunidade! O consulente sábio, cauteloso e até cético, desde que mantenha uma mente aberta, obtém os melhores resultados e constitui um fator importante na construção gradual das forças psíquicas e mentais do médium, e até do próprio controlo. O consulente crédulo do tipo “Estou disposto a acreditar em tudo, minha querida. Não quero testes” não melhora a qualidade da mediunidade nem obtém os melhores resultados.»

Existe um consenso geral de que o elevado nível dos consulentes habituais da Sr.^a Leonard foi uma mais-valia para o seu desenvolvimento. E também ajudaram a que o tema da mediunidade fosse compreendido com maior clareza. Os seus estudos de longa duração, cuidadosamente anotados, revelam as complexidades da comunicação nos seus aspetos mais profundos, bem como as satisfações que ocasionalmente dela resultam.

Os novos consulentes enfrentam as mesmas situações, embora geralmente com menos à-vontade do que os participantes experientes. Algumas descrições de sessões iniciais poderão fornecer alguma compreensão do quadro mais amplo, que será tratado mais detalhadamente nos capítulos seguintes.

O Dr. John F. Thomas, investigador psíquico dos Estados Unidos, deixou-nos uma descrição¹ das dificuldades em conseguir uma sessão e do que um consulente de primeira vez pode esperar encontrar. Embora tivesse ido a Inglaterra principalmente para estudar a mediunidade, Thomas verificou que não era fácil obter sessões com os sensitivos mais destacados. Escrevera à Sociedade de Pesquisa Psíquica e à Sr.^a Nea Walker, secretária de Sir Oliver Lodge, pedindo ajuda para conseguir uma marcação com a Sr.^a Leonard; mas ambos responderam que o seu tempo era tão solicitado que seria inútil insistir. Escreveu então à Sr.^a Hewat McKenzie, diretora do British College for Psychic Science, e essa organização atribuiu-lhe uma das datas semanais de que dispunha junto da Sr.^a Leonard.

Chegou a Inglaterra a 19 de abril de 1927 e a sua sessão com a Sr.^a Leonard ficou marcada para 26 de abril. A única informação transmitida à médium foi um cartão enviado pelo British College for Psychic Science indicando a data e a hora para um consulente anónimo. Assim, não foi identificado pelo nome nem de qualquer outra forma, sendo apresentado apenas como «o consulente do colégio». Um secretário acompanhou-o e tomou notas.

A maioria dos consulentes que esperavam receber informações verídicas encontrava-se com a Sr.^a Leonard anonimamente. Ela concordava inteiramente com esta prática, pois não queria que o valor probatório do material que pudesse produzir em transe fosse diminuído pela possibilidade de adivinhar consciente ou inconscientemente a identidade do consulente.

O Dr. Thomas, ao descrever a atitude mental habitual de um consulente que participa pela primeira vez numa sessão, afirma que, a menos que tenha experiência com sensitivos genuínos e consistentemente eficazes, tende a abordar todo o material produzido em transe com a ideia preconcebida de que encontrará apenas uma massa de banalidades, vacuidades e generalidades. No caso do material obtido através da Sr.^a Leonard, diz ele, isso não acontece, embora também apresente as suas limitações. Muitas vezes é prolixo, indireto, vago e indefinido. Por outro lado, por vezes é preciso, conciso e literalmente correto. Ocasionalmente, um acontecimento,

um lugar ou uma pessoa são esclarecidos por uma palavra-chave ou por uma afirmação inserida numa narrativa que, de outro modo, pareceria confusa. Esses elementos funcionam como pistas que acabam por esclarecer o material anterior.

«Nos registos», escreve John Thomas, «fala-se frequentemente de pessoas e lugares sem mencionar os seus nomes. Os acontecimentos são desenvolvidos através de uma série de afirmações acerca deles, em vez de uma exposição direta dos factos... Pessoas, lugares e acontecimentos concretos só se tornam identificáveis através da acumulação de pormenores relevantes e corretos. Uma boa série de registos, sobretudo quando representa vários sensitivos, dá a impressão de um quebra-cabeças ilustrado ou de um mapa desmontado, cujas partes têm de ser inteligentemente encaixadas para formar um conjunto coerente e significativo...

«Devido às características já referidas, existe sempre o perigo de interpretar excessivamente os registos ou de neles ler aquilo que gostaríamos que lá estivesse.»

O Reverendo Charles Drayton Thomas tinha uma necessidade especial de se precaver contra o risco de «neles ler aquilo que gostaria que lá estivesse», pois cedo nos seus estudos se convenceu de que estava efetivamente a receber comunicações de parentes e amigos falecidos. Contudo, é geralmente aceite que este ministro metodista, que dedicou os últimos cinquenta anos da sua vida à investigação psíquica, fez esforços consideráveis para não permitir que as suas convicções interferissem com a sua objetividade enquanto investigador sistemático. Como escreveu um crítico das suas obras:²

«Pode discutir-se as conclusões alcançadas ou apontar falhas na exatidão dos acertos [mas] não se pode contestar a evidente honestidade e coragem com que o autor apresenta os seus factos.»

Drayton Thomas manteve padrões rigorosos nas suas experiências e conservou registos completos das suas sessões. Colocou-os à disposição da Sociedade de Pesquisa Psíquica para avaliação e utilização. Na sua primeira sessão, Feda disse:³

«Está aqui um homem idoso com barba. A barba é acinzentada, o cabelo é ralo no topo e um pouco espetado dos lados. Tem bigode, sobrancelhas marcadas e grisalhas. O rosto é bem proporcionado. É um homem de boa aparência e mantinha uma postura muito direita.»

Esta era uma descrição exata do pai de Charles, John Drayton Thomas, nos seus últimos anos de vida. Feda prosseguiu descrevendo uma fotografia dele na juventude que ainda permanecia sobre a cómoda da esposa. Acrescentou:

«Estava habituado a uma sala com livros; era um gabinete de trabalho e havia estantes cheias de livros. Sobre a mesa havia livros e papéis. O mobiliário era sólido e escuro. Este homem conheceu muitas pessoas e ajudou muitas delas. Deve ter sido um excelente caráter. Surge com ele a inicial “J”.»

² *Burke, Arthur: recensão de Drayton Thomas, Some Evidence for Human Survival, Journal A.S.P.R., vol. 18, 1924, p. 150.*

³ *C. Drayton Thomas, Life Beyond Death with Evidence, Londres, Collins, 1928.*

Feda falou da sua morte súbita, da sua voz rouca e do caráter firme que o levava a manter as próprias opiniões; tudo isso correspondia à realidade de John Drayton Thomas. A partir daí tornou-se um comunicante regular nas sessões de Drayton Thomas.

Marguerite Radclyffe-Hall e Una Vincenzo Troubridge foram inicialmente à Sr.^a Leonard como consulentes anónimas recomendadas por Sir Oliver Lodge. Em pouco tempo, os seus relatórios e comentários cautelosos impressionaram de tal forma Sir Oliver que este dedicou tempo a instruí-las nos métodos da observação rigorosa. Participaram regularmente em sessões uma vez por semana, e por vezes com maior frequência, durante os primeiros anos, e a sua investigação da mediunidade da Sr.^a Leonard prolongou-se por oito anos. Em cada sessão, uma delas desempenhava a função de registadora, anotando tudo o que era dito pelo consulente e pelo médium, tanto antes do início do transe como durante o mesmo. Os

registos eram copiados à mão ou dactilografados no próprio dia, e o relatório completo era posteriormente arquivado na Sociedade.

No primeiro artigo que publicaram⁴ acerca das suas experiências com a Sr.^a Leonard, a Sr.^a Radclyffe-Hall identifica as personagens envolvidas da seguinte forma:

«A alegada comunicante tem sido... a minha amiga, que será designada nas sessões pelas iniciais A. V. B. [Tratava-se de Mabel Veronica (Sr.^a George) Batten.] Eu surgirei como M. R. H., e Lady Troubridge como U. V. T. Feda costuma dirigir-se a mim como “Mrs. Twonnie”, a sua própria versão do nome pelo qual muitas vezes sou tratada [Johnnie], e a Lady Troubridge como “Mrs. Una”. Durante as sessões, Feda adquiriu gradualmente o hábito de chamar a A. V. B. “Ladye”, uma alcunha que ela tinha em vida e que foi dada espontaneamente através de Feda numa sessão inicial.»

⁴ «*On a Series of Sittings with Mrs. Osborne Leonard*», *Proceedings S.P.R.*, vol. XXX, dezembro de 1919.

Prossegue então:

«Durante essas primeiras sessões foram recebidas descrições de *The White Cottage*, em Malvern Wells, uma casa muito querida da minha amiga falecida e de mim própria, juntamente com descrições de características típicas da vizinhança e referências aos vizinhos.»

Parecia haver apenas duas explicações possíveis para as descrições em questão: ou o conhecimento demonstrado pela Sr.^a Leonard, quando em transe, era obtido por algum meio supranormal; ou então tinham sido feitas investigações bastante extensas na vizinhança de Malvern Wells. Não tínhamos absolutamente nenhuma razão para duvidar da integridade da Sr.^a Leonard, mas deve ter-se presente que, naqueles dias, possuíamos muito pouco conhecimento direto dos fenómenos da Sr.^a Leonard. Sempre nos pareceu que aqueles que se dedicam a uma investigação tão momentosa como a dos fenómenos que alegadamente são ocasionados por seres humanos desencarnados devem não deixar pedra por virar para tornar cada passo do terreno o mais seguro possível antes de avançarem. Por

consequente, senti que era meu dever recorrer a uma boa agência de detetives, e dessa agência recebi um relatório em 14 de Novembro de 1916.

Como resultado das suas investigações em Malvern Wells e nos arredores, verificou-se que, desde a morte da minha amiga falecida, não tinham sido feitas quaisquer averiguações acerca de mim ou dela junto de fontes suscetíveis de fornecer informações. O detetive, seguindo as minhas instruções, fez também algumas averiguações em Londres, mas também aí não descobriu nada de suspeito.

Recentemente informámos a Sr.^a Leonard de que tinham sido empregados detetives em ligação com os seus fenómenos, e ela compreendeu plenamente que os relatórios fornecidos pelos detetives constituíam um valioso testemunho da autenticidade dos seus poderes.

A Sr.^a Radclyffe Hall apresenta-nos então Feda no seu papel de controlador:

Nos nossos registos não reproduzimos de perto o inglês incorreto de Feda; teria levado demasiado tempo encontrar uma ortografia adequada para as suas idiossincrasias. O seu conhecimento do alfabeto inglês é incerto e, embora por vezes reconheça e mencione letras com bastante exatidão, noutras ocasiões parece ficar sem saber o que fazer e limita-se a tentar desenhar com o dedo as letras que aparentemente lhe são mostradas, ou recorre a descrições como: «É uma letra encaracolada como uma cobra» ou «É como uma cruz sem a parte de cima». Geralmente refere-se ao O como um pequeno círculo e também descreve qualquer letra que tenha um traço acima ou abaixo da linha, como, por exemplo, o y minúsculo ou o b minúsculo, como «uma letra comprida», enquanto outras, como o u minúsculo ou o e minúsculo, são «letras pequenas». O seu inglês varia; é quase correto quando afirma estar a repetir uma mensagem palavra por palavra e, em qualquer circunstância, é perfeitamente inteligível apesar das suas excentricidades.

Devemos a Feda os nossos agradecimentos pelos registos completos e exatos que pudemos obter. Ela sempre demonstrou a maior solicitude neste aspeto, repetindo lenta e cuidadosamente, mais

do que uma vez, qualquer coisa complexa que lhe parecesse ter valor probatório; ao contrário da maioria dos controladores, pode ser interrompida sem inconveniente caso quem toma notas receie ficar para trás e, ainda assim, retoma habilmente o fio da meada no momento em que lhe dizem que o anotador está pronto. Esta foi a nossa experiência; possivelmente tivemos uma sorte especial, talvez devido ao facto de ter surgido uma verdadeira afeição mútua entre nós e Fedá. Foi-nos dado a entender que nem sempre é esse o caso.

O Dr. William Brown, professor de Filosofia Mental na Universidade de Oxford e psicoterapeuta do King's College Hospital, era um homem quase igualmente à vontade na psicologia, na física matemática e na investigação psíquica. Na sua primeira sessão com a Sr.^a Leonard, em 1 de Janeiro de 1926, quatro pessoas «vieram» ter com ele e, segundo afirma,⁵ «essas quatro pessoas eram precisamente as quatro pessoas de quem eu teria interesse em receber notícias. Há muito poucas pessoas do outro lado que me interessariam, mas estas quatro certamente interessariam».

⁵ William Brown, *Science and Personality*, p. 196, New Haven, Yale University Press, 1929.

A quarta pessoa, um cavalheiro idoso, foi descrita em pormenor:

Fedá — E agora vejo a figura de um homem idoso... Tem uma cor muito cinzenta; tem um rosto muito fino, aquilo a que chamam um rosto pensativo e, ao mesmo tempo, muito bondoso, um rosto inteligente. Espere um momento! O cabelo dele é grisalho; está um pouco rarefeito mesmo por cima das têmporas. Os seus traços são bons; mas não é tanto por ser bonito ou atraente; é mais um rosto nobre e muito inteligente. Os olhos não são salientes; estão profundamente encaixados e não consigo ver bem a cor... A boca tem uma forma bonita, o lábio inferior é um pouco cheio e ele tinha por vezes o hábito de... ficar mais saliente do que o superior... fechando a boca assim! É um rosto bondoso, mas de aspeto muito pensativo e sério. É um homem alto. Foi um homem de aspeto robusto, mas perto do fim da vida curvava-se um pouco e deixava a cabeça inclinar-se para a frente assim...

Comentário de Brown: Posso dizer desde já que a impressão que tive, e continuo a ter, é que este homem poderia ser o meu amigo W—— A——, que morreu um ano antes, bastante subitamente, após uma operação. (Exceto pelo facto de nunca se curvar.)

Feda — Este cavalheiro conseguiu continuar a trabalhar e continuou a fazer coisas até pouco antes de passar para o outro lado... Tem livros dele, obras impressas dele? Livros?

Comentário de Brown: Publicou vários livros.

Feda — Costumava gostar deste homem. Sinto que gostava muito dele e que ele gostava de si.

Comentário de Brown: Eu gostava efetivamente deste homem e senti profundamente a rutura da amizade causada pela sua morte.

Feda — Ele continua a dizer-me: «Estou novamente bem e forte.» Diz: «É muito melhor aqui; não se está limitado por todas estas dificuldades físicas. Isso deixa a mente livre, o espírito livre para trabalhar, para progredir, em vez de estar acorrentado a todas estas pequenas limitações físicas.»

Comentário de Brown: Isto também me faz lembrar dele, porque os vagos sentimentos de doença perto do fim da vida desanimavam-no. Queria avançar com a sua última peça, mas fez poucos progressos. Tinha escrito dois atos, mas o terceiro ato não surgia devido ao agravamento da sua saúde.

Feda — Will, W.A., está a ajudá-lo do nosso lado, diz ele.

Comentário de Brown: Aqui aparecem as suas iniciais.

Várias sessões mais tarde:

Brown: Quem é W... A...?

Feda: É alguém que está lá, não na Terra... Alice — Ellis — Alice. Sabe se o nome Alice, Ellis, é um nome muito próximo dele, de alguém muito chegado a ele?

Comentário de Brown: Não reconheci o nome, mas desde então a Sr.^a A—— informou-me de que Alys é o nome da sua nora, por quem W—— A—— tinha grande afeição.

Brown prossegue:

Não reconheci o nome, mas desde então a Sr.^a A—— informou-me de que Alys é o nome da sua nora, por quem W—— A—— tinha grande afeição.

Relativamente a esta personagem em particular, que me faz lembrar, e lembrar fortemente, W—— A——, ela transmite-me a impressão da sua personalidade tal como a conheci, embora eu tenha realmente tentado ser o mais crítico possível para evitar a «projeção» — é por isso que ficamos tão satisfeitos por obter relatórios literais das sessões.

Quanto à sessão em si, a impressão durante a sessão é diferente da impressão que se tem ao ler os resultados mais tarde. Durante a sessão fica-se terrivelmente desapontado; sente-se que não há nada de significativo. Pensa-se: «Porque não vai ela ao assunto?» Há tantas coisas que poderia facilmente dizer e não diz. Quando mais tarde se lê o relato, porém, muitas das coisas que se julgavam completamente inúteis e sem valor probatório são precisamente as que parecem ter valor.

Brown menciona que, numa sessão, Feda disse: «De quem é que ela está a falar, a tomar conta do fogo? Quem é que se incendiou? Não tenho a certeza se ela quer dizer recentemente ou há algum tempo.» E prosseguiu falando de uma situação perigosa relacionada com fogo que ocorrera a alguém ligado a ele. Ele nada sabia acerca disso e não estava minimamente interessado. Mas Feda afirmou que recebia a palavra fogo com muita intensidade e que «ela gostaria que investigasse isso. Espera até que não saiba do assunto, porque o que eles desejam tanto é tentar mostrar-lhe que as coisas que lhe dizem não estão apenas na sua mente».

Brown leu isto mais tarde à sua esposa e «uma expressão curiosa passou-lhe pelo rosto. Acontece que, pouco antes, de manhã cedo, ela

estava a fritar qualquer coisa num fogão a gás na casa de campo, quando a frigideira se incendiou. Isso preocupou-a porque o contador do gás tinha sido imprudentemente instalado mesmo por cima do fogão, e ela receava que também se incendiasse e queimasse a casa. Ficou um pouco perturbada, mas não me contou nada na altura. Refiro isto pelo valor que possa ter. Eu não sabia absolutamente nada acerca do assunto no momento da sessão. Limitei-me a pensar: “Aqui está mais uma perda de tempo da parte de Feda.” É a impressão que se tem tantas vezes nestas sessões. Depois Feda continua a relatar mais e mais acerca desta senhora, e tudo se encaixa. Quanto mais diz, em vez de retirar algo e levar-nos a pensar que se trata de outra pessoa, mais tudo se ajusta...»

Brown afirma, como conclusão:

Há coincidências em tal grau que ultrapassam em muito a possibilidade do acaso. Tenho a certeza disso. O que obtive satisfaz a parte estatística da minha mente de que está para além do acaso. A explicação pode ser inteiramente em termos de telepatia e clarividência, ou pode ser em parte explicada por esses factores e em parte por influência espiritual externa.

Quanto ao elemento telepático, o que se sente é que há tantas coisas que seria de esperar que surgissem através da telepatia — experiências emocionais de que se deseja ardentemente voltar a ouvir falar, precisamente o tipo de coisas que mais nos comoveriam — e são exatamente essas as coisas que não surgem. Ao longo de todo o processo, tem-se a sensação de que a pessoa do outro lado procura encontrar algo que não seja evidente para a nossa própria mente e, mesmo quando é relativamente claro para nós, surge como uma surpresa e muitas vezes só se torna plenamente claro mais tarde.

Ao citar estes resultados das sessões com a Sr.^a Leonard, estou plenamente consciente de que nada do que neles se encontra constitui uma prova científica da sobrevivência pessoal...

Apresento estes relatos apenas como ilustrações, obtidas em primeira mão, do tipo de fenómenos que ocorrem no transe mediúnico

e que têm relevância para a nossa concepção científica da natureza da personalidade e da sua possível sobrevivência à morte corporal.

Durante três meses, de 14 de Janeiro a 15 de Abril de 1918, a Sr.^a Leonard concordou em realizar sessões exclusivamente para pessoas designadas pela Society for Psychical Research.

Realizaram-se setenta e três sessões durante esses meses, trinta e uma delas destinadas a novos participantes. As sessões foram supervisionadas, em nome da Sociedade, por uma pequena comissão que organizava a introdução anónima dos novos participantes e assegurava a presença de alguém para tomar notas. Considerou-se que conceder a um grupo de investigadores treinados o direito exclusivo de atribuir sessões a participantes selecionados poderia ter um valor imenso para a investigação.

Os registos destas sessões foram publicados pela Sr.^a W. H. Salter.⁶ Ao comentar as provas obtidas com novos participantes, a Sr.^a Salter escreve:

Por uma questão de justiça para com a Sr.^a Leonard, deve salientar-se que os fenómenos obtidos nestas circunstâncias não são suscetíveis de ser tão interessantes ou notáveis como os obtidos por participantes que assistiram regularmente a sessões com a Sr.^a Leonard durante meses ou mesmo anos. As primeiras sessões, mesmo quando são globalmente bem-sucedidas, tendem a ter um carácter algo experimental e normalmente seguem determinadas linhas convencionais. Além disso, oferecem pouca margem para obter provas relativas ao carácter e à personalidade do suposto comunicador.

Por um lado, esse tipo de prova é em grande medida cumulativo nos seus efeitos e, por outro, quer seja obtido por telepatia entre a Sr.^a Leonard e o comunicador, quer entre a Sr.^a Leonard e o participante, quer por alguma interação combinada entre as três mentes, é provável que uma relação bem estabelecida entre a Sr.^a Leonard e o participante facilite o processo. Penso que existe um consenso geral entre aqueles que participaram repetidamente em sessões com a Sr.^a Leonard — entre os quais me incluo — de que, por vezes, se obtêm boas provas de personalidade sobrevivente.

O marido da Sr.^a Salter, W. H. Salter, num opúsculo intitulado *Trance Mediumship*,⁷ acrescenta que, embora este acordo com a Sr.^a Leonard tenha produzido resultados úteis, provavelmente teria sido ainda mais produtivo se tivesse abrangido um período mais longo e tivesse ocorrido numa época mais favorável.

Perto do fim de uma longa guerra que provocara muitas baixas, era inevitável que muitos dos participantes tivessem perdido algum familiar ou amigo jovem. Assim, se, como aconteceu, muitas das comunicações provinham de jovens do mesmo tipo geral e com experiências muito semelhantes na guerra, era inevitável que surgissem casos de reconhecimento duvidoso.

⁶ *Proceedings S.P.R.*, vol. XXXII, 1922.

⁷ *S.P.R.*, Londres, 1950.

Um leitor que estude estes registos anos mais tarde não pode deixar de se interrogar até que ponto esta fonte de erro, plenamente reconhecida no relatório, afeta os resultados, uma vez que muitas das comunicações eram adequadas aos comunicadores sem serem distintivas deles.

E, no entanto, houve acertos suficientes para indicar que mesmo as primeiras sessões podem ser bastante satisfatórias. Um exemplo ocorreu numa sessão em 25 de Fevereiro de 1918; Feda falava de uma senhora idosa que o participante julgava ser a sua mãe. Feda disse:

— Esta senhora não passou para o outro lado repentinamente como o jovem. A sua passagem, quando chegou, foi bastante tranquila, mas estava doente havia algum tempo. Havia alguma deficiência do sangue, alguma coisa interna. Ela não está muito pálida, mas o estado do sangue não era bom havia já algum tempo; não coagulado, de alguma forma estagnado. Feda pensa que as pernas ou os pés sentiram isso. Ela bate com a mão nas próprias pernas.

Perante isto, o participante comentou:

— A minha mãe teve uma longa doença, mas morreu subitamente no final. Morreu de tuberculose, que se desenvolveu na articulação do joelho, e antes da sua morte a perna foi amputada.

«A força da prova neste caso», comenta a Sr.^a Salter, «reside no facto de Feda raramente localizar doenças de qualquer espécie nas pernas, e estas não serem um local frequente de doença fatal. O incidente, portanto, não é facilmente explicável por coincidência casual.»

II

OS CONTROLADORES

As cortinas da grande janela saliente estão corridas para impedir a entrada do sol da tarde, e uma lâmpada ilumina a pequena mesa colocada ao centro da sala. Há fogo na lareira. Numa cadeira confortável ao lado da mesa encontra-se o participante, lápis em punho, pronto para registar cada palavra que sai da boca da médium.

Gladys Osborne Leonard acomoda-se numa cadeira reta de encosto rígido, a dois ou três pés de distância do participante, inclina a cabeça para trás e prepara-se para entrar em estado de transe. Segue-se um breve período de silêncio. Depois começa a respirar lenta e regularmente, como se estivesse a dormir. Poucos momentos depois ouvem-se suspiros e, em seguida, sussurros saem da boca da médium.

— O quê, Bunny? Sim, está bem. Então digo-lhe. Sim.

Depois, de forma viva e clara, as palavras são pronunciadas em voz alta:

— Eu chegar. Boa tarde!

Feda chegou.

Feda é uma das figuras mais discutidas da história da investigação psíquica; na verdade, publicou-se mais sobre ela do que sobre qualquer outro controlador. Todos os médiuns possuem controladores; são as entidades responsáveis pelo desenrolar dos acontecimentos durante a maior parte dos transes mediúnicos. Para os

espíritas, são aquilo que afirmam ser — pessoas falecidas, agora sob forma espiritual, que temporariamente tomam posse do corpo da médium em transe para transmitir mensagens de outros espíritos. Para outros investigadores, a interpretação espírita não é aceitável e, por isso, procuram outras explicações.

Alguns compararam um controlador ao tipo de dramatização produzida pela mente inconsciente que se observa em certos sujeitos hipnotizados. Outros estudiosos da investigação psíquica, bem como alguns psicólogos, assinalaram uma semelhança entre os controladores e as fases da personalidade produzidas pela dissociação.

Hereward Carrington, que dedicou toda a sua vida adulta ao estudo da investigação psíquica, explica que, sob determinadas condições de grande tensão, a personalidade humana está sujeita a certas «cisões» ou desintegrações, resultando em casos espontâneos ou induzidos de personalidade dupla ou múltipla. Como ele afirma:¹

Estas personalidades podem alternar-se, vindo uma ou outra à superfície, por assim dizer, enquanto as restantes permanecem em segundo plano; ou uma ou mais dessas personalidades podem permanecer permanentemente submersas, a menos que sejam trazidas à tona por meio da hipnose, etc. A literatura sobre este tema é volumosa; mas basta recordar os famosos casos de Beauchamp e de Doris e Hanna para encontrar exemplos deste fenómeno...

Que estes vários «eus» não representam mais do que fragmentos de um eu maior e primário foi demonstrado experimentalmente, por exemplo, pelo facto de terem sido finalmente reunidos, por meio da hipnose ou de outro método, restabelecendo-se intacta a personalidade normal e completa.

Ora, dificilmente será necessário salientar que o controlador mediúnico médio apresenta muitos indícios de não ser mais do que uma personalidade secundária deste género — um fragmento subconsciente do próprio eu da médium, representando um papel desta forma.

¹ *The Case for Psychic Survival*, p. 103, *The Citadel Press*, Nova Iorque, 1957.

Carrington aponta «Phinuit», o conhecido controlador da célebre médium de Boston, a Sr.^a Leonore Piper, como exemplo. Phinuit afirmava ser francês e médico, mas, quando o Dr. Richard Hodgson o encurralou, teve de admitir que sabia muito pouco de francês e muito pouco de medicina.

Carrington prossegue:

Mas o aspeto curioso de tudo isto era o seguinte: embora as provas da existência destas personalidades de transe fossem extremamente reduzidas, elas conseguiram, apesar disso, transmitir uma vasta quantidade de informação supranormal que não poderia ter sido obtida na sua ausência...

A função de um controlador mediúnico regular parece ser a de intermediário e, quer seja um espírito, como afirma ser, quer seja uma mera personificação da médium, isso é normalmente de importância secundária, uma vez que é indubitavelmente através da sua instrumentalidade e presença que frequentemente se obtêm mensagens verídicas...

Temos aqui, sem dúvida, uma diferença essencial e significativa entre a personalidade secundária comum — tal como observada em casos patológicos — e a personalidade do controlador (qualquer que seja a sua natureza) nos casos mediúnicos; pois, nos primeiros casos, a personalidade secundária não adquire qualquer informação supranormal, enquanto nos segundos a adquire. Nos casos patológicos parece existir uma simples divisão da mente, enquanto nos casos mediúnicos lidamos com uma personalidade (talvez fictícia) que, apesar disso, está em contacto, de algum modo misterioso, com outro mundo (espiritual), do qual retira informações e através do qual frequentemente chegam mensagens genuínas.

Nos casos anormais é raro encontrar tantas como meia dúzia de subpersonalidades; mas os comunicadores da Sr.^a Leonard contam-se às centenas, apresentando-se instantaneamente em resposta a cada

novo participante. Os comunicadores parecem permanecer, por assim dizer, nos bastidores da situação mediúnica, transmitindo mensagens ao controlador, que depois comunica as palavras ou ideias ao participante através da médium.

Alguns destes comunicadores assumem também, de tempos a tempos, o controlador pessoal da médium. Se a verdadeira personalidade da Sr.^a Leonard fosse efetivamente uma composição dos seus controladores pessoais mais habituais, ela representaria o seguinte: uma dona de casa de meia-idade, complacente, que ganha a vida graças aos seus talentos mediúnicos; um ministro metodista idoso (John, pai de Drayton Thomas); Etta, filha de John, com quarenta e cinco anos, que suportou muitos anos de doença grave; vários cientistas brilhantes, incluindo Sir William Barrett; A. V. B., de sessenta anos, que conserva todas as memórias de uma vida de riqueza entre a aristocracia; e a adolescente Feda, que recorda uma vida na Índia cento e trinta anos antes.

O Dr. William Brown, por outro lado, salientou que as personalidades divididas são formas avançadas de histeria. Após estudar a Sr.^a Gladys Osborne Leonard, convenceu-se de que um caso de mediunidade bem-sucedida revela muito poucos indícios de histeria.

No meio desta controvérsia, Lady Troubridge deu-se ao trabalho de realizar um estudo aprofundado de Feda, partindo da hipótese provisória de que ela poderia ser uma personalidade secundária. Para isso comparou-a com uma das subpersonalidades mais famosas da história da psicologia — Margaret, do caso Doris Fischer, relatado pelo Dr. Walter F. Prince. Ao comparar Feda com Margaret, Lady Troubridge oferece aquilo a que W. H. Salter chamou «um brilhante retrato de carácter de Feda», e por essa razão reproduzi-lo-emos quase na íntegra.

Lady Troubridge começa por declarar que irá, por agora, ignorar a alegação do Dr. Prince segundo a qual Margaret revelou por vezes provas de clarividência ou de faculdades supranormais, restringindo-se às características comuns a Margaret e a Feda independentemente dessa alegação. Ela escreve:²

Feda e Margaret são ambas individualidades muito marcadas; observam-se poucos matizes em qualquer delas, facto que facilita a comparação. Deve, contudo, reconhecer-se que Feda é dócil em comparação com Margaret. Não obstante, aquelas características que irrompem em Margaret com força melodramática são geralmente observáveis em grau atenuado em Feda.

Margaret, nas suas fases iniciais, odeia ativamente e maltrata a infeliz Doris e, mesmo nas fases posteriores da sua reforma, é evidente que considera Doris uma criatura inferior. Feda, por sua vez, não tem grande opinião da Sr.^a Leonard e, embora conscienciosamente — ainda que visivelmente contrariada — lhe faça qualquer favor ao seu alcance, nunca, na minha experiência, transmite a impressão de gostar dela. Com frequência exprime mesmo desprezo aberto pelas opiniões, gostos ou aversões da Sr.^a Leonard e fala dela como de um instrumento pouco satisfatório e claramente inferior, que deve ser protegido e tratado com indulgência apenas porque, tal como é, não existe outro melhor disponível.

A sua antipatia instintiva pela Sr.^a Leonard é reprimida e temperada por um certo reconhecimento das boas qualidades da Sr.^a Leonard, que a sua honestidade não lhe permite negar, mas a antipatia está inequivocamente presente. A Sr.^a Leonard, por seu lado, embora reconheça plenamente os méritos de Feda (tal como Doris, apenas toma conhecimento da outra personalidade através das revelações feitas por terceiros), não lhe dedica mais do que uma simpatia algo paternalista, frequentemente obscurecida por uma irritação evidente. Ressente-se ativamente da sugestão, feita por alguns participantes espíritas, de que Feda seria o seu eu superior, apontando com razão que o seu eu normal não partilha muitas das fraquezas e limitações infantis de Feda. A atitude de Doris em relação a Margaret era muito semelhante.

Feda partilha também com Margaret uma total falta de compreensão e de apreço pelos valores convencionalmente aceites. Margaret, depois de lhe dizerem que um calo doloroso melhoraria se fosse cortado, tentou amputar o dedo do pé de Doris com uma faca de mesa. Feda, quando um participante chamuscou acidentalmente

alguns cabelos da franja da sua médium, sugeriu que, se se fizesse uma fogueira com toda a cabeleira da Sr.^a Leonard, esta poderia substituí-la vantajosamente por uma transformação loira mais ao gosto de Feda.

² «*Modus Operandi in Mediumistic Trance*», por Una, Lady Troubridge, *Proceedings, S.P.R.*, vol. XXXII, 1922.

Margaret destruiu a cama de Doris, obrigando-a a dormir numa cadeira. Feda, segundo a Sr.^a Leonard, ofereceu por duas vezes a aliança de casamento da médium a participantes ocasionais e, numa ocasião, lançou-a ao fogo, de onde foi resgatada por um participante alarmado. Noutra ocasião, ordenou a um participante que entregasse a aliança a um tocador ambulante de realejo — isto apesar de a Sr.^a Leonard atribuir grande valor ao anel e ser supersticiosa quanto à sua remoção do dedo.

Ai da Sr.^a Leonard, porém, se ela, por acidente ou deliberadamente, se desfizer, ou sequer ponderar desfazer-se, de qualquer objeto que Feda considere seu. Tal como Margaret reagia com fúria a qualquer tentativa de Doris interferir com aquilo que Margaret considerava sua propriedade, também Feda revela os aspetos menos evoluídos da sua natureza ao proteger de qualquer ingerência da médium qualquer objeto que considere particularmente seu.

Embora eu soubesse perfeitamente que a Sr.^a Leonard vivia receosa de consequências desagradáveis caso desagradasse a Feda, só há relativamente pouco tempo me ocorreu perguntar-lhe que forma exata poderiam assumir essas consequências. A Sr.^a Leonard informou-me então de que Feda, quando verdadeiramente aborrecida, simplesmente não aparecia; e como nessas circunstâncias as sessões não podiam realizar-se, os meios de subsistência da Sr.^a Leonard desapareciam até que Feda considerasse expiada a ofensa.

Os participantes oferecem frequentemente pequenas lembranças a Feda durante o transe da Sr.^a Leonard, e é invariavelmente hábito de Feda observar com ciúme nessas ocasiões: «É da Feda, não dela», ou palavras semelhantes. Apenas quando um objeto realmente não agrada

a Feda é relegado para a Sr.^a Leonard por ser suficientemente bom para ela.

A Sr.^a Leonard, por seu lado, quando certa vez lhe entreguei, no estado normal, um pequeno ornamento prometido a Feda, explicou-me com evidente embaraço que não se devia atrever a agradecer-me, para que Feda não interpretasse esse agradecimento como uma reivindicação da oferta.

Tenho registado um incidente que pôs simultaneamente em evidência a ignorância de Feda relativamente aos valores convencionais e o seu ciúme perante qualquer invasão da sua propriedade pessoal.

Um dia, antes de uma sessão, a Sr.^a Leonard pediu-me que implorasse a Feda autorização para oferecer a uma criança pobre, que o tinha visto e desejado muito, um brinquedo de um xelim que tinha sido dado a Feda. Aceitei a missão e obtive de Feda uma concessão claramente fria: a criança poderia ficar com o brinquedo de Feda apenas se a Sr.^a Leonard oferecesse o seu valioso anel de rubi a uma jovem empregada doméstica designada por Feda como «a rapariga cozinheira»; Feda insistiu enfaticamente em que esta última oferta fosse feita em qualquer caso.

Deve também registar-se que, ao receber esta mensagem, a Sr.^a Leonard, embora não tenha então chegado ao ponto de obedecer, mostrou-se visivelmente inquieta perante as possíveis consequências de ignorar as ordens de Feda. Alguns meses mais tarde, quando mencionei o episódio, a Sr.^a Leonard informou-me de que Feda lhe enviara, em várias ocasiões, novas mensagens perentórias através de diferentes participantes acerca do anel de rubi; por isso, considerara imprudente resistir e acabara por oferecer o anel conforme Feda determinara.

Para prosseguir o relato de Lady Troubridge:

Outro aspeto em que Feda se assemelha a Margaret é o facto de ambas partilharem um certo infantilismo tardio de pronúncia. O Dr. Prince informa-nos, no seu relato, de que, neste aspeto, qualquer

correção nunca produziu em Margaret uma melhoria duradoura; e durante os três anos em que me sentei com Feda, todas as tentativas feitas por ela para corrigir as suas idiossincrasias verbais — tentativas motivadas pela hilaridade frequente que provocam nos participantes, divertimento que Feda está longe de partilhar — tiveram efeitos muito passageiros.

Devo, contudo, mencionar uma exceção. Até 9 de Novembro de 1918, Feda referia-se habitualmente a si própria como «Feda»; desde então, com poucas exceções, manteve o uso da primeira pessoa do singular e, em resposta a uma pergunta minha, informou-me de que essa reforma foi conseguida com grande dificuldade para satisfazer o pedido de um participante.

Com exceção deste caso, o inglês de Feda, salvo quando afirma estar a citar exatamente as palavras de um comunicador, é peculiarmente seu. Por alguma razão desconhecida, raramente deixa de substituir um R por um L... e quem toma notas vê-se por vezes em dificuldades para encontrar uma grafia inteligível para as suas criações improvisadas.

Por vezes, a compreensão imediata é difícil e recordo-me de que, numa ocasião, levei vários segundos a interpretar a primeira aparição do termo de Feda «asnenemynalien», aplicado a um sujeito alemão.

Tal como Margaret, adota e mantém obstinadamente as suas próprias deformações dos nomes das pessoas que conhece, tanto entre os vivos como entre os supostos comunicadores. Solettra ou pronuncia corretamente nomes como Johnnie, Gerald ou Radclyffe, mas os portadores desses nomes continuam a surgir no seu vocabulário como Twonnie, Gelly e Raddy, respetivamente, o que recorda a substituição constante de *Papo* por *Papa* feita por Margaret.

Tal como Margaret, Feda é encantadora. Por mais incompreensível que isso possa parecer, tendo em conta a quantidade de material aparentemente incorreto que, em algumas sessões, preenche os intervalos entre a informação boa e exata, Feda tem um profundo respeito pela verdade e, tanto quanto posso julgar, procura conscienciosamente ser sincera.

Na minha opinião, não estamos habilitados a atribuir-lhe falsidade consciente enquanto não soubermos mais acerca da forma como as impressões lhe chegam ou dos meios de que dispõe para desembaraçar e classificar os diversos factos que atingem a sua consciência.

Seja como for, ela parece muitas vezes escrupulosamente ansiosa por transmitir apenas aquilo que é rigorosamente exato e talvez possamos procurar a razão disso numa das suas próprias afirmações, quando discorria sobre os deveres de um controlador honesto e consciencioso:

«Este trabalho é a plogfissão da Feda; se a Feda dissesse mentilas, a Feda não plogledia.»

Depois de se revelar tão esclarecedora acerca dos defeitos de Feda como apenas uma verdadeira amiga poderia ser, Lady Troubridge admite:

Vou ser irrelevante por um momento e fazer uma confissão franca. Amo Feda. Nem ela nem Margaret seriam exatamente companhias confortáveis para uma convivência permanente, mas o Dr. Prince também amava Margaret. Ele conta-nos que o seu desaparecimento final o deixou com a sensação de ter perdido uma criança querida...

Sem dúvida que Margaret possuía e utilizava — para não dizer abusava — o poder de obrigar Doris, a partir do interior, a agir por vezes segundo a sua vontade. Em alguns casos, o Dr. Prince deixa claro que Doris se mostrava perplexa e desagradada ao descobrir-se a realizar atos ou a empregar expressões contrárias à sua inclinação consciente.

Feda não reivindica qualquer poder extenso para influenciar a Sr.^a Leonard dessa forma, mas consegui verificar que, numa ocasião, o fez até certo ponto.

Feda afirmou que, depois de ver e cobiçar intensamente um balão amarelo numa loja de Windsor, obrigou a Sr.^a Leonard a comprá-lo; que, no caminho para casa, a Sr.^a Leonard, sentindo-se embaraçada

pelo seu fardo infantil, entrou num campo e o deu como brinquedo ao seu pequinês que, segundo Feda, «sentou-se nele com a flente e fê-lo explodir».

Pouco tempo depois de receber o relato de Feda acerca deste episódio, obtive espontaneamente da Sr.^a Leonard uma confirmação completa do incidente; a Sr.^a Leonard declarou que não conseguia imaginar que impulso a levara a comprar uma coisa tão disparatada que tinha vergonha de levar para casa.

Margaret, embora afetuosa, era inacessível ao sentimentalismo...

Feda também é afetuosa e, quando lida com participantes enlutados, mantém uma compostura convencional enquanto desencoraja manifestações emocionais; mas isso apenas disfarça tenuemente a sua total falta de compreensão emocional ou de simpatia pelo sofrimento humano.

Numa ocasião em que visitei Feda acompanhada pela minha amiga e colaboradora Miss Radclyffe Hall, em cuja companhia a visitei na maioria das vezes e cuja perda me causaria profunda dor, Feda exclamou, com uma gargalhada divertida, que seria realmente muito engraçado para mim quando, tendo sobrevivido à minha amiga, tentasse comunicar com ela após a morte através da Sr.^a Leonard.

Há ainda outro aspeto em que ambas, embora diferentes quanto ao grau de realização, são semelhantes nos seus desejos. Margaret desejava sistematicamente apropriar-se de todos os momentos agradáveis possíveis da vida quotidiana de Doris. Evitando apenas os períodos marcados por rotinas desinteressantes ou pelas consequências desagradáveis das suas próprias tropelias, apoderava-se vorazmente da consciência de todos os prazeres disponíveis, até mesmo do açúcar colocado sobre o bolo, que devorava, deixando a Doris apenas os restos sem interesse.

Os poderes de apropriação de Feda são, até ao presente, muito mais limitados. Obrigada a permanecer submersa, a menos que a médium a convide conscientemente a manifestar-se, o seu prazer quando ocupa o lugar principal, a sua relutância em terminar os seus

períodos de domínio e o seu ressentimento quando lhe pedem que abdique temporariamente em favor de outro controlador são muito semelhantes aos desejos de Margaret, embora menos plenamente realizados.

Na opinião da maioria dos que conheceram Feda, existe uma diferença evidente entre a médium e o controlador. Enquanto o estado de espírito normal da Sr.^a Leonard é gentil, doce e tranquilo, Feda é viva, perspicaz e por vezes ruidosa, sendo a sua exuberância juvenil ocasionalmente mais forte do que ela.

Drayton Thomas, que conhecia Feda há muito mais tempo do que Lady Troubridge quando escreveu o artigo acima referido, considerava-a «uma jovem inteligente e bondosa» que dedicava grande parte do seu tempo a ajudar aqueles que tinham menos prática do que ela a «fazer uso do estado de transe da médium para comunicar com os seus amigos na Terra». Contudo, em nenhuma discussão publicada Thomas analisou profundamente os seus traços de personalidade.

Nem Drayton Thomas nem Lady Troubridge dizem que nacionalidade pareciam indicar a conversação e as ações de Feda. O jornalista Robert Blatchford, porém, afirmou³ que «Feda fala com uma voz aguda e leve, com sotaque estrangeiro e uma liberdade de gesticulação absolutamente não britânica». Como veremos mais adiante, as palavras de resposta de Feda nos Testes de Associação de Palavras de Whately Carrington, bem como as razões que apresentou para as escolher, parecem ter um sabor nitidamente oriental. No entanto, alguns participantes, sobretudo os de data mais recente, insistem que Feda transmite a impressão de ser uma ingénua rapariga inglesa que poderia muito bem ter tido recordações e antecedentes britânicos.

Miss Gertrude Tubby, antiga secretária da American Society for Psychical Research, refere que Feda melhorou a sua facilidade de expressão em inglês ao longo dos anos.

«Ela, de certo modo, cresceu dentro da língua», afirma Miss Tubby, acrescentando que baseia esta conclusão tanto nas suas

próprias observações como na experiência pessoal da sua amiga Miss Margaret V. Underhill, que conheceu bem Feda durante muitos anos.

Feda disse um dia a Miss Underhill:

— Estou a melhorar, não acha?

E, de facto, Miss Underhill tinha notado uma perda gradual do sotaque. Aqueles que visitaram a Sr.^a Leonard nos primeiros tempos por vezes sentiam dificuldade com o sotaque de Feda, mas os que a conheceram mais tarde deixaram de o referir.

É opinião da própria Sr.^a Leonard que Feda cresceu e se desenvolveu como pessoa desde o início da sua atividade como controlador.³ Ela escreve que, no princípio, Feda, ainda a jovem rapariga que fora no momento da sua morte, teve de disciplinar-se intensamente para aprender a realizar o trabalho que lhe era exigido. Mas, por mais volúvel que fosse a sua personalidade, Feda demonstrou carácter e determinação, esforçando-se arduamente para se tornar séria e digna de confiança no desempenho das obrigações que assumira.

³ *Robert Blatchford, More Things in Heaven and Earth, Londres, Methuen & Co. Ltd., 1925.*

Devido às condições inerentes à mediunidade, dificilmente se poderia esperar que a identidade de Feda como indivíduo convencesse todos os que a encontravam. Os principais « controladores pessoais», que alegadamente eram familiares ou amigos íntimos dos participantes, transmitiam frequentemente uma impressão de identidade extremamente convincente.

W. H. Salter, célebre pela sua objetividade enquanto investigador dos fenómenos psíquicos, descreve-nos o impacto dos controladores pessoais:⁴

Na caracterização dos comunicadores, a mediunidade de Leonard é particularmente forte. E isto significa muito mais do que a reprodução realista de maneirismos e modos de falar, por mais surpreendente que esta por vezes seja.

Se, como vários participantes da Sr.^a Leonard afirmariam, um comunicador de personalidade bem definida, desconhecido da médium durante a vida, ao longo de mensagens continuadas durante anos, nunca coloca a tônica mental ou emocional no lugar errado e nunca fala fora do seu carácter, torna-se difícil construir uma explicação plausível baseada em inferência subconsciente e dramatização por parte da médium, mesmo que amplificadas pela telepatia com o participante.

Para Drayton Thomas, os modos familiares de pensar, as expressões habituais e os pontos de vista característicos dos controladores pareciam particularmente probatórios.

⁴ *Trance Mediumship, S.P.R., Londres, 1950.*

Ele conta-nos como começaram as suas experiências de controlo direto.⁵ Durante os dois primeiros anos das suas sessões, Feda limitava-se a interpretar, recebendo as comunicações dos seus comunicadores e transmitindo-as frase a frase.

«No final desse período», diz ele, «comecei a observar que ocorria ocasionalmente uma mudança, cujo efeito era exatamente como se Feda se tivesse retirado temporariamente e outra pessoa tivesse ocupado o seu lugar.»

Explicaram-lhe que se tratava de uma tentativa, por parte do comunicador, de substituir Feda no corpo da médium e falar-lhe diretamente.

«No início, estes esforços eram trabalhosos, mas com a prática as aparentes dificuldades foram superadas», escreve Thomas.

Depois disso, Feda falava cerca de uma hora e, em seguida, dizia-se que um ou outro dos parentes falecidos de Thomas — geralmente o seu pai ou a sua irmã Etta — tomava o seu lugar como controlador pessoal.

Para Thomas, cada um deles parecia falar com uma voz e uma maneira de ser uniformemente consistentes, mostrando raramente

qualquer tendência para se aproximar da voz ou do estilo dos outros, de Feda ou da própria Sr.^a Leonard.

Pareceria que, quando o controlador pessoal ocupava o corpo da médium, Feda era «desalojada» e, por isso, deixava de ter qualquer contacto com o participante até regressar ao corpo da médium.

O Professor C. D. Broad, antigo presidente da Society for Psychical Research, observou⁶ que Feda parece nada saber do que os outros comunicadores dizem, pensam, sentem ou percebem enquanto estão na posse da médium.

Como afirmou Lady Troubridge:

«É difícil transmitir uma impressão exata destes controladores pessoais a quem nunca presenciou a produção, através de uma médium realmente notável, de fenómenos desta natureza.»

⁵ *Charles Drayton Thomas, In the Dawn Beyond Death, Londres, Lectures Universal Ltd.*

⁶ *C. D. Broad, «The Phenomenology of Mrs. Leonard's Mediumship», Journal A.S.P.R., vol. XLIX, Abril de 1955.*

Mas ela e a sua colaboradora conseguiram fazê-lo com êxito ao descreverem as experiências que tiveram com o controlador pessoal que alegadamente era a sua amiga A. V. B.

Ambas as senhoras conheceram intimamente A. V. B. durante muitos anos, até ao momento da sua morte. Ambas estavam certas de que a médium não tivera qualquer conhecimento de A. V. B. durante a sua vida que lhe permitisse imitá-la.

Quando A. V. B. começou a praticar o controlador pessoal, é-nos mostrado exatamente o que acontece quando uma entidade, pouco familiarizada com o processo de manipulação da médium, assume o controlador. Miss Radclyffe Hall relata o episódio.⁷

A primeira tentativa de controlador pessoal por parte de A. V. B. teve lugar em 19 de Janeiro de 1917. Eu estava sozinha na sessão e a minha atenção foi chamada para o facto de algo invulgar estar prestes

a acontecer por Feda, que se mostrou inquieta e desconfortável, exclamando ao mesmo tempo:

— O que está a tentar fazer, senhora? O que está a tentar fazer?

Depois destas palavras, Feda deixou de se manifestar. A médium permaneceu perfeitamente imóvel e aparentemente em transe profundo durante o que me pareceu ser um ou dois minutos.

Quando voltou a falar, fê-lo num sussurro quase inaudível. As suas primeiras palavras foram:

— Onde está? Puxe-me para a frente.

Nada de probatório surgiu neste primeiro controlador de A. V. B., uma vez que a fala parecia muito difícil e o movimento quase impossível. Houve alguma demonstração de emoção, mas, de um modo geral, o suposto comunicador manteve um admirável autocontrolo, característica novamente muito típica de A. V. B., que durante a vida possuía um domínio notável de si mesma.

Desde 19 de Janeiro ocorreram repetidas tentativas de controlo por parte de A. V. B., que tem crescido muito lentamente em poder e valor probatório.

⁷ «*On a Series of Sittings with Mrs. Osborne Leonard*», por M. Radclyffe Hall e Una, Lady Troubridge, *Proceedings S.P.R.*, vol. XXX, Dezembro de 1919.

Enquanto Feda (isto é, a médium sob o controlo de Feda) consegue sentar-se direita, balançar ou sacudir o corpo, agitar os braços, mover as pernas e chegou mesmo a passear pela sala, um controlador pessoal, quando se manifesta pela primeira vez, costuma estar muito limitado nos movimentos.

Geralmente a médium permanece estendida na cadeira como um tronco ou deixa-se cair languidamente sobre o ombro do participante. Mesmo um controlador pessoal muito exercitado parece conseguir apenas um domínio limitado sobre o corpo da médium, encontrando especial dificuldade em manter a coluna direita.

Enquanto os tons estridentes de Feda são frequentemente audíveis fora da sala de sessões, podendo elevar-se, se assim lhe apeter, até um grito vigoroso, cada controlador pessoal, nas suas fases iniciais, luta para produzir pouco mais do que um sussurro quase inaudível.

À medida que ganha prática, continua a ter dificuldades com a energia vocal e em manter um volume ou tom de conversa normal.

Existem sempre vários aspetos que exigem atenção simultânea e que se revelam particularmente difíceis. O cuidado do corpo da médium constitui, por si só, uma grande preocupação.

Lady Troubridge conta-nos que, muito tempo depois de A. V. B. ter adquirido um controlo vocal adequado, ela «manifestou o desejo de aprender a sentar-se direita na cadeira, em vez de, como até então, ficar tombada para a frente sobre o ombro do participante.

Esta posição ereta não pareceu afetar materialmente as manifestações do controlador; ela falava de forma audível, coerente e probatória, como habitualmente. Mas em várias ocasiões a médium ficou escarlate no rosto, uma série de arquejos foi seguida por momentos de aparente asfixia e, finalmente, A. V. B. caiu para a frente nos braços do participante, respirando pesadamente e oferecendo a explicação de que quase sufocara a médium porque se esquecera de respirar!»

A capacidade de concentração parece estar parcialmente ausente num controlador novo e é necessário um esforço imenso para produzir matéria probatória que Feda conseguiria fornecer com facilidade.

Apesar disso, estes comunicadores parecem dispostos a enfrentar as complicações inerentes ao controlador durante todo o tempo necessário para conseguirem mostrar as suas personalidades de forma tão natural e realista quanto possível.

Uma entidade pareceu mesmo capaz de reproduzir uma grave crise de asma para se identificar.

Lady Troubridge escreve acerca de «um idoso cavalheiro escocês que manteve um controlo excecionalmente forte da médium durante

quarenta minutos. Falou durante todo esse tempo em tons vigorosos e perfeitamente audíveis, com uma qualidade surpreendentemente masculina, interrompidos a intervalos por acessos de tosse e pieira característicos da asma brônquica de que sofrera em vida. O efeito global era indubitavelmente o de um doente do sexo masculino.»

Excetuando a pieira, a voz não parecia forçada nem artificial. A Sr.^a Leonard despertou sem quaisquer sinais de exaustão. Entrou imediatamente em conversa sem o menor vestígio de rouquidão e parecia tão livre de tosse ou obstrução no peito como antes da sessão.

Miss Radclyffe Hall conta-nos que:

Durante os primeiros controladores de A. V. B., A. V. B. queixava-se de não conseguir fazer a médium rir. Um dia, porém, conseguiu-o subitamente e o que se seguiu recordava de forma extraordinária o próprio riso de A. V. B.; desde então, esse riso característico ocorreu muitas vezes.

Em várias ocasiões o timbre da voz da Sr.^a Leonard alterou-se e tornou-se muito semelhante à voz de A. V. B.; de forma impressionante, mesmo, uma ou duas vezes.

A própria A. V. B. comentou este facto, que aparentemente só era possível durante a fase inicial dos controladores pessoais.

Numa ocasião, A. V. B. disse com descontentamento:

— Oh! Agora a força está a desaparecer; não consegue ouvir a minha voz a ficar outra vez leonardiana?

Afirmção que era exata.

Muitas pequenas características típicas ocorreram durante estes controladores de A. V. B., embora sejam algo difíceis de descrever por palavras.

Quanto ao timbre da voz e ao riso, reconheço plenamente que, em circunstâncias deste género, a imaginação pessoal pode desempenhar um papel muito importante; mas, felizmente, a minha colaboradora, Lady Troubridge, esteve presente em muitas ocasiões em que

ocorreram estas entoações familiares e este riso, e ela também considera que recordam fortemente o suposto comunicador.

O relato de Lady Troubridge prossegue a discussão:⁸

À medida que o controlo de A. V. B. se desenvolveu, tendeu a apropriar-se de uma parte cada vez maior da sessão e, de facto, há já algum tempo que ao controlador de Feda raramente é permitido mais do que uma breve aparição de alguns minutos antes de ceder lugar, de forma relutante — muito relutante, na verdade — à usurpadora A. V. B. O modo como Feda é afastada costuma ser o seguinte:

Depois de dizer «Bom dia» e de fazer algumas observações irrelevantes, Feda tenta ganhar tempo procurando obter de A. V. B. alguma informação verdadeiramente probatória. Ocasionalmente, A. V. B. parece ceder-lhe e ela consegue. Nesse caso, conserva o controlo por vezes até que o assunto iniciado se esgote e algum ponto importante fique esclarecido. Mas, mais cedo ou mais tarde — geralmente mais cedo — hesita, repete-se, faz uma pausa e revela esforços inúteis para «obter mais» do comunicador. Então começam as queixas habituais:

— Ela quer vir ela própria — não diz mais nada à Feda — nem sequer olha para a Feda — está a tornar impossível para a Feda conseguir alguma coisa!...

Seguem-se os apelos dirigidos a A. V. B. enquanto comunicadora:

— Senhora, não quer dizer mais alguma coisa à Feda? — Não gostaria de dar um nome para a Feda lhes dizer?...

Seguidos por:

— Não vale a pena, Sr.^a Una, ela está apenas de boca fechada e a olhar para outra coisa! A Feda vai ter de ir-se embora, e a Feda queria tanto falar mais!

Por vezes, em desespero, Feda procura evocar algum outro comunicador.

⁸ «*The Modus Operandi in Trance Mediumship*», por Una, Lady Troubridge, *Proceedings S.P.R.*, vol. XXXIV, Dezembro de 1924.

Então será:

— Senhora, não poderia trazer o pai da Sr.^a Twonnie?

Ou tentará mesmo manter uma conversa irrelevante com os participantes: o novo chapéu da médium, o vestido novo do participante, uma prenda que alguém prometeu a Feda — qualquer coisa serve para conservar o controlo por mais algum tempo. Mas, segundo a nossa experiência, Feda não consegue obter informação dos comunicadores contra a vontade deles; e é demasiado honesta para fingir que consegue.

O controlador pessoal de A. V. B. manifesta-se agora praticamente durante toda a sessão, mas as sessões raramente ultrapassam uma hora ou uma hora e meia, colapsando o controlo, normalmente de forma bastante abrupta, dentro desse período, dando a impressão de se ter mantido até ao último alento. Por isso, ainda não se pode dizer que A. V. B. domine o campo com a mesma facilidade de Feda, que chegou a tagarelar ininterruptamente durante quase três horas!

Afirmei anteriormente que a percentagem de matéria probatória fornecida por A. V. B. era muito inferior à obtida através de Feda, e penso que isso já não é verdade. Hoje em dia, A. V. B. iguala certamente Feda na facilidade com que oferece matéria probatória e inicia temas probatórios; e, sendo o seu modo de apresentação muito mais direto do que os métodos de Feda, frequentemente cobre mais terreno em menos tempo.

Feda conserva ainda, quer por escolha quer por necessidade, a sua linguagem infantil e o hábito de descrever minuciosamente um objeto que se poderia supor ser-lhe tão familiar quanto ao participante. Como é invariavelmente mais rápido chamar livro a um livro do que descrevê-lo à maneira de Feda como:

— Uma coisa quadrada — não, não exatamente quadrada, oblonga — e achatada, ou quase achatada — e a Feda pensa que tem

um exterior duro feito de qualquer coisa brilhante — espere um minuto, tecido? — e papel, sim — papel por dentro com letras impressas — etc., etc., etc.

o controlador pessoal de A. V. B., no decurso de uma hora de trabalho, ultrapassa facilmente um controlo de Feda de duas horas quanto ao número de elementos probatórios fornecidos.

Já apresentámos anteriormente uma descrição completa das nossas primeiras investigações com a médium e explicámos detalhadamente as razões que nos levaram a acreditar que ela não possuía qualquer conhecimento normal da A. V. B. viva que pudesse explicar sequer as manifestações iniciais mais simples.

Essa convicção fortaleceu-se continuamente ao longo dos anos seguintes. Não apenas devido à confirmação proporcionada pela carreira irrepreensível de honestidade da Sr.^a Leonard e pelos resultados da investigação dos seus fenómenos realizada pela Society for Psychical Research, mas também porque, na nossa opinião, nenhum sistema humanamente concebível de inquérito, observação, dedução ou combinação dos três seria suficiente para produzir a vasta quantidade de declarações verificáveis relativas a assuntos conhecidos por A. V. B. durante a sua vida, a factos e incidentes referentes a nós e a outras pessoas igualmente conhecidos por ela, a acontecimentos contemporâneos e ações que nos afetavam e que eram mencionados durante os transe e, acima de tudo, a uma personalidade marcante e intensamente característica cuja perspectiva, sentido de humor, discernimento, preconceitos e preferências, a própria voz e o próprio riso, enfim, todos aqueles traços e peculiaridades que constituem aquilo a que chamamos personalidade, eram tão constantemente característicos da A. V. B. viva, tal como a conhecemos, que não poderiam deixar de ser reconhecidos como tais por qualquer pessoa que realmente a tivesse conhecido.

Poder-se-á objetar que, dado que nós próprios a conhecíamos tão bem, não é necessário procurar para além das nossas mentes a origem dos fenómenos, desde que se admita que a Sr.^a Leonard possui, em transe, um acesso vasto e quase infalível à mente de qualquer pessoa presente.

Sem dúvida, muito do que é dito pelos controladores de Feda e pelos controladores pessoais poderia ser obtido dessa forma, desde que estejamos justificados em admitir uma faculdade telepática de uma amplitude que, na minha opinião, dificilmente encontra apoio nos resultados obtidos em experiências de transmissão de pensamento entre pessoas vivas.

Levando a nossa credulidade muito além do nosso conhecimento — talvez tão longe quanto seria necessário para aceitar a hipótese espírita — podemos admitir que, uma vez que ouvimos e conhecemos no passado a voz e o riso de A. V. B. e conhecemos intimamente o seu carácter, e dado que esse conhecimento deve permanecer subconscientemente em nós, juntamente com uma percepção instintiva daquilo que seriam os seus comentários e reações a determinadas situações ou estímulos, todo esse conteúdo útil das nossas mentes pode ser utilizado pela Sr.^a Leonard em transe, selecionado, filtrado e dramatizado para os seus propósitos.

Mas sou obrigado a dizer que, na ausência de qualquer prova de tal possibilidade, esta teoria faz com que a minha própria credulidade se sinta como o pescoço de Alice no País das Maravilhas depois de ela ter provado um dos lados do cogumelo.

Estou praticamente convencida de que existe efetivamente uma telepatia intermitente e irregular entre médium e participante que explica alguns dos fenómenos produzidos e, na verdade, tanto Feda como A. V. B. admitem esse facto. Contudo, não consigo convencer-me de que essa telepatia seja tão extensa quanto por vezes sugerem aqueles que estão determinados a explicar tudo sem recorrer à hipótese espírita.

Mesmo que eu admitisse que ela explica tudo o que ocorre durante o transe e que poderia ser obtido dessa forma a partir da mente de alguém presente, essa admissão não resolveria a totalidade dos fenómenos de A. V. B. nem explicaria todas as provas de personalidade e identidade.

Continuaríamos obrigados a procurar uma fonte para o resíduo restante, e essa fonte não é o conhecimento normal, o discernimento ou a personalidade da própria médium.

IV

OS RELATÓRIOS TROUBRIDGE-HALL

Complexos, detalhados, árduos de ler e, ainda assim, entremeados de material altamente significativo, os registos das sessões das duas senhoras que passaram à história da investigação psíquica sob o nome conjunto de Troubridge-Hall constituem uma parte importante da literatura sobre Leonard.

Como já foi referido, A. V. B. acabou por conseguir falar diretamente através da médium; antes que isso acontecesse, muitas informações foram recebidas dela através de Feda. É de alguns dos exemplos mais probatórios desse material que tratará este capítulo.

G. N. M. Tyrrell utilizou «O Caso A. V. B.» como um capítulo do seu livro *Science and Psychical Phenomena*¹ porque «como exemplo de aparente comunicação dos mortos através do transe mediúnico... as sessões que o compõem formam um conjunto claro e coerente, livre de complicações e limitado, na sua maior parte, às duas participantes envolvidas; além disso, porque estas duas participantes e investigadoras conduziram toda a pesquisa com admirável cuidado e prudência científica».

Foi referido que a descrição da White Cottage, em Malvern Wells, transmitida por Feda, era tão exata que despertou suspeitas.

¹ G. N. M. Tyrrell, *Science and Psychical Phenomena*, New Hyde Park, Nova Iorque, University Books, 1961.

Foram contratados detetives para averiguar se a médium poderia ter obtido conhecimento dessa casa por meios normais. Verificou-se que não tinham sido feitas quaisquer perguntas na região acerca da casa ou dos seus ocupantes.

Os detetives descobriram também que, interrogando os habitantes da localidade, poderiam ter obtido informações diferentes das fornecidas por Feda.

Os investigadores verificaram que existia uma impressão quase universal de que A. V. B. detestava profundamente a White Cottage, Malvern Wells, e a vizinhança. Várias pessoas pensavam que fora culpa de A. V. B. que a casa tivesse sido vendida; na realidade, A. V. B. adorava a White Cottage e a paisagem circundante e lamentou profundamente a necessidade de a vender durante a guerra.

Feda, falando deste assunto, disse:

— Ela amava aquele lugar e gostava de pensar nele. Ela diz: «Tempos felizes.»

Acerca da sua primeira sessão, realizada em 16 de Agosto de 1916, Miss Radclyffe Hall escreve:²

Feda: Há uma senhora com cerca de sessenta anos, talvez.

M.R.H.: Por favor, descreva-a; ela interessa-me...

Feda: A senhora é de estatura média, tem uma figura bastante boa, mas a Feda acha que está inclinada a ser demasiado gorda; tem um nariz direito, um rosto bem formado... As sobrancelhas são ligeiramente arqueadas; o cabelo não está penteado à moda.

M.R.H.: Usa-o sobre a nuca?

Feda: Não, está apanhado no alto da cabeça. Ela passou para o outro lado há muito pouco tempo. Não se sentia bem havia já algum tempo antes de partir; por vezes tinha consciência disso, mas afastava esse pensamento. A Feda acha que ela não sabia quão doente estava realmente. Continuava a fazer as suas coisas como de costume. Passava muito tempo com ela durante a sua vida terrena; dava-lhe vitalidade, sustentava-a com a sua vitalidade... Os olhos da senhora parecem escuros à Feda, talvez cinzentos.

² «*On a Series of Sittings with Mrs. Osborne Leonard*», por Miss Radclyffe Hall e Una, Lady Troubridge, *Proceedings S.P.R.*, vol. XXX, Dezembro de 1919.

Quanto a esta descrição:

A. V. B. tinha cinquenta e sete anos quando morreu; possuía uma excelente figura, mas nos últimos tempos tornara-se demasiado corpulenta; tinha um nariz direito, muito ligeiramente arrebitado; usava o cabelo apanhado no alto da cabeça e, na data desta sessão, estava morta havia apenas dois meses, três semanas e um dia.

Durante algum tempo antes da sua morte não gozara de boa saúde, em parte devido às consequências de um grave acidente automóvel. Contudo, devia frequentemente afastar os seus padecimentos da mente e não acreditamos, nem por um instante, que tivesse consciência da gravidade do seu estado; posso apenas dizer que eu também não a tinha.

Continuou a fazer a sua vida normal até ao próprio dia da sua última doença, que surgiu sem o menor aviso prévio.

A. V. B. e eu fomos amigas íntimas durante oito anos e vivemos juntas durante grande parte desse período. Por vezes dizia-me que acreditava que a minha vitalidade a sustentava e ajudava; costumávamos conversar sobre isso.

Os olhos de A. V. B. eram de um azul escuro; algumas pessoas poderiam descrevê-los como azul-acinzentados escuros.

Segunda sessão, 2 de Outubro de 1919

Depois de algumas palavras de saudação, a sessão começou com Feda a reconhecer a comunicadora como a senhora que tinha visto na minha primeira sessão.

Pedi a Feda que a descrevesse novamente e ela fê-lo com exatidão e muito mais detalhadamente do que na primeira ocasião.

Há alguns aspetos desta segunda descrição que devemos citar:

Feda: Tem um rosto bem formado e uma expressão muito bem-humorada, como se sorrisse das coisas e fizesse piadas consigo que mais ninguém compreendia. Parece idosa, mas tem uma alma jovem; está a rir; por vezes tinha dezasseis anos; nunca envelheceu na alma; o corpo era um incómodo para ela. Estava sempre a querer fazer coisas que não podia fazer.

Pouco depois, Feda acrescenta:

Tem traços regulares, com carácter; um queixo firme, não saliente, arredondado; perdeu um pouco o contorno do rosto; está ligeiramente flácido sob o queixo — boca de tamanho médio — não muito vermelha, o que faz com que os lábios não pareçam cheios. Os olhos são fundos; não os abre muito, por isso a Feda não consegue distinguir a cor. Por vezes olha de lado para as pessoas sem mover a cabeça; está a olhar para si assim neste momento.

Como Feda afirma na presente sessão, A. V. B. tinha uma expressão muito bem-humorada e era certamente seu hábito partilhar comigo muitas brincadeiras das quais outras pessoas nem sempre participavam. A. V. B. possuía um sentido de humor muito apurado. Tinha também aquilo a que se pode chamar uma alma jovem, conservando até ao fim um prazer quase infantil nas coisas; que o seu corpo se tenha tornado um incómodo para ela é perfeitamente verdade, e Feda tem razão ao dizer que ela estava sempre a querer fazer coisas que não conseguia fazer. Devido ao agravamento da sua saúde, foi impedida de desfrutar de exercício físico, como caminhar ou nadar, atividade pela qual era apaixonada.

A. V. B. tinha olhos bastante fundos e mantinha frequentemente as pálpebras semicerradas. Na realidade, nunca abria muito os olhos. Mas a parte mais impressionante da descrição, para mim que a conhecia tão bem, surge quando Feda observa que ela tinha o hábito de olhar para as pessoas de lado, sem mover a cabeça. Esse olhar de esguelha era extraordinariamente característico de A. V. B. Eu tinha comentado isso muitas vezes com ela durante a sua vida.

Mais tarde foram recebidas descrições ainda melhores de A. V. B., muito exatas quanto à sua aparência quando era mais nova. Nos

registos da sessão de 6 de Junho de 1917 existe um parágrafo que pareceu especialmente probatório a M. R. H., porque revelava uma informação acerca da qual ela própria tinha uma ideia errada:

Feda: ... Antes de passar para o outro lado, as faces dela emagreceram um pouco e sabe que a boca dela tinha ficado ligeiramente descaída no canto esquerdo, assim. (Feda faz descer ligeiramente um dos lados da boca.)

Ora, esta ligeira descida de um lado da boca foi uma consequência do acidente vascular cerebral de A. V. B.; era a única marca visível provocada pelo ataque. Apenas as poucas pessoas que estiveram com ela durante a sua última doença puderam ver essa alteração, pois desapareceu pouco tempo depois da sua morte.

A nossa impressão era de que a boca descera do lado direito e não do esquerdo, pelo que contraditámos Feda neste ponto. Acontece, porém, que ela tinha razão e nós estávamos erradas; a paralisia afetara o lado direito e aprendemos agora, através dos nossos amigos médicos, que uma paralisia do lado direito que afete o rosto provocaria a descida da boca do lado esquerdo.

[Propomo-nos agora tratar de uma série de referências a um local específico que ocorreram quatro vezes diferentes ao longo de um período de dois anos.] Parece-nos haver algo de muito natural nesta recorrência repetida do mesmo tema. Em todo o caso, ela parece sugerir que a memória de acontecimentos passados não se limita a um lampejo durante uma sessão isolada, mas constitui uma parte muito real da inteligência que afirma comunicar.

A 22 de Novembro ocorreu o seguinte:

Feda: Ela diz que costumava fazer escaladas. A Feda não consegue imaginá-la a escalar. A Feda não acha que ela gostasse disso. (Dirigindo-se a A. V. B.) Onde é que escalava?

Parece à Feda que este lugar fica muito longe daqui; parece quase ter precipícios e a Feda vê um cavalo pequeno — não, não é um cavalo, parece mais uma mula — e alguém está a conduzi-lo ao longo de uma saliência. Oh, são lugares horríveis.

M.R.H.: Penso que reconheço o lugar, mas não as suas escaladas.

Feda: É um lugar estranho e não parece que alguém levasse um cavalo para lá, mas eles conduzem cavalos por essas saliências, e este cavalo tem uma sela com qualquer coisa pendurada de cada lado.

M.R.H.: Em que país fica isso?

Feda: Não neste país. Parece à Feda que há uma espécie de vale com algo muito íngreme a erguer-se de cada lado. Ela pensa muito nesse lugar; interessa-se muito por ele.

M.R.H.: Eu conheço esse lugar.

Feda: Ela leva a Feda consigo e parece haver uma espécie de abertura do vale, e depois segue-se uma estrada sinuosa. Ao olhar em redor, vê-se o terreno a elevar-se por toda a parte e deve ser o nascer ou o pôr do Sol, porque a Feda vê metade de um enorme Sol a aparecer por cima de uma das encostas; ou está a nascer ou está a pôr-se.

M.R.H.: De que cor é essa estrada?

Feda: Parece poeirenta e estranha; não é uma estrada vulgar. A Feda não tinha a certeza de que fosse uma estrada.

M.R.H. (dirigindo-se a A. V. B.): Tente dar à Feda uma ideia da cor.

Feda: Parece branca para a Feda, mas também não é muito lisa; é como se... oh, afinal não é branca, é acinzentada, é muito esquisita! A Feda não gostaria de andar descalça por ela; não é exatamente pulverulenta, é como se fosse feita de pedaços; para a Feda é como caminhar sobre cinzas. Quando se anda nela, esmaga-se sob os pés; é de uma espécie de cor cinzenta, mas não exatamente como qualquer cinzento comum. Estranho, é também muito irregular; as pessoas que caminham por ela levantam os pés; é aquilo a que aqui chamariam uma caminhada muito pesada. Parece à Feda que é preciso preparar-se para uma boa caminhada; esta estrada vai muito longe.

Na minha opinião, toda esta descrição é absolutamente aplicável a Tenerife, nas Ilhas Canárias, lugar pelo qual A. V. B. e eu tínhamos grande devoção. Inicialmente não consegui compreender a referência às suas escaladas, porque ela não era uma mulher ativa; mas a estupidez do participante é por vezes verdadeiramente notável.

Quando regressei a casa, lembrei-me rapidamente de que A. V. B. desenvolvera uma atividade invulgar quando estava em Tenerife, sem dúvida devido aos efeitos benéficos do clima, e que em várias ocasiões fizera longas caminhadas e escaladas; além disso, tínhamos comentado frequentemente, com surpresa, o facto de ela ser capaz de o fazer.

Tenerife é extremamente montanhosa, os trilhos de montanha são simples saliências e existem certamente precipícios. É interessante que A. V. B., através de Feda, consiga transmitir a impressão do nascer ou do pôr do Sol, porque quando A. V. B. e eu iniciámos a viagem de regresso depois da visita ao Barranco, o Sol estava a pôr-se, projetando um belo brilho avermelhado sobre a estrada de lava. Isso causou uma profunda impressão em ambas na altura.

Feda descreve este rio de lava muito bem; é, como ela diz, não exatamente pulverulento, mas «como se fosse feito de pedaços»; a sua cor é um cinzento estranho e algo austero. É extremamente áspero e irregular e não tenho qualquer dúvida de que, se Feda foi levada a sentir a experiência de caminhar sobre essa estrada, isso lhe pareceu caminhar sobre cinzas, porque é precisamente disso que a estrada é composta.

Mais tarde, Feda conseguiu indicar o próprio nome da ilha:

Feda: Sabe alguma coisa acerca de uma ilha que não fica longe desse lugar?

M.R.H.: Sim, sei alguma coisa acerca de uma ilha.

Feda: Ela disse de repente: «Ilha, ilha, ilha.» Continua a mostrar à Feda um pedaço de terra no meio da água e diz: «É um pedaço de terra rodeado de água.»

M.R.H.: Sim, é uma ilha.

Feda: Ela diz que esse lugar se chama Ter—ter—terra—Oh! A Feda não consegue apanhar bem, mas quer dizer que é um lugar chamado Ter—Te—não, a Feda não consegue, mas começa por Te.

É Tener—Tener—Ten—Ten—

O quê, senhora? Tener—

M.R.H.: Tener está correto.

Feda: Teneri—Teneri—ee—ee—ff—ffe—ife—Teneri—fer. Ela diz que não concorda com o «fer»; diz que Tener está certo, diz para cortar o último «er» e fica correcto.

Feda: (Em voz baixa: Tenerife, é Tenerife!) Continua a dizer ilha, é uma ilha, diz ela, e diz que é um lugar agradável, diz: «Tenerife!»

Sabe, ela empurrou isso de repente? Fingiu estar exasperada por não a compreender. Pensou que a Feda conseguiria apanhar o nome se fingisse estar zangada.

Agora está a dizer que existe aquele lugar chamado M. outra vez — Masagar—Masagar—Madaga—Maza.

M.R.H.: Maza está certo, Feda.

Feda: Mazaga—Mazager—Mazagi—Mazagon—

(Omitimos aqui várias outras tentativas de Feda para pronunciar o nome, tentativas essas que terminam em Mazagal.)

M.R.H.: Não, não é exactamente Mazagal, Feda.

Feda: Mazagan!

M.R.H.: Certíssimo, Feda.

Mazagan era uma cidade do Marrocos Francês visitada por A. V. B. e M. R. H. durante a sua viagem às Ilhas Canárias.

Podemos mencionar brevemente dois casos em que o material produzido era conhecido do participante, mas que ilustram os esforços e as dificuldades de Feda em transmitir palavras.

M. R. H. escreve:

Uma das minhas perguntas foi a seguinte: «Ela lembra-se de um instrumento musical de que gostava muito?»

Em resposta a esta pergunta recebi uma afirmação de que não era como um piano; afirmação que Feda desenvolveu descrevendo um instrumento que sugeria um órgão. Chegou mesmo a imitar o ar a entrar e a sair de tubos.

Quando perguntei que tipo de música A. V. B. costumava tocar, Feda declarou que lhe parecia música bastante grandiosa, «como uma espécie de marcha solene».

Fiquei completamente perplexa e disse-o, perguntando se A. V. B. pensava que tinha tocado ela própria esse instrumento.

Ao que Feda respondeu:

— Não, ela não diz que o tocava; diz que é difícil transmitir as coisas.

Ora, este erro era inexplicável, visto que o instrumento tocado por A. V. B. era uma guitarra.

Durante um controlador pessoal de A. V. B., ocorrido algum tempo depois desta sessão, disse-lhe que Feda nunca conseguira descrever-me o instrumento que ela tocava. Ri-me e disse:

— Ela disse-me que tocava órgão.

Ao que A. V. B. respondeu:

— Que absurdo! Que espécie de órgão?

Nada mais foi dito por nós acerca do instrumento, porque não desejávamos fornecer pistas, e eu praticamente esquecera o incidente

quando, em 25 de Abril de 1917, numa sessão em que estava sozinha e servia de minha própria anotadora, ocorreu o seguinte:

Feda: (Começando a trautear uma melodia.) Ela está a cantar, está a cantar, e algo bonito também, sabe, Sr.^a Twonnie; parece que sabe cantar. Não está a cantar alto, mas suavemente. Está a dizer à Feda que canta no mundo espiritual. A Sr.^a Twonnie, ela gosta imenso de cantar.

M.R.H.: Sim.

Feda: Sabe, ela gosta de todas estas coisas. Gosta daquela fala que é como cantar.

M.R.H.: O que quer dizer com isso, Feda?

Feda: Bem, como as pessoas que dizem poesia realmente bem; interessa-se muito por isso. E agora está a mostrar à Feda uma coisa que tem cordas que se puxam; está a fazer tum, tum, tum.

(Aqui Feda faz uma imitação exata do som das notas dedilhadas numa guitarra, imitando com a mão o gesto de puxar as cordas.)

Sr.^a Twonnie, ela está a dedilhá-las.

M.R.H.: Excelente, está a fazer exatamente o som certo.

Feda: Ela faz o som e a Feda consegue sempre imitar aquilo que ela faz. Diz que isso também faz doer os dedos; diz que talvez seja melhor dizer-lhe que não está a tentar imitar um corneta nem um trombone!

(Aqui Feda volta a reproduzir exatamente o som das notas dedilhadas numa guitarra.)

Agora, Sr.^a Twonnie, ela está a mostrar à Feda o próprio objeto e mostra-lhe que uma parte dele é arredondada na parte inferior, daquela madrepérola; diz que tem essa coisa encostada a um canto do quarto; existe apenas um pequeno pedaço de madrepérola incrustado nela, arredondado numa extremidade e depois afinilando um pouco, formando uma espécie de cintura.

(Aqui Feda desenha no ar a forma exata de uma guitarra.)

Está a mostrar à Feda que algumas cordas passam sobre essa madreperola.

M.R.H.: Exatamente.

Feda: Oh! E agora está a tentar fazer a Feda compreender que costumava apertar qualquer coisa; está a mostrar à Feda algo que parece pequenos parafusos.

(Aqui Feda imita a afinação de um instrumento de cordas.)

Diz que costumava rodar um desses pinos, apertá-lo e depois fazer: «tum»; depois apertava outro e fazia novamente «tum».

(Aqui Feda reproduz o som de uma nota mais grave da guitarra.)

... é de cor acastanhada; castanho-claro numa parte e muito mais escuro noutra e... ela diz que tinha uma assim no plano terrestre.

M.R.H.: Exatamente.

Feda: Diz que não tinha fitas neste instrumento; está a rir-se disso, Sr.^a Twonnie, e diz que também não pretende ter agora. Diz: «Não tenho fitas nele.» Que engraçado, Sr.^a Twonnie, sabe que ela não parece gostar de fitas; a Feda gosta de fitas, muitas fitas.

Como já referimos, o instrumento tocado por A. V. B. era a guitarra; era uma executante exímia e costumava cantar música popular espanhola acompanhando-se à guitarra.

Como se terá notado, Feda inicia a descrição deste instrumento observando que A. V. B. está a cantar. A. V. B. era considerada uma excelente cantora amadora. Feda diz-nos que ela não canta alto, mas suavemente; isto era característico de A. V. B., que possuía uma voz pequena e nunca a forçava.

Feda parece compreender que A. V. B. gostava muito de cantar e também de poesia, o que é absolutamente correto. O som produzido por Feda para imitar as notas da guitarra foi muito realista...

Chegamos agora ao ponto mais probatório da descrição, que ocorre quando A. V. B. afirma com ênfase, através de Feda, que não tinha fitas na sua guitarra, que continua sem as ter e que não pretende vir a tê-las; e Feda acrescenta que A. V. B. se está a rir disso.

Pensamos que será admitido que quase todas as inglesas que tocavam guitarra costumavam adornar o instrumento com longas fitas coloridas. Isso divertia imenso A. V. B., porque, conhecendo a Espanha, sabia que as senhoras espanholas normalmente não se entregavam a essa particular excentricidade.

Era uma grande piada entre nós que, quanto menos competente fosse a executante inglesa, mais magníficas fossem as fitas.

A. V. B. nunca teve fitas nas suas guitarras.

Como comenta Tyrrell,³ «é muito curioso que, embora Feda imite exatamente as notas da guitarra; descreva um instrumento com uma extremidade arredondada e uma cintura; diga que A. V. B. costumava rodar uma cravelha, apertá-la e depois fazer “tum”; diga ao participante que não está a tentar imitar um corneta nem um trombone, durante toda a representação não consiga pronunciar a palavra “guitarra”!»

No segundo exemplo da emergência de memórias conhecidas por A. V. B. e também pelas participantes, Miss Radclyffe Hall escreve:

Uma das minhas perguntas, em 15 de Novembro de 1916, foi a seguinte:

— Pergunte-lhe se se lembra de uma palavra engraçada que ela inventou com Adela para designar pessoas de quem não gostavam?

Feda respondeu que A. V. B. tentaria recordar-se dela, que a colocaria num caderno mental, mas que era extremamente difícil quando eu fazia perguntas diretas.

Em 17 de Janeiro de 1917 fiz repentinamente a seguinte pergunta:

— Ela lembra-se da palavra «Poon»? Talvez se ria, mas gostaria de saber se se lembra do significado dessa palavra.

Feda: Sim, ela está a rir-se; diz que essa palavra significava um estado. Era uma palavra usada para expressar um estado ou condição.

M.R.H.: Era uma palavra que ela usava.

³ *Obra citada, p. 194.*

Feda: A Feda não compreende, mas ela diz que era uma palavra que usava consigo. A Feda espera que não seja uma palavra desagradável, porque ela diz que a usava quando pensava em si. «Poon, Poon», chama-lhe assim. Poon não é um nome! Mas ela chama-lhe isso na sua mente agora; pensa em si como «Poon»; gosta de pensar em si dessa maneira e diz que espera que também pense nela assim.

M.R.H.: Claro que penso nela dessa maneira. (Dirigindo-se a A. V. B.) Havia uma palavra que era o oposto de «Poon». Lembra-se? Tínhamos duas palavras.

Feda: Sim, ela diz que era a antítese, mas que não se consegue lembrar da palavra em si. Não, a Feda não deve dizer que ela não se lembra; é que não consegue fazê-la passar.

M.R.H.: Oh! Peça-lhe para tentar transmitir a primeira letra.

Feda: Oh, meu Deus! A Feda não consegue. Mas é uma palavra curta.

(Aqui Feda começa a desenhar energicamente no ar e forma claramente um «S».)

É uma letra curva como uma serpente; veja, a Feda vai desenhá-la na sua mão.

M.R.H.: Sim, está certo, é um «S».

Feda: Não é uma palavra comprida, é curta, e ela conseguiu uma vez transmiti-la rapidamente à Feda, mas a Feda não conseguiu apanhá-la; conseguirá um dia.

Entre esta sessão e a de 2 de Maio, da qual trataremos agora, foi feita uma tentativa, durante um controlo pessoal de A. V. B., para pronunciar esta palavra iniciada por um «S». A palavra não chegou a ser articulada e A. V. B. não foi além de produzir a consoante sibilante inicial. Quando lhe perguntei o que estava a fazer, respondeu que estava a tentar transmitir a palavra que era a antítese de «Poon».

Observei que não tinha intenção de lhe dar a palavra, pois desejava conservá-la como teste; ao que A. V. B. concordou cordialmente.

Em 2 de Maio, A. V. B. estivera a conversar connosco através de Feda acerca de uma determinada pessoa, de cujos modos de proceder ela desaprovava bastante, quando subitamente Feda exclamou:

Feda: Ela diz que isso é sem sentido e também sem razão. (Em voz baixa: O quê, senhora? O que está a tentar dizer? S—ss—Sss—S—ss.) Qual é a palavra, senhora? É Spor—Spor—Spor! Ela está a tentar transmitir uma palavra que a Feda não consegue perceber; a Feda nem acredita que seja uma palavra verdadeira; é uma palavra muito estranha, mas deve significar alguma coisa, porque ela está a esforçar-se tanto para a transmitir. Significa... significa... Oh! A Feda não sabe. Parece ser uma palavra mais expressiva para «sem sentido».

(Em voz baixa: Spor... Spor... Spor... Spor...)

Bem, seja como for, é Spor.

U.V.T.: Qual acha que é a letra depois de «Spor», Feda?

Feda: É uma letra comprida. Depois do «R» vem uma letra comprida.

U.V.T.: Quando diz uma letra comprida, Feda, quer dizer comprida acima da linha ou abaixo da linha?

Feda: Parece à Feda que é comprida em baixo.

(Feda esteve durante alguns momentos a desenhar traços verticais no ar.)

Não é uma palavra vulgar; é uma palavra estranha que a Feda nunca ouviu antes. Oh! Sr.^a Una, a Feda vê agora que não é comprida abaixo da linha, é comprida acima da linha; bem, depois há essa letra, depois vem uma letra pequena.

(Em voz baixa: Sporti... Sporbi.)

Esta letra pequena soa um pouco como «i».

(Feda pronuncia o «i» como na palavra inglesa *fish*.)

E depois desta letra pequena vem uma letra curva e parece à Feda que depois existe outra letra comprida.

(Aqui Feda murmura coisas completamente ininteligíveis.)

U.V.T.: Bem, Feda, talvez seja mais fácil se tentar desenhar a primeira letra comprida na minha mão.

(Feda começa a desenhar vigorosamente.)

Feda: É S... P... O, Sr.^a Una, depois uma letra pequena e depois uma letra assim.

(Ela desenha um «K» na mão de U. V. T.)

É um traço para baixo assim, com uma pequena coisa a sair dele; Sporki... Sporkif?

U.V.T.: Bem, Feda, tente desenhar na minha mão a letra que disse ser curva, a letra que vem depois da comprida.

Feda: Essa letra faz assim, Sr.^a Una.

(Aqui Feda desenha um «S» na mão de U. V. T.)

E depois há outra letra assim.

(Aqui Feda desenha um «H».)

U.V.T.: É essa a última letra da palavra, Feda, ou existem mais?

Feda: Bem, a Feda não consegue ver mais nenhuma.

(Subitamente e muito alto.)

SPORKISH! SPORKISH! Mas isso nem sequer é uma palavra!

A senhora diz: «Sim, é», e que se aplica a pessoas que desenterram coisas do passado.

«Não Poon», diz ela, «é a antítese de Poon.»

M.R.H.: Finalmente conseguiu.

Feda: «Sporkish», ela diz isso de uma maneira tão engraçada, Sr.^a Twonnie; diz que você e ela costumavam chamar isso a certas pessoas; costumavam dizer: «Fulano é sporkish.» A Feda sabe que não é uma palavra inglesa verdadeira.

Ora, a palavra «Poon» era uma invenção da própria A. V. B. Destinava-se a exprimir todas as qualidades agradáveis e indefiníveis das pessoas de quem gostava. Quando A. V. B. dizia que uma pessoa era um «Poon» ou era «Poony», pretendia resumir assim todos aqueles atributos que mais a atraíam.

Não reivindico para mim as qualidades que a sua afeição me atribuía, mas, apesar disso, ela aplicava-me esse termo.

«Spork» e «Sporkish» eram também palavras inventadas por A. V. B. O seu significado abrangia todas as pessoas desagradáveis e enfadonhas, bem como as respetivas características. Estas palavras eram aplicadas, de forma semi-humorística, por A. V. B. a todas as pessoas e coisas que a aborreciam, irritavam ou de qualquer outra forma mereciam a sua desaprovação.

É interessante notar que a palavra «Sporkish» foi finalmente obtida na sessão de 2 de Maio como comentário a circunstâncias precisamente do género que a teriam suscitado em A. V. B. durante a sua vida terrena.

Concluiremos este artigo apresentando excertos de sessões que consideramos, pelo menos sob um determinado aspecto, as mais notáveis que tivemos com a Sr.^a Leonard.

Sentimos que os excertos que iremos analisar merecem ser considerados isoladamente, uma vez que tratam principalmente de assuntos que eram totalmente desconhecidos tanto para mim como para Lady Troubridge no momento das sessões.

Acerca do cão Billy

Começaremos por um excerto da sessão de 6 de Dezembro de 1916.

Ocorreu o seguinte:

Feda: Billy, ela diz: «Billy.» Sabe quem é?

M.R.H.: Não.

Feda: Ela diz: «Billy.»

M.R.H.: Quem é? Alguém que ela conheceu no plano terrestre?

Feda: Quando a Feda lhe pergunta, ela torna-se um pouco confusa. Diz: «Conheço-o, mas de uma forma algo peculiar.» Tem de ir para o campo para isto, mesmo para o verdadeiro campo, e Billy não parece pertencer à casa, mas ao exterior da casa. Ela diz que Billy é uma personagem conhecida. Pensa que isso lhe ocorrerá.

M.R.H.: Penso que compreendo.

Feda: Parece muito engraçado para a Feda. Ela diz que é bastante difícil explicar o seu conhecimento deste Billy. Diz que não é exatamente da forma habitual.

M.R.H.: Billy é agradável de ver?

Feda: Ela diz: «Não é muito bonito.»

M.R.H.: Isso é verdade.

Feda: Ela diz que Billy demonstra um interesse quase sobrenatural por ela.

(Aqui Feda faz uma excelente imitação de um cão a farejar.)

Ela faz assim. Diz que por vezes é bastante embaraçoso. Diz: «Não posso dizer mais nada, mas compreende?»

M.R.H.: Sim; quer transmitir o meu carinho ao Billy?

Feda: Sim, ela pergunta se quer que ela dê um beijo ao Billy.

M.R.H.: Sim, por favor.

Feda: (Tocando na própria testa.) Ela diz que lhe dará um beijo aqui, não na boca. Diz que não o beijará na boca e que não pode muito bem beijá-lo na face; prefere beijá-lo aqui.

(Feda volta a indicar a testa e começa a fazer ruídos de farejar como um cão.)

A Feda gostava de saber porque faz isso. Ela está muito feliz hoje e está a divertir-se.

Este Billy foi reconhecido muito rapidamente por Lady Troubridge como sendo um dos seus terriers de pêlo duro, que morrera cerca de quinze meses antes desta sessão e aproximadamente oito meses antes da morte de A. V. B.

O cão fora confiado pela mãe de Lady Troubridge a algumas senhoras em Boscombe, devido às frequentes ausências de Lady Troubridge no estrangeiro, e esta não o via havia onze anos.

Durante toda a sua vida Billy foi considerado uma verdadeira personagem, sendo não apenas extraordinariamente inteligente, mas também muito original.

Nesta sessão, Feda não parece compreender que Billy é um cão, embora a descrição que faz dele seja bastante inequívoca. Em todo o caso, se compreendeu que se tratava de um cão, ou não consegue dizê-lo, ou pretende manter a aparência de não compreender.

A descrição elaborada, associada a uma aparente incapacidade de reconhecer e nomear o objeto mais simples, ocorre por vezes nos fenómenos de Leonard, tal como nos de muitos médiuns em transe, e

sugere fortemente que estamos ainda muito longe de compreender de que modo as impressões descritas chegam ao chamado «controlador».

A referência seguinte a Billy ocorreu espontaneamente em 13 de Dezembro, quando Feda disse:

— Ela diz que viu Billy e lhe deu um beijo.

Prosseguiu então descrevendo o cão e os seus principais traços de personalidade, todos reconhecidos por Lady Troubridge como exatos.

Depois recebeu-se o seguinte:

Feda: Sabia que, quando passou pela primeira vez para o outro lado, não estava em bom estado? Porque não estava, e havia qualquer coisa de errado com a perna traseira ou com a pata. Não permaneceu muito tempo num estado pouco saudável; ela diz que passou para o outro lado de forma bastante repentina. Havia qualquer coisa de errado com a pata ou com a parte inferior da perna. Oh! Agora ela diz que houve uma vez qualquer coisa de errado debaixo do braço.

(Aqui Feda indica a axila.)

Só que ele não tem braços, mas era ali por baixo.

U.V.T.: Isso eu lembro-me.

Feda: Mas ela diz que isso não teve nada a ver com a sua passagem para o outro lado; contudo, certamente tinha qualquer coisa de errado com a pata ou com a perna traseira.

U.V.T.: Talvez eu consiga descobrir isso.

Feda: Ela diz que costumavam virar-lhe as patas e examiná-las entre os dedos.

U.V.T.: Sim?

Feda: Diz que ele não gostava disso. Diz que uma vez teve uma espécie de caroço numa das pernas; era uma pequena particularidade dele.

U.V.T.: Não me lembro disso.

Feda: Ela diz que todas estas pequenas coisas podem parecer lixo para algumas pessoas, mas que estes detalhes íntimos são importantes.

Esta segunda referência a Billy incluía afirmações acerca do cão que eram completamente desconhecidas tanto para Lady Troubridge como para mim no momento da sessão.

M. R. H. acrescenta então:

Em primeiro lugar, Feda tem razão quando afirma que Billy morreu subitamente. Billy foi abatido a pedido da mãe de Lady Troubridge que, ao saber que ele estava cego e surdo devido à velhice, tomou a decisão mais misericordiosa ao seu alcance. Algum tempo depois, quando Lady Troubridge mencionou Billy ocasionalmente, foi informada de que ele tinha sido abatido.

Em segundo e terceiro lugar, Feda tem razão ao afirmar que Billy tivera, certa vez, uma lesão sob aquilo a que chama braço, mas que essa condição nada teve a ver com a sua morte.

Durante a vida de Billy com Lady Troubridge, ele envolveu-se numa luta muito séria. Foi atacado por um grande bulldog e ficou gravemente ferido sob a pata dianteira, quase até ao pulmão; o ferimento quase lhe foi fatal e foi a única desgraça séria que alguma vez lhe aconteceu, tanto quanto Lady Troubridge sabia na altura da sessão.

Estamos praticamente certos de que A. V. B., durante a sua vida, ouvira falar desta luta e suspeitamos também que sabia que Billy tinha sido abatido, embora não possamos ter certeza de nenhum destes pontos.

Quanto aos outros quatro aspetos mencionados, Lady Troubridge e eu encontrávamo-nos em completa ignorância.

Deve recordar-se que Lady Troubridge não via o cão havia muitos anos e eu nunca o tinha visto. Foi, portanto, necessário escrever a Miss Collis, em Boscombe, a senhora com quem Billy

estivera alojado e, ao fazê-lo, pareceu prudente evitar a alarmante palavra «médium».

Lady Troubridge escreveu, por isso, dizendo que tivera um sonho muito vívido acerca do seu velho cão e passou a enumerar os aspetos relativos à sua saúde que afirmava ter sonhado.

Perguntou a Miss Collis se algum destes sintomas alguma vez existira no caso de Billy.

Em resposta, Miss Collis escreveu:

Não nos lembramos de o querido Billy ter magoado particularmente a pata em qualquer ocasião, mas durante anos costumava ganir quando lhe tocavam na perna. Pensávamos que fosse reumatismo. E, mais tarde, teve de facto uma verruga; a minha irmã pensa que era na parte superior da perna esquerda; além disso, durante a última fase da sua vida surgiram-lhe pequenos nódulos ou verrugas por todo o corpo.

O veterinário disse que isso era consequência da velhice. Era muito velho; creio que a Sr.^a Taylor dizia que tinha dezassete anos e estava muito cego, o que nos preocupava, pelo que achámos melhor que fosse adormecido. Além disso, algumas semanas antes do fim, sofreu uma mordedura de outro cão nas costas, que receávamos não vir a cicatrizar.

Outra carta dirigida a Miss Collis obteve a resposta de que era uma perna traseira aquela em que Billy não gostava que lhe tocassem e que nem ela nem a irmã alguma vez lhe tinham examinado o espaço entre os dedos das patas. Forneceu também o nome e a morada da veterinária que tratara Billy antes da sua morte.

Quando contactada, a veterinária escreveu o seguinte acerca de Billy:

Examinei e tratei o terrier, encontrando-o a sofrer do seguinte:

Pústulas entre os dedos das patas causadas pela velhice.

Nódulo na parte superior da perna dianteira direita causado por reumatismo agudo.

Mordedura nas costas, pouco antes da morte, que estava gangrenada e em muito mau estado.

(Assinado) (Miss) G. C. Dutton,
Especialista em Canídeos e Felídeos.
13 de Abril de 1917.

Assim, pode verificar-se que quatro aspetos relativos ao estado de Billy antes da sua morte foram transmitidos por A. V. B. através de Feda e eram completamente desconhecidos tanto de U. V. T. como de M. R. H. no momento em que foram comunicados.

Acerca do Segundo Pai de Daisy

Chegámos agora ao último dos episódios que seleccionámos como merecedores de atenção especial.

Os excertos que vamos apresentar dizem respeito a uma senhora que Lady Troubridge não conhecia pessoalmente e que, embora seja minha amiga há muitos anos, tenho visto muito pouco, uma vez que passou longos períodos fora de Inglaterra. A seu pedido, o seu nome e os de outras pessoas mencionadas foram disfarçados.

Daisy Armstrong perdeu o marido na guerra; na altura, e ainda hoje, permanecia quase completamente alheia à investigação psíquica.

Durante as primeiras semanas de 1917, Daisy escreveu-me do Próximo Oriente perguntando se eu poderia tentar obter, através da Sr.^a Leonard, alguma prova relativa ao seu marido.

Por acaso, tive uma sessão com a Sr.^a Leonard em 14 de Fevereiro de 1917 e perguntei a Feda se A. V. B. se lembrava de uma velha amiga minha chamada Daisy, que estivera connosco no campo quando A. V. B. estava doente.

Segue-se o registo das minhas perguntas e do diálogo subsequente:

Feda: Ela lembra-se da Daisy, mas diz que a Daisy não está com ela.

M.R.H.: Não, isso está correto.

Feda: Espere um momento; ela tem uma palavra que está a tentar transmitir. Nem sequer é um nome vulgar.

(Aqui Feda fez, em voz baixa, várias tentativas para reproduzir o apelido de Daisy, que pronunciou corretamente por duas vezes.)

M.R.H. (dirigindo-se a A. V. B.): Muito bem, o que Feda disse está perfeitamente correto e percebe de que Daisy se trata.

Feda: Sim, certamente.

M.R.H.: Quero saber se ela encontrou alguém do seu lado que esteja ligado à Daisy. E quero ter muito cuidado para não dizer nada que possa estragar quaisquer provas que venham para a Daisy. A Daisy está muito ansiosa por receber uma mensagem e seria uma grande bondade se a senhora a ajudasse.

Feda: Ela diz: «Vou tentar, porque alguém está tão ansioso por fazer chegar uma mensagem à Daisy quanto a Daisy está ansiosa por recebê-la dele, e vou tentar transmitir alguma coisa acerca dele.»

E ela sabe qual é a Daisy.

M.R.H.: Sim, porque ela deu-me um nome.

Feda: Sim, ela é mais hábil com nomes do que qualquer outra pessoa.

Tendo chegado a este ponto, não escrevemos a Daisy, pois desejávamos manter a sua mente o mais afastada possível do assunto e estávamos muito interessados em que ela não soubesse as datas em que se realizavam as sessões que lhe diziam respeito.

Uma semana mais tarde, em 21 de Fevereiro, participei sozinha numa sessão, servindo de minha própria anotadora. Quase não esperava obter qualquer referência aos assuntos de Daisy, mas a

sessão ainda não avançara muito quando Feda fez espontaneamente uma alusão a ela.

Feda: Ela diz: viu a Daisy?

M.R.H.: Não, não consigo ver a Daisy.

Feda: Mas ela diz: não será capaz de a ver?

M.R.H.: Não, receio que não; ela tem alguma mensagem para a Daisy?

Feda: Não conseguirá vê-la?

M.R.H.: Não consigo vê-la porque ela não está aqui.

Feda: A sua senhora pensava, de algum modo, que ela viria para aqui; tem a certeza de que ela não tenciona vir?

M.R.H.: Tanto quanto sei, não.

Feda: A sua senhora não sabe porquê, mas tem a impressão, uma espécie de sentimento, de que terá oportunidade de ver a Daisy.

M.R.H.: Devo entender que quer dizer em Inglaterra?

Feda: Ela não menciona nenhum país em particular, mas parece sentir que as coisas estão a encaminhar-se para que veja a Daisy.

Ora, na altura desta sessão, a Daisy em questão prestava cuidados aos feridos no Próximo Oriente. Eu não fazia a menor ideia de que lhe fosse possível rescindir o contrato, mesmo que desejasse fazê-lo, pois sempre acreditara que quem assumia esse tipo de trabalho era obrigado a comprometer-se por um período determinado.

Não esperava ver Daisy durante pelo menos um ano, se é que a voltaria a ver então.

Escrevi-lhe, enviando-lhe uma série de perguntas, entre as quais lhe perguntava se tinha alguma intenção de regressar a Inglaterra.

Respondeu-me nos seguintes termos:

Sim, é possível que regresse a Inglaterra no próximo mês e, nesse caso, naturalmente que a verei. Apresentei a minha demissão aqui.

Esta resposta foi escrita no Próximo Oriente em 10 de Março e eu vi Daisy pouco depois do seu regresso a Inglaterra, que ocorreu em 20 de Abril.

Posteriormente, a nosso pedido, consultou o seu diário e verificou que apresentara a demissão em 18 de Fevereiro; acrescentou que já tencionava demitir-se havia algum tempo antes dessa data.

Feda: Espere um momento; agora ela diz qualquer coisa acerca de a Daisy ter perdido alguém. Diz: a Daisy perdeu duas pessoas — uma delas há relativamente pouco tempo e a outra há dois ou três anos? Porque a sua senhora diz que andou à procura desde a última vez que esteve aqui e conseguiu entrar em contacto com elas. Mas tudo isto é muito difícil de transmitir, diz ela, porque está tão ansiosa por o conseguir.

M.R.H.: Diga-lhe que não tenha pressa.

Feda: (Dirigindo-se a A. V. B.: São ambos homens?)

Ela diz que são ambos homens e que um deles é um homem que não é jovem, um homem na plenitude da vida. A Feda consegue vê-lo.

M.R.H.: Então ele está aqui?

Feda: Sim.

M.R.H.: Bem, diga-lhe que estou disposta a dedicar toda a manhã a qualquer coisa que ele deseje dizer.

Feda: A Feda vê um homem na plenitude da vida; é de estatura média, talvez um pouco acima da média; mas isto é difícil de avaliar porque a Feda não lhe consegue ver as pernas. Parece largo de peito e ombros. Tinha o hábito de atirar os ombros para trás e projetar a barriga para a frente. Costumava pôr a mão no bolso. Tem um rosto bem proporcionado, largo nas maçãs do rosto, e a parte inferior do rosto parece arredondada. Tem um bigode acastanhado.

Feda forneceu então uma descrição de um homem que M. R. H. reconheceu como sendo o pai de Daisy, o Sr. Benson, falecido havia mais de dez anos.

M. R. H. escreve:

Eu conhecera-o cerca de quinze anos antes; vivia então numa pequena cidade de província onde eu tinha recebido o empréstimo de uma casa para caçadas. Encontrámo-nos em diversas ocasiões, embora eu nunca o tenha visto muito. As filhas tornaram-se minhas amigas, mas ele raramente estava presente quando eu as visitava e, tanto quanto me lembro, visitou-me apenas uma vez, se é que o fez.

Contudo, a sua aparência permaneceu na minha memória e reconheci vários detalhes da descrição que deu de si próprio através de Feda durante a sessão em causa.

Houve, porém, certos aspetos importantes fornecidos por este comunicador acerca dos quais eu não tinha absolutamente qualquer conhecimento até serem verificados por Daisy e pela irmã muitas semanas mais tarde.

Feda: Ele está a fazer a Feda sentir que viajou bastante — que não permaneceu sempre no mesmo lugar.

[Característica muito típica dele. As filhas ficaram ambas impressionadas com esta observação, pois ele tinha verdadeira paixão por mudar de residência.]

Feda: ... Parece estar a tentar dizer-lhe alguma coisa relacionada com o mar. Tem a ver com atravessar água e existe qualquer coisa particular acerca de um determinado lugar. Está a mostrar à Feda um local com edifícios muito altos; é curioso porque os edifícios são tão altos que fazem a rua parecer quase um beco. Erguem-se muito direitos de ambos os lados da rua.

[Ele estivera em Nova Iorque, mas eu não o sabia.]

Feda: Agora está a falar de uma rua larga, uma rua que tem um edifício mesmo no meio dela e ruas que se ramificam para ambos os lados a partir desse edifício situado no centro da rua larga. É assim:

(Aqui Feda desenha com o dedo no joelho de M. R. H. e indica uma rua reta com um edifício aparentemente no meio da via e duas ruas que se bifurcam para trás, à esquerda e à direita, a partir dele.)

Estas ruas têm casas; não, a Feda não tem a certeza de que sejam apenas casas; pensa que também existem lojas.

M.R.H.: Ele está a sair-se muito bem.

Feda: Veja, ele diz que se lembra muito bem desse lugar que acabou de descrever, dessa rua com o edifício no meio; lembra-se tão bem porque quase sempre subia por essa rua larga e o edifício ficava de frente para ele, chamando-lhe quase sempre a atenção.

As ruas e o edifício em questão foram imediatamente reconhecidos por mim como sendo inequivocamente característicos da pequena cidade onde o Sr. Benson vivia quando o conheci.

Feda: Agora está a dizer à Feda que por vezes se sentava a uma mesa e escrevia aos solavancos. Deve estar a tentar mostrar uma casa; parece haver duas divisões, uma abrindo para a outra, e ele sentava-se na segunda divisão. Oh! Estão a tentar mostrar à Feda algo muito difícil; parece que numa dessas divisões havia qualquer coisa quase como uma máquina; parece estar sobre uma mesa. É quase toda feita de um metal escuro.

Agora a Feda vê que parece um objeto bastante grande sobre um suporte; talvez fosse um suporte e não uma mesa. Há uma espécie de cilindro ou haste a atravessar o centro dessa máquina e existem também duas hastes mais estreitas. Acima dessas hastes parece elevar-se qualquer coisa curva. Ele diz que a Daisy deveria saber o que é, porque era algo que ele utilizava e que, mesmo que ela nunca o tenha visto, certamente lhe falou disso.

M.R.H.: Penso que o reconheço.

Feda: Ele está muitíssimo satisfeito.

M.R.H.: Mas, naturalmente, gostaria que ficasse claramente definido qual era a sua relação com a Daisy; contudo, não quero que force a situação.

Feda: Ele não a dará a menos que tenha a certeza. A Feda não sabe o que isto significa, mas ele diz: «Éramos dois a ocupar a mesma posição em relação à Daisy, mas de maneira ligeiramente diferente.»

Diz que isso significa alguma coisa e espera que não seja mal interpretado.

M.R.H.: Se ele não conseguir torná-lo claro, deixe ficar.

Feda: Mas ele diz que essas palavras são perfeitamente claras e que as pode tomar à letra. Diz: «Éramos dois que ocupávamos a mesma posição em relação à Daisy, com uma pequena diferença.»

Tem tanto receio de que ela não compreenda a forma como o está a dizer. Diz: «Está a seguir o meu raciocínio?»

Eu não reconheci as divisões da casa na altura da sessão, embora pensasse que poderiam ter sido corretamente descritas e que eu simplesmente esquecera a disposição da residência do Sr. Benson.

Neste ponto da sessão pareceu aconselhável tentar obter do comunicador alguma declaração que indicasse que era o pai de Daisy. Por isso, perguntei qual era a sua relação com ela e, em resposta, obtive uma resposta que me deixou completamente perplexa.

Enviei o excerto a Daisy juntamente com os questionários já mencionados e recebi-os de volta com uma carta da qual reproduzimos um excerto; os nomes e moradas foram alterados, mas, fora isso, o texto permanece inalterado:

Há um aspeto sobre o qual gostaria de a consultar. Um amigo muito, muito querido meu passou para o outro lado algures entre 18 e 24 de Fevereiro deste ano. Era grande amigo do meu pai e profundamente dedicado à minha irmã Norah e a mim.

Depois da morte do meu pai, disse-me que desejava ocupar o lugar dele e eu chamava-lhe sempre «Pai». Significávamos um para o outro mais do que muitos pais e filhas significam entre si.

Só ontem soube da sua morte e não conheço a data exata, mas quando o meu pai disse: «Éramos dois que ocupávamos a mesma posição em relação à Daisy, mas de maneira ligeiramente diferente», isso ocorreu-me imediatamente.

Ela acrescentou num dos meus questionários o facto de este «segundo pai» ser compositor musical. Pensamos que talvez aí se encontre a explicação para aquilo a que Feda chama «escrever aos solavancos», uma vez que a escrita de partituras manuscritas pode justamente ser descrita como irregular e entrecortada quando comparada com a escrita comum. Este aspeto não ocorreu a Daisy e apresentamo-lo apenas como hipótese.

Além disso, uma inspeção das máquinas tipográficas manuais *Excelsior* e *Model* revelou que a descrição de Feda da «máquina quase toda feita de metal escuro, etc.» era realmente muito próxima da realidade.

Surge agora o problema. Antes das palavras que constituíram a resposta à minha pergunta acerca da relação entre o comunicador e Daisy, Feda descreve algumas divisões comunicantes e uma máquina como pertencendo ao Sr. Benson; porém, ao que parece, essas divisões não eram dele, mas pertenciam aparentemente ao seu velho amigo, o «segundo pai» de Daisy.

Como surge um erro deste género?

Parece-nos existirem apenas duas explicações possíveis, embora qualquer delas exija a aceitação da hipótese de uma comunicação genuína com um espírito desencarnado.

É concebível que o Sr. Benson quisesse mostrar um homem diferente de si próprio como ocupante dessas divisões, mas não tivesse conseguido transmitir a Feda que a imagem mental — ou qualquer que fosse o método utilizado — não se aplicava a ele pessoalmente. Por outras palavras, pode ter passado subitamente de um assunto para

outro, defeito que Feda frequentemente atribui aos comunicadores principiantes.

Outra explicação poderia ser que o próprio segundo pai estivesse por perto, atravessando momentaneamente a linha de comunicação ou projetando, por assim dizer, as suas próprias imagens mentais no ecrã, e que Feda tivesse pensado que elas provinham do Sr. Benson, o qual não possuía habilidade suficiente para esclarecer o equívoco.

Tais explicações são, naturalmente, meramente hipotéticas e não nos aproximam muito da solução do enigma.

A importância deste erro, qualquer que tenha sido a sua causa, parece-nos ser ultrapassada pelo interesse associado às palavras do Sr. Benson: «éramos dois» e «dois de nós ocupávamos», expressões que passaremos agora a analisar.

Na altura da sessão não fazíamos a menor ideia de que Daisy tivesse tido um segundo pai; na verdade, nem sequer sabíamos que existira uma pessoa chamada Reverendo Bertram Wilson, muito menos que tivesse desempenhado um papel paternal na vida de Daisy.

Ficámos, portanto, muito interessados ao receber a sua carta, tanto mais que nela afirma ter sabido, em 9 de Março de 1917 — isto é, apenas duas semanas e dois dias depois da sessão de 21 de Fevereiro — que esse segundo pai morrera algures entre 18 e 24 de Fevereiro, pedindo-me que averiguasse a data exata.

Escrevi então ao vigário de Wickham, dizendo que a Sr.^a Armstrong desejava saber a data da morte do Reverendo Bertram Wilson.

A resposta foi a seguinte:

O Reverendo Bertram Wilson faleceu em 18 de Fevereiro, às 21h15.

Vinha perdendo forças havia alguns meses e, ultimamente, sofreu grandes dores, etc.

Pelo excerto acima verifica-se que o segundo pai de Daisy estava efetivamente morto na data da minha sessão de 21 de Fevereiro, facto completamente desconhecido da própria Daisy nesse momento.

Ela não sabia a data da morte nem sequer quando tomou conhecimento do falecimento duas semanas e dois dias depois.

Ora, nem Lady Troubridge nem eu poderíamos conhecer a morte do Reverendo Bertram Wilson, pois ignorávamos a sua própria existência.

Por conseguinte, parece-nos ter considerável significado o uso do pretérito por parte do Sr. Benson quando fala deste segundo pai nas palavras:

«Éramos dois que ocupávamos a mesma posição em relação à Daisy...»

e, mais tarde:

«Dois de nós ocupávamos...»

Poder-se-ia razoavelmente supor que o Sr. Benson tivesse encontrado o velho amigo do outro lado e desejasse, ao responder à minha pergunta, atingir dois objetivos simultaneamente: transmitir à filha Daisy a sua relação com ela de uma forma que afastasse a hipótese de leitura mental por parte da participante e, ao mesmo tempo, não dar a Feda qualquer pista acerca dessa relação, evitando assim qualquer tentativa da sua parte de elaborar declarações por iniciativa própria, tentação à qual os controladores ocasionalmente sucumbem.

Restava ainda considerar um último ponto: se Daisy receava efetivamente a morte iminente do seu segundo pai na data da sessão.

Escrevi-lhe sobre este assunto e, segundo a sua resposta, parece claro que, embora tivesse um pressentimento de que algo não estava bem e soubesse que o Sr. Wilson não gozava de boa saúde, estava convencida de que ele poderia viver ainda durante vários anos; e,

embora estivesse preocupada com ele por volta da época da sessão, não receava a sua morte iminente.

Pode acrescentar-se que ambas as filhas do Sr. Benson ficaram muito impressionadas com a expressão:

«Está a seguir o meu raciocínio?»

Disseram-nos que esta frase era frequentemente utilizada pelo Sr. Benson durante a sua vida, tal como a expressão:

«Compreende?»

que surgira anteriormente na sessão.

Outro exemplo retirado dos relatórios Troubridge-Hall, de informação desconhecida de ambas as participantes mas conhecida da pessoa falecida, diz respeito a Burnham, a casa de «Sir Richard Rogers».

Noutra sessão, em 20 de Dezembro de 1916, A. V. B. forneceu uma descrição da casa, dos seus arredores e dos principais interesses do proprietário. Posteriormente, todos estes elementos foram verificados.

O Dr. Gardner Murphy, presidente da American Society for Psychical Research, menciona este caso como um exemplo que responde à objecção de que a consciência de transe poderia obter telepaticamente informação a partir das participantes.

Ele parafraseia as partes mais interessantes da seguinte forma:⁴

Depois de descrever a casa, A. V. B., através de Feda, refere-se a alguns objetos pendurados nas paredes de uma sala, «objetos de forma alongada; contudo, não têm nada a ver com quadros e diz-se que um deles foi seco».

Feda fala então de um ou dois portefólios contendo projetos e desenhos, de uma coleção de livros sobre povos semicivilizados e de «um baú muito antigo».

Através de correspondência com o proprietário da casa, os investigadores souberam que este tinha pendurados nas paredes do vestíbulo «armas e artefactos provenientes do Sudão e de outros lugares, muitos deles de forma alongada; possuía também um crocodilo seco do Nilo».

Possuía igualmente um portefólio contendo desenhos e esboços para a remodelação e decoração do vestíbulo onde estava pendurado o crocodilo seco.

Na sua biblioteca encontrava-se uma coleção de livros sobre a África Central, o Sudão, etc.

Por fim, possuía «um baú muito antigo» — um antigo *cassone* italiano.

Investigações posteriores revelaram que A. V. B., durante a sua vida, se interessara por todos os elementos referidos; por exemplo, tinha visto os desenhos da remodelação do vestíbulo e discutira-os com o seu amigo.

Tyrrell afirma⁵ que casos deste género:

demonstram que a teoria segundo a qual a informação fornecida pelas personalidades de transe é necessariamente obtida por telepatia a partir das mentes inconscientes dos participantes necessita, pelo menos, de uma expansão considerável; pois nestes casos surgiram elementos de informação conhecidos apenas por completos desconhecidos...

Grande parte das provas recentes obtidas em sessões de transe confirma o facto de que a informação transmitida durante o transe não provém, ou não provém necessariamente, das mentes dos participantes.

⁴ «*An Outline of Survival Evidence*», por Gardner Murphy, *Journal A.S.P.R.*, Janeiro de 1945, vol. 39.

⁵ *Obra citada*, p. 198.

SESSÕES POR PROCURAÇÃO

Sir Oliver Lodge reconheceu que o seu próprio livro *Raymond* frequentemente não satisfaz o padrão probatório exigido pela Society for Psychical Research.

Raymond contém incidentes que, segundo ele,¹

«embora completamente desconhecidos da médium, se encontram perfeitamente ao alcance do conhecimento do participante. No conjunto, estou convencido de que a hipótese da telepatia a partir do participante não pode ser estendida de modo a explicar todos os factos. Muitas vezes não se obtêm coisas que estão presentes na mente do participante e obtêm-se coisas que ele esqueceu ou nunca soube. Contudo, enquanto a série for conduzida principalmente por membros de uma mesma família, é difícil ter sempre absoluta certeza acerca do que é conhecido e do que não é conhecido, do que nunca foi conhecido ou do que não poderia ser adivinhado.»

Era importante tentar eliminar a telepatia a partir do participante como consideração principal na avaliação da origem da informação recebida.

A solução encontrada foi a das «sessões por procuração».

Nelas, uma terceira pessoa comparece à sessão em lugar da pessoa que procura obter provas.

¹ Sir Oliver Lodge, *Raymond*, Nova Iorque, George H. Doran Co., 1916.

Este participante por procuração nada sabe acerca da pessoa que representa nem do falecido que será convidado a comunicar.

Assim, embora a clarividência ou outros poderes extrassensoriais possam estar em funcionamento, a telepatia a partir do participante fica excluída como explicação para qualquer informação supranormal fornecida pela médium.

Uma das pessoas que ajudou a desenvolver a arte das sessões por procuração — e que publicou dois livros acerca das suas experiências

— foi Nea Walker, durante muitos anos secretária de Sir Oliver Lodge.

Era filha do Professor Hugh Walker, de Lampeter. Obteve o grau de licenciada pela Universidade de Birmingham.

A sua irmã mais nova, Damaris, possuía algumas faculdades psíquicas próprias.

Através de Damaris, da Sr.^a Osborne Leonard e de outros médiuns, começou a surgir um determinado grupo de comunicadores que afirmavam ser amigos falecidos das irmãs Walker.

Conhecidos como «o Grupo» — Bunny, Ted, Geoff, Mustard e Wooley — ajudavam nas sessões por procuração encontrando a pessoa falecida procurada pelo participante, ensinando-lhe os procedimentos da comunicação e atuando, em certa medida, como mestres-de-cerimónias.

Uma sessão por procuração realizada com a ajuda do Grupo é descrita em *The Sharp Case*.²

Sir Oliver Lodge recebera uma carta onde se lia:

«Sou um homem jovem, com pouco mais de trinta anos, e a minha esposa morreu há um mês. O pensamento dos muitos anos vazios que me separam dela apavora-me.»

Perguntava se Sir Oliver poderia colocá-lo em contacto com a esposa através de uma médium.

Nea Walker realizou para ele uma série de sessões por procuração com a Sr.^a Leonard.

Do registo da primeira dessas sessões, realizada em 3 de Novembro de 1930, seleccionam-se as seguintes passagens:

² *Nea Walker, Through a Stranger's Hands*, p. 202, Londres, 1935.

Feda: Estão todos aqui! Trouxeram uma senhora nova... Não é uma senhora idosa. Sinto alguém cheio de vida. E uma senhora muito agradável também. Muito agradável. Tenho a sensação de que, quando estava no plano terrestre, era aquilo a que chamariam uma pessoa «particularmente» apreciada.

Anotações acrescentadas posteriormente pelo Sr. Sharp:

Correto.

[Feda afirmou que a senhora estivera doente durante muito tempo antes de passar para o outro lado.]

Correto.

Feda: Existem uma, duas, três pessoas na Terra muito próximas dela. Muito ligadas a ela. Três. Uma delas é um homem... Tenho a sensação de que o homem surge em primeiro plano.

Correto; três e apenas três: o marido e duas irmãs.

Feda: Quando estava na Terra, por vezes colocava as mãos à volta da cabeça dele. Tinha uma maneira peculiar de se aproximar dele e colocar as mãos à volta da sua cabeça, como se estivesse a formar uma faixa em torno dela. E tem tentado fazer isso ultimamente.

Ela fazia isso ocasionalmente quando eu estava sentado a escrever ou a ler. Colocava as mãos de cada lado da minha cabeça. Depois puxava-a ligeiramente para trás e beijava-me o topo da cabeça.

Feda: Tenho a sensação de que ele é uma espécie de autoridade em alguma matéria... Também vejo livros à sua volta... Como se tivesse muitos livros sobre um assunto especial em que as pessoas o consideram entendido e ao qual recorrem para pedir conselhos.

Costumavam considerar-me uma autoridade em aves selvagens e possuo vários livros sobre esse assunto que são ocasionalmente consultados. Muitas vezes identificava aves desconhecidas para os meus amigos.

Feda: Porque é que vejo tão claramente um F? Em ligação com ele?

A inicial do meu nome próprio.

Feda: Ele associa-a também aos livros. Tenho a sensação de que ele e ela costumavam olhar para livros juntos... Estavam num lugar onde costumavam observar aves? Muitas aves. Estou a receber uma impressão de aves. E como se falassem frequentemente das aves daquele lugar...

A minha esposa também se interessava pela vida das aves e costumávamos consultar livros juntos.

Por vezes, Feda produzia informações verídicas através daquilo a que se chama psicometria — isto é, obtendo conhecimento supranormal acerca de uma pessoa a partir de um objeto que lhe pertencera.

A Sr.^a Lydia W. Allison³ relata um desses incidentes, ocorrido quando participou como representante numa sessão para o Sr. Francis W. Blair (pseudónimo), de Boston.

Entregou à Sr.^a Leonard, em transe, um nécessaire que pertencera à falecida Sr.^a Blair.

A sessão realizou-se em 20 de Julho de 1937:

Feda: A senhora era uma personalidade muito forte — a senhora que passou para o outro lado. Não andava sempre a falar disso nem fazia alarido, mas por baixo de tudo era muito forte...

A Sr.^a Blair era uma mulher de carácter forte, mas contido.

Feda: Não penso que tenha sido um acidente que a levou para o outro lado. Tenho uma sensação de exaustão bastante rápida...

Correto quanto à morte da Sr.^a Blair. A sua última doença foi breve e extenuante. Não sofreu qualquer acidente, mas a Sr.^a Allison acreditava erradamente que tinha havido um acidente.

³ *Lydia W. Allison, «Further Proxy Sitings with Mrs. Leonard», Journal A.S.P.R., vol. XXXV, 1941.*

Feda: A filha tem usado ultimamente qualquer coisa aqui, ao pescoço, que pertenceu a esta senhora, e a senhora gosta disso e quer que a filha continue a usá-la...

Este parágrafo é inteiramente correto e muito bom. O Sr. Blair afirma: «A nossa filha mais nova tem usado ultimamente umas pérolas que ofereci à mãe dela como presente de casamento.»

Feda: Conhece alguém chamado Charles — Charlie — ligado a esta senhora?

A Sr.^a Blair tinha um irmão chamado Charles, por vezes tratado por Charlie. Tanto ela como o marido gostavam muito dele.

Um dos casos mais notáveis em que Drayton Thomas atuou como participante por procuração é conhecido como «O Caso Bobbie Newlove».

Neste caso foi recebida informação que suscitou considerável discussão.

Thomas apresenta o material da seguinte forma:⁴

Em Setembro de 1932 recebi uma carta de um desconhecido, o Sr. Hatch.

Escrevia de Nelson, uma localidade situada a cerca de duzentas milhas de distância, da qual nada sabia, exceto vagas recordações de ali ter proferido uma conferência cerca de dez anos antes.

Eis algumas passagens relevantes da carta:

«Há dez anos que a minha enteada vive connosco, comigo e com a minha esposa, e o seu filho pequeno tem sido a alegria e o centro das nossas vidas.

Era particularmente inteligente e extraordinariamente afetuoso e adorável.

Há algumas semanas morreu subitamente de difteria, com dez anos de idade.

A perda é tão terrível que sentimos necessidade de perguntar se existe alguma forma de obter conforto semelhante ao relatado no seu livro *Life Beyond Death*.»

Eu desencorajei qualquer expectativa de receber mensagens; parecia-me que uma criança tão nova dificilmente conseguiria tornar-se um comunicador bem-sucedido.

⁴ Reverendo Charles Drayton Thomas, «*A Proxy Case Extending Over Eleven Sittings with Mrs. Osborne Leonard*», *Proceedings S.P.R.*, vol. XLIII, Dezembro de 1935.

Entretanto, a família permaneceu sem saber, até receber excertos da primeira sessão, que eu estava a tentar — através de métodos anteriormente bem-sucedidos em casos semelhantes — estabelecer contacto com a criança.

Foi nestas circunstâncias que levei a carta para a minha sessão de 4 de Novembro de 1932.

Num momento oportuno da sessão disse a Feda:

— Tenho um pedido muito sincero de notícias de um rapazinho chamado Bobbie Truelove.

(Por lapso de memória dei incorretamente o apelido; deveria ser Newlove. Corrigi esse erro no início da terceira sessão.)

Sugeri então que Feda segurasse a carta. Ela aceitou a ideia.

Escusado será dizer que a tinha dobrado de modo a impedir que qualquer informação pudesse ser obtida por simples observação. Além disso, observei cuidadosamente durante os poucos minutos em que esteve nas mãos da médium e verifiquei que os seus olhos não se abriram.

Segue-se uma seleção de material retirado das onze sessões realizadas para Bobbie Newlove.

Será de notar que o pai de Drayton Thomas, chamado por Feda «Sr. John», e a sua irmã Etta são apresentados como ajudando o rapazinho a comunicar.

Feda: Verifique se este rapaz tinha dores numa das mãos. Senti uma dor muito estranha na mão enquanto tocava nesta carta.

[Bobbie, que sempre fora uma criança delicada, por vezes perdia o uso da mão direita depois de acessos de riso excessivo; nessas ocasiões não se queixava de dor, mas não conseguia utilizar a mão para escrever enquanto o estado persistia.]

Feda: O rapazinho já tinha tentado entrar em contacto com eles antes.

[Os familiares escreveram: «Recebemos algumas mensagens muito vagas através de médiuns locais.»]⁵

⁵ Os breves comentários inseridos entre as citações dos registos das sessões aparecem entre parênteses rectos. Salvo indicação em contrário, baseiam-se em informações recebidas do Sr. Hatch ou da Sr.^a Newlove, quer por carta quer verbalmente quando os conheci durante as minhas visitas a Nelson em Junho e Julho de 1933. — (Rev. Thomas)

Feda: O senhor disse que ele passou para o outro lado há algumas semanas; a Feda sente que já passaram vários meses.

[Fui informado de que a criança morrera cerca de três meses antes desta sessão, em 12 de Agosto de 1932.]

Feda: Gânglios; pergunte se ele tinha algum problema nos gânglios. Quando recebo algo assim, ajuda-me a verificar se estou a contactar a pessoa certa.

[O Sr. Hatch respondeu: «Não sei se os gânglios são afectados na difteria, mas é provável.»]

Eu era igualmente ignorante, mas ao consultar livros descobri, tal como o Sr. Hatch, que os gânglios são efetivamente afetados pela difteria.

Portanto, este ponto, que não estava nem na minha mente nem na do Sr. Hatch, revelou-se correto.]

Feda: Todos os rapazes gostam de bolos e dessas coisas, mas pouco antes de passar para o outro lado tenho uma sensação de muitos bolos e muita cozinha, como se houvesse uma ocasião especial.

[Isto é vago. O único facto remotamente relevante é que, algures nos seis meses anteriores à sua morte, Bobbie e um amigo, depois de estudarem um livro de culinária, fizeram uma grande sessão de fabrico de rebuçados de caramelo.]

Feda: Estas pessoas não são muito pobres nem muito ricas; situam-se algures pelo meio. Penso que têm uma casa confortável e um ambiente agradável — a família do rapaz.

[O Sr. Hatch aceitou esta observação como uma descrição correta.]

Feda: Pergunte-lhes se o pescoço ou a garganta do rapaz foram afetados. Continuo a receber qualquer coisa relacionada com isso.

[A difteria afetou o pescoço e a garganta do rapaz, mas ele já anteriormente sofrera de amígdalas aumentadas, que teriam sido operadas se Bobbie não fosse tão delicado.]

Feda: Pouco antes de passar para o outro lado ficou muito satisfeito por ter ganho alguma coisa.

[Pouco antes da sua morte, Bobbie ficou muito satisfeito por ter obtido o primeiro lugar da turma nos exames semestrais, bem como nas classificações do período.

Nove semanas antes da morte, ganhou num concurso um saleiro em forma de cão.

Este objeto deu-lhe enorme prazer. Chamava-lhe o seu «au-au».]

Feda: A Etta diz que ele gostava muito de uma coisa que não fazia sozinho; parece envolver números, como se brincasse com algo que tinha números e fosse alternando a vez com outras pessoas. O que

quer que fosse isto dos números, gostava de fazer qualquer coisa com linhas curvas, ranhuras e linhas curvas e números; costumava fazê-lo depois do chá e ocupava bastante tempo após o chá.

[Numa feira recente teve especial sucesso numa das máquinas automáticas onde se ganhavam moedas lançando projéteis para círculos numerados.

«Não sozinho»: estava sempre acompanhado por outras pessoas e, naturalmente, revezava-se na utilização da máquina.

«Depois do chá»: fazia-o diversas vezes ao serão, após o chá.]

Feda: Brincava dentro de casa com berlindes coloridos; era qualquer coisa que faziam sobre uma mesa.

[Sim, jogava um jogo com berlindes coloridos e um padrão desenhado num cartão colocado sobre a mesa.]

Feda: O que é isto que me está a mostrar? Quer perguntar se existe uma fotografia de Bobbie numa posição bastante peculiar? Vejo-o de frente, ou quase de frente, mas com qualquer coisa à sua frente, como se houvesse uma prancha diante dele. É como se tivesse sido fotografado atrás de algo, como atrás de uma placa, de um tabuleiro ou de qualquer coisa semelhante. Na fotografia parece inclinar-se um pouco para a frente em direção a essa placa ou tabuleiro. Tenho a sensação de uma posição agachada.

[O Sr. Hatch escreve:

«Isto é verdadeiramente notável. A última fotografia que temos de Bobbie foi tirada quando estava mascarado. Está vestido de Valete de Copas, com placas à frente e atrás, como um homem-sanduíche. Na cabeça usa uma coroa semelhante à das cartas de jogar.

Não é correto dizer que estava sentado ou agachado; encontrava-se de pé.»]

Feda: Pergunte também se lhe tinham oferecido — penso que como brincadeira — qualquer coisa nova de que gostava muito de usar ou trazer na cabeça; algo redondo. Se era um boné, não tinha

pala. Costumava colocá-lo na cabeça e penso que gostava muito dele. O Sr. John está a desenhar algo exatamente como um círculo, como qualquer coisa que ele colocava na cabeça. Não tem pala nenhuma. Talvez seja melhor dizer simplesmente uma coisa redonda, nova, para usar na cabeça, de que gostava muito. Parecia considerar muito importante colocar essa coisa redonda na cabeça.

[Isto parece referir-se à coroa. Gostava tanto de a usar que a mãe tinha de o impedir de a pôr frequentemente, para que não se estragasse.]

Feda: O que é que Bobbie quer dizer acerca do nariz? O nariz dele doía?

(A mão esfrega o nariz.)

Está a fazer-me sentir como se qualquer coisa lhe tivesse magoado o nariz, de lado, perto do final da sua vida terrena. Oh, ele não pensa que isso tenha causado a sua passagem para o outro lado nem nada do género.

[O Sr. Hatch escreve:

«Bobbie estava a aprender boxe e, na última lição, o instrutor, normalmente muito cuidadoso com ele, acertou-lhe um golpe no nariz que lhe fez vir lágrimas aos olhos. Mais tarde queixou-se de que doía quando o lavava.»

Quando visitei a casa e me mostraram o pequeno diário de Bobbie, reparei que ele se referia humoristicamente ao incidente na data correspondente:

«14 de Junho. O instrutor veio. Rebentou-me o nariz.»

Isto aconteceu pouco antes da morte de Bobbie.]

Feda: Bobbie era esquisito com a comida; havia certos alimentos de que os rapazes normalmente gostam e em relação aos quais ele era muito estranho. Não gostava de determinado alimento e era muito difícil nesse aspeto. E havia qualquer coisa que lhe davam pouco antes de passar para o outro lado de que ele não gostava de todo. Era uma

das suas grandes aversões. Era um alimento perfeitamente vulgar, de que muitos rapazes gostariam, mas de que ele simplesmente não gostava. Deram-lho perto do fim da sua vida terrena.

[Perfeitamente correto. Era realmente esquisito com a comida; por exemplo, nunca tocava em compota, nem sequer em bolos que contivessem um pouco dela. Também não gostava de leite.

A mãe de Bobbie escreveu:

«O alimento que lhe davam perto do fim da sua vida terrena e que constituía a sua aversão favorita era a clara de ovo. Detestava-a e deixava-a sempre no prato, mas eu começara a insistir para que tentasse comê-la.»]

Feda: O Sr. John diz-lhe que, para um rapaz, consideraria Bobbie bastante afetuoso, sensível às palavras, às ações e até aos pensamentos das pessoas; um rapaz particularmente compreensivo. Pensa que existia uma ligação muito forte entre ele e a família. Não era propriamente um rapaz despreocupado e indiferente. Era um rapaz com muita profundidade de sentimentos e compreensão.

[Isto era verdade.]

Feda: Bobbie quer dizer qualquer coisa acerca da caligrafia. Disseram-lhe para fazer algo que o ajudaria e ele tinha tentado fazê-lo. Queria melhorar a sua escrita e tentou fazê-lo antes de passar para o outro lado. Falaram disso recentemente.

[Sr. Hatch: «Pedíamos-lhe que se esforçasse com a escrita, porque isso o atrasava na escola. Tínhamos mencionado a sua má caligrafia quando tentávamos ler o diário dele — depois da sua passagem.»]

Feda: Continua a dizer «ratos». Interessava-se por qualquer coisa relacionada com ratos e penso que outra pessoa está envolvida nisto, porque tenho a sensação de outra criança, ou jovem, que estava interessada nos ratos e tinha tanto a ver com eles como Bobbie.

[A mãe de Bobbie escreveu: «Finalmente consegui fazer averiguações acerca dos ratos. Ao que parece, Bobbie interessava-se por alguns ratos que pertenciam a um amigo. Parece que chegou a trazer alguns para nos mostrar, mas foi rapidamente mandado embora porque eu tenho medo deles. Tenho apenas uma recordação muito vaga disto, mas o amigo tem absoluta certeza.»]

Feda: O que é que me está a mostrar? Puxou um fio da parede? Bobbie fazia algumas coisas estranhas para um rapaz; veja, está a aproximar-se da parede e parece estar a desenroscar qualquer coisa e a puxar algo da parede, uma corda grossa ou um cabo, e na extremidade parece estar a prender qualquer coisa cuidadosamente. Isso é importante, aquilo que está a fazer com isso. O importante parece ser puxá-lo para fora. Trata-se de esticá-lo o mais possível e depois deixá-lo regressar à parede. É algo que parecia fazer com bastante regularidade.

[Sr. Hatch: «Isto é muito bom; no sótão tinha, entre outras coisas, um aparelho destinado a fortalecer os músculos. O importante era puxá-lo para fora e fazia-o com bastante regularidade. Trata-se evidentemente da resposta a uma pergunta anterior: “O que fazia ele no sótão além de praticar boxe?”»]

Feda: Ele diz: já vos disse que a nossa região era montanhosa? Já vos disse que vivíamos perto de colinas e que parecia que estavam sempre a subir ou a descer encostas?

Eu sabia que a região era montanhosa.

[Isto é ainda mais exato do que eu imaginava na altura; as colinas são muito mais íngremes do que eu supunha.]

Feda: Existe um lugar com C — aqui perto, um nome comprido que soa como Catelnow, Castlenow. Parecia ter duas ou três sílabas, qualquer coisa como Ca, cattle ou castle qualquer coisa.

[Sr. Hatch: «O nome indicado é semelhante a Catlow, uma pequena localidade próxima daqui. Bobbie e eu fomos lá no dia em que ele adoeceu, a última ocasião em que saiu de casa.»]

Uma das últimas entradas no diário de Bobbie, datada de 7 de Agosto, diz:

«Fui a Catlow Bottoms. Dor de garganta. Fui para a cama.»]

Numa carta recente, o Sr. Hatch escrevera:

«Bobbie costumava andar de bicicleta num jardim; pode perguntar-lhe onde?»

Coloquei então essa pergunta.

C.D.T.: Costumavas andar de bicicleta num jardim. Não consigo imaginar porque o fazias num jardim; não era o vosso jardim, pois não?

Feda: Espere um momento; pergunto-me a quem pertencia. Bicicleta através de um portão; quando chegava ao portão podia virar à esquerda por um caminho lateral e andar de bicicleta por ali, se quisesse. Penso que está outro rapaz com ele e vejo uma senhora alta. Existe algum clérigo ou ministro religioso ligado a este lugar? Não penso que viva lá e, no entanto, tenho uma impressão de clero e de ministros. Vejo uma senhora alta e outro rapaz.

[Sr. Hatch: «Isto é notável, porque o jardim referido pertence à família de um ministro religioso que morreu há cerca de três anos. A descrição é exata, exceto pelo facto de não haver outro rapaz.»]

Ao discutir este assunto com a família, soube que uma «senhora alta» vivia efetivamente ali; por conseguinte, esse detalhe também estava correto.

Como explicar a referência a outro rapaz, que aparentemente não se aplicava a esse jardim?

Depois de escrever o que antecede, recebi a seguinte nota em resposta à minha pergunta:

«Outro rapaz com ele, e vejo uma senhora alta.» Descobrimos, desde que nos fez essa pergunta, que houve apenas uma ocasião em que Bobbie quis levar outro rapaz consigo para esse jardim. A

proprietária, porém, não o permitiu, porque receava, naturalmente, que, se autorizasse um, viesse a ser pressionada a autorizar outros e o jardim acabasse cheio de crianças.

Esse outro rapaz não entrou no jardim; foi apenas até ao portão, enquanto Bobbie tentava obter autorização para o deixar entrar.

Em nenhuma outra ocasião Bobbie levou consigo um rapaz para esse jardim e nenhum outro amigo da família ali foi.

Foi a própria proprietária do jardim quem me contou isto.»

A informação seguinte foi considerada por Drayton Thomas altamente probatória.

Numa sessão inicial foram mencionados certos «canos» (*pipes*) como fonte de infeção e parece ter surgido, inteiramente da parte dos comunicadores, uma teoria segundo a qual essa infeção teria enfraquecido Bobbie, contribuindo para que viesse a morrer de difteria.

Quando Thomas percebeu que esta ideia estava a emergir do material de transe, considerou-a um verdadeiro desafio e resolveu descobrir exatamente o que Bobbie queria dizer com os «canos».

Decidiu seguir todas as pistas até esclarecer completamente o assunto.

Escreve:

A questão mais desconcertante relacionada com o problema dos canos prende-se com a dificuldade que os comunicadores sentiram para transmitir aquilo que sabiam.

É evidente que conheciam os factos durante os seis meses que decorreram entre a primeira alusão e a nossa descoberta final. E não existe razão para duvidar do desejo que tinham de os tornar claros.

Porque não puderam então enunciar os factos numa única frase curta, como:

«Bobbie brincava junto dos canos onde brotam as nascentes nas Alturas»?

Foi essa a pergunta que fiz ao meu pai depois de o mistério ter sido resolvido.

A resposta dele, que abre toda a questão do *modus operandi*, foi, em substância, a seguinte:

A dificuldade residia na necessidade de encaixar a informação, de conseguir ajustá-la, no momento oportuno, ao cérebro da médium, quer diretamente quer através de Feda.

As várias partes de qualquer mensagem que desejamos transmitir podem ser comparadas às peças separadas de um puzzle.

«Eu gostaria», disse ele, «de começar pela peça que me permitiria avançar metodicamente, mas posso descobrir que não consigo transmiti-la a Feda ou que Feda não consegue transmiti-la à médium. Por isso tenho de fornecer apenas aquilo que, naquele momento, consegue encaixar-se...

Aquilo que espero transmitir tem de harmonizar-se ou associar-se ao que está mais presente no cérebro da médium; caso contrário, não conseguirei ligá-lo nem encaixá-lo de forma a que seja recebido.

Tudo acontece segundo as leis da associação.

O cérebro não recebe aquilo que, naquele momento, lhe é inadequado.

Muitas vezes desejo falar de um determinado assunto, mas não consigo.»

Como apenas fragmentos de informação sobre os canos surgiam em cada sessão, Thomas passou a considerá-los pistas e trabalhou sobre elas como quem tenta resolver um mistério policial.

Thomas separou todas essas pistas do corpo principal das transcrições das sessões de Bobbie Newlove.

Aparecem, com algumas supressões, da seguinte forma:

O PROBLEMA DOS CANOS

Segunda Sessão, 18 de Novembro de 1932

Feda: Disse à família de Bobbie alguma coisa acerca da impressão que tive dele aqui?

(A mão toca na garganta da médium.)

C.D.T.: Sim, isso estava correto, problemas de garganta; ele morreu de difteria...

Feda: Etta diz: não penso que tenha sido apenas isso. Pergunto-me se ele não terá tido alguma coisa, para além da difteria, talvez antes da difteria, que tenha representado um esforço considerável para o coração e o tenha enfraquecido de algum modo, de forma que a difteria acabou por ser demasiado para ele. Talvez consiga descobrir isso. Se não fosse essa condição cardíaca, a difteria não teria sido demasiado grave para ele. Existiu qualquer coisa que enfraqueceu o organismo antes; ela tem uma impressão muito forte disso.

[O Sr. Hatch escreve:

«Sim, a doença começou com amigdalite e evoluiu para quinsy [abcesso periamigdaliano], e sem dúvida que isso enfraqueceu o coração.»

Aparentemente, Etta queria referir-se a algo mais do que isso.]

Terceira Sessão, 2 de Dezembro de 1932

Feda: Pergunte se conseguem localizar qualquer coisa ocorrida nove semanas antes; algo que, na altura, talvez não parecesse importante. Agora é preciso ter cuidado com isto: nove semanas antes de Bobbie passar para o outro lado aconteceu qualquer coisa que deveria ter sido muito significativa e que tinha ligação com a sua morte.

C.D.T.: Suponho que não consiga resumir isso numa única palavra?

Feda: Vou ver se consigo resumir aquilo que sinto. Espere um pouco... «canos, canos»; bem, ele diz apenas isto: «canos». Essa palavra deve ser suficiente. Deixe ficar assim.

[O Sr. Hatch escreve:

«Não conseguimos encontrar qualquer ligação.»]

Nas sessões seguintes este assunto foi repetidamente retomado e a palavra «canos» tornou-se o nosso termo para designá-lo.

Só durante a minha visita a Nelson, em Junho de 1933, encontrámos qualquer justificação para essa palavra.

Foi então, ao saber que Bobbie mantinha um diário, que pedi para o consultar e fui imediatamente à data correspondente a nove semanas antes da sua morte, para verificar se existia algo relevante.

A procura foi bem-sucedida.

Na data de 15 de Junho encontrei as palavras:

«Entrei para o grupo.»

Perguntei o que significava esse «grupo» e soube que se tratava de uma sociedade secreta formada por Bobbie e um ou dois amigos; gostavam de brincar às aventuras e tinham escolhido como local de encontro uma zona chamada «as Alturas» (*the Heights*).

Quarta Sessão, 13 de Janeiro de 1933

Feda: Bobbie pensa constantemente que existiu qualquer coisa anterior que o deixou vulnerável e o levou a apanhar a doença. Não percebo o que queres dizer, Bobbie; dizes que apanhaste isso dos canos.

C.D.T.: Isso é curioso, porque o meu pai já tinha dito isso anteriormente e a família de Bobbie não consegue encontrar qualquer ligação com canos.

Feda: Penso que Bobbie é um rapaz muito lúcido; parece muito inteligente.

[O Sr. Hatch respondeu:

«Não sabemos. Penso que é muito improvável que Bobbie tivesse ouvido dizer que alguém podia contrair a doença através de canos.»]

Quinta Sessão, 27 de Janeiro de 1933

C.D.T.: Etta, acerca dos «canos». A família de Bobbie continua sem conseguir identificá-los. Se Bobbie lhes pudesse dizer alguma coisa acerca dos canos, isso seria muito interessante.

Feda: Não foi em casa dele. Não foi num lugar onde estivesse regularmente. Existia um local onde ele ia e onde introduziu no organismo essa condição venenosa — onde infetou o seu organismo.

Tenho a sensação de que, onde quer que esse lugar fosse, havia animais a que chamam gado. O Sr. John diz para dar especial importância a isto. Tenho absoluta certeza. E, no entanto, a família dele poderá dizer, quando ler isto pela primeira vez, que ele nunca foi a um lugar onde existissem tais animais. Mas foi. Sabemos que estamos certos neste assunto e que, se as averiguações forem prosseguidas calmamente, isso acabará por vir à luz.

Antes ou depois de Bobbie ter contraído a infeção ali — pensamos que depois — foi feito algo para aparentemente melhorar as condições desses «canos». Alguma coisa foi alterada e isso provavelmente melhorou agora a situação, tornando-a mais segura; antes era certamente insegura.

Note-se como as observações acima se ajustam aos factos seguintes. Em 1 de Julho de 1933 visitei «as Alturas» (*the Heights*) na companhia da família.

Primeiro inspecionámos as partes inferiores do terreno e depois explorámos uma pedreira abandonada e coberta de vegetação, conhecida localmente como *the Delf*.

Ao sair desse local reparei num barracão um pouco mais acima da colina e perto da estrada que delimita a área pela parte superior. Ao aproximarmo-nos do barracão, o terreno apresentava vestígios de animais e era visível feno no interior. Examinámo-lo, portanto, e verificámos que uma das extremidades era utilizada como estábulo, enquanto a outra continha reservas de feno e palha para cama dos animais.

Uma das extremidades estava aberta e esse facto despertou interesse, pois uma das pistas recebidas era «uma extremidade aberta». Na realidade, este barracão correspondia, em vários aspetos, às descrições fornecidas durante as sessões, tal como a área circundante.

Enquanto ali estávamos, aproximou-se uma mulher. Fiz um comentário acerca da bela vista; ela respondeu adequadamente e iniciámos conversa. Como o enigma dos «canos» continuava a ocupar-me o pensamento, perguntei-lhe se sabia se as crianças costumavam brincar na pedreira.

Respondeu que sim e que por vezes faziam estragos; entre outras travessuras, tinham «partido o cano».

A menção de um cano em ligação com aquele local, para o qual as descrições de Bobbie nos tinham conduzido e que já sabíamos corresponder em vários aspetos a essas descrições, deu-nos esperança de estarmos na pista certa.

Novas perguntas revelaram que existia uma nascente a meia encosta, onde a água saía por um cano. Acrescentou que agora tinham ligação à água da rede pública da cidade e já não dependiam desse cano. Fiquei com a impressão de que essa alteração tinha sido feita alguns anos antes.

Descemos então a encosta para observar a nascente.

A água brotava da encosta ao lado do cano deslocado, um tubo de ferro com vários pés de comprimento. Depois de passar pelo cano, a água escorria pela encosta através de um pequeno sulco que ela própria abria.

Tínhamos descoberto um cano e ele encontrava-se precisamente no local para onde as pistas das sessões nos tinham conduzido.

Não vimos qualquer segundo cano e não conseguimos compreender porque era utilizada a forma plural.

A descoberta deste cano ficou a dever-se inteiramente ao encontro com a nossa informadora. É improvável que tivéssemos visto a nascente e o seu cano sem a observação dela, pois visitáramos a mesma área alguns dias antes sem suspeitar da sua existência.

O cano encontra-se num local discreto e não é visível até se chegar muito perto dele, estando oculto pela configuração do terreno.

Uma carta do Sr. Hatch, datada de 27 de Setembro de 1933, dizia:

Desde a sua visita em Junho tenho ido às Alturas várias vezes e, numa dessas ocasiões, encontrei água a correr de outro cano numa direção completamente diferente da do primeiro, embora quase tão próximo da *Delf* como ele — a cerca de três minutos de caminhada.

Este cano projeta-se sobre uma espécie de tanque cheio de água e encontra-se escondido no final de um caminho pedonal.

O Sr. Burrows e eu fizemos essa descoberta.

Assim, a expressão «os canos», utilizada pelos comunicadores desde 2 de Dezembro de 1932, veio a ser justificada, em Setembro seguinte, pela descoberta de dois canos situados na proximidade imediata do local frequentado por Bobbie e pelo seu amigo.

Tendo assim antecipado o final da história, regressemos à sessão de Janeiro de 1933.

Feda: Os animais serão a melhor pista. Ele compreende, pelo que Bobbie lhe transmite — diz que Bobbie parece sugerir-lhe que os pais não conheciam tão bem este local ou não o frequentavam tanto como ele.

[«Os animais serão a melhor pista.» Sim, foi precisamente a visão dos rastros dos animais que nos levou a examinar o barracão.

«Os pais não conheciam tão bem este local.» De facto, nunca o tinham visto.

Bobbie levou uma vez a mãe para observar as Alturas a partir da estrada inferior, mas, verificando que a caminhada seria longa e estando o tempo desagradável, regressaram a casa.]

Feda: Havia outro rapaz envolvido nisto, que frequentava este lugar e que parecia ser a razão pela qual Bobbie lá ia.

[«Outro rapaz.» Sim, o «grupo» era constituído por Bobbie e o seu amigo Jack, e tinham escolhido aquele local como base das suas atividades.

Numa carta datada de 8 de Novembro de 1933, o Sr. Hatch escreveu:

«Disse-lhe que interroguei Jack acerca do cano que encontrámos primeiro nas Alturas e que ele admitiu que ele e Bobbie brincavam com a água?»]

Sexta Sessão, 16 de Fevereiro de 1933

Feda: Estou a receber um nome estranho; soa a Feda como Bentley. Isto é o que ele chama uma pista para o assunto.

Bentley e Stoo, qualquer coisa, Stock, Stop, começa por Stoo.

Feda: Está a tentar mostrar-me — fazer-me sentir — uma cidade, não uma cidade bonita, cheia de ruas, sabe, ruas cheias de pessoas feias que nada sabem acerca da Feda.

C.D.T.: Quer dizer ruas e casas feias, não pessoas.

Feda: Não, pessoas feias, não as ruas; veja, elas não sabem nada da Feda nem deste assunto. E estão a descer uma colina onde existem lojas e casas; descem essa colina e chegam a um cruzamento. Penso que existe uma grande estação ali, porque há uma ponte logo a seguir àquela curva.

Uma das estradas do cruzamento conduz a uma ponte escura por onde passam comboios que fazem aquilo a que chamam «expectorar», assim, ch—ch—ch, e lançam faúlhas e coisas desse género. Uma senhora disse à Feda que a palavra certa era «spectorating».

E depois, se não virar para o lado onde estão os elétricos, segue em frente e sobe uma colina do outro lado. Vejo Bobbie a subir essa colina e sigo atrás dele. Está a afastar-se um pouco da parte urbana; aproxima-se mais de casas e menos de lojas, tudo parece mais limpo e há menos dessas pessoas pobres e miseráveis. Parece um lugar mais luminoso.

Oh! Agora estou novamente a receber o nome que soa como Ben ou Bentley.

[O Sr. Hatch respondeu que a descrição da cidade era boa.

Bentley Street ficava junto da escola de Bobbie.

Os *Stocks* — antigos instrumentos de castigo utilizados para malfeitores — encontravam-se mais acima da colina, na direção das Alturas.]

Décima Sessão, 19 de Maio de 1933

C.D.T.: Bobbie, vou aí dentro de cerca de um mês; se eu quisesse ir ao local onde estão os canos e partisse da estação ferroviária, sabe o que deveria fazer? Subiria a colina passando pela tua casa; e depois de passar a tua casa e continuar um pouco a subir, o que deveria fazer? Estou a seguir a direção certa?

Feda: Sim, e existe outro caminho, passando pela escola. Ele diz que eu deveria passar pela casa e continuar sempre em frente.

C.D.T.: Sim, e o que devo procurar? O lugar fica na estrada principal ou tenho de virar nalgum ponto?

Feda: Parece ficar à direita. Não penso que esteja muito longe da estrada principal; penso que fica mesmo junto dela.

[A minha pergunta baseava-se num esboço cartográfico enviado pelo Sr. Hatch para ilustrar uma sessão anterior.

Pretendia fornecer a Bobbie um ponto de partida a partir do qual pudesse descrever o caminho para os canos.

Acontece que o percurso que sugeri era inteiramente correto, pois constitui uma das formas de chegar a Marsden Heights.]

«Outra forma de lá chegar passa pela escola»; isto está correcto.

«Virar à direita»; correcto. Passa-se pela igreja durante alguma distância e depois sobe-se por uma pequena rua sem saída à direita. Um portão no seu extremo dá acesso às Alturas.

Vimos que a informação fornecida acerca da existência e da localização destes canos estava correcta. Consideremos agora se havia fundamento para a opinião, expressa com tanta confiança, de que a morte de Bobbie poderia ser atribuída aos canos.

A água que brota da encosta é pura, mas cai em poças, uma das quais se encontra na encosta aberta, onde seria visitada por aves selvagens, aves domésticas e outros animais.

A meu pedido, o Delegado de Saúde de Brierfield, Dr. J. Strachan Wilson, M.B., C.M., visitou o local. Posteriormente enviou-me o seguinte relatório:

**Town Hall, Brierfield,
Lancashire, 21 de Fevereiro de 1934**

Caro Senhor,

Acuso a receção da sua carta do dia 10 do corrente, relativa às nascentes de Marsden Heights.

O Sr. Haigh, Inspetor Sanitário, e eu visitámos as duas nascentes que menciona. A água acumulada em ambas as poças está manifestamente sujeita à contaminação por águas superficiais e não é adequada para consumo.

Qualquer pessoa, criança ou adulto, poderia desenvolver uma infecção ligeira ou mesmo aguda ao beber essa água.

Mandámos analisar amostras da água que brota da encosta em ambos os casos e a análise demonstrou que a água proveniente das duas fontes é adequada para consumo.

Com os melhores cumprimentos,

J. S. Wilson

Delegado de Saúde

Este parecer acerca das poças onde a água dos canos se acumula é decisivo.

Temos a certeza de que Bobbie brincou frequentemente junto dessa água durante várias semanas; depois surgiu uma doença que, começando por amigdalite, evoluiu para quinsy (abscesso periamigdaliano) e depois para a difteria que acabou por vencê-lo.

Jack, o amigo de Bobbie, afirma que eles «brincavam com a água».

Um rapaz que brincasse com a água à medida que ela saía do cano dificilmente evitaria molhar as mãos na poça contaminada situada abaixo.

Essas mãos molhadas poderiam facilmente transportar a infecção para a boca, quer ao limpar-se a um lenço, quer ao usá-las em concha para beber água diretamente do cano.

Bobbie vivia numa zona saudável de Nelson e, segundo me informaram os Delegados de Saúde locais, existiam nessa época apenas mais dois casos de difteria em Nelson e quatro na área de Brierfield.

Aqui termina a nossa informação segura.

Os comunicadores podem ter estado certos ou não ao concluir que a morte de Bobbie foi causada direta ou indiretamente pelas suas brincadeiras com aquela água.

O que torna este episódio verdadeiramente notável do ponto de vista probatório é que os membros da família de Bobbie ignoravam completamente estes factos e que a única pessoa que os conhecia, além do próprio Bobbie, era o seu companheiro Jack — certamente uma fonte muito pouco promissora e improvável de informação telepática sobre o assunto.

No entanto, a existência dessa água foi afirmada e reafirmada durante um período de seis meses e os canos acabaram por ser descobertos graças ao seguimento das pistas fornecidas.

Não havia na Terra qualquer pessoa que conhecesse simultaneamente os dois factos tão enfática e continuamente entrelaçados nas sessões, a saber:

1. Que Bobbie brincava com a água nas Alturas;
2. Que eu estava a tentar obter dele mensagens para a sua família.

Estes dois factos eram, contudo, conhecidos por alguma inteligência muito perspicaz algures, que deles se serviu durante um período de seis meses perante a incredulidade da família de Bobbie e a nossa incapacidade de compreender.

Este conhecimento acerca dos canos — que se revelou exato — não podia ter vindo por telepatia do círculo familiar de Bobbie, porque ninguém ali sabia da existência dos canos.

Por outro lado, os membros do «grupo» não faziam ideia de que Bobbie se teria prejudicado ao brincar com aquela água, nem sabiam que eu procurava obter mensagens dele.

De onde veio então o conhecimento tão claramente demonstrado?

Veio de mentes na Terra?

Sem dúvida que muitas pessoas sabiam da existência daqueles canos nas Alturas; mas é certo que nenhuma delas suspeitou alguma vez de que eu estava a realizar sessões em nome da família de Bobbie.

Esse facto era conhecido apenas por algumas poucas pessoas do círculo de Bobbie.

As únicas outras pessoas que o sabiam — a minha estenógrafa, a minha esposa e eu — desconheciam a existência das Alturas.

Não havia uma única pessoa que conhecesse simultaneamente os dois factos: que os canos existiam e que eu estava a investigar o caso de Bobbie.

De onde veio então a informação?

É um problema que recomendo à atenção daqueles que possam hesitar em partilhar a minha convicção de que Bobbie Newlove e os seus amigos do Além forneceram as mensagens.

As conclusões de Drayton Thomas foram contestadas em várias cartas publicadas no *Journal of the Society for Psychical Research*.

O Barão Alfred de Winterstein estava convencido de que o autor subestimava

«as possibilidades da leitura mental, especialmente a faculdade que certos médiuns possuem de utilizar o inconsciente do participante como ponte para alcançar os pensamentos de pessoas distantes e desconhecidas.

Sinto falta, portanto, de uma consideração adequada da pessoa de Jack, amigo de Bobbie, como fonte de informação telepática sobre o assunto...

Pode imaginar-se — e talvez até comprovar-se — que o rapaz tenha falado com outras pessoas acerca da morte do seu amigo Bobbie e mencionado nessa ocasião que ele e Bobbie tinham brincado com a água nas Alturas.

Será realmente impossível que alguém (por exemplo, um médico) tenha então suspeitado de uma ligação entre esses dois factos, talvez na presença do rapaz, embora o autor afirme de forma tão categórica que ninguém na Terra tinha a mais leve suspeita de que a afeção da garganta pudesse ser atribuída à água contaminada?

Do mesmo modo, eu não seria tão precipitado ao afirmar que os membros do “grupo” não poderiam ter qualquer ideia de que Bobbie se prejudicara ao brincar com a água...»

Eric J. Dingwall escreveu que, após ter efetuado um estudo muito cuidadoso do Caso Newlove,

«encontro pouca ou nenhuma evidência de algo “supranormal”. A verificação varia conforme a engenhosidade do anotador; e é muito interessante observar com que esforços e com que sucesso o controlador faz uso da escassa informação fornecida pelos participantes.

Neste aspeto, a transformação dos esgotos em canos, com a prestimosa ajuda do Sr. Thomas, permanecerá, penso eu, como um exemplo clássico de um princípio que suspeito atravessar todos os fenómenos mentais, a saber, que é o participante quem produz os resultados, e não a médium.»

E. B. Gibbes respondeu:

«Tendo em conta os numerosos registos existentes em que um médium forneceu informações desconhecidas de todas as pessoas presentes na sessão, considero a observação do Dr. Dingwall a mais absurda que alguma vez li.»

Mas S. G. Soal declarou encontrar-se substancialmente de acordo com o Dr. Dingwall.

«Em primeiro lugar, não existe demonstração satisfatória de que os canos em questão tenham tido qualquer relação com a morte do rapaz.

Além disso, canos do tipo descrito pelo Sr. Thomas são extremamente comuns em regiões montanhosas e sinto-me confiante de que, se o Sr. Thomas tivesse aplicado as descrições vagas de Feda ao caso de outro rapaz morto de difteria noutra região, o seu entusiasmo tê-lo-ia conduzido inevitavelmente à descoberta de canos suspeitos e, possivelmente, de águas superficiais contaminadas para as quais esses canos habitualmente vertem. ...»

Soal prosseguiu:

«Na verdade, quase a única questão que considero intrigante no estudo destes registos vagos é o problema de saber como a Sr.^a Leonard obteve os nomes “Bentley” e a aproximação bastante aceitável ao nome “Catlow”.

Seria prematuro, contudo, concluir que estes nomes indicam conhecimento supranormal por parte da médium.

Pelo que sabemos, ruas chamadas “Bentley” podem ser bastante comuns nas cidades do Norte ou das Midlands; em todo o caso, cabe ao Sr. Thomas demonstrar que não o são.

Mas ocorre-me outra possibilidade.

Compreendo que o Sr. Thomas visitara Nelson em algum ano anterior às sessões. Não poderão os nomes Bentley Street e Catlow ter sido mencionados casualmente na sua presença — por exemplo, por duas pessoas em conversa ao alcance da sua audição?

Ora, se a Sr.^a Leonard pronunciou nomes que, sob certos aspetos, soavam como Bentley e Catelnow, não me parece impossível que associações subconscientes latentes na mente do Sr. Thomas tenham provocado uma ilusão auditiva que o levou a imaginar que as palavras ouvidas eram “Bentley” e “Catelnow”.

Tais ilusões são muito comuns entre pessoas com audição normal...»

Drayton Thomas respondeu à sugestão de ilusão auditiva nos nomes «Bentley» e «Catelnow», demonstrando que todos os seus registos neste caso tinham sido tomados por uma estenógrafa especializada, que os escrevera tal como os ouvira pronunciar.

Outra série por procurador, muito considerada pelos investigadores psíquicos devido às provas que produziu, foi conduzida por Drayton Thomas para o Professor E. R. Dodds, que lhe pedira que atuasse como interlocutor por procuração para uma amiga. Quando Thomas compareceu à primeira sessão com a Sr.^a Leonard, sabia

apenas que a pessoa de quem se pretendia obter comunicação era Frederic William Macaulay, de Birmingham, falecido em 20 de maio de 1933, e que a sua filha Emma (Sr.^a Wilfred Stanley Lewis) solicitara as informações. As sessões em que o alegado Macaulay comunicou tiveram lugar durante o verão de 1936 e o inverno de 1937. A transcrição do material foi publicada em 1939.⁶

As informações recebidas levaram a filha de Macaulay a ficar convencida de que era o pai quem estava a ser descrito. Referências ao seu trabalho, às ferramentas que utilizava, à sua mesa de desenho e ao seu escritório indicavam que o comunicador fora engenheiro hidráulico, o que Macaulay efetivamente era. Foram fornecidas descrições e iniciais ou primeiros nomes de vários dos seus melhores amigos e colegas de trabalho. O estado da sua saúde durante os últimos anos de vida e a situação dos seus assuntos pessoais foram descritos corretamente.

Seguem-se algumas respostas que pareceram à filha de Macaulay particularmente aplicáveis ao seu pai.

Data da sessão: 21 de agosto de 1936

Feda. Há também um John e um Harry, ambos com ele. E Race... Rice... Riss... talvez seja Reece, mas soa como Riss, e Francis. Estes são todos nomes de pessoas que estiveram ligadas a ele ou associadas a ele no passado, relacionados com tempos felizes. Tenho a sensação de um lar ativo e movimentado no qual ele era bastante feliz.

[Comentário da Sr.^a Lewis: Esta é uma passagem muito curiosa, considerada em conjunto com «estão relacionados com tempos bastante felizes. Tenho a sensação de um lar ativo e movimentado no qual ele era bastante feliz». Provavelmente o período mais feliz da vida do meu pai foi nos quatro ou cinco anos anteriores à guerra, quando nós, os seus cinco filhos, estávamos todos na escola e a casa se enchia dos nossos amigos durante as férias. John, Harry e Francis podem ter sido três deles. Francis está certamente morto — não sei quanto a John e Harry. Mas a passagem mais interessante é «Talvez seja Reece, mas soa como Riss». Isto faz-me recuar a uma piada familiar desses dias anteriores à guerra. O meu irmão mais velho

estudava em Shrewsbury e aí desenvolveu uma espécie de culto de admiração por um dos «Tweaks» (alunos do sexto ano) chamado Rees. Escreveu várias vezes para casa acerca dele e chamava sempre a atenção para o facto de o nome se escrever «Rees» e não «Reece». Durante as férias, a minha irmã e eu costumávamos provocá-lo cantando «Não é Reece, mas Riss», até o meu pai nos mandar parar, explicando como a admiração heroica de um rapaz jovem era algo sensível. Penso que Rees morreu na Grande Guerra. Nunca esteve em nossa casa, mas apontavam-no cuidadosamente sempre que estávamos em Shrewsbury. Esta referência Reece-Riss é bastante característica de outras sessões que tive, nas quais foram feitas pequenas referências curiosas a assuntos menores que, ainda assim, são importantes em relação ao meu pai.]

Data da sessão: 25 de setembro de 1936

Feda. Este senhor teria dores nos membros? Tenho uma sensação de rigidez e dores nos membros. Algo de que sofria nos últimos anos da sua vida.

[Estes eram sintomas da sua última doença.]

Feda. Também tenho uma sensação estranha numa das mãos. Perguntará à filha dele se havia algo numa das mãos que por vezes lhe causava incómodo? Algo que não estava bem numa das mãos. Tenho a sensação de que fez algo a uma das mãos que a tornou um pouco diferente da mão de uma pessoa comum.

[Cerca de um ano antes da sua morte teve uma grave infecção sanguínea numa das mãos. Creio que ela ficou sempre sensível depois disso.]

Feda. Agora recebo uma palavra estranha... teria ele interesse em... banhos de algum tipo? Ah, ele diz que encontrei a palavra certa, banhos. Soletro B A N H O S. A filha compreenderá, diz ele. Não é algo completamente vulgar; parece algo especial.

[Para mim, esta é a coisa mais interessante que surgiu até agora. Os banhos foram sempre motivo de brincadeira na nossa família — o meu pai insistia muito que não se devia desperdiçar água tomando

banhos demasiado grandes ou deixando as torneiras a pingar. É difícil explicar quão íntimo me parece este detalhe. Um ou dois anos antes da sua morte, o meu pai participou numa emissão radiofónica da Midland Children's Hour sobre o «Abastecimento de Água», e os seus cinco filhos ficaram encantados ao ouvir no rádio as familiares advertências acerca dos grandes banhos desperdiçadores e das torneiras a pingar. A menção aos banhos parece-me também uma indicação do humor peculiar do meu pai, uma característica que até agora estivera ausente.]

Feda. O que é «thate»?... Peggy... Peggy... Pugey... está a dar-me um pequeno nome como Puggy ou Peggy. Parece um nome especial, uma alcunha carinhosa, e penso que é algo que a filha reconhecerá. Puggy, Puggy ou Peggy. Penso que termina em «y».

[O meu pai chamava-me por vezes «pug-nose» ou «Puggy».]

Dos 94 elementos fornecidos durante quatro sessões, este comunicador teve êxito em 70 ocasiões. Tal proporção de exatidão — 74,4 por cento — coloca o resultado muito para além de qualquer atribuição ao acaso.

O caso de Gibbie, que se segue, foi considerado por Drayton Thomas uma indicação de precognição.

24 de julho de 1936

Feda. Tenho a sensação de outra senhora, não a filha dele, intimamente relacionada com ele; parece-me mais uma irmã, e está na Terra. Ele está a ajudar — não exatamente a ela — mas está a ajudar em algo relacionado com ela, algo que deseja fazer em ligação com ela, influenciá-la e ajudá-la, e conseguirá fazê-lo. Gostaria que dissesse isso à filha; parece pensar que ela compreenderá o que quer dizer.

[A Sr.^a Lewis escreveu ao Professor Dodds: «Isto sugere fortemente referência a uma situação específica que me está a causar grande ansiedade neste momento.»]

21 de agosto de 1936

Tenho a seguinte mensagem, sugerida pelo Professor Dodds:

C.D.T. A sua filha pensa que a senhora de quem falou é Gibbie. Está muito preocupada com a situação de Gibbie. Pode aconselhá-la acerca disso?

Feda. Sim, sim, é Gibbie. Gibbie não está a facilitar a ajuda de ninguém. Não é apenas a situação em torno de Gibbie que é difícil; a própria Gibbie não está a facilitar, não está a ajudar os outros a ajudá-la. Ele não quer que a filha faça nada neste momento. Tem uma impressão muito forte — e aqui gostaria de ser cauteloso e dizer que tem a impressão de que dentro de cerca de quinze dias haverá um alívio da situação, uma oportunidade para a filha verificar se algo pode ser feito, mas que não se mova até lá. Existem algumas condições difíceis em torno de Gibbie, não inteiramente dela, mas a condição difícil de alguém, algo que precisa de ser vencido.

[Numa carta posterior, datada de 6 de outubro de 1936, a Sr.^a Lewis acrescentou: «Talvez se recorde de que perguntei se podia fazer alguma coisa relativamente à situação de Gibbie e me foi dito que deixasse as coisas seguirem o seu curso, porque havia sinais de que melhoraria por si mesma nas semanas seguintes. Francamente, não julgava isso possível, mas na realidade o milagre aconteceu.»]

Temos, assim, o facto significativo de que, na terceira sessão, o comunicador expressou a opinião de que determinada situação melhoraria em breve. A Sr.^a Lewis considerava isso impossível, mas sete semanas após a previsão ter sido feita escreveu que «o milagre aconteceu». Podemos, portanto, concluir que o comunicador sabia algo que a filha não sabia; a sua previsão baseava-se em informações às quais a Sr.^a Lewis não tinha acesso no momento em que foram transmitidas.

A Primeira Sr.^a Lewis

Na carta do Professor Dodds, datada de 2 de dezembro de 1936, perguntava-se se eu tentaria obter mensagens da primeira esposa do Professor Lewis.

Durante a quinta sessão, em 22 de janeiro de 1937, Feda dissera: «Ele está muito ansioso por que eu descreva alguém que está com ele.» Seguiram-se dez pormenores sobre rosto, figura e vestuário. Comentando isto, o Professor Lewis escreveu mais tarde: «Esta é uma descrição bastante fiel da minha primeira esposa quanto à estatura, formato do rosto, coloração e estilo de penteado.» Como nessa altura eu não suspeitava que a referência fosse à primeira Sr.^a Lewis e tinha presente o pedido acima mencionado, aproveitei mais tarde a oportunidade para perguntar se o Sr. Macaulay traria a primeira Sr.^a Lewis. Ele concordou.

Outros interesses ocuparam-me durante as quatro sessões seguintes, e só pouco antes da sessão de 5 de março de 1937 pedi mentalmente à primeira Sr.^a Lewis que estivesse presente e transmitisse mensagens ao marido. Tinham decorrido três meses desde que ela fora mencionada na presença da Sr.^a Leonard.

Dos elementos fornecidos por esta comunicadora, os seguintes foram os melhores. (As anotações pertencem ao Professor Lewis.)

Data da sessão: 5 de março de 1937

Feda. Algo importante aconteceu há cerca de vinte anos, uma ligação entre ambos, que os levou a ficar juntos.

[Casámo-nos em 1918.]

Feda. O nome Platt está ligado aos tempos antigos; não é importante, mas relaciona-se com uma época em que ela estava na Terra.

[Um Sr. Platt, conhecido dela, estudou comigo no colégio entre 1910 e 1913.]

Feda. Ela menciona isto porque o marido leu muito recentemente algo em que o nome Platt aparece com grande destaque, mas sem ligação ao Platt de há muitos anos.

[Outro Platt, desconhecido dela mas conhecido por mim e aluno posterior do mesmo colégio, que ela conhecia bem, escreveu um livro

sobre mapas geológicos. Tenho preparado recentemente aulas que exigem referência a esse livro.]

Data da sessão: 2 de abril de 1937

Feda. Ela guarda recordações muito felizes ligadas a ele (Professor Lewis) e a um lugar «S», bastante distante da sua residência atual. Um lugar cujo nome soa como Soam... Sum... Tenho um som de «M» nele. É melhor não tentar obter mais do que o «S».

[Ficámos noivos numa pequena aldeia chamada Swindon, nos arredores de Cheltenham.]

Data da sessão: 18 de junho de 1937

Feda. Estou a regressar a uma ponte, há muitos anos, ao entardecer, em abril; o nome William surge muito na memória; um momento e circunstâncias especiais que foram importantes.

[Pedi a minha primeira esposa em casamento numa ponte, numa noite de abril, há vinte e cinco anos. Existiam certas dificuldades relacionadas com o pai dela, que atrasaram a aceitação, e o nome do pai era William.]

Deve notar-se que o excerto acima se refere a cinco factos, todos estreitamente ligados a uma única ocasião, e todos reconhecidos como corretos.

Apesar dos êxitos acima citados, o resultado global foi fraco.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Elementos fornecidos pela Sr.^a Lewis em três sessões:

Corretos – 14

Bons – 4

Razoáveis – 6

Duvidosos – 19

Fracos – 0

Errados – 4

Número de elementos: 47

Êxitos: 51 por cento.

24 23

Como observação final acerca de toda a série de sessões, Drayton Thomas afirma:

O último refúgio do cético é a hipótese de que nenhuma afirmação precisa de ser atribuída a uma inteligência desencarnada se disser respeito a algo conhecido, naquele momento, por alguém, em qualquer lugar da Terra.

Quanto a isso, que acreditem aqueles que conseguirem!

⁶ C. Drayton Thomas, «A Proxy Experiment of Significant Success», *Proceedings S.P.R.*, vol. XLV, julho de 1939, p. 257.

O Professor E. R. Dodds, a quem foi pedido que acrescentasse algumas palavras do seu ponto de vista pessoal, não concordava inteiramente. Contudo, afirmou:

Parece-me que as hipóteses de fraude, inferência racional a partir de factos revelados, telepatia proveniente do interlocutor presente e coincidência não conseguem, quer isoladamente quer em conjunto, explicar os resultados obtidos.

Apenas foram fornecidas ao interlocutor e à médium informações mínimas, e isso através de um canal indireto. Até depois da primeira sessão (na qual surgiu uma quantidade substancial de material verídico), a médium não teve oportunidade de iniciar averiguações; e, embora pudesse então, em teoria, recorrer a anúncios necrológicos e a uma agência privada de investigações, não consigo imaginar como poderia ter obtido elementos como «Reece-Riss», «Puggy» ou a referência à conversa privada do Professor Lewis numa ponte vinte e cinco anos antes.

É igualmente inacreditável para mim que todos esses elementos tenham sido meros golpes de sorte.

Se estas hipóteses forem excluídas, a experiência parece apresentar-nos (e esta é a sua importância) uma clara alternativa: a Sr.^a Leonard teve, nesta ocasião, acesso supranormal ou (a) a alguns dos pensamentos de uma ou mais pessoas vivas que nunca tiveram qualquer comunicação com ela ou com o interlocutor, ou então (b) a alguns dos pensamentos de uma mente ou de mentes que não pertenciam a uma pessoa viva.

(Formulo a segunda alternativa desta forma negativa porque não disponho de meios para definir a natureza ou o estatuto de tais mentes, caso existam, nem para determinar quantas dessas mentes poderiam, individualmente ou em conjunto, possuir as informações verídicas que foram transmitidas. Mesmo o uso da palavra «mente» talvez pressuponha mais do que é rigorosamente justificável.)

Neste momento não vejo qualquer forma plausível de escapar a este dilema desconcertante. Também não vejo fundamento válido para abraçar um dos seus termos e rejeitar o outro, como faz o Sr. Thomas. No estado atual do nosso conhecimento — ou antes, da nossa ignorância — acerca do mecanismo da telepatia, parece-me impossível especificar os limites da sua atuação, embora tais limites certamente existam e venham um dia a ser determinados. Entretanto, só posso formular a minha conclusão sob a forma de uma proposição disjuntiva.

Em *Beyond Normal Cognition*, o Dr. John Thomas menciona uma sessão por procuração de interesse, realizada para ele em Inglaterra por uma secretária que apenas o conhecia superficialmente. Serão citados alguns pontos breves, mas, como observa o Dr. Gardner Murphy em «An Outline of Survival Evidence», deve ter-se presente que «um único tema retirado do contexto dificilmente terá grande peso; é o conjunto do material, considerado na sua totalidade, que produz convicção».

Na sessão, realizada em novembro de 1929, Feda descreveu a Sr.^a Thomas (a comunicadora) vestida com um traje bastante primitivo e pouco convencional, caminhando com uma vara e produzindo um som com ela: «Pum! Pum!». Utilizava uma vara curta e outra muito mais comprida. A Sr.^a Thomas disse, através de Feda: «Eu tinha de ter

muito cuidado com o óleo.» Foram mencionados onze pontos nesta sessão, e o Dr. Thomas classificou todos como corretos. A casa a que evidentemente se fazia referência possuía um sistema de aquecimento a óleo. Depois de se retirar para descansar, a Sr.^a Thomas por vezes levantava-se e, usando a camisa de dormir, descia à cave com uma vara comprida e outra curta para medir a quantidade de óleo nos depósitos. O som «Pum! Pum!» era produzido quando a vara batia no fundo do depósito.

Outro tipo de sessão por procuração que Gardner Murphy considera ainda mais convincente é aquele em que a própria existência de um interlocutor distante é completamente desconhecida, no momento da sessão, tanto pela médium como pelo próprio destinatário. É o comunicador quem toma a iniciativa, por assim dizer, e fornece pistas quanto à identidade da pessoa a quem as mensagens se destinam. Um caso deste género foi relatado por Drayton Thomas.⁷

Numa sessão com a Sr.^a Leonard, em 28 de outubro de 1938, John e Etta, atuando como comunicadores, disseram que Thomas devia esperar uma carta de um pai a respeito do seu filho. O pai era um homem de meia-idade e vivera outrora num lugar onde Thomas também vivera — Morton ou um nome semelhante. O filho morreria instantaneamente num acidente envolvendo um automóvel.

Menos de duas semanas depois da sessão, Drayton Thomas recebeu uma carta de um Sr. A., que dizia tê-lo ouvido proferir uma conferência cerca de um mês antes e que tencionava escrever-lhe desde então. O filho desse homem morreria num acidente (embora de avião e não de automóvel) e ele e a sua família tinham vivido na aldeia de Norton, situada apenas a cerca de dois quilómetros e meio de uma localidade onde Thomas vivera anteriormente. O jovem comunicador apareceu em duas sessões posteriores e forneceu uma quantidade considerável de material adicional, notavelmente verídico.

VI

TESTES COM LIVROS

Uma técnica conhecida como testes com livros passou a ser amplamente utilizada pelos comunicadores da Sr.^a Leonard, que, de facto, se dizia terem sido os seus criadores. Certos livros acessíveis ao interlocutor, mas provenientes de uma casa que a médium nunca tinha visto, eram utilizados para produzir mensagens que, segundo os comunicadores esperavam, contribuiriam de forma decisiva para estabelecer a sua identidade. John, A. V. B. ou algum dos outros comparecia a uma sessão trazendo a localização de um livro, a página e a linha de uma mensagem que teria um significado especial para o interlocutor em ligação com eles. As pistas eram ininteligíveis até serem verificadas e a mensagem decifrada.

A Sr.^a Henry Sidgwick, uma das maiores figuras da investigação psíquica, descreve o funcionamento de um teste com livros:¹

Os chamados testes com livros que temos de examinar são tentativas do controlador da Sr.^a Leonard, Feda, para indicar o conteúdo de uma determinada página de um determinado livro que a Sr.^a Leonard nunca viu com os seus próprios olhos e que, no momento da sessão, é desconhecido do interlocutor.

Por exemplo, Feda poderá dizer ao interlocutor que o comunicador deseja que ele vá à estante situada entre a lareira e a janela do seu gabinete de trabalho e retire, da terceira prateleira a contar de baixo, o sétimo livro da esquerda, abrindo-o na página quarenta e oito, onde, aproximadamente a um terço da página, encontrará uma passagem que pode ser considerada uma mensagem apropriada do comunicador para ele.

Nos casos mais típicos, o interior da residência do interlocutor e, por vezes, até o seu nome, são desconhecidos da Sr.^a Leonard. É pouco provável que o próprio interlocutor se recorde conscientemente do livro que ocupa exatamente a posição indicada e, mesmo que tenha lido o livro, o que muitas vezes não acontece, é praticamente certo que não sabe o que se encontra na página especificada.

Um bom teste com livros excluiria, portanto, a telepatia comum proveniente do interlocutor como explicação e tornaria extremamente

difícil supor que Feda obtém as suas informações de qualquer pessoa viva.

Um teste simples com livros é apresentado em *The Earthen Vessel*², de Pamela Glenconner. Edward Wyndham Tennant («Bim»), filho de Lord e Lady Glenconner, morto na Batalha do Somme em setembro de 1916, é o alegado comunicador.

O principal interesse de Lord Glenconner, nos anos anteriores à guerra, era a silvicultura; frequentemente, durante os passeios familiares pelos bosques, dizia com ar sombrio que as árvores jovens estavam a ser destruídas por «o escaravelho».

O jovem Bim costumava segredar à mãe, no início desses passeios familiares: «Vamos ver se conseguimos atravessar o bosque sem ouvir falar do escaravelho.»

Numa sessão com a Sr.^a Leonard em 17 de dezembro de 1917, o irmão de Bim, David Tennant, e o pai eram os interlocutores.

Feda. Bim quer agora enviar uma mensagem ao pai. Este livro é especialmente para o pai; sublinhe isso, diz ele. É o nono livro da terceira prateleira, contando da esquerda para a direita, na estante à direita da porta da sala de estar. Tome o título e siga até à página trinta e sete.

O nono livro da prateleira indicada era *Trees*. Na parte inferior da página trinta e seis, continuando para a página trinta e sete, lia-se:

«Por vezes verá marcas curiosas na madeira; estas são causadas por um escaravelho perfurador, muito prejudicial às árvores...»

Noutro teste com livros bem-sucedido, relatado pela Sr.^a W. H. Salter, o comunicador alegadamente era o seu falecido pai, Dr. Arthur W. Verrall. O interlocutor era o Reverendo W. S. Irving, cuja esposa Dora (uma comunicadora habitual) auxiliava o Dr. Verrall.

A Sr.^a Salter escreve:

Feda. [O Dr. Verrall] passou para a prateleira acima daquela onde Dora estava; ... retirou o terceiro livro a contar da direita e

escolheu a página sete desse livro; e na página sete havia algo muito característico da Imagem. [Feda explica então ao Sr. Irving que «a Imagem» é a minha filhinha e prossegue.] Há algo nessa página que está muito relacionado com a Imagem, que se refere à Imagem, e ele queria que ela fosse chamada Imagem por causa do que está nessa página.

O terceiro livro a contar da direita na prateleira indicada era *Life and Work of William Blake* (1880), de Gilchrist, vol. I. A página sete faz parte de um capítulo dedicado à infância de Blake e a palavra «childhood» («infância») aparece como título do capítulo no topo da página. Citarei o final da página seis:

«... e então os campos verdejantes e as sebes, ainda não adulterados, abriram-se perante [p. 7] os olhos encantados da criança. Um ou dois quilómetros mais adiante, através da grande e agradável aldeia de Camberwell... a doce colina e os bosques silvestres da rural Dulwich... os férteis e verdejantes prados de Walton-upon-Thames; grande parte do percurso por caminhos e veredas. A beleza dessas paisagens na juventude permaneceu para Blake como uma recordação para toda a vida e encheu a sua mente de imagens pastorais duradouras.»

A minha filha, então com apenas três anos, chama-se Imogen. Na primeira sessão que tive com a Sr.^a Leonard após o seu nascimento, Feda disse-me que o meu pai pretendia referir-se a ela como «a Imagem», e esse tem sido habitualmente o nome usado para ela nas sessões subsequentes.

Não posso dizer se a Sr.^a Leonard possuía, ou possuía na época em que «a Imagem» foi mencionada pela primeira vez, algum conhecimento normal do nome da minha filha, nem essa questão é relevante aqui. Interpreto a referência do teste como alusiva às paisagens campestres e aos «olhos encantados da criança». Vivemos numa aldeia rural rodeada de campos e bosques, e o amor pelas flores, característico da maioria das crianças pequenas, é muito acentuado em Imogen. Ela costuma reparar em qualquer flor nova que vê durante os passeios e pergunta o seu nome. Deve notar-se que, no final do parágrafo citado de Gilchrist, surge a palavra «images» («imagens»),

estabelecendo uma ligação direta com o nome pelo qual a criança é designada. Considero que este é o significado das palavras «ele queria que ela fosse chamada Imagem por causa do que está nessa página».

Drayton Thomas relata muitos testes com livros bem-sucedidos. Uma das suas experiências mais antigas deste género é descrita por ele da seguinte forma:

Tínhamos discutido a possibilidade de o meu comunicador produzir sons audíveis para atrair a nossa atenção em casa. Tentou fazê-lo, mas raramente conseguiu produzir pancadas que não pudessem ser atribuídas aos estalidos normais do chão ou do mobiliário. Numa noite, contudo, concluí que fora feito um esforço especial e que o resultado constituía um êxito inequívoco; ouvi três vezes uma forte pancada dupla. Registei o incidente e acrescentei-o a uma lista desses acontecimentos que mantinha para referência. Três dias depois, numa sessão com a Sr.^a Leonard, Feda recebeu-me afirmando que conseguira ir à nossa casa e dar pancadas ali. Alguns minutos mais tarde foi fornecido o seguinte teste com livros:

«Está num livro atrás da porta do seu gabinete, na segunda prateleira a contar do chão e é o quinto livro da esquerda. Perto do topo da página dezassete verá palavras que indicam aquilo que Feda tentava fazer quando batia no seu quarto. Agora que sabe que era uma tentativa de Feda, compreenderá claramente a relação dessas palavras com o sucedido.»

Ao regressar a casa, verifiquei que o livro era um volume de Shakespeare que começa com *King Henry VI*, e a terceira linha a contar do topo da página indicada dizia: «Não te responderei com palavras, mas com golpes.»⁴

Segue-se um teste com livros relatado por Theodore Besterman⁵ que constitui também uma excelente descrição de uma casa desconhecida do interlocutor, W. S. Irving. Dora era a comunicadora e o Sr. Besterman o registador. A casa referida era a de C. E. Stansfield, em Reading, Inglaterra. Embora a Sr.^a Stansfield fosse prima do Sr. Irving, este não a via nem a qualquer membro da sua família há quase quarenta anos, nem tinha estado em Reading. Contudo, encontrara o

Sr. Stansfield pela primeira vez em Londres, em 1 de maio de 1931. O Sr. Besterman não conhecia os Stansfield, nem sabia nada sobre eles ou sobre a sua casa; e, naturalmente, a Sr.^a Leonard também não.

¹ *Mrs. Henry Sidgwick, «An Examination of Book Tests Obtained in Sittings with Mrs. Leonard», Proceedings S.P.R., vol. XXXI, abril de 1921, p. 241.*

² *Pamela Glenconner, The Earthen Vessel, Londres, John Lane, The Bodley Head, 1921.*

⁴ *C. Drayton Thomas, Some New Evidence for Human Survival, p. 15, Londres, W. Collins Sons, 1922.*

⁵ *Mrs. W. H. Salter, «Some Incidents Occurring at Sittings with Mrs. Leonard which May Throw Light on Their Modus Operandi», Proceedings S.P.R., vol. XXXIX, outubro de 1930.*

⁷ *Journal S.P.R., vol. XXXI, outubro de 1939, pp. 103-104; novembro-dezembro de 1939, pp. 120-123.*

No início de 1931 surgiu uma referência vaga de que Dora gostaria de realizar um teste com livros na casa dos Stansfield. Contudo, só em setembro a mensagem foi transmitida:

Excerto de uma sessão com a Sr.^a Leonard em 24 de setembro de 1931

FEDA: Sr. Bill, ela foi a um lugar por causa de alguns livros, não em caixas nem nada disso, Sr. Bill, mas apenas um teste com livros comum. A um lugar aonde o senhor queria que ela fosse há já algum tempo. Mencionou-o na última sessão... Ela está a formar um S, S. E não há também um B relacionado com isso? Sr. Bill, há também um nome começado por B. É possível que nem sequer o conheça, mas Dora está certa. Bur, bur, bull, boot...

COMENTÁRIO: Trata-se claramente de uma referência à casa dos Stansfield.

FEDA: O B não é um nome próprio, é um apelido. Ela diz: penso que tem cerca de sete letras, cerca de sete letras. Apelido Murrad, Murrad. Não consigo captar isto bem. Murrad, Mallard... Barrard...

COMENTÁRIO: Edward Vipond Ballard, amigo e antigo colega do Sr. Stansfield (totalmente desconhecido do Sr. Irving), morreu em janeiro de 1931. O Sr. Stansfield viu-o na noite anterior à sua morte, ajudou a viúva nos preparativos necessários, encarregou-se do funeral, organizou uma recolha de fundos para a Sr.^a Ballard e, em suma, esteve intimamente ligado ao nome Ballard durante vários meses, até depois da data da sessão.

Verifica-se que este nome corresponde muito de perto às formas Mallard e Barrard. Ballard tem sete letras.

FEDA: Sr. Bill, isto parece uma sala confortável, como se alguém tivesse colocado nela algumas cadeiras bastante confortáveis. Não muitas, mas algumas realmente confortáveis.

COMENTÁRIO: É evidente, pelo que se segue, que se pretende a sala de jantar. O Sr. Stansfield declara que a sua poltrona favorita se encontra nessa divisão, mas que não existem nela outras cadeiras especialmente confortáveis.

FEDA: Há uma mesa na sala, não muito grande — pesada — como se pesasse tanto como uma mesa muito maior, realmente muito maior.

COMENTÁRIO: Existe uma mesa de abas articuladas na sala, que o Sr. Stansfield descreve como pesada para o seu tamanho.

FEDA: Sabe, Sr. Bill, a maioria das pessoas numa sala tenta que toda a madeira combine com o mobiliário, como Gladys [a Sr.^a Leonard]; ela gosta de carvalho. Nesta sala não combinaram a madeira dessa maneira; há dois tipos de madeira completamente diferentes.

«Três tipos», diz Dora, «para ser exata.»

COMENTÁRIO: Existem dois tipos de madeira na sala, do ponto de vista da cor: carvalho escuro e madeiras castanhas de

diferentes espécies. Contudo, «para ser exata», esses dois tipos são na realidade três, porque o mobiliário castanho é constituído por carvalho e madeira curvada (*bentwood*) — «dois castanhos».

FEDA: — Sim, temos de ser exatos! — Três tipos; dois muito parecidos, mas não a mesma madeira; o terceiro muito diferente. Dois castanhos e um preto; dois castanhos e um preto.

COMENTÁRIO: Existem dois tipos de madeira na sala, do ponto de vista da cor: carvalho escuro e madeiras castanhas de diferentes espécies. Contudo, «para ser exata», esses dois tipos são na realidade três, porque o mobiliário castanho é constituído por carvalho e madeira curvada (*bentwood*) — «dois castanhos».

FEDA: Há um retrato de um cão nesta sala, um cão com rosto bastante comprido, focinho comprido. Não é um quê? Sei o que quer dizer. Não é um Lulu da Pomerânia. Não. Ela diz: «Tenho mais a sensação daquilo a que chamam um cão de caça. Um cão de homem, poderíamos dizer. Cabeça inteligente. Focinho comprido.»

COMENTÁRIO: Há uma gravura na parede intitulada *Nearing Home*, de Herbert Dicksee, na qual um pastor e o seu cão collie são as figuras principais.

FEDA: Roletes? Ultimamente falou-se nesta sala de algo relacionado com roletes. Alguma coisa deveria deslocar-se sobre roletes. Não consigo compreender o que poderia existir nesta sala que se deslocasse sobre roletes, mas recebi essa ideia e sei que está correta.

COMENTÁRIO: Em 20 de setembro de 1931, quatro dias antes da sessão, um amigo contava ao Sr. Stansfield como o monumento ao Duque de Wellington fora transportado por estrada através de Reading a caminho de Strathfieldsaye. O Sr. Stansfield comentou: «Como conseguiram transportá-lo inteiro? Deve ter sido sobre roletes.»

FEDA: Agora caminhei outra vez para a esquerda, a partir da porta. Tomei a primeira secção que encontrei à esquerda. Escolhi, contando desde o chão, a primeira prateleira com livros ao subir. Quinto volume, quinto. E escolhi o quinto livro da esquerda, o quinto.

Na página 44 sinto uma referência a imagens, imagens, retratos, e isso deve recordar-lhe alguns retratos que tem em casa; uma alusão a um deles, um retrato especial de que gosta muito.

COMENTÁRIO: Não existe dificuldade em identificar a prateleira pretendida, pois há apenas um conjunto de estantes na sala. Contudo, não está dividido em secções. O quinto volume da esquerda é um álbum de fotografias de família. As espessas páginas de cartão não estão numeradas, e o retrato da página 44 não tem interesse especial para o Sr. Irving. Porém, no verso dessa página, isto é, na página 43, encontra-se uma fotografia do avô do Sr. Irving. Outro retrato desse avô estava pendurado na sala de jantar da irmã do Sr. Irving, com quem ele se encontrava hospedado.

FEDA: Na mesma página da referência aos retratos, veja se existem algumas palavras mais abaixo na página, mais abaixo, referentes a títulos estrangeiros, realza estrangeira, títulos estrangeiros. Tem isso?

COMENTÁRIO: Quando a fotografia da página 44 do álbum é retirada, torna-se visível o verso do retrato da página 43. Nele estão impressas as palavras: «Sob o patrocínio de Sua Majestade a Rainha, S.A.R. o Príncipe de Gales», seguidas dos respectivos brasões (com divisas em francês e alemão) e do nome do fotógrafo. Esta é a correspondência mais próxima com a afirmação registada.

FEDA: Voltando um pouco para a esquerda na mesma prateleira — não há muitos, diz ela, para examinar — entre o primeiro livro que lhe indiquei à esquerda (o primeiro era o quinto, sabe) e o início da prateleira há uma alusão a uma piada, algo que lhe recordará uma grande piada que o senhor e Dora costumavam partilhar, uma piada. Uma de que se recordou recentemente.

COMENTÁRIO: Entre o início da prateleira e o quinto volume encontram-se dois volumes de *Pictures from Punch*. Esses volumes fizeram o Sr. Irving recordar uma piada de que a comunicadora gostava muito (embora ele não possa dizer quando pensou nela pela última vez), sobretudo porque a Sr.^a Irving apreciava muito a revista *Punch*.

FEDA: Sr. Bill, quando olha por esta janela tenho a sensação — Dora está a transmitir-me — de que existe algo que bloqueia a vista se olhar numa direção, de modo que só consegue ver uma curta distância; mas, virando a cabeça e olhando para o outro lado, consegue ver muito longe.

COMENTÁRIO: Nesta sala, uma pessoa de costas para o fogão teria à esquerda uma pequena janela cuja vista é bloqueada por uma árvore; em frente, uma grande janela cuja vista é parcialmente bloqueada por uma garagem e parcialmente por uma vedação com árvores além dela; e à direita duas janelas com uma porta envidraçada entre ambas, através das quais existe uma excelente vista que se estende por cerca de dez milhas.

FEDA: É essa casa, Dora, ou uma perto dela? Sr. Bill, muito perto desta casa existe alguma coisa à venda, sabe? Dora diz: à venda, à venda. E parece algo muito próximo, exatamente aqui ao lado.

COMENTÁRIO: A casa situada duas portas adiante, bem como pelo menos duas quase em frente, estavam à venda e exibiam placas indicativas desse facto.

FEDA: Perguntará se o nome — é um nome comum — mas perguntará se o nome Evans foi mencionado lá, se foi falado lá? Evans, Evans. Agora, Sr. Bill, isto é tudo desse lugar. Foi tudo o que ela conseguiu obter com segurança.

COMENTÁRIO: O casamento do amigo dos Stansfield, M. Evans, realizado três dias após a sessão, fora mencionado diversas vezes durante as semanas anteriores à sessão.

Todas as afirmações acima referentes à casa do Sr. e da Sr.^a Stansfield baseiam-se em declarações assinadas pelo Sr. Stansfield, corroboradas, naquilo que lhes dizia respeito, pela Sr.^a Stansfield e pela Sr.^a Ballard.

Em resumo, das vinte afirmações, dez estão corretas, seis são parcialmente corretas, três são duvidosas e apenas uma parece errada. Nem todos os acertos possuem o mesmo valor, evidentemente, mas vários são particularmente notáveis, sobretudo a aproximação ao

nome Ballard, o nome Evans e a referência aos roletes. Considerando todas as circunstâncias, esta série de vinte impressões fornece boas provas de que o conhecimento da casa dos Stansfield foi obtido por algum meio supranormal. O ponto importante, neste contexto, é o facto de não existir qualquer ligação direta entre a médium e a casa dos Stansfield, uma vez que a casa era desconhecida da médium, do interlocutor e do registador, e nenhum membro da família Stansfield alguma vez participou numa sessão com a Sr.^a Leonard.

A análise dos testes com livros realizada pela Sr.^a Sidgwick é provavelmente a apreciação mais completa e competente alguma vez efetuada. O seu relatório⁶, resumido, é o seguinte:

É na medida em que excluem a telepatia proveniente do interlocutor que Feda afirma ter interesse nos testes com livros. Ela dirá a um interlocutor que nunca teve um destes testes: «Ele [o comunicador] quer dar-lhe um dos testes com livros... testes que impedem as pessoas de pensarem que isto é telepatia», ou então: «Este teste serve para afastar qualquer ideia de telepatia.»

É digno de nota que os testes com livros desta coleção são sempre transmitidos através de Feda como intermediária. Mesmo comunicadores que por vezes assumem diretamente o controlo, como A. V. B., surgem a ditar os seus testes a Feda.

Feda, contudo, geralmente não é apresentada como alguém que vê por si mesma o interior do livro fechado. Essa é a função do comunicador. Também é notável que, ao longo da extensa coleção de testes com livros, cada interlocutor tenha o seu comunicador particular.

Ter-se-á percebido, pela descrição geral que apresentei de um teste típico, que o método de encaminhar o interlocutor para uma determinada página em busca de «uma mensagem» oferece amplas possibilidades de vagueza. Raramente o interlocutor consegue dizer antecipadamente, a partir da descrição de Feda, exatamente o que espera encontrar. Muitas vezes o teste é-lhe apresentado quase como um enigma, como se o comunicador dissesse: «Veja se consegue

adivinhar o que quero dizer quando afirmo que existe uma mensagem para si em tal página.»

Seria, porém, um erro supor que em quase qualquer página de qualquer livro se possa encontrar algo que passe por uma mensagem. A dificuldade reside em determinar aquilo que legitimamente podemos esperar em termos de coincidências fortuitas; e esta dificuldade acompanha-nos em muitos dos casos a considerar. Trata-se evidentemente de uma matéria sobre a qual diferentes pessoas poderão formar juízos diferentes, e na qual o preconceito pode intervir.

Por essa razão, eu, enquanto pessoa exterior às experiências, fui convidada a apresentar um relatório sobre as provas recolhidas.

Deve compreender-se desde o início que muitos testes com livros e muitos dos seus elementos são fracassos completos, e que a aparente precisão e abundância de detalhes no que o comunicador afirma, bem como a confiança que manifesta de que o teste será bom, não constituem garantia de êxito.

Houve 34 interlocutores cujos testes com livros foram verificados. Esses interlocutores participaram num total de 146 sessões em que foram fornecidos testes com livros e, nessas sessões, ocorreram cerca de 532 elementos distintos de testes com livros, sem incluir afirmações sobre títulos ou outros aspetos exteriores.

O número de elementos por sessão variou entre 1 e 15. Estes 532 elementos podem classificar-se da seguinte forma:

- 92 bem-sucedidos;
- 100 aproximadamente bem-sucedidos;
- 204 fracassos completos;
- 40 fracassos quase completos;
- 96 duvidosos.

Considerando em conjunto as duas primeiras categorias, podemos dizer que cerca de 36% das tentativas foram aproximadamente bem-sucedidas.

Se o êxito do teste ultrapassa aquilo que seria expectável pelo acaso, que espécie de conhecimento paranormal é demonstrada?

Se a telepatia proveniente do interlocutor ou de qualquer outra pessoa viva for excluída, poderia esse conhecimento ter sido possuído pelo comunicador antes da sua morte, de modo que a sua memória fosse a fonte utilizada?

Na ausência da primeira e da segunda possibilidades, a terceira constituiria, naturalmente, se a clarividência fosse excluída, uma prova de sobrevivência após a morte.

Se a resposta a estas três questões for negativa — e apenas então — parece que somos levados a admitir a clarividência pura: um conhecimento de aparências físicas não obtido através dos sentidos de qualquer pessoa.

Segundo Feda, a fonte do conhecimento demonstrado é geralmente a clarividência exercida pelo comunicador.

A Sr.^a Sidgwick descreve então um teste típico que considera particularmente bom, «embora não tão completo quanto seria desejável. É acompanhado por uma demonstração notável de conhecimento de objetos exteriores próximos do livro, conhecimento esse que aparentemente deve ter tido uma origem supranormal».

O teste foi dado a Lady Troubridge e a Miss Radclyffe Hall em 12 de setembro de 1917. A. V. B. era o comunicador. Feda começou por afirmar que forneceria outro teste com livros retirado de um volume da estante de M. R. H., já utilizado em testes anteriores. Perto do topo, mas não na primeira frase, da página cinquenta e dois do décimo nono livro a contar da janela, existia uma linha que se aplicaria a duas coisas diferentes: o ornamento que a interlocutora trazia consigo e também o seu interesse pela investigação psíquica.

A frase, quando encontrada, dizia:

«Hoje — amanhã — ontem — para sempre!»

A Sr.^a Sidgwick comenta:

Ora, o ornamento tinha uma história que fazia com que fosse encarado com um sentimento que poderia resumir-se nas palavras dessa frase; e, quanto à investigação psíquica, era a esperança de provar a continuação da vida individual para além do túmulo, ou, como por vezes dizemos, a vida «para sempre», que levava M. R. H. e U. V. T. a dedicar tanto tempo e energia à investigação psíquica.

Penso, portanto, que deve admitir-se que, sem qualquer esforço interpretativo, encontramos até certo ponto a dupla adequação exigida. Será suficiente para excluir a coincidência fortuita? A nossa decisão dependerá, pelo menos em parte, da acumulação de provas semelhantes noutros casos.

Enquanto descrevia a localização desse livro, Feda interrompeu-se com a seguinte observação:

Feda. Feda não sabe o que isto significa, mas ela está a mostrar uma imagem. Acabou de a fazer surgir diante de Feda.

[Feda prossegue descrevendo um quadro, rapidamente identificado pelos interlocutores como uma pequena pintura intitulada «Le Canapé Bleu», pendurada perto da estante em questão. A descrição, embora não inteiramente correta, é, penso eu — e creio que todos concordarão — inconfundível. A descrição é a seguinte:]

Feda. É alguém sentado sem muita roupa. [Isto foi dito num tom algo chocado, sugerindo desaprovação pela falta de vestuário.] Está inclinada para a frente desta maneira. (Feda assume uma pose, dobra-se bastante para a frente a partir da cintura, estende o braço direito e pousa o rosto sobre esse braço estendido.)

INTERLOCUTOR. Que mais consegue ver?

Feda. Bem, uma perna parece estar um pouco por cima da outra, assim. (Feda assume uma posição com as pernas, tanto quanto a saia permite; eleva a coxa direita até quase tocar no corpo, baixando ao

mesmo tempo a perna esquerda até o joelho quase tocar o chão.) Só se vê claramente uma perna; a outra parece estar por baixo dela.

[Esta parte da descrição não é, evidentemente, exata.]

Feda. Feda pensa que é algo que vocês possuem.

INTERLOCUTOR. Qual de nós?

Feda. Feda pensou que era da Sr.^a Una, mas não tem a certeza.

INTERLOCUTOR. Consegue ver sobre o que a figura está deitada ou sentada?

Feda. Não está deitada, está sentada, porque Ladye consegue fazer Feda assumir a posição nesta cadeira. Há algo que parece bastante arredondado.

INTERLOCUTOR. Ela mostra este quadro depois de mencionar os livros?

Feda. Sim, enquanto dava o teste dos livros, esse quadro surgiu de repente. A mulher não tem muita roupa. Ladye diz que devem expressá-lo numa linguagem mais artística do que a de Feda. Sabe, ela mostra-o de uma forma estranha, como se fosse a preto e branco; a figura destaca-se clara sobre um fundo escuro; mas Feda não vê cor nenhuma. Ela diz algo acerca de quatro linhas a descer. Tem relação com aquilo sobre o qual a figura está sentada. Ela está a rir-se.

Não há agora qualquer dúvida quanto ao local dos livros.

Ela diz que agora pensa conhecê-los de cor.

É uma posição engraçada a dessa figura. Feda acha-a tola porque não se vê o rosto. Os dedos não estão totalmente esticados; três deles estão algo dobrados para dentro, mas o indicador sobressai mais direito, assim. (Feda assume uma pose com a mão direita, mostrando o segundo, terceiro e quarto dedos curvados para dentro, enquanto o indicador permanece quase esticado.) Ladye mostra a Feda que o pulso e a mão formam um contorno bastante suave, sem evidenciar muito os ossos ou os nós dos dedos, como por vezes acontece.

Termina aqui toda a parte da sessão relacionada com o teste do livro. O quadro descrito com tanto detalhe e de forma tão próxima da realidade pertence, evidentemente, à categoria dos objetos exteriores — aqueles que eram conhecidos dos interlocutores e que poderiam, em teoria, ter sido aprendidos telepaticamente a partir deles.

Outro ponto importante a notar é que o quadro era bem conhecido da comunicadora durante a sua vida terrena, pelo que a sua memória pode ter sido a fonte da informação. Ela poderá tê-lo «feito surgir diante de Feda» a partir da sua própria mente. O quadro fora comprado depois de ter sido visto numa exposição por A. V. B. e M. R. H. em conjunto, e posteriormente ficara pendurado na sua casa.

Passarei agora a citar um caso em que a memória da comunicadora parece quase certamente ser a fonte da informação — de tal modo que, se descrito com exatidão, constitui prova da identidade da comunicadora do mesmo modo que a leitura de uma carta selada após a morte do seu autor. O teste foi recebido pela Sr.^a Hugh Talbot e é um dos primeiros testes com livros de que existe registo. Foi dado em 19 de março de 1917, mas, infelizmente, só foi registado por escrito no final de dezembro desse mesmo ano.

O relatório da Sr.^a Talbot, redigido e enviado a Lady Troubridge em 29 de dezembro de 1917, é o seguinte:

Nessa altura, a Sr.^a Leonard não conhecia nem o meu nome nem a minha morada, e eu nunca antes tinha consultado ela nem qualquer outra médium.

Na segunda-feira, a primeira parte da sessão foi ocupada por aquilo a que se poderia chamar uma mistura de descrições, todas mais ou menos reconhecíveis, de diferentes pessoas, juntamente com várias mensagens, algumas compreensíveis e outras não.

Depois, Feda fez uma descrição muito correta da aparência física do meu marido e, a partir desse momento, pareceu ser apenas ele a falar (através dela, evidentemente), seguindo-se uma conversa extraordinária.

Era evidente que tentava por todos os meios ao seu alcance provar-me a sua identidade e mostrar-me que era realmente ele; e, à medida que o tempo passava, vi-me obrigada a acreditar que assim era.

Tudo o que dizia, ou melhor, tudo o que Feda dizia por ele, era claro e coerente. Foram mencionados acontecimentos do passado conhecidos apenas por ele e por mim; objetos sem importância em si mesmos, mas que tinham para ele um significado especial e pessoal do qual eu tinha conhecimento, foram descritos minuciosamente e com exatidão, e perguntou-me se ainda os possuía.

Também me perguntou repetidamente se acreditava que era realmente ele quem falava e assegurou-me que a morte não era verdadeiramente a morte, que a vida continuava, não muito diferente desta, e que não se sentia mudado de forma alguma.

Feda repetia constantemente:

«Acredita? Ele quer muito que saiba que é realmente ele.»

Respondi que não podia ter a certeza, mas que pensava que devia ser verdade.

Tudo isto me pareceu muito interessante e muito estranho, tanto mais estranho quanto tudo parecia tão natural.

De repente, Feda começou uma descrição enfadonha de um livro. Disse que era de couro e escuro, e tentou mostrar-me o seu tamanho. A Sr.^a Leonard indicou com as mãos um comprimento de cerca de vinte a vinte e cinco centímetros e uma largura de dez a doze centímetros.

Ela (Feda) disse:

«Não é exatamente um livro; não é impresso; Feda não lhe chamaria livro; tem escrita dentro.»

Demorei bastante tempo a relacionar a descrição com alguma coisa, mas por fim lembrei-me de um caderno de notas em couro

vermelho pertencente ao meu marido, que penso que ele chamava livro de bordo, e perguntei:

«É um livro de bordo?»

Feda pareceu confusa e não saber o que era um livro de bordo; repetiu a expressão uma ou duas vezes e depois disse:

«Sim, sim, ele diz que talvez seja um livro de bordo.»

Perguntei então:

«É um livro vermelho?»

Houve hesitação. Pensavam que talvez fosse, embora ele julgasse que era mais escuro.

A resposta foi indecisa, e Feda recomeçou toda a descrição, acrescentando que eu deveria procurar a página doze para encontrar algo escrito ali (não tenho a certeza desta palavra) e que isso seria muito interessante após aquela conversa.

Depois disse:

«Ele não tem a certeza de que seja a página doze; pode ser a treze. Faz tanto tempo. Mas quer muito que procure e tente encontrar. Interessá-lo-ia saber se essa passagem está lá.»

Respondi com pouco entusiasmo a tudo aquilo. Parecia-me sem propósito e, além disso, recordava-me bem do livro, porque o tinha folheado muitas vezes perguntando a mim própria se valeria a pena conservá-lo. Embora contivesse alguns apontamentos e versos, tratava sobretudo de navios e do trabalho do meu marido.

Mas a principal razão por que desejava mudar de assunto era ter a certeza de que o livro não apareceria: ou eu o tinha deitado fora, ou fora guardado, juntamente com outros objetos, numa arrecadação situada no bloco de apartamentos em frente, onde dificilmente poderia ser recuperado.

Contudo, não me agradava dizê-lo diretamente e, sem atribuir grande importância ao assunto, respondi vagamente que tentaria encontrá-lo.

Mas isso não satisfez Fedá. Recomeçou tudo outra vez, cada vez mais insistente, e prosseguiu:

«Ele não tem a certeza da cor. Não sabe. Existem dois livros. Saberá qual é porque tem na parte da frente um diagrama das línguas.»

Seguiu-se então uma sequência de palavras, cuja ordem já não recordo:

«Indo-europeias, arianas, semíticas», e outras semelhantes, repetidas várias vezes.

Depois acrescentou:

«Há linhas, mas não retas, que se espalham assim.»

E desenhava com o dedo linhas que irradiavam de um centro comum.

Novamente surgiram as palavras:

«Tabela das línguas árabes, línguas semíticas.»

Procuro reproduzir o mais fielmente possível o que ela disse, embora não possa garantir a ordem exata dos nomes. O que recordo perfeitamente são as palavras utilizadas. Em diferentes momentos pronunciou todos esses nomes e usou alternadamente «tabela», «diagrama» e «desenho», sempre com insistência.

Tudo isto me pareceu puro disparate. Nunca ouvira falar de um diagrama de línguas, e aqueles nomes orientais misturados não significavam nada para mim.

Ainda assim, continuava a repeti-los e a insistir que era assim que eu reconheceria o livro:

«Procure a página doze ou treze. Se estiver lá, interessá-lo-á muito depois desta conversa. Ele quer muito que o faça; quer que prometa.»

Nessa altura concluí que acontecera aquilo que ouvira dizer acerca destas sessões: a médium estava cansada e dizia disparates.

Por isso apressei-me a tranquilizá-la prometendo procurar o livro, e fiquei satisfeita quando a sessão terminou pouco depois.

Regressei a casa sem pensar muito nesta última parte. Contudo, depois de contar à minha irmã e à minha sobrinha tudo aquilo que considerava interessante na primeira parte da sessão, mencionei que, no final, a médium começara a falar uma grande quantidade de disparates acerca de um livro e insistira para que eu procurasse algo interessante na página doze ou treze.

Eu deveria reconhecer o livro por um diagrama de línguas.

Depois do jantar, nessa mesma noite, a minha sobrinha, que prestara mais atenção a tudo isto do que eu ou a minha irmã, implorou-me que procurasse imediatamente o livro.

Eu queria esperar até ao dia seguinte, dizendo que sabia perfeitamente que tudo aquilo era absurdo.

No entanto, acabei por dirigir-me à estante e, após alguma procura, encontrei, no fundo da prateleira superior, um ou dois velhos cadernos pertencentes ao meu marido, que nunca sentira vontade de abrir.

Um deles, de couro preto gasto, correspondia exatamente às dimensões descritas. Abri-o distraidamente, perguntando-me se o livro que procurava teria sido destruído ou simplesmente guardado noutro lugar.

Para meu espanto absoluto, os meus olhos pousaram imediatamente sobre as palavras:

«Tabela das Línguas Semíticas ou Siro-Árabes».

Ao puxar a folha, que consistia numa longa folha dobrada colada no interior do caderno, vi no verso:

«Tabela Geral das Línguas Arianas e Indo-Europeias».

Era o diagrama de que Feda falara.

Fiquei tão surpreendida que durante alguns minutos me esqueci de procurar a passagem.

Quando finalmente o fiz, encontrei-a na página treze.

Copiei-a exatamente.

Não consigo explicar hoje a minha estupidez ao não ter atribuído maior importância ao que Feda tentava dizer acerca do livro, mas estava tão convencida de que, se algum livro era referido, só podia ser o livro vermelho.

Nunca abra este outro e, como disse, havia poucas esperanças de recuperar o primeiro. Além disso, não me parecia que pudesse conter algo que o meu marido desejasse mostrar-me.

Acresce que era apenas a minha segunda sessão. Nada sabia acerca de médiuns e aquelas descrições pareciam intermináveis e enfadonhas.

Não consigo compreender porquê.

(Assinado) Lily Talbot

1 Oakwood Court

Página 13 do caderno

«Descobri, através de certos sussurros que supostamente eu não podia ouvir e de certos olhares de curiosidade ou compaixão que supostamente eu não podia ver, que estava próximo da morte...

Pouco a pouco a minha mente começou a deter-se não apenas na felicidade que havia de vir, mas também na felicidade que eu já estava a desfrutar. Vi figuras há muito esquecidas, companheiros de

brincadeiras, colegas de escola, companheiros da juventude e da velhice, todos eles sorrindo para mim.

Não sorriam com compaixão, de que eu já não necessitava, mas com aquela espécie de bondade que é partilhada por pessoas igualmente felizes.

Vi a minha mãe, o meu pai e as minhas irmãs, a todos os quais sobrevivera.

Não falaram, mas comunicaram-me o seu afeto inalterado e imutável.

Aproximadamente na altura em que apareceram, tentei aperceber-me da minha situação física... isto é, procurei ligar a minha alma ao corpo que jazia na cama da minha casa...

A tentativa falhou.

Eu estava morto...»

*Excerto de **Post Mortem**, autor anónimo (Blackwood & Sons, 1881).*

Não tentarei reproduzir o diagrama das línguas, que é complexo, mas a descrição de Fedá, segundo a qual possuía linhas irradiando a partir de um centro, é correta; essa ramificação a partir de pontos e linhas repete-se diversas vezes.

Penso que haverá consenso em considerar que a coincidência ultrapassa claramente aquilo que pode razoavelmente ser atribuído ao acaso. Além disso, a citação da página treze do caderno parece extremamente apropriada e podemos até considerar provável que, se tivessem sido tomadas notas contemporâneas completas da sessão, a veracidade da afirmação atribuída ao comunicador — de que a passagem «seria muito interessante depois desta conversa» — se tornaria ainda mais evidente.

Creio que este episódio deve figurar entre as melhores provas isoladas de memória da vida terrena apresentadas pelos

comunicadores e, conseqüentemente, de identidade pessoal. Contudo, falando com rigor, não constitui propriamente um teste com livros.

O episódio agora descrito não é um verdadeiro teste com livros porque não fornece prova de conhecimento, por parte do comunicador, de factos presentes que não pertenciam à sua memória nem ao conhecimento de pessoas vivas. Entre os testes com livros não existem exemplos deste tipo tão impressionantes como a visão do quadro ou como o teste da Sr.^a Talbot. Ainda assim, há alguns casos notáveis, e passaremos agora a examiná-los.

Começarei pelo teste com livros recebido em 29 de setembro de 1917 pela Sr.^a S. E. Beadon, a senhora que, como foi mencionado anteriormente, apresentou a Sr.^a Talbot à Sr.^a Leonard. O comunicador era o seu marido, o Coronel Beadon. A Sr.^a Beadon relata que Feda disse:

Numa sala quase quadrada existem alguns livros, não exatamente no canto, mas alinhados ao longo da parede até ao canto a partir da janela.

Contando da direita para a esquerda, o quinto livro. Página 71 — Feda não tem a certeza se é 17 ou 71.

(Depois de repetir ambos os números várias vezes, Feda diz que tem a certeza de que é a página 71 — segundo parágrafo ou aproximadamente a meio da página.)

Na página 71 encontrará uma mensagem dele para si.

A mensagem não será tão bela como ele gostaria de a tornar, mas compreenderá que ele deseja que o teste seja o melhor possível.

Na mesma prateleira existe um livro de capa castanha suja, um livro avermelhado e um livro de aspeto antigo.

(1) Refere-se a uma condição passada.

(2) Mas também se aplica à situação presente.

(3) Constitui uma resposta a um pensamento que ocupou muito mais a sua mente noutra época do que agora — uma questão que outrora a preocupava muito, mas que já não a preocupa, sobretudo desde que conheceu Feda.

(4) Na página oposta existe uma referência ao fogo.

(5) Na página oposta existe uma referência à luz.

(6) Na página oposta existe uma referência aos tempos antigos. Estas referências não fazem parte da mensagem; servem apenas como confirmação de que encontrou a página correta.

(7) Na mesma página, ou na página oposta, ou talvez na folha seguinte, existe uma palavra muito importante começada por S.

(Perguntei se era a prateleira superior e Feda respondeu que sim. Verificou-se depois que existia apenas uma única prateleira.)

Verificação

Seis das sete indicações relativas à mensagem revelaram-se claras.

A divisão em questão revelou ser a sala de jantar da casa da minha mãe, onde eu me encontrava temporariamente hospedada. A Sr.^a Leonard nunca tinha entrado nessa casa. A sala não era quadrada; uma extremidade era quadrada e a outra octogonal. Na mesma prateleira encontravam-se um antigo volume de poemas de Dryden e outros livros correspondentes à descrição. O quinto livro da direita para a esquerda era um volume de poemas de Oliver Wendell Holmes. Eu nunca tinha lido os poemas de O. W. Holmes — e as páginas 71 e 17 exprimiam a mesma ideia.

A página 71, segundo parágrafo, contém o seguinte:

«O peregrino cansado repousa,

O seu lugar de descanso é desconhecido,

As suas mãos estavam cruzadas, as suas pálpebras cerradas,

O pó cobria-o;
A terra levada pelo vento e a folha em decomposição
Foram sopradas sobre a relva;
O seu túmulo confundiu-se com a Terra,
Apenas a sua memória permanece.»

[O comunicador] morreu em combate na Mesopotâmia. Foi sepultado nessa mesma noite por um capelão e por oficiais, perto do local onde tombou. O oficial responsável escreveu que todos os vestígios da sepultura tinham sido cuidadosamente apagados para evitar a sua profanação pelos árabes.

1. O poema (*The Pilgrim's Vision*) refere-se aos primeiros colonos da América — «refere-se a uma condição passada».
2. Este verso aplica-se também ao caso do comunicador. Recebeu uma sepultura respeitosa, mas o local do seu repouso permaneceu desconhecido.
3. Durante muito tempo preocupei-me constantemente com a possibilidade de identificar o local com a ajuda dos oficiais presentes e, quando a guerra terminasse, assinalá-lo com uma cruz. Ultimamente tenho pensado muito pouco nisso e já não me sinto tão preocupada como inicialmente pelo facto de a sua sepultura permanecer sem marca e desconhecida.

Na página oposta encontra-se o seguinte verso:

«Ainda assim o raio da coluna de fogo
Continuará a brilhar ao longo do caminho,
Para iluminar a tribo escolhida que procurou
Esta Palestina Ocidental.»

A referência ao fogo, à luz e à jornada dos Israelitas satisfaz os pontos (4), (5) e (6).

7. Quanto à importante palavra começada por S, não consigo identificá-la com certeza. Este é o único ponto duvidoso. Das sete indicações, seis encontram-se confirmadas.

[Posteriormente, a Sr.^a Beadon informou-nos de que existe um poema intitulado «The Steamboat» na página seguinte, que esse título aparece no topo da página em letras maiúsculas e que a página inteira trata de barcos a vapor. Este foi o seu primeiro teste com livros e ela manteve uma atitude muito crítica; de outro modo, não acredita que tivesse declarado não conseguir encontrar «a importante palavra começada por S» na página seguinte. Na altura considerou forçado interpretá-la como mais do que uma coincidência, mas atualmente pensa que era essa a referência pretendida. E, de facto, corresponde à descrição fornecida. É uma palavra importante na página, mesmo que não esteja ligada à mensagem.]

A Sr.^a Beadon prossegue observando que, na página 17, a outra página mencionada por Feda, também aparece o tema de uma sepultura sem identificação, embora perto do fundo da página; e na página oposta surgem as palavras «fogo» e «brilho do pôr do sol». Entre essas duas páginas, 17 e 71, não conseguiu encontrar qualquer outra página que satisfizesse minimamente as condições da mensagem.

O verso apropriado da página 17 é:

«A flecha do índio, a bala do britânico,

O fio sedento do sabre,

A granada ardente que explode ao cair,

A cunha rasgadora da baioneta,

Aqui espalharam a morte; contudo procura o lugar,

Nenhum vestígio os teus olhos poderão ver,

Nenhum altar — e dele não necessitam

Aqueles que deixam os seus filhos livres.»

A Sr.^a Beadon diz-nos que este trecho lhe parece, em certos aspetos, ainda mais apropriado do que o verso da página 71; e, embora concorde com o que é dito mais adiante acerca da frequente incerteza de Feda sobre a ordem dos algarismos dos números de página — algo que ela própria experimentou — escreve:

Neste caso tive a impressão de que «eles», do outro lado, tinham escolhido ambas [as páginas] e estavam indecisos quanto àquela por que deviam optar...

Parece-me que a página 17 transmitia melhor a mensagem principal. Mas na página 71 conseguiram fornecer mais testes secundários que a reforçavam.

Considerando simultaneamente as páginas 17 e 71, não resta margem para dúvida quanto à mensagem nem para a coincidência.

O facto de ambas as páginas serem tão apropriadas é, em qualquer caso, extraordinário, e os argumentos da Sr.^a Beadon para acreditar que ambas foram intencionalmente referidas parecem-me sólidos. Se ela tiver razão, esta dupla referência é muito interessante e importante. Deve, contudo, recordar-se que o tipo de hesitação demonstrado por Feda ao decidir entre duas páginas cujos números possuem os mesmos algarismos em ordem inversa ocorre frequentemente noutros casos em que tal não encontra qualquer justificação no conteúdo das páginas. Tanto quanto podemos avaliar a partir de oito sessões, parece ter existido uma proporção de êxitos consideravelmente superior à média nos testes com livros recebidos pela Sr.^a Beadon.

Eis outra mensagem recebida pela Sr.^a Beadon em 16 de março de 1918. Ela relata:

Feda. Uma única fila de livros sobre uma janela. (À parte, Feda disse: «Quer dizer ao lado de uma janela, naturalmente — as pessoas não colocam livros sobre as janelas, pois não?») Mas ele insiste que os

livros estão sobre uma janela. A janela não está montada como as janelas comuns, com os vidros encaixados de forma simples; está montada de maneira diferente — os vidros estão firmemente colocados com uma espécie de rebordo espesso. Há algo de reentrante nesta janela? O Sr. Will não sabe como descrevê-la de outra forma, mas compreenderá o que ele quer dizer com reentrante.

A respeito desta descrição, a Sr.^a Beadon comenta:

Na biblioteca da minha casa existe uma única fila de livros sobre cada uma de duas pequenas janelas. Os vidros têm um formato decorativo e estão fortemente fixados em chumbo, formando um rebordo em torno de cada painel. As janelas situam-se de cada lado da lareira, num nicho recuado relativamente ao resto da divisão.

Depois de algumas afirmações — uma correta e outra incorreta — sobre um quadro e uma data encontrados noutro livro «um pouco mais à direita», o relato prossegue:

Feda. Os livros estão à esquerda e deve contar o terceiro livro da esquerda. Página 92. É uma mensagem acerca da menina cujo pé estava a ser tratado. (Esta criança, com sete anos de idade, e o tratamento corretivo tinham sido mencionados pelo comunicador numa sessão anterior.) É aquilo que ele deseja e espera para ela. Está muito interessado neste teste — é aquilo que espera que ela alcance enquanto estiver no corpo físico. Quer que ela o alcance, e pensa que o conseguirá.

Tomando os livros sobre a janela da esquerda e contando o terceiro da esquerda, encontra-se um volume de poemas de Cowper. A página 92 contém os seguintes versos:

«Adeus — dotada de tudo o que poderia conquistar

Todos os corações ao amor, tanto na juventude como na idade madura,

No vigor da vida, inscrita entre os alegres,

E, ainda assim, tão virtuosa como os mais velhos.»

Esta passagem corresponde de forma bastante apropriada à descrição da «mensagem». Infelizmente, porém, Feda prosseguiu dizendo:

«A página 73 (aproximadamente a meio, segundo ele pensa) é quase uma alusão ao pé dela — leia-a literalmente. É quase como se fornecesse uma pista para a identidade da criança.»

A Sr.^a Beadon nada encontrou nesse local que correspondesse à descrição. Um fracasso deste género, ocorrendo tão perto de um êxito, não pode deixar de enfraquecer a nossa avaliação deste último; e esta mistura de sucessos e fracassos é comum nos testes com livros que estamos a examinar, embora me pareça ocorrer menos frequentemente nos recebidos pela Sr.^a Beadon do que nos recebidos por outros interlocutores.

Um exemplo bastante curioso de fracasso persistente na descrição — ou pelo menos na identificação pelos interlocutores — do local onde se encontrava o livro em questão ocorreu com M. R. H. e U. V. T. em setembro de 1917. Foi fornecido um teste com livros e desenvolvido em 5 de setembro e em duas sessões subsequentes, afirmando-se que o livro se encontrava num apartamento que as duas senhoras tinham visitado. Contudo, nunca conseguiram identificar esse apartamento. Neste caso, e noutros semelhantes, é possível que a falha tenha residido na memória das próprias interlocutoras. No caso seguinte, porém — e também nalguns outros — é evidente que o erro estava na descrição.

Ao Sr. G. H. S., em 2 de junho de 1917, Feda disse:

Ela quer que, quando chegar a casa, vá ao quarto onde estão os livros. Está a mostrar a Feda uma divisão escura, com livros à sua volta, e aponta para o terceiro livro da segunda prateleira a contar do chão, muito perto da porta; e diz que na página dezanove encontrará uma mensagem dela.

O Sr. G. H. S., que durante a sessão recebera algumas comunicações da mesma comunicadora aparentemente muito verídicas, declarou a propósito deste episódio:

Senti que isto era apenas enchimento, pois não existe nenhuma divisão nem nenhuma estante correspondente.

E, em resposta a perguntas posteriores, acrescentou:

Examinei cuidadosamente o livro indicado em todas as estantes da casa e não existe qualquer possibilidade de resultado.

Considero toda esta secção errada porque o tom de voz era completamente sem vida e diferente durante esta parte da sessão*, e porque a descrição detalhada da divisão onde os livros supostamente se encontravam (muito mais detalhada do que reproduzi aqui) estava claramente errada em relação a qualquer casa onde tenha vivido.

Este fracasso, ocorrido numa sessão de resto bastante boa, é mais interessante do que fracassos semelhantes experimentados por interlocutores que receberam poucas ou nenhuma comunicação com valor probatório supranormal.

* Interlocutores que participaram frequentemente em sessões com a Sr.^a Leonard disseram-me que este tipo de voz sem vida nem sempre significa fracasso na comunicação.

Posso acrescentar que, tanto quanto consegui apurar, os maus testes com livros desta coleção tendem a ocorrer em sessões globalmente fracas. Mesmo os interlocutores mais bem-sucedidos podem ter ocasionalmente sessões muito pobres e receber testes com livros elaborados, compostos por numerosos elementos, que não produzem qualquer resultado satisfatório.

Como forma de verificar se as mesmas espécies de mensagens apropriadas encontradas nos testes com livros não poderiam surgir por mero acaso, a Sr.^a Sidgwick realizou um estudo pioneiro sobre o elemento do acaso nos testes com livros. Escolhia aleatoriamente um número de página e uma linha e consultava essa localização específica num livro também escolhido ao acaso, procurando encontrar uma mensagem que pudesse aplicar-se a si de alguma forma. Concluiu que muito poucas passagens pareciam adequadas em qualquer sentido. As suas experiências fictícias foram demasiado poucas para permitirem conclusões definitivas, mas, na medida em que avançaram, tenderam a

confirmar a ideia de que o acaso não constitui uma explicação fácil para o êxito mesmo das mensagens mais simples.

Numa tentativa de estimar os resultados produzidos pelo acaso num grande conjunto de testes fictícios com livros, a Society for Psychical Research organizou uma série de experiências semelhantes às da Sr.^a Sidgwick. Em condições controladas, várias pessoas dirigiram-se a localizações determinadas em livros específicos, procurando encontrar mensagens que lhes pudessem ser pessoalmente aplicáveis. Os resultados dessas experiências foram entregues ao Coronel C. E. Baddeley para análise. O Coronel Baddeley publicou⁷ uma tabela de percentagens indicando o grau de sucesso ou fracasso obtido nesses testes fictícios. Entre 1800 elementos independentes, encontrou-se:

- sucesso completo em 34;
- sucesso parcial ou ligeiro em 85;
- sucesso completo, parcial ou ligeiro em 138.

A percentagem de sucessos completos e parciais foi de **4,7%**.

Nos testes com livros não fictícios analisados pela Sr.^a Sidgwick e descritos neste capítulo, as duas primeiras categorias em conjunto indicavam que 36% das tentativas eram aproximadamente bem-sucedidas. Assim, os testes conduzidos por Feda produziram uma percentagem de sucesso completo ou parcial consideravelmente superior à obtida nos testes fictícios de Baddeley — 36% contra 4,7%.

Uma análise posterior dos testes com livros da Sr.^a Leonard foi realizada em 1936 por Kenneth Richmond, que aparentemente descobriu algo semelhante a uma forma de evidência por correspondência cruzada. Psicólogo de profissão, Richmond interessou-se pela investigação psíquica depois de lhe pedirem que escrevesse uma revisão de *Raymond*. Foi membro durante muitos anos da Society for Psychical Research e exerceu, em diferentes períodos, as funções de secretário da Sociedade e de editor do *Journal*.

«Até agora», afirmou Richmond,⁸ «os testes com livros parecem ter sido examinados sobretudo pelo seu valor probatório enquanto unidades isoladas.» Dizia-se frequentemente que, se apenas as palavras exatas do livro pudessem ser fornecidas durante a sessão, isso seria conclusivo. «Seria, de facto», acrescentou ele, «uma prova convincente apenas de percepção extrassensorial.»

⁷ Col. C. E. Baddeley, «*On the Element of Chance in Book Tests*», *Proceedings S.P.R.*, vol. XXXIII, 1923.

⁸ Kenneth Richmond, citado na análise dos testes com livros da Sr.^a Leonard, 1936.

Richmond considerava, porém, que o aparecimento de um objetivo comum, não suscitado pelos interlocutores, em testes com livros dados a diferentes pessoas constituiria imediatamente prova de algo que ultrapassava uma mera demonstração de percepção extrassensorial.

Para confirmar esta ideia, Richmond examinou cuidadosamente alguns registos nos quais um comunicador experiente, alegadamente o Dr. A. W. Verrall, participara em vários testes com livros realizados para diferentes interlocutores. Descobriu que a filha de Verrall, a Sr.^a W. H. Salter, Troubridge-Hall e o Reverendo W. S. Irving tinham todos recebido referências à obra *La Vita Nuova* de Dante, bem como alusões à «vida nova» noutros contextos.

Uma vez que os interlocutores, no seu esforço constante para manter a objetividade, não comparavam apontamentos, passaram por alto o facto de que todas essas referências, quando consideradas em conjunto, constituíam efetivamente uma prova muito significativa dos interesses particulares do Dr. Verrall e da sua família. O próprio Verrall fora um estudioso da literatura italiana e um especialista em Dante. O livro estava intimamente associado, na mente da sua filha, ao seu casamento e à morte da sua mãe. Estas associações foram destacadas nas mensagens dos testes com livros, juntamente com a sugestão adicional de uma «vida nova» relacionada com o nascimento iminente de um neto do Dr. Verrall.

Richmond acreditava que a evidência de uma intenção unificadora era clara em todas estas comunicações diversas.

VII

PRECOGNIÇÃO

Nos últimos anos surgiram testes de precognição em laboratórios de parapsicologia, mas muito antes disso os comunicadores da Sr.^a Leonard já demonstravam precognição através de vários procedimentos experimentais.

Entre estes destacavam-se os testes com jornais, nos quais um comunicador descrevia um elemento que, segundo afirmava, apareceria numa edição ainda por publicar. Na maioria dos casos, a mensagem assim fornecida destinava-se a apresentar provas da sua identidade. A estratégia era semelhante à dos testes com livros; até ler o jornal, o interlocutor não fazia ideia da forma sob a qual a mensagem surgiria. Estes testes pretendiam demonstrar que a informação fornecida nas sessões da Sr.^a Leonard ultrapassava o conhecimento subconsciente da médium ou do interlocutor.

Charles Drayton Thomas recebeu estes testes com jornais em quantidade tão grande que, segundo dizia, a sua leitura cansaria qualquer pessoa que não fosse um investigador psíquico extremamente determinado. Eis um dos exemplos mais simples, recebido numa sessão de 19 de dezembro de 1919. Foi registado imediatamente após ter sido recebido, às 15h10, e deveria ser verificado na edição do *London Times* do dia seguinte. Thomas escreve:¹

Tendo sido orientado para a primeira página e para um ponto situado pouco mais de um terço abaixo da terceira coluna, foi-me pedido que olhasse para a esquerda, onde, aproximadamente alinhado com esse local, apareceria o meu nome e, um pouco acima, o da minha esposa...

E, a menos de uma polegada desses nomes, deveria encontrar a idade da minha esposa.

Ao examinar essa parte do *Times* no dia seguinte, Thomas encontrou o seu primeiro nome, Charles, e o nome Clara, da sua esposa, a menos de uma polegada um do outro. Exatamente uma polegada e cinco oitavos acima desses nomes encontrava-se o número 51, idade que Clara tivera até uma semana antes, quando fizera anos.

Drayton Thomas tinha por hábito invariável enviar pelo correio uma cópia dos testes com jornais para a Society for Psychical Research logo após os receber. Assim documentava o facto de a informação ter sido recebida no dia anterior à publicação do jornal a que se referia.

Ao avaliar a importância destes testes com jornais, é fundamental conhecer a hora em que eram recebidos. A sessão terminava normalmente pelas 17h15, e uma cópia do teste era enviada para Londres por volta das 18h00. Isto acontecia muito antes de a edição do jornal do dia seguinte estar composta. Thomas verificou-o visitando a tipografia do *Times* às 16h30 de uma tarde, acompanhado por um amigo que obtivera as autorizações necessárias. Mostraram-lhes as bandejas tipográficas onde o texto das três primeiras colunas do jornal do dia seguinte era colocado à medida que era composto. Nessa altura, as bandejas continham apenas material suficiente para cerca de um quarto de coluna. À medida que as notícias chegavam, eram distribuídas pelos diferentes operadores de linótipo e só voltavam a reunir-se quando já estavam compostas nas bandejas. Estas não ficavam completas até tarde na noite, e o jornal só era montado ainda mais tarde. Assim, na tarde do dia anterior, ninguém vivo sabia exatamente que notícia apareceria numa determinada posição de uma determinada página do *Times* do dia seguinte.

Apesar disso, repetidamente os comunicadores previam que uma determinada combinação de nomes e dados apareceria numa certa zona da primeira página do *Times* do dia seguinte. E Drayton Thomas encontrava-os normalmente lá.

Os elementos seguintes foram recebidos num determinado dia para um Dr. Dyson, amigo médico de Thomas. Alegadamente tinham sido enviados pelo irmão de Dyson, que já comunicara com êxito anteriormente.

FEDA: Os primeiros testes destinam-se ao seu amigo e vêm do seu comunicador espiritual, cujo nome aparecerá aproximadamente a meio da primeira coluna da primeira página do *Times* de amanhã.

COMENTÁRIO DE THOMAS: Exatamente a meio dessa coluna aparece o nome Dyson, o que está correto.

FEDA: Muito perto dele está o nome do seu amigo ou um nome quase igual.

COMENTÁRIO DE THOMAS: Duas polegadas e meia abaixo de Dyson encontra-se o nome St. Andrew's. Até receber os comentários do Dr. Dyson sobre estes testes, eu desconhecia que o seu segundo nome era Andrews. «Quase igual» — o apóstrofo constitui a diferença.

FEDA: Um pouco mais abaixo, cerca de três quartos da coluna, aparece o nome de um lugar que eles visitaram juntos e de que muito gostavam.

COMENTÁRIO DE THOMAS: Ao examinar o jornal, o Dr. Dyson encontrou nessa posição uma referência a Filey, local onde ele e o irmão tinham passado férias juntos muitas vezes.

Os interlocutores ficaram particularmente impressionados com as provas de identidade pessoal fornecidas por estes testes com jornais. Thomas escreve:

Não acontece que sejam fornecidos vários nomes na esperança de que alguns deles possam ser apropriados. Não existe procura aleatória de nomes nem sugestões vagas que possam aplicar-se a quase qualquer interlocutor.

O meu comunicador demonstra um conhecimento íntimo das nossas relações familiares e dos nossos amigos e consegue, por meio deste tipo de teste, introduzir numerosos nomes que nunca tinham sido transmitidos anteriormente nem mencionados na presença da médium quando esta estava desperta.

A impressão produzida em mim foi cumulativa e logicamente irresistível.

Estou convencido de que não é outro senão o meu próprio pai quem repetidamente conseguiu fornecer provas positivas da sua identidade.

A sessão seguinte teve lugar às 18h20 de 7 de maio de 1920. Foram dados sete testes baseados na primeira página do *Times* do dia seguinte. O resultado foi classificado como seis acertos e um fracasso.

FEDA: Procure perto do topo da segunda coluna da primeira página uma referência a um vizinho que vive muito perto de si. O seu pai sente que existem dois nomes juntos que se referem a esses vizinhos. Compreenderá.

COMENTÁRIO DE THOMAS: A quatro polegadas do topo da segunda coluna aparece Bird's. A poucas portas da nossa vivem os nossos amigos Sr. e Sr.^a Bird. As palavras relevantes eram: «Wood of Birds-grove.»

FEDA: Quase a meio da segunda coluna encontra-se o nome de um homem da sua Missão. Mas o seu pai teve a impressão de que esse nome também se aplicava a alguém que conheceu na Terra há muitos anos, embora não da mesma família. Faz-lhe lembrar essa pessoa.

COMENTÁRIO DE THOMAS: Durante vários anos estive ligado à equipa da Leysian Mission, em Londres, e entre os nossos colaboradores mais antigos encontra-se um Sr. Mason. A menos de uma polegada do ponto médio da coluna aparece o nome Mason; a posição foi assim prevista com absoluta precisão. O meu pai conheceu um ministro com esse nome quarenta anos antes e durante vários anos mantivemos relações muito próximas com membros da sua família.

FEDA: Na primeira coluna, cerca de um quarto abaixo do topo, aparece o nome do seu pai relacionado com um lugar que ele conhecia muito bem há cerca de vinte anos.

COMENTÁRIO DE THOMAS: Entre um quarto e metade da coluna aparecem o nome John e, uma polegada acima, Birkdale. O

nome do meu pai era John, e Birkdale era o nome da única casa que alguma vez possuiu, comprada quase vinte anos antes quando se reformou e onde viveu até morrer.

FEDA: Logo por baixo e muito perto encontra-se outro lugar que ele conheceu. Sentiu que ficava no sul de Inglaterra, diretamente a sul, a uma boa distância de Londres. Viveu lá apenas pouco tempo; foi um dos lugares onde residiu menos tempo.

COMENTÁRIO DE THOMAS: Uma polegada abaixo aparecia Southampton, e como o meu pai vivera em dois locais próximos dessa cidade, supus que a descrição vaga pretendia referir-se à região. Considerando-a demasiado vaga para servir de prova, perguntei na sessão seguinte se era Southampton que ele queria dizer. Responderam-me que não: «Newport era o que ele pretendia.» Respondi que Newport não aparecia no jornal, mas ao regressar a casa descobri, apenas um quarto de polegada abaixo de Birkdale, o nome Newbury. Considerando o caso um fracasso e ignorando a posterior referência a Newport, havia...

FEDA: Mais abaixo na coluna ele viu, ou melhor, sentiu, uma referência a Ramsgate ou àquela região. Mas muito perto, a menos de uma polegada, estava o nome de algumas pessoas de quem a sua mãe se lembrará bem por terem estado em Ramsgate. De facto, ela recebeu recentemente notícias delas através de alguém que encontrou.

COMENTÁRIO DE THOMAS: Estas três afirmações revelaram-se corretas. No fundo da coluna aparecia Herne Bay, perto de Ramsgate e local que o meu pai visitava ocasionalmente. Na mesma linha e a menos de uma polegada encontrava-se o nome Joseph, que imediatamente me fez pensar num amigo ministro chamado Joseph Silcox que, após deixar Ramsgate, se estabeleceu em Herne Bay, onde morreu. A minha mãe encontrou frequentemente a família desde então e disse-me que, doze dias antes deste teste, ouvira falar deles através do seu ministro.

FEDA: Outro nome relacionado com Ramsgate está também muito perto, mas trata-se de alguém que ainda vive em Ramsgate e

por quem a sua mãe se interessará. Perguntei então se eu conhecia essa pessoa. Responderam-me: «Sim, a sua mãe falou-lhe dele.»

COMENTÁRIO DE THOMAS: Ao consultar o *Times* no dia seguinte, não restou qualquer dúvida quanto ao nome, que surgia no anúncio imediatamente a seguir ao anterior, embora já no topo da segunda coluna. Poderemos supor que foi deslocado para ali devido a algumas inserções tardias feitas depois de estes testes terem sido escolhidos? O anúncio tinha como título Preston. Um senhor com este nome continuava a desempenhar papel destacado no trabalho religioso e de temperança em Ramsgate e era bem conhecido do meu pai. A minha mãe falara-me dele exatamente três semanas antes. Deve notar-se que a formulação da mensagem implica conhecimento de que, enquanto a família Joseph já não se encontrava em Ramsgate, o Sr. Preston continuava a residir lá.

FEDA: Perto do fundo da primeira coluna estão o seu nome próprio e também o nome Thomas, muito próximos um do outro.

COMENTÁRIO DE THOMAS: Assim era. A três quartos da coluna e separados apenas por quatro linhas apareciam Thomas e The Reverend Charles. A precisão geral das posições indicadas nestes testes merece atenção.

Em alguns casos, afirmavam os comunicadores, a sua própria influência fazia surgir os acontecimentos futuros. Por exemplo, um comunicador podia anunciar que o interlocutor encontraria determinada pessoa num dado local e momento; depois influenciaria essa pessoa para que comparecesse nesse local à hora prevista. Exemplos clássicos são os chamados testes com imagens, dos quais a Sr.^a W. H. Salter relata uma série de três. O Reverendo W. S. Irving era o interlocutor.

FEDA: Dora diz: «Quero que saiba que em breve verá uma imagem que lhe fará lembrar-me da minha vida terrena. Influenciarei os acontecimentos para que tenha a certeza de a ver.»

COMENTÁRIO: O Sr. Irving encontrava-se em visita aos pais da sua esposa. Na manhã seguinte à sessão, ao descer para o pequeno-

almoço, encontrou uma grande fotografia da esposa sobre a cornija da lareira. Tinha sido tirada quase trinta anos antes, mas ele nunca a tinha visto. A sogra explicou-lhe que a encontrara no dia anterior, durante a sua ausência na sessão, e a colocara ali para que ele a visse.

FEDA: Ela diz que vai consigo ver algumas imagens, muitas imagens. Há lá algo para o qual ela quer que olhe, uma imagem que, quando a vir, lhe fará recordar a sessão de hoje, o facto de ela ter vindo ter consigo. Conseguirá impressioná-lo imediatamente para olhar para a imagem certa. Haverá apenas uma que se ajustará.

COMENTÁRIO: Na noite seguinte, tendo algum tempo livre, o Sr. Irving entrou num cinema. O filme exibido era *The Devil's Claim*, com Sessue Hayakawa, apresentado naquele dia pela primeira vez e sobre o qual ele nada ouvira antecipadamente.

Numa das cenas, um homem visita uma médium, sentada num sofá, aparentemente em transe.

No dia seguinte, o Sr. Irving verificou se os cartazes à entrada do cinema poderiam ter sugerido a presença dessa cena, mas não havia qualquer indicação dela. Tratava-se de um filme americano e ele não tinha lido qualquer crítica ou comentário prévio.

¹ Charles Drayton Thomas, *Some New Evidence for Human Survival*, Londres, 1922.

⁸ Kenneth Richmond, «An Example of Evidence of Intention in Book Test Material (the “La Vita Nuova Case”)», *Proceedings S.P.R.*, vol. XLIV, maio de 1936.

Outro exemplo, mais complexo, de teste com imagens é conhecido como «**O Caso do Ícone**». Resulta de uma sessão de Irving realizada em 10 de agosto de 1923.

FEDA: É um teste com uma imagem. Terá de a mostrar mais claramente, Dora. Uma imagem...

COMENTÁRIO: O Sr. Irving afirma que, nessa mesma tarde, decidiu por impulso marcar uma sessão...

FEDA: ...mostrando aquilo que parece um grande sol brilhante, colorido e agressivo. Quer dizer um rapaz? Não! Um sol! Não sei se é realmente uma imagem do sol, mas parece-o. Perto do sol, e parcialmente — talvez até totalmente — em redor dele, existem raios, linhas, barras; linhas e barras de comprimentos desiguais. Um homem vestido à moda antiga, não um jovem, mas um homem idoso, com um traje muito antiquado, do género que já não se vê hoje em dia, parece estar a fazer algo com a mão... como se estivesse a segurar alguma coisa diante de si...

Ela diz: «Enquanto olhava para isso fiquei algo confusa quanto a saber se eram duas imagens tocando-se uma à outra, se estavam próximas uma da outra, ou se tudo fazia parte da mesma imagem.»

COMENTÁRIO: ...com o médium A. Vout Peters, para setembro. Foi-lhe pedido que aguardasse porque Peters estava ocupado. Cerca de meia hora depois, Peters entrou apressadamente. Pareceu surpreendido ao encontrar Irving à espera, atravessou a sala e apontou para uma imagem num canto que Irving não tinha notado, dizendo:

«Estes são os ícones.»

Mais tarde Peters mostrou-lhe outro, mas foi o primeiro ícone que correspondia à descrição dada através da Sr.^a Leonard. Era pequeno, cerca de 26,5 × 21,5 cm. Representava São Vladimir, o homem que introduziu o Cristianismo na Rússia. O santo era idoso, tinha barba grisalha, usava coroa e vestes longas e esvoaçantes. Em redor da sua cabeça havia uma auréola cujos raios dourados poderiam corresponder ao «sol» descrito por Feda. O santo erguia uma cruz nas mãos. O fundo em redor da figura era dourado, exceto na base, onde apareciam falésias e árvores verdes. Imediatamente à volta da imagem, no interior da moldura, existia uma faixa de folha metálica castanha com marcas amareladas. Num certo sentido, estes ícones podem considerar-se duas imagens numa só, porque a pintura é executada primeiro e depois grande parte dela é recoberta com ouro.

FEDA: Ela diz, Sr. Bill, que não quer que ande à procura da imagem; ela conseguirá fazer com que alguém lha mostre. Há nela

algo sagrado, algo que sugere a cruz e de que se lembrará. Coisas sagradas, algo relacionado também com sacrifícios. Sacrifícios e folhas, folhas verdes. Pedra contornando uma grande distância. Não exatamente como fora planeado. Diferença.

Ela diz: «Quando a vir, compreenderá todos estes comentários estranhos.»

Irving só tinha estado uma vez antes em casa de Peters, em abril, para uma sessão realizada no gabinete situado na parte posterior da casa. Nessa ocasião notara alguns ícones nessa divisão, mas não se recordava de ter entrado na sala da frente. A imagem de São Vladimir não lhe despertou qualquer recordação de a ter visto anteriormente.

Na tarde de quinta-feira, 22 de novembro de 1923, o Sr. Irving participou numa sessão com a Sr.^a Leonard que deu origem ao que ele chamou «**O Caso da Casa e do Navio**».

FEDA: Feda descreve uma imagem em que existe um caminho rural com relva dos dois lados — mas algo estranho — «esta relva não parece correta; tem a cor errada».

Mas a relva é verde, Dora!

«Sim, eu sei, mas é um tom errado», responde ela.

E uma casa branca e escarlate. Que bonito! Ela diz que verá esta imagem muito em breve — pensa que ainda esta noite. Num lugar inesperado, improvável. Quer especialmente que repare no tom de verde que considera errado. Perto da imagem, como que à sua volta, existem riscas pretas e brancas — uma série de riscas pretas e brancas. Há uma janela perto dela, Dora? Bron... Brun... uma palavra sugerida por esta imagem.

Perto dela existe um lugar perigoso. Esse lugar perigoso está ligado a ruídos.

Dora diz: «É extraordinário como por vezes consigo fazê-lo olhar para aquilo que pretendo. Por vezes capta maravilhosamente as minhas impressões.»

COMENTÁRIO: Na noite de quinta-feira, Irving ocupou-se a tentar encontrar a imagem de uma casa branca e escarlate. Na sexta-feira decidiu dedicar algumas horas ao lazer e levou a cunhada, a Sr.^a Savy, a uma sessão cinematográfica de *One Exciting Night*.

Mais tarde, quando comprava os bilhetes de regresso no metropolitano, a cunhada exclamou:

«Ora aí está a sua casa vermelha!»

À direita da bilheteira estava pendurada uma imagem de grandes dimensões mostrando uma casa vermelha e branca; a construção era branca, com telhado e chaminés vermelhos vivos. Em primeiro plano aparecia um caminho rural. De ambos os lados do caminho existia relva azul-viva. A estação era Brondesbury and Kilburn. A cerca de metro e meio à esquerda da imagem encontravam-se a tabela de tarifas e o horário dos comboios, ambos compostos por colunas que pareciam riscas pretas e brancas. Esta bilheteira ficava junto de uma passagem muito perigosa por onde os automóveis passavam rapidamente. Situava-se quase debaixo da ponte ferroviária sobre a qual passavam comboios elétricos ruidosos de poucos em poucos minutos.

FEDA: Sr. Bill, talvez neste momento não se recorde — tem estado a olhar ultimamente para a imagem de um navio? Com particular atenção aos navios?

W. S. IRVING: Vi um anúncio com um navio esta manhã.

FEDA: Não creio que seja importante, mas ela acabou de captar isso da sua mente. A imagem do navio impressionou-o um pouco. Não era apenas um anúncio; era uma imagem de um navio. É essa mesma, Sr. Bill, mas esta noite verá outro que facilmente poderia passar por uma cópia dele. Não é o mesmo navio, mas um muito semelhante e, diz ela, «julgo que reconhecerá imediatamente a semelhança».

COMENTÁRIO: Tendo chegado demasiado cedo ao local onde se encontraria com a Sr.^a Savy, Irving ocupou o tempo caminhando até um teatro próximo e observando os cartazes à entrada. O filme era *Down to the Sea in Ships* e havia numerosas ilustrações de veleiros de três mastros.

Recordou então que, algumas semanas antes, tinha visto um filme sobre navios à vela e ficara particularmente impressionado pela beleza de um navio com todas as velas desfraldadas.

Outro caso de precognição é relatado pela Sr.^a Josephine H. Fernald, que atuou como registadora numa sessão realizada em 6 de março de 1925 com a Sr.^a Leonard. O seu marido era o interlocutor. O alegado comunicador era o filho de ambos.

FEDA: A mente do jovem está dividida entre dois lugares — muito interessado em que esteja aqui e também noutra lugar longe de Londres. Uma parte curva da costa, junto ao mar — navios. Gosta muito desse lugar. Em breve será lembrado dele quando lhe for colocado diante dos olhos. Um porto marítimo, utilizado como porto de embarque. Há uma ilha perto dele.

Mostra-me o senhor a segurar algo na mão — um papel ou um livreto estreito com texto impresso ou imagens. Como se o abrisse de repente e fosse imediatamente recordado desse porto. Vê-lo-á antes de partir, mas partirá. Dentro de poucas horas será lembrado dele. Uma ilha de que será lembrado. É isso. Uma ilha, e é esse o seu nome.

COMENTÁRIO: Os Fernald não tiveram dúvidas de que o local descrito era São Francisco, cidade de que o filho gostava profundamente. Nas proximidades possuíam uma casa com vista para a baía e para Angel Island, uma das três ilhas da baía.

Em 28 de março, a Sr.^a Fernald recebeu pelo correio um embrulho bem enrolado. Ao abri-lo, a primeira coisa que viu foi uma fotografia de página inteira mostrando uma parte da Baía de São Francisco com Angel Island. Tratava-se do suplemento ilustrado do *San Francisco Chronicle* de 11 de março de 1925, enviado por impulso repentino por um amigo que sabia que eles apreciariam vê-lo.

Ocorreram também casos espontâneos de precognição em sessões da Sr.^a Leonard quando não se tentava qualquer teste formal. Drayton Thomas escreve⁴ que, numa ocasião:

Os pais da minha esposa, falando através de Feda, disseram-me que aguardavam com expectativa ver-nos em breve a receber visitantes; seriam dois e possivelmente um terceiro.

Nem a minha esposa nem eu conseguíamos compreender o significado daquilo, pois não tínhamos qualquer visita prevista.

Mas, dois dias depois, recebemos uma carta do irmão da minha esposa dizendo que vinha para Inglaterra com o filho e a filha e que desejava ficar connosco até a sua casa em Bromley estar pronta; o filho provavelmente ficaria com outros familiares, embora isso ainda não estivesse decidido; de qualquer modo, dois deles viriam para nossa casa.

Assim, o plano já estava claramente definido na sua mente e a carta seguia a caminho quando a previsão foi feita.

Se, depois de feita uma previsão, os planos humanos forem alterados, isso poderá modificar a data inicialmente prevista para o acontecimento.

Numa sessão de 22 de dezembro de 1922, a minha irmã Etta (comunicadora) perguntou-me se a nossa mãe já recebera a oferta de uma mala. Feda prosseguiu com uma descrição:

«Uma mala macia de seda, não de uma única cor, decorada com pontos ou aplicações, ou parcialmente assim.»

Em 5 de janeiro observei que nenhuma mala com essas características tinha aparecido.

Feda respondeu:

«A ideia de Etta era que fosse uma prenda de Natal para a mãe. Talvez tenha sido adiada. Porque ela continua a ter essa impressão e sente que a mãe acabará por receber essa mala.»

Essa confiança revelou-se justificada, pois a mala chegou efetivamente e correspondia exatamente à descrição. Foi oferecida no aniversário da mãe de Thomas, a 27 de janeiro, pela Sr.^a Whitehead, que então a visitava. A Sr.^a Whitehead informou-o de que a tinha

confeccionado no outono, com intenção de a oferecer no Natal, mas mais tarde decidiu guardá-la para a oferecer no aniversário. Quando Thomas perguntou posteriormente a Etta como obtivera essa informação, ela respondeu que o fizera «da forma habitual, percebendo o pensamento na aura da pessoa».

Durante a Segunda Guerra Mundial houve numerosas previsões relativas a acontecimentos militares futuros. Com poucas exceções, segundo Thomas, vieram a cumprir-se. No verão de 1942 a situação militar britânica em África era muito difícil. Em 30 de junho, os alemães encontravam-se a menos de cento e cinquenta quilómetros de Alexandria. «Foi o nosso momento mais crítico», escreve ele, «aliviado apenas pela garantia de que reforços estavam a contornar o Cabo da Boa Esperança.» Mas Feda e os comunicadores afirmavam saber que a situação melhoraria em breve. Nessa época Thomas realizou algumas sessões com a Sr.^a Leonard.

Feda — 30 de junho de 1942

O seu pai tem a certeza de que algo muito, muito importante acontecerá em outubro. Continua a escrever Outubro 28 e 29, virando alguma coisa nessa altura.

Esta data crucial foi igualmente fornecida por outro comunicador. Numa sessão da Sr.^a Leonard realizada em 26 de agosto de 1942, o Reverendo A. F. Webling recebeu do seu filho comunicador a seguinte mensagem:

Tenho uma data na mente. Como lhe disse, nem sempre conheço estas coisas acerca do futuro... mas ultimamente continua a surgir-me uma data. Ou melhor, duas datas seguidas; algo relacionado com 28 e 29 de outubro; algo relacionado com a guerra.

Tenho a sensação de que se trata de um ponto de viragem extremamente importante, muito marcante. Interpreto-o como algo de enorme significado para a guerra e que acabará por nos favorecer.

Pai, senti alívio.

(Isto foi dito em voz direta.)

Gostaria que sublinhasse isto.

Em 18 de agosto de 1942, o Tenente-General Montgomery assumira o comando do Oitavo Exército. Em 23 de outubro iniciou uma ofensiva total. A operação foi bem-sucedida. Em 3 de novembro as forças de Rommel batiam em retirada desorganizada. Duas semanas depois os alemães tinham sido expulsos da Cirenaica e os sinos das igrejas britânicas tocavam em celebração da vitória. Foi a primeira fase da retirada alemã, que prosseguiu até que os únicos alemães vivos no Norte de África se encontravam prisioneiros.

Esta vitória decisiva, ponto de viragem da guerra, ocorreu no final de outubro e nos primeiros dias de novembro. Segundo um relato oficial divulgado pela BBC, a verdadeira inversão da situação começou em 30 de outubro. Assim, a data fornecida pelo pai de Thomas dezasseis semanas antes do acontecimento foi repetida por outro comunicador nove semanas antes do seu cumprimento notável em 30 de outubro.

A data prevista por duas vezes revelou-se, portanto, coincidente com o ponto de viragem da guerra no Norte de África e com o início do avanço irresistível do Oitavo Exército britânico.

Ao receber esta previsão, Thomas enviou uma cópia ao Sr. Saltmarsh, que acusou a receção e mais tarde lhe escreveu acerca do seu cumprimento, após a discutir com um amigo. Quando o Sr. Webling lhe enviou uma cópia da repetição da mesma previsão pelo seu comunicador, Thomas enviou-a igualmente para ser arquivada juntamente com a primeira. Após a morte de Saltmarsh, estes documentos foram depositados na Society for Psychical Research. Assim existem testemunhas de que, quatro meses antes do acontecimento — e novamente dois meses antes dele — esta data crucial do final de outubro fora registada.

VIII

TESTES DE ASSOCIAÇÃO DE PALAVRAS

Serão as personalidades de transe indivíduos reais e autónomos ou apenas manifestações da própria personalidade da médium?

Em 1934, W. Whately Carrington aplicou métodos quantitativos a este problema. Carrington foi um pioneiro — matemático, filósofo e investigador psíquico sistemático e metuculoso. Era também, como observou Gardner Murphy,¹ «um homem de calor humano, generosidade, intensidade, entusiasmo e paixão». Os métodos rotineiros não lhe despertavam interesse; os procedimentos tinham de ser novos para o atraírem. E quando cometia erros, como sucede com todos os investigadores pioneiros, aprendia rapidamente com eles e reconhecia-os sem hesitação.

Assim, embora tenha obtido aquilo que considerou resultados significativos nas suas primeiras investigações,² mais tarde alterou os seus métodos de teste e publicou vários trabalhos subsequentes corrigindo as conclusões anteriores.

O primeiro relatório de Carrington observava que os estudos sobre o estatuto psicológico das personalidades de transe tinham estado amplamente limitados ao método do «banco das testemunhas».

Temos escutado os relatos que essas personalidades fornecem acerca de si próprias, temos realizado algum interrogatório cruzado e procurado verificar os elementos de informação que utilizam para sustentar as suas alegações de identidade.

Tratámo-las quase exatamente como trataríamos alguém que afirmasse ser o herdeiro desaparecido de um ducado.

Mas não aplicámos processos de medição e cálculo que permitam transformar esta investigação numa ciência exata.

¹ Gardner Murphy, «Obituary», *Journal A.S.P.R.*, vol. 41, 1947.

² W. Whately Carrington, «*The Quantitative Study of Trance Personalities*», *Proceedings S.P.R.*, vol. XLII, 1934.

Assim, Carrington propôs-se resolver três problemas principais:

«Primeiro, conceber um método quantitativo para experimentar com personalidades de transe. Segundo, utilizar esse método para determinar se poderia fornecer provas a favor ou contra a autonomia dos comunicadores espirituais. Terceiro, descobrir o máximo possível acerca da psicologia do estado de transe.»³

Partindo do princípio de que cada personalidade é única, procurou um método que permitisse distinguir entre a médium no seu estado normal, o seu controlador e as outras entidades designadas comunicadores, alegadamente personalidades sobreviventes.

Para esse fim recorreu ao **Teste de Associação de Palavras** desenvolvido por C. G. Jung. Jung baseara-o na teoria de que experiências emocionais, embora reprimidas e completamente esquecidas, continuam a produzir reações mais fortes quando surgem palavras-estímulo relacionadas com elas do que quando surgem palavras indiferentes. Carrington considerou que dispunha assim de um meio para distinguir personalidades através de um exame relativamente direto do seu conteúdo psicológico.

Carrington escreve:

«A experiência de duas pessoas nunca é idêntica, e é essa experiência que confere significado conotativo às palavras, de tal modo que uma lista-padrão será, por assim dizer, acentuada de forma diferente para cada indivíduo; a comparação dessas acentuações deverá permitir-nos distinguir um indivíduo de outro.»

O procedimento era simples: o experimentador utilizava uma lista de palavras correntes, do género das que se encontram na vida

quotidiana, e pronunciava-as uma a uma perante o sujeito experimental. Este devia responder o mais rapidamente possível com a primeira palavra que lhe ocorresse em resposta à palavra-estímulo.

A forma da resposta podia revelar muito sobre a constituição psicológica da pessoa testada. Por exemplo, a primeira palavra evocada podia ser demasiado embaraçosa para ser pronunciada e teria de ser substituída por outra mais inocente; poderiam surgir dificuldades puramente intelectuais; ou o sujeito poderia hesitar entre duas respostas possíveis. Em qualquer destes casos, o tempo decorrido entre a palavra-estímulo e a resposta — o chamado tempo de reação — podia tornar-se anormalmente longo, indicando que a palavra possuía um significado especial para o sujeito.

O Teste do Tempo de Reação era cronometrado com um cronómetro graduado em quintos de segundo, que começava a contar quando a palavra-estímulo era pronunciada e parava quando era dada a resposta. Carrington explicou:

«Interessa-nos apenas a incidência diferencial, entre personalidades, dos prolongamentos do tempo de reação perante as diferentes palavras da lista.»

O teste foi utilizado em conjunto com outros relativos ao reflexo psicogalvânico (que mede perturbações psicológicas) e com **testes de reprodução**, nos quais o sujeito, após realizar o Teste do Tempo de Reação, tinha de recordar as respostas anteriormente dadas. Embora nenhum destes métodos tenha produzido os resultados que Carrington esperava, a sua ideia de aplicar instrumentos e testes psicológicos ao estudo da mediunidade era inovadora e abriu caminho ao desenvolvimento de outros métodos instrumentais, como o uso atual da eletroencefalografia para esse fim.

A experiência com a Sr.^a Leonard decorreu da seguinte forma: em cada uma de seis sessões foi utilizada uma lista de setenta e cinco palavras preparada por Carrington. Em cada sessão, o Reverendo Charles Drayton Thomas lia primeiro a lista à Sr.^a Leonard antes de ela entrar em transe e registava as respostas dadas a cada palavra. Quando terminava a lista, percorria-a imediatamente de novo,

anotando sempre que a resposta coincidissem com uma resposta dada anteriormente. Estas repetições constituíam o Teste de Reprodução.

Concluída esta fase, aguardava que a Sr.^a Leonard entrasse em transe e repetia o procedimento com Feda e com os comunicadores John e Etta, à medida que cada um assumia o controlador pessoal.

Carrington avaliou os tempos de reação e analisou os resultados. Declarou ter-se encontrado perante:

«uma estranha mistura de personalidades, semelhantes entre si sob certos aspetos, diferentes sob outros, em graus variados e conforme as circunstâncias — exatamente como se fossem quatro consciências distintas, cada uma interpenetrando as outras até certo ponto.»

Concluiu, porém, que os tempos de associação do controlador Feda apresentavam uma relação inversa, uma espécie de relação «em espelho», relativamente aos da médium no estado não hipnótico. Por esse motivo considerou Feda uma **personalidade secundária**, provavelmente formada em torno de um núcleo de material reprimido.

Carrington declarou, assim, de forma categórica, que tinha estabelecido o estatuto de Feda como personalidade secundária. Contudo, sustentou com igual convicção que John e Etta não apresentavam essa «contrassimilaridade» e que demonstravam um grau definido de autonomia, sendo, pelo menos em alguns aspetos, aquilo que afirmavam ser. Acrescentou, porém:

«Quero deixar absolutamente claro que nada do que apresentei autoriza alguém a afirmar — como alguns entusiastas certamente farão, por mais claramente que eu os previna — que este trabalho “prova a sobrevivência humana” ou sequer “demonstra a existência de entidades desencarnadas”.

É verdade que os factos são mais fáceis de explicar se fizermos certas pressuposições enormes de natureza espiritualista; mas isso não constitui prova.»⁴

Como linha futura de investigação, sugeriu experiências destinadas a verificar se seria possível obter reações significativamente semelhantes de um mesmo comunicador alegado através de dois médiuns diferentes.

«E quando, se alguma vez isso acontecer, obtivermos de um suposto comunicador, através de um médium, reações significativamente semelhantes às que ele apresentava antes da morte, então poderemos começar legitimamente a falar em prova de sobrevivência.»

Whately Carrington publicou um estudo quantitativo revisto e ampliado em julho de 1935,⁵ que considerava uma melhoria dos métodos analíticos.

Nesse trabalho cita *The Nature of the Physical World*, de Eddington:

«A descoberta científica assemelha-se à montagem de um enorme puzzle...

Um dia perguntamos ao cientista como vão as coisas e ele responde: “Muito bem. Quase terminei esta parte do céu azul.”

Noutra ocasião perguntamos novamente pelo céu e ele responde: “Acrescentei muito mais peças, mas afinal era mar e não céu; há um barco a flutuar sobre ele...”

Talvez da próxima vez se descubra que era um guarda-sol virado ao contrário...

O cientista formula hipóteses sobre a imagem final; depende muito delas para encontrar novas peças que encaixem; mas essas hipóteses vão sendo modificadas à medida que surgem desenvolvimentos inesperados durante a montagem...»

Infelizmente, o guarda-sol de Carrington revelou-se não apenas virado ao contrário, mas também cheio de buracos. Descobriu que, pouco depois da publicação do seu primeiro estudo quantitativo, Oliver Gatty e Theodore Besterman tinham realizado um Teste de

Associação de Palavras com as suas próprias adaptações experimentais.

O Sr. Gatty foi cronometrado enquanto reagia a listas de palavras lidas em voz alta, imaginando-se sucessivamente em diferentes situações de vida. Os seus tempos de reação variavam significativamente conforme a personalidade que fingia ser.

Ora, Carrington baseara as suas conclusões iniciais na suposição de que, se duas personalidades partilhassem um mesmo subconsciente, não poderiam — salvo fraude deliberada — produzir conjuntos significativamente diferentes de tempos de reação ou de perturbações nos testes de reprodução. Acreditava que tais diferenças constituiriam prova forte da autonomia das personalidades envolvidas. Os resultados de Besterman e Gatty, contudo, «destruíam completamente» essa hipótese inicial.

Segundo as suas próprias palavras, esses resultados:

«eliminam eficazmente a base da minha posição inicial segundo a qual tais diferenças não podem ser produzidas por um único indivíduo e, por conseguinte, indicariam que as personalidades em questão são autónomas e independentes.»

Apesar disso, Carrington pôde relatar que Drayton Thomas seguiu a sua sugestão e levou a lista de palavras a outra médium, a Sr.^a Sharplin. John e Etta alegadamente comunicaram através dela, e os seus tempos de reação revelaram-se significativamente semelhantes aos registados nas experiências com a Sr.^a Leonard.

Carrington escreve:

«Nestas sessões com a Sr.^a Sharplin, John e Etta alegadamente assumiram o controlo e foram testados em três ocasiões cada um com as primeiras cinquenta palavras da minha primeira lista. A própria Sr.^a Sharplin foi testada apenas em duas ocasiões.

A experiência é, portanto, de pequena escala e deve ser considerada apenas exploratória. Ainda assim, os resultados são muito notáveis.

Se aceitarmos a validade do procedimento, não vejo forma de escapar — ou, mais rigorosamente, apenas uma possibilidade em 714 — à conclusão de que fatores não aleatórios, não relacionados com a Sr.^a Leonard e não relacionados com a Sr.^a Sharplin estão a atuar nos bastidores.

E daqui é apenas um pequeno passo até supor que esses fatores são aquilo que afirmam ser — “John”, num caso, e “Etta”, no outro — ou talvez uma espécie de personalidade conjunta que combine ambos.

A única alternativa seria admitir que a Sr.^a Sharplin conseguiu imitar os comunicadores da Sr.^a Leonard, não quanto às palavras ou ao comportamento (onde, segundo entendo, a semelhança era claramente fraca), mas quanto às hesitações perante determinadas palavras e às falhas em reproduzir determinadas respostas.

Pessoalmente, consideraria essa hipótese muito mais fantástica do que a interpretação paranormal direta, e creio que a maioria das pessoas pensaria o mesmo.»

Contudo, acrescentou uma importante reserva:

«Embora publique estes resultados por os considerar de enorme interesse geral, faço-o com grande prudência.

Confesso alguma surpresa por ter obtido uma indicação tão marcada com tanta facilidade e, embora neste momento não detete qualquer falha no raciocínio, não me surpreenderia demasiado se alguma viesse a ser descoberta ou se as experiências mais extensas atualmente planeadas não confirmassem estes resultados.

Por isso insisto em que nada do que aqui digo seja usado contra mim mais tarde, enquanto não houver confirmação ou refutação.

Ao mesmo tempo, se não existir qualquer armadilha oculta neste trabalho, então parece tratar-se da mais forte prova objetiva da autonomia dos comunicadores até agora obtida.»

As críticas ao seu primeiro artigo tornaram Carrington consciente de várias falhas nos seus métodos de correlação. Reavaliou então o trabalho e recuou para a seguinte posição:

«Quanto à questão principal em debate... saber se existe ou não prova suficiente da atuação de alguma influência externa (presumivelmente — embora não necessariamente — algo da natureza daquilo que John e Etta afirmam ser), só posso adotar a seguinte posição:

Se estivesse em causa apenas alguns milhões de libras ou o destino de duas nações, sentir-me-ia inclinado a declarar sem hesitação que a atuação de tal influência externa ficou demonstrada e dar o assunto por encerrado.

Mas, dado que a aceitação de uma conclusão desta natureza, alcançada pela primeira vez na história através de métodos quantitativos rigorosos, abriria perspectivas perante as quais a teoria da relatividade pareceria de interesse meramente local, prefiro redobrar a prudência e não me comprometer — se é que alguma vez o farei — enquanto não tiver revisto todos os cálculos, com os aperfeiçoamentos indicados e com o novo material agora em recolha.

Se então obtivermos os mesmos resultados... poderemos razoavelmente concluir que “há ali alguma coisa” e dedicar-nos à tarefa mais delicada de determinar o que ela é.»

Entre os diversos críticos que discutiram as teorias de Whately Carrington em números posteriores dos *Proceedings* e do *Journal* da Society for Psychical Research, J. Cecil Maby⁶ questionou a abordagem quantitativa adotada.

«As qualidades são tão importantes quanto as quantidades e, por vezes, mais importantes.»

Maby inclinava-se para a hipótese de que as palavras produzidas nos testes provinham de telepatia exercida pela médium. Perguntava:

«Não será correto supor:

(a) que a Sr.^a Leonard, em transe, é perfeitamente capaz de ler a mente do seu interlocutor (especialmente de alguém tão familiar como C. D. T.) quase como um livro? Certamente leu assim a mente da minha mãe, que lhe era completamente desconhecida.

(b) que todas as palavras e ideias efetivamente fornecidas pelos comunicadores da Sr.^a Leonard, “John” e “Etta”, eram familiares ao próprio Charles Drayton Thomas, quer estivessem presentes no nível consciente quer no subconsciente no momento dos testes?»

³ *Proceedings S.P.R.*, vol. XLIV.

⁴ *Proceedings S.P.R.*, vol. XLII, 1935, p. 205.

⁵ *Proceedings S.P.R.*, vol. XLII, julho de 1935.

⁶ J. Cecil Maby, «A Further Note on Mr. Whately Carrington’s Investigation», *Proceedings S.P.R.*, vol. XLIII, dezembro de 1935.

(c) que as respostas de «John» e «Etta» (na medida em que eram específicas e não revelavam confusão com ideias presentes na mente da médium ou do seu controlador, «Feda») poderiam considerar-se razoavelmente bem separadas na própria mente de C. D. T., como memórias relativas ao seu pai e à sua irmã, respetivamente?

Acrescente-se a isto o facto de o próprio operador pronunciar as palavras-estímulo e de não poder deixar de ter em mente respostas apropriadas (quer ao nível consciente, quer ao nível subconsciente), e tornar-se-á evidente para todos que a leitura de pensamentos e/ou a telepatia ativa de pessoa para pessoa eram praticamente inevitáveis.

Mesmo que o Sr. Drayton Thomas tenha sido testado separadamente com a mesma lista de palavras e se tenha verificado que fornecia respostas pré-conscientes diferentes das de «John» e «Etta», isso não prova que a médium não estivesse a ler a parte subconsciente da mente do operador. Em qualquer caso, a Sr.^a Leonard estava, segundo entendo, tão familiarizada com o Sr. Drayton Thomas enquanto interlocutor e, conseqüentemente, também com os componentes «John» e «Etta» da sua mente, que as respostas apropriadas estariam já preparadas, mesmo quando outro operador,

como o Sr. Irving, o substituí. E, se alguém duvidar da possibilidade, ou mesmo da probabilidade, dessa interação mental, só posso sugerir que desconhece os factos da ciência psíquica ou deliberadamente se recusou a reconhecê-los.

De um modo geral, Carrington concordava com a conclusão de Maby segundo a qual a informação e o carácter das palavras-resposta eram definitivamente paranormais, qualquer que fosse a sua origem; mas deixou para Hereward Carrington⁷ a tarefa de responder à teoria de Maby segundo a qual a telepatia poderia explicar a «correção» das palavras-resposta.

Se a médium estivesse a ler a mente de Drayton Thomas, perguntava Hereward Carrington, como seria possível seleccionar dela apenas as palavras apropriadas associadas à memória da pessoa que alegadamente comunicava naquele momento? Escreveu:

Podemos estar dispostos a conceder ao subconsciente da médium uma enorme capacidade de representação. Mas isso não altera o nosso problema fundamental, a saber: porque são as respostas invariavelmente características da pessoa certa?

Ou, como afirmou o Reverendo Drayton Thomas:

«... tudo o que encontrámos parece favorecer a suposição de que, com a mudança de controlador, entra em funcionamento uma mente e uma memória compostas de forma diferente.»

(Itálico no original.)

As palavras de associação que recebemos pareciam bastante características e típicas das personalidades envolvidas em vida, tal como foi posteriormente confirmado por amigos e familiares que as conheceram quando viviam.

Tudo isto é muito diferente do material de Gatty, por mais interessante que seja do ponto de vista psicológico.

Em suma... parece, portanto, que as palavras de reacção constituem, em certo sentido, um indicador muito melhor da situação

real do que os reflexos galvânicos [ou os tempos de reação] tratados estatisticamente.

Esta conclusão parece ter sido amplamente confirmada pelos resultados do Sr. Thomas, nos quais também se obtiveram algumas reações altamente características, julgando apenas pelas palavras.

Encontramos nos testes publicados por Drayton Thomas⁸ que as palavras-resposta de John, por exemplo, eram quase invariavelmente aquelas que se esperaria ouvir de um digno ministro metodista do século XIX chamado John Drayton Thomas. À palavra «beer» respondeu «Bad. Stupid.» («Mau. Estúpido.»). À palavra «cook» respondeu «Coppy», alcunha de Copp, cozinheiro da sua família durante cerca de trinta anos.

Muitas das palavras-resposta de Etta aplicavam-se exclusivamente à pessoa chamada Etta. À palavra «name» respondeu «Joy», nome da sua única filha. À palavra «love» respondeu «children» e «Stuart», o filho mais novo de Etta.

As palavras-resposta de Feda poderiam muito bem ser as de uma rapariga hindu de tempos remotos. Como seria de esperar, suscitaram ampla discussão. Números posteriores do *Journal of the Society for Psychical Research* publicaram numerosas cartas comentando os testes e, em especial, as reações de Feda.

O Bispo F. J. Western, de Tinnevely, no sul da Índia, escreveu questionando o sabor oriental das palavras de associação de Feda. Tinha vivido em Deli durante vinte e quatro anos como missionário e conhecia hindustani. Afirmava que algumas das suas palavras eram completamente inadequadas para uma indiana que tivesse vivido perto de Simla cento e trinta anos antes. À palavra «make» ela respondera «curry» e «sari», mas, segundo ele, os indianos pensavam no caril mais como acompanhamento do que como refeição. A resposta mais provável seria «rice» («arroz»). Acrescentava que as mulheres indianas não faziam os próprios saris; compravam o tecido e simplesmente enrolavam-no em torno do corpo.

M. J. Balfour respondeu afirmando que trabalhara durante muitos anos na área médica na Índia, que as mulheres indianas falavam do caril como refeição, tomando o arroz como garantido, e que talvez, no tempo de Feda, as mulheres tecessem em casa o tecido destinado aos saris.

O Professor E. R. Dodds pediu à esposa que lhe lesse a série de palavras de associação; enquanto respondia, representava o papel de um americano, e ainda por cima republicano. À palavra «make» respondeu «whoopie». À palavra «paint» respondeu «town red». Garantiu que:

«Os resultados obtidos com Feda não se distinguem qualitativamente de resultados simulados.»

Drayton Thomas não contestou a ideia do Professor Dodds acerca do que constituía um americanismo, mas observou que o seu tempo de reação aumentava sem dúvida quando fingia respostas, e que seria muito mais longo se enfrentasse os obstáculos que um comunicador teria de ultrapassar.

«Que volte a percorrer a lista de palavras-estímulo», sugeriu ele, «sussurrando as respostas a outra pessoa, que depois as pronunciará por ele.»

Hereward Carrington apoiou esta sugestão. Considerava que o argumento de Thomas fora injustamente menosprezado por aqueles que realizaram os testes simulados.

Em *The Word Association Test with Mrs. Osborne Leonard*, Drayton Thomas apresenta a maior parte das palavras-resposta de Feda, bem como muitas das de John e Etta. Começa por descrever o procedimento utilizado:

Depois de recolher as reações às setenta e cinco palavras, percorria imediatamente a lista uma segunda vez com a mesma personalidade, pedindo que as respostas fossem dadas o mais rapidamente possível.

A reprodução da palavra-resposta anteriormente dada pode indicar memória retentiva, mas mais provavelmente uma associação mental definida.

É especialmente provável que seja esta última hipótese quando a palavra idêntica reaparece numa sessão ou em sessões realizadas várias semanas depois da primeira.

Por exemplo, Etta deu «sunbonnet» como resposta à palavra «hat» e repetiu-a em todas as sessões e em todos os Testes de Reprodução, enquanto nenhuma outra personalidade sequer mencionou essa palavra. ...

O efeito das reações de Feda, dadas com a sua habitual vivacidade, era reforçado por apartes e explicações.

Infelizmente, a falta de tempo obrigou-me a desencorajá-los.

Contribuíam certamente para o colorido das respostas, cuja atmosfera oriental se pode observar nos exemplos seguintes:

(As palavras em maiúsculas são as que foram repetidas no Teste de Reprodução.)

FEDA: Go (Ir): Slave.

Friend (Amigo): amar. Amat. NABOB. MISSION.

Village (Aldeia): Black. Multitude. PLAGUE. POOR. Plague. Poor.

Sick (Doente): Slave. LEPER. LEPER.

Angry (Zangado): Prince.

Head (Cabeça): TURBAN. TURBAN.

Cook (Cozinheiro): Curry. CURRY. CURRY. BOY.

Pay (Pagar): RUPEE. Gaekwar.

Dress (Vestido): Sandals. SARI. Muslin. Gauze.

Hat (Chapéu): SILLY. SARI. Drapery.

Wild (Selvagem): Elephants. Dervish. JUNGLE. LION.

Month (Mês): Monsoon. Monsoon.

Walk (Caminhar): SEDAN. SEDAN.

Lamp (Lâmpada): Palace. Gold.

Bread (Pão): BLACK. BLACK. BLACK. MAIZE. BLACK.

Tree (Árvore): Mango. MIMOSA. MANGO. MANGO.

Pity (Piedade): Leper.
Street (Rua): BAZAAR. BAZAARS. BAZAAR. Village. BAZAARS.
Justice (Justiça): Missionary. Nabob.
Paint (Pintar): NAILS. TOES. TOES. TOENAILS.
Carry (Transportar): MULE. MULE. Water. Mule.
Rich (Rico): NABOB. NABOB. NABOB. PRINCE. Beggars.
Jump (Saltar): PURDAH.
Doctor (Médico): WIZARD. WIZARD. WIZARD. WIZARD.
Box (Caixa): Incense. CEDAR. JEWELS. JEWELS.
White (Branco): Turban.
Sad (Triste): Widow. Eunuch.
Dog (Cão): Pariah. PARIAH.
Travel (Viajar): CANOPY. Procession. Sedan.
Beat (Bater): SLAVES. DRUM. DRUM. DRUM.
Old (Velho): PRIEST. Priest. Priest.
Hunger (Fome): Dog. VILLAGE.

Eis mais algumas palavras-resposta de Feda acompanhadas das suas explicações:

Drive – Purdah: «Quando se está em purdah quer-se ir passear e não se pode.»

Bet – Anna: «Não gosto de apostas, e não se deve usar mais de uma anna; isso basta para uma aposta.»

Sleep – Heavy: «Cachimbo, sabe, quando se fuma cachimbo.»

Land: «Não tenho palavra para isso. Não interessa à Feda. A Gladys está sempre a pensar nisso. Veja, eu não gosto de terra; muita terra não tem interesse.»

A Sr.^a Leonard tinha comprado recentemente terrenos em Tankerton e estava a construir lá uma casa.

Door – Curtain: «Mais agradável do que uma porta.»

Bring – Salver: Não compreendendo a palavra devido à pronúncia pouco habitual, pedi a Feda que a repetisse. Ela repetiu-a e perguntei-lhe então o significado. Respondeu:

«Nós trazemo-lo; cobre batido ou latão ou prata. A prata batida é a mais bonita. Nós tínhamos sobretudo latão batido. Quando um escravo traz uma carta, trá-la numa bandeja.»

Wicked – Gaekwar: Não tendo a certeza de ter ouvido corretamente, pedi-lhe que explicasse. Feda respondeu:

«Um homem. Era um homem mau.»

Yellow – Roof: «Perto de onde eu vivia havia um com um telhado dourado muito brilhante.»

Noise – Drums: «Nunca os esqueceria se os tivesse ouvido como Feda os ouviu.»

Proud – Warrior: «Ele é orgulhoso, sim, muito orgulhoso.»

Pray – Mat: «É aquilo sobre que se reza sempre, um bonito tapetinho.»

Bath – Jade: «Os príncipes têm-nos.»

Hill – Himalaya: «A única colina que alguma vez conheci.»

Town – Simla: «Sim, nasci lá; quando era jovem ouvi falar muito dela. Não conheço a cidade, mas um lugar perto dela.»

Call – Eunuch: (Bate palmas.) «Bate-se palmas e eles têm de vir.»

Kiss – Noses: («Porque diz isso, Feda?»)

«Porque ouvi falar de pessoas que fazem isso. As pessoas negras fazem-no; nós não, nós não somos pessoas negras, somos apenas castanhas.»

Pool – Drown: «Isso é melhor do que afogar pessoas nos poços!»

Veil – Yashmak: «É aquilo que se coloca à frente do rosto.»

Sing – Samisen: «É aquilo com que se canta. Quando se canta toca-se um samisen e faz-se tinka, tinka, tink — assim.»

Dead – Pyre: «Agora já não nos colocariam nela. Era uma estupidez. Algumas das viúvas colocadas na pira eram mais agradáveis do que o homem que morria. Mas elas não queriam ir — algumas não queriam.»

Book – Tablet: «Antigamente faziam livros de tábuas. Nós tínhamos uma espécie de material parecido com marfim.»

Bury – Serf: «Enterram-se e não se pensa muito mais nisso.»

Wicked – Hyderabad: «Era um homem muito perverso. Envenenou pessoas.»

JOHN: O meu pai, John Drayton Thomas, foi ministro metodista durante quarenta anos antes de se retirar da atividade, embora continuasse a pregar até ao dia anterior à sua morte, em 1903.

Um simples olhar para a lista das suas palavras-resposta revela diversas relacionadas com o ministério religioso, entre elas:

Bible.
Scripture. Testament.
Ministry. Missionary.
Mission.
Chapel. Vestry. Aisle. Choir. Sermon. Preach. Visits. Class.
Preaching.
Truth. Evil. Hymn. Psalm. Communion. Collection.

Build: Chapel. Mission. Mission.

Young: CLASS. MINISTER. ASSISTANT. MISSIONARY.

Speak: Sermon. CAREFULLY. AUDIBLY. CARRY.

A propósito da última palavra, acrescentou que sempre considerara importante projetar bem a voz.

Black: SUIT. SUIT. COAT. COAT.

O meu pai vestiu-se de preto durante toda a sua vida ministerial e era muito rigoroso nesse aspeto.

Wine: Supper. Bread. Communion.

Book (Livro): Bible. Bible. SCRIPTURES. MOFFAT.

O meu pai admirava os missionários de destaque e, em especial, Moffat. Certa vez ofereceu-me um livro sobre a obra de Moffat.

Sing (Cantar): Hymn. Psalm. MISSION. Choir.

Window (Janela): Chapel. VESTRY.

Read (Ler): Testament. TESTAMENT.

Travel (Viajar): Circuit. Circuit.

Go (Ir): Circuit. Circuit. Circuit.

Cada ministro metodista é enviado para trabalhar numa localidade designada por *Circuit* (Circuito). Após alguns anos tem de ser transferido para outro Circuito. Os ministros que assim se deslocam são designados «pregadores itinerantes», e o verbo «viajar» é utilizado nesse sentido. Diz-se que um ministro «viajou» durante determinado número de anos, isto é, durante o período em que exerceu o ministério.

As seguintes respostas evocam fortemente o carácter, os ensinamentos e os hábitos do meu pai:

Bet (Aposta): Silly. NEVER.

Say (Dizer): TRUTH. SERMON. Preach. Truth.

Love (Amor): GOD. Teaching. HONOR. NEIGHBOR.

Life (Vida): BRIGHT. Busy. Habits. ROUTINE.

Silly (Tolo): Foolish.

Depois acrescentou que «foolish» era mais característico do seu vocabulário do que «silly». Recordo-me bem de que assim era.

Beer (Cerveja): Bad. Stupid.

O meu pai era um abstémio convicto.

As seguintes associações bíblicas são demasiado conhecidas para necessitarem de explicação:

Lamp (Lâmpada): Wise.

Bread (Pão): Stone.

Rich (Rico): Needle. Needle. Camel.

Date (Tâmara): Day.

Passemos agora às reações que sugerem recordações particulares.

Town (Cidade): BATH. NEWPORT. TAUNTON. BATH.

O meu pai estudou em Bath. Casou em Newport e eu nasci em Taunton.

Street (Rua): Newport. Row.

A nossa residência durante a minha primeira infância ficava em Yarmouth, onde a casa estava próxima das famosas *Rows*. Tratava-se de vielas estreitas que ligavam ruas mais largas.

Village (Aldeia): Island.

Em quarenta anos de ministério, apenas uma vez o meu pai viveu numa aldeia, e foi na Ilha de Wight. Em todas as outras ocasiões viveu em vilas ou cidades.

Girl (Rapariga): HETTIE. ETTA. ETTA.

A minha irmã chamava-se Henrietta; era sempre tratada por Hettie ou Etta.

Brother (Irmão): Alfred. John. Alfred.

Alfred era o irmão favorito do meu pai. John era um irmão mais velho que morreu na infância e, como o meu pai foi o filho varão seguinte, recebeu também o nome John.

Brown (Castanho): CIRCUIT.

O Reverendo B. Browne trabalhou com o meu pai no mesmo Circuito e entre ambos existia uma intimidade exceccionalmente próxima.

Finger (Dedo): NUMB.

Acrescentou: «Lembra-se?» Quando a palavra foi repetida, os dedos da médium estalaram ao mesmo tempo que era pronunciada.

Isto é particularmente interessante. Quando lavava as mãos em tempo frio, os dedos do meu pai ficavam frequentemente esbranquiçados e dormentes. A minha mãe costumava comentar essa mudança de cor. A pergunta «Lembra-se?» juntamente com o estalar dos dedos durante a repetição da palavra «dormente» revelava uma recordação profundamente pessoal.

ETTA

A minha irmã Etta foi uma mãe e dona de casa exemplar. A sua principal atividade recreativa era a pintura. Durante muitos anos sofreu de doença e dores constantes, e a sua morte ocorreu após uma operação grave que se revelou subitamente necessária.

Entre as suas reações encontramos as seguintes:

Get well. Strong. Ill. Illness. Anxiety. Ambulance. Operation. Instruments. Nurses. Dressing. Nursing. Anaesthetics. Sick. Surgeon. Pain. Hospital. Medicine. Suffering.

O interesse pelo desenho e pela pintura é indicado noutras respostas:

Painting. Sketching. Paints. Ochre. Lines. Sky. Picture. Drawing. Canvas. Distance.

As associações domésticas são comuns a muitas mulheres, mas apresentam-se com especial força na mente de uma boa mãe e administradora do lar como a minha irmã. Entre as reações de Etta encontram-se:

Accounts. Meals. Child. Dinner. Work. Beds. Order. Garden. Lawn. Tidy. Home. Darn. School. Fireside. Jam. Meal. Eggs. Carpet. Pudding. Sheets. Linen. Table. Apron. Breakfast. Economy. Firewood. Chimney. Babies. Mother. Family. Christening. Grate. Rug. Slippers. Houses. Sash. Flannel. Daughter. Bathroom. Tub.

As seguintes respostas sugerem recordações e características pessoais da minha irmã:

Nasty (Desagradável): PAIN. MEDICINE. Pain. Medicine. MEDICINE. MEDICINE.

Doctor (Médico): Sudden. OPERATION. HURRY.

Bed (Cama): Nursing. Anaesthetic.

Knife (Faca): OPERATION. Table. OPERATION.

Proud (Orgulhosa): MOTHER. FAMILY.

Name (Nome): Joy. CHRISTENING.
(Joy é o nome da única filha de Etta.)

Love (Amor): CHILDREN. Stuart. Family.
(Stuart é o filho mais novo de Etta.)

Kiss (Beijo): CHILD. Stuart. CHILDREN. CHILDREN.

Girl (Rapariga): Joy. Daughter.

Pain (Dor): OPERATION.
(A operação de Etta foi precedida por um período de dores intensas.)

Child (Criança): Joy. Joy.

Dead (Morto): ARISEN. Operation. Arise.

Foot (Pé): ARCH.

Ela acrescentou:

«Estava a pensar em algo que aconteceu há muito tempo. Foi uma questão importante e fico contente por a termos resolvido na altura.»

Isto parece referir-se a um problema que lhe causou grande preocupação durante a infância do filho mais novo: desenvolveu pés chatos e vários médicos consideraram o caso incurável. Finalmente, um especialista corrigiu o problema e nunca mais houve recaída.

Hill (Colina): ROCHESTER.

Etta viveu em Star Hill, Rochester, durante três anos. Situava-se numa encosta íngreme.

SRA. LEONARD

Dispomos de três séries de reações da Sr.^a Leonard — um total de 1.100 palavras-estímulo. As suas respostas podem descrever-se como banais e sem valor identificativo. Conheço a Sr.^a Leonard há dezassete anos e estou familiarizado com os seus interesses e a sua história pessoal. Contudo, uma análise das suas respostas raramente revela algo distintivo de uma ou de outra. Poderiam ter sido dadas por qualquer pessoa ou por toda a gente; quase nada aponta especificamente para a Sr.^a Leonard. As únicas exceções que encontro são as seguintes:

Lamp (Lâmpada): SHADE. GLASS. SHADE. GLASS. SHADE. SHADE.

Build (Construir): HALL. Hall. HALL. HALL.

Durante o período em que estas experiências decorriam, a Sr.^a Leonard estava a construir um salão adequado para reuniões. Estava a equipá-lo com iluminação elétrica e discutiu comigo qual o melhor tipo de globo de vidro a utilizar.

Land (Terreno): Lease. PRICE. PRICE.

Antes de construir o salão, tinha construído a sua atual casa. Naturalmente, a questão do arrendamento ou da propriedade plena e do preço ocupou lugar de destaque nos seus pensamentos em ambas as ocasiões.

Ball (Bola): Play. Play.

Durante alguns anos, a Sr.^a Leonard praticou um exercício que consistia em manter uma bola a saltar durante o máximo de tempo possível.

Book (Livro): TEST. TEST. TEST.

A Sr.^a Leonard sabia certamente que as suas sessões tinham produzido um número notável de testes com livros extremamente interessantes.

Beat (Bater): TIME. TIME. TIME. TIME.

Isto poderá talvez constituir uma recordação do período em que a Sr.^a Leonard treinava para atuar em palco como cantora, antes de um ataque de difteria lhe ter prejudicado a voz.

Doctor (Médico): HECTOR.

Hector é o nome próprio do médico da Sr.^a Leonard.

Home (Casa): Haven.

A atual residência da Sr.^a Leonard chama-se *The Haven*.

Wild (Selvagem): Alcohol.

Wicked (Perverso): Cruel. Trap.

Estas respostas podem relacionar-se com o interesse da Sr.^a Leonard pelo abstencionismo e pela prevenção da crueldade contra os animais.

A lista acima inclui tudo o que parece indicativo da identidade da Sr.^a Leonard. Se ela fosse uma comunicadora, em vez da médium visível, teria sérias dúvidas acerca do resultado e certamente recusaria aceitá-lo como proveniente da Sr.^a Leonard que conheci. E isto apesar da vantagem de ter fornecido mais 450 respostas do que qualquer uma das outras personalidades.

Whately Carrington nunca resolveu o problema que procurava esclarecer. Os seus métodos não eram conclusivos na forma que conseguiu desenvolver; foram encontradas deficiências nas suas técnicas e no tratamento estatístico dos resultados. Mas, como escreveu Gardner Murphy:

«Contudo, formulara a questão sobre a qual a investigação psíquica vinha especulando há várias décadas: como podemos ir além da questão do conteúdo, que poderia perfeitamente ser transmitido

telepaticamente ao sensitivo a partir de qualquer mente, encarnada ou desencarnada, e enfrentar diretamente as questões da organização fundamental da personalidade?»

IX

COMPLEXIDADES E PERPLEXIDADES

Com Gladys Osborne Leonard, tal como com todos os médiuns, a comunicação nem sempre decorria sem dificuldades. Informações sem sentido, comunicadores impossíveis de identificar e afirmações confusas não são raros nas transcrições das suas sessões.

Uma avaliação global das comunicações da Sr.^a Leonard revela que, como observa G. N. M. Tyrrell, embora apresentem muitos factos sobre comunicadores que a Sr.^a Leonard não poderia conhecer, bem como numerosas descrições e caracterizações adequadas, continua a existir:

«claramente uma limitação considerável... além disso, parece provável que exista também uma boa dose de distorção.»¹

Mas mesmo os enigmas possuem interesse próprio, pois lançam luz sobre as complexidades da comunicação. Entre os mais curiosos encontra-se o seguinte: há casos, em muitas mediunidades, em que informações são fornecidas por uma pessoa alegadamente falecida, mas que mais tarde se descobre estar viva.

Um exemplo ocorreu quando o Cónego Douglas participou numa sessão com um médium não profissional.¹

O Cónego Douglas relata que o seu chauffeur, um francês chamado Reallier, deixara o seu serviço para se alistar no Exército Francês em 1914 e escrevera ocasionalmente depois disso. Nessa sessão, o médium informou o Cónego de que um comunicador falecido chamado Revallier desejava falar-lhe. Essa entidade forneceu muitos pormenores convincentes do passado que pareciam indicar tratar-se do chauffeur Reallier. Relatou depois uma viagem a Salónica e outros acontecimentos recentes da vida do chauffeur, posteriormente confirmados como verdadeiros, embora desconhecidos do Cónego na

altura. De facto, a entidade chamada Revallier não cometeu erros — exceto o erro crucial de que o chauffeur Reallier não estava morto nem sequer tinha estado gravemente doente.

Um caso algo semelhante ocorreu numa sessão da Sr.^a Leonard realizada em 5 de abril de 1918, quando o Dr. L. P. Jacks (um dos primeiros presidentes da Society for Psychical Research) participou pela primeira vez, anonimamente. O alegado comunicador parecia corresponder à descrição do filho do Dr. Jacks, Stopford Jacks, que então combatia na frente de guerra.

Registo abreviado da sessão

FEDA: Surge um jovem que conhece este cavalheiro. Tem cerca de vinte e dois anos, é alto, de constituição mediana, mantém-se muito direito, olha de forma direta... olhos azul-acinzentados... cabelo curto, um pouco levantado no topo... passou para o outro lado de forma súbita. Não se apresenta de uniforme [mas antes com um fato que costumava usar] na vida terrena, não exatamente no final.

COMENTÁRIOS DO DR. JACKS: Não consigo identificá-lo. Pensei inicialmente que fosse o meu filho, o Capitão S. Jacks, que está na frente de combate, pois a descrição coincide em vários aspetos. Recreei que pudesse ter sido morto. Sei agora que estava vivo na altura da sessão.

(Feda descreve depois uma mulher que o Dr. Jacks supõe ser a sua mãe. Em seguida fornece várias iniciais transmitidas pelo jovem que o Dr. Jacks identificou momentaneamente como o filho Stopford, bem como uma descrição das circunstâncias da sua morte.)

FEDA: Ele forma a letra S. Está relacionada com ele... Há aqui dois jovens, este e outro ao seu lado... Um deles continua a formar a letra M... e uma letra parecida com um círculo. Feda pensa que deve ser O.

(Descreve certa maquinaria e depois fornece o nome Maurice.)

(Segue-se uma secção mais extensa contendo aquilo que o Dr. Jacks considerou ser uma boa descrição do seu falecido amigo, o

Professor Royce, da Universidade de Harvard. É apresentado um relato de experiências passadas que ambos partilharam na América, e é desenvolvido o tema central da filosofia posterior de Royce. Este tinha sido mencionado num artigo escrito pelo Dr. Jacks sobre Royce.)

COMENTÁRIOS DO DR. JACKS: S, M, O são as iniciais de três dos meus filhos pela ordem inversa das suas idades. Maurice é o nome do meu segundo filho, o Capitão Maurice Jacks. Tinha pensado muito em Maurice no dia da sessão.

Perguntava-me se ele surgiria. Ele e eu trabalhávamos em linhas muito semelhantes, tínhamos muito em comum e éramos grandes amigos. Além disso, eu tinha publicado recentemente um artigo sobre ele na *Atlantic Monthly*.

FEDA: Seguem-se então algumas observações vagas acerca de um arcediogo.

COMENTÁRIOS DO DR. JACKS: Completamente ininteligível. Não conheço nenhum arcediogo.

DR. JACKS: O jovem gostaria de voltar?

FEDA: Sim, envia o seu amor...

COMENTÁRIOS DO DR. JACKS: E é a inicial da minha única filha. Isto levou-me novamente a pensar que poderia tratar-se do meu filho Stopford a enviar uma mensagem para a irmã. Não conheço nenhum outro jovem «do outro lado» que quisesse enviar uma mensagem para E.

DR. JACKS: A quem?

FEDA: A uma senhora no plano terrestre e a Maurice. Quer que E se lembre dele.

DR. JACKS: E é uma senhora?

FEDA: Não tenho a certeza. A força está a enfraquecer. O jovem ficou contente por vir. Está bem, diz ele, e a progredir magnificamente. Adeus.

CONCLUSÃO DO DR. JACKS: Se toda a sessão tivesse sido do mesmo carácter da primeira parte, eu diria que se tratava do stock habitual de um médium profissional, lançando generalidades vagas (na sua maioria adequadas às circunstâncias do momento, à guerra, etc.), às quais pessoas emocionalmente envolvidas poderiam atribuir significados específicos de acordo com as suas esperanças e receios. Mas, na segunda parte, a médium parece ter captado telepaticamente os meus pensamentos acerca de Royce — especialmente o artigo — e isso leva-me a pensar que também estava a captar telepaticamente a minha mente na primeira parte, uma vez que eu estava então muito preocupado com os meus filhos e com a perda de jovens amigos na guerra.

A impressão global que ficou na minha mente é semelhante à deixada por muitos sonhos comuns. Existe a mesma confusão e incoerência iniciais, em que personalidades definidas parecem surgir por um instante e depois transformar-se noutra pessoa, misturando-se irremediavelmente os factos e fundindo-se a ação de uma pessoa com a de outra. Depois, perto do final, o sonho torna-se mais coerente e interessante, mantendo durante algum tempo um carácter definido, antes de regressar subitamente ao absurdo (o arcediogo, etc.) e de reaparecerem por breves momentos as pessoas que tinham surgido inicialmente.

Exemplos como este, afirmam os críticos, apoiam a teoria de que a telepatia a partir do interlocutor explica todos os fenómenos mediúnicos. O Professor E. R. Dodds, no seu muito citado artigo *Why I Do Not Believe in Survival*,⁴ aponta outros casos que lhe parecem conter um forte elemento telepático.

Um desses casos ocorreu com a Sr.^a Beadon numa sessão de 16 de março de 1918. O alegado comunicador era o seu marido, o Coronel Beadon. A Sr.^a Beadon explica que William Redhorn (pseudónimo) era filho do antigo médico da sua família e morrera vinte e cinco anos antes. Era ele próprio um jovem médico. Não tivera qualquer contacto com a sua família desde que «deixámos a nossa antiga casa em R—— há vinte e quatro anos. Contudo, encontrei a irmã dele na rua alguns dias antes da sessão, o que despertou

vagamente algumas recordações dos velhos tempos. Não me detive nelas.»

FEDA DIZ: Agora sabe quem é este que está com o Sr. Will? Está a ajudar aquele com quem estão preocupados. Alto, bem constituído, rosto muito harmonioso, feições bem definidas, bom nariz, boca bastante reta. O queixo revela a linha do maxilar, não é um queixo carnudo; olhos relativamente fundos. Ele escreve (Feda desenha no ar) W i l l i a m ... d h o r n. Feda não consegue apanhar duas das letras. Sorri quando Feda diz «William». Diz que não era assim que normalmente o tratavam. Diz que a viu pela última vez num lugar onde havia muitas pessoas a fazer vénias umas às outras, uma festa.

COMENTÁRIOS DA SR.^a BEADON: Boa descrição de William Redhorn. Era sempre tratado por «Bill». Vi-o pela última vez num baile. Contraiu pneumonia três dias depois e morreu menos de uma semana mais tarde.

FEDA DIZ: Ele diz que é mais feliz aqui do que era antes. Sentia-se só na alma, embora estivesse rodeado de outras pessoas. Tem um rosto sensível. Forma a letra H, que representa algumas pessoas que ele conheceu e que a senhora também conhecia muito bem.

COMENTÁRIOS DA SR.^a BEADON: Tínhamos amigos chamados H—— que viviam perto de nós e com quem ambos mantínhamos grande intimidade.

INTERVENÇÃO DA CONSULENTE: (A Sr.^a Beadon pergunta: Pode dizer-me mais alguma coisa que sirva de pista?)

FEDA: Ele diz «John». A senhora compreenderá. Está contente por vir...

COMENTÁRIOS DA SR.^a BEADON: Tinha um irmão chamado John que era um amigo muito querido meu e que morreu de tuberculose alguns anos mais tarde.

A Sr.^a Beadon afirma que este tipo de situação lhe aconteceu em muitas sessões: recebeu «comunicações» relacionadas com alguém que encontrara poucos dias antes da sessão.

Como o Professor Dodds também assinala, a Sr.^a W. H. Salter escreveu sobre casos semelhantes em *Some Incidents Occurring at Sitzings with Mrs. Leonard which may Throw Light Upon Their Modus Operandi*.⁵ Sob o título «Impressões Derivadas de Pessoas Presentes nas Sessões», a Sr.^a Salter escreve:

Vários autores que estudaram os fenómenos da Sr.^a Leonard chamaram a atenção para o facto de que, segundo declarações dos comunicadores, uma determinada linha de comunicação pode ser facilitada pelo facto de uma certa palavra, ou uma certa cadeia de pensamentos, ter estado recentemente na mente de alguém presente na sessão.

Observei diversos incidentes nas minhas próprias sessões que confirmam estas afirmações, e penso que esta tendência para recorrer à mente do interlocutor ou da médium pode ocasionalmente conduzir a confusão ou irrelevância, porque é possível que a própria Feda nem sempre conheça a origem das impressões e ideias que recolheu acidentalmente de alguma mente viva; ideias que estão «no ar», por assim dizer, podem ser associadas erradamente ao comunicador.

Darei dois exemplos retirados das minhas próprias sessões para ilustrar o que pretendo dizer.

Numa sessão de 8 de novembro de 1919, quando A. W. V. alegadamente controlava pessoalmente a médium, depois de uma referência que interpretei na altura como alusiva ao facto de ele usar punhos de lã no inverno para manter os pulsos quentes, prosseguiu:

«Não creio que compreenda o que vou dizer agora, mas não é dado a muitos homens usar dois pares de calças.» (dito com uma gargalhada.) «Bem, eu usei uma vez; penso que se lembrará. A sua mãe lembra-se bem; a senhora também sabia disso.»

Ora, embora eu não possa afirmar categoricamente que o meu pai nunca tenha usado dois pares de calças em simultâneo, posso dizer

que não me recordo de alguma vez ter ouvido contar semelhante episódio. Mas o que me interessou nesta alusão foi o facto de eu ter passado a noite anterior à sessão em casa da amiga que tomava notas para mim e... outra amiga ter relatado uma experiência sua em que um homem usara vários pares de calças. O que A. W. V. disse fez-me lembrar imediatamente essa história.

De novo, numa sessão de 1 de novembro de 1921, precisamente quando Feda abandonava o controlo da médium para que A. W. V. o assumisse, exclamou sem qualquer comentário ou explicação o nome Sylvester. Mais tarde, A. W. V. referiu-se ao nome da seguinte forma:

A. W. V. Lembra-se de Feda ter dito «Sylvester»?

H. V. S. Sim.

A. W. V. Foi de mim que ela o obteve. Pensei subitamente em Sylvester. É o nome de alguém que conheci, alguém que não está na Terra, aqui comigo. Pergunto-me se sabe que foi a senhora quem me fez lembrar esse nome; tornou-me mais fácil pronunciá-lo. Muitas vezes consigo dizer um nome se a senhora tiver pensado nele recentemente.

Neste caso, tal como no anterior, não posso afirmar que o meu pai nunca tenha conhecido alguém chamado Sylvester. (A Sr.^a Sidgwick e o Dr. C. D. Broad sugeriram-me ambos que o meu pai provavelmente conheceu o conhecido matemático J. J. Sylvester, falecido em 1897.) Mas eu própria não tenho conhecimento de qualquer ligação pessoal próxima a esse nome. Por outro lado, compreendo perfeitamente a afirmação de que lhe facilitei a obtenção do nome por o ter tido recentemente nos meus pensamentos. O meu marido e eu tínhamos vendido recentemente a nossa casa de Londres à Sr.^a Sylvester Horne, e eu recebera uma carta relacionada com essa venda pouco antes da sessão.

O Professor Dodds considera que estes exemplos sugerem, em geral, que as ideias mais suscetíveis de serem transmitidas são aquelas que ocupam não o primeiro plano, mas o pano de fundo da consciência do interlocutor.

Ele adiciona à sua lista uma breve citação do “caso White” descrito no livro de Nea Walker, *The Bridge*.⁶ Nisto Feda afirmou que tinha a sensação de que o Sr. White tinha morrido subitamente. “Acho que ele fez a passagem rapidamente”, acrescentou ela. Ora, a Nea Walker, embora fosse uma assistente substituta que nada sabia de concreto sobre a vida do Sr. White, tinha colhido, por comentários soltos deixados cair pela sua esposa, que ele tinha morrido subitamente. “A minha ideia”, disse ela, “era que ele estava a recuperar de uma doença, e que tinha tido uma recaída e colapsado.” O comentário da Sra. White ao ler a transcrição da sessão foi que Feda estava totalmente errada, e que a Nea tinha estado errada na sua impressão. O facto era, disse ela, que “Ele estivera doente durante um ano, uma doença muito grave que era desesperante; mas nunca lhe disseram que não haveria recuperação, e o fim, para ele, foi súbito.” O Professor Dodds aponta isto como um caso em que a crença errónea da Miss Walker quanto às circunstâncias da morte do presumível comunicante é captada e transmitida por Feda. Outros poderiam sugerir a possibilidade de que o comentário de Feda refletisse, em vez disso, a crença errónea do comunicante.

6 Nea Walker, *The Bridge*, London, Cassell & Co., Ltd., 1927.

Uma ocorrência de percepção aparentemente paranormal, qualquer que seja a sua explicação, aconteceu quando a Sra. Leonard realizou uma sessão a 17 de dezembro de 1928 para o Dr. L. R. G. Crandon, marido de “Margery”, a médium de Boston altamente controversa. O Dr. Crandon levou consigo a Sra. Muriel Hankey para fazer um registo estenográfico completo de tudo o que fosse dito. Ele estava particularmente interessado em ver se Feda aceitaria Walter Stinson, o falecido irmão de Margery que se dizia ser o seu controlador. “Se Feda é o espírito que diz ser”, escreve o Dr. Crandon, 7 “é impossível pensar nela como sendo assim enganada por um espírito que não é o que afirma ser.” Na avaliação do material recebido, ele adiciona que, para além do facto de Feda ter reconhecido Walter como um espírito comunicante e transmitido mensagens que pretendiam vir dele, ele não sentiu ao início que a sessão fosse produtiva em algo evidente. No entanto, quando ele regressou à América e mostrou as suas notas à sua esposa, ela reconheceu que elas se referiam a vários incidentes que lhe

tinham ocorrido em casa enquanto o seu marido estava na Europa. Ele não soubera nada sobre eles.

FEDA (O que é isso que tens na mão, Walter? É uma chave?) Para o assistente: Ele puxou a mão para fora, e na mão dele vi uma chave, e sinto que ele esteve a fazer algo no sábado sobre uma chave — algo bastante inteligente com uma chave. Ele diz: "Não, não." Ele diz: "Isso não está certo." Feda não percebeu muito bem. "Eu não fiz algo inteligente sobre uma chave; algo foi feito pelas pessoas da terra que não achei nada inteligente com uma chave, não feito por mim. Bem," diz ele, "oiço muita conversa; a chave está aqui; a chave está ali, a chave, la chave, a chave. E senti que eles tinham algo sobre a chave que os estava a perturbar um pouco. . . ."

7 *'Reda and Walter — Cross-Correspondence of the Mediumship of Mrs. Leonard and of Margery,' Journal S.P.R., June, 1929, p. 295.*

COMENTÁRIOS DO DR. CRANDON Enquanto eu estava na Europa, Margery teve uma experiência muito curiosa com o seu molho de chaves. Tinham-se perdido e ela não fazia a mínima ideia de onde estavam ou de como as tinha extraviado. Numa noite de sábado, em resposta a um impulso inominável para o qual não tinha explicação, ela foi à prateleira de cima de um armário pouco usado e ali as encontrou. Ela indica que a sua excitação com este resultado foi considerável e que os comentários exclamativos de Walter . . . descrevem razoavelmente a conduta dela.

FEDA Mais adiante na sessão Feda disse: Eles tiveram uma sessão sábado à noite . . . Sim . . . mas houve alguma alteração quanto à hora dela. Ah, não aconteceu mesmo à hora, houve alguma alteração nos arranjos para ela.

COMENTÁRIOS DO DR. CRANDON Inteiramente desconhecido para mim, esta sessão definitivamente agendada para o dia quinze teve de ser adiada.

Talvez quando aprendermos a explicar as coisas que correm mal numa sessão mediúnica, elas possam lançar alguma luz sobre o *modus operandi* das coisas que correm bem.

X

MODUS OPERANDI

AO LONGO DOS ANOS, o esforço para compreender o carácter único da comunicação espiritual foi uma preocupação acrescida de numerosos assistentes com a Sra. Osborne Leonard. Se (como muitos dos observadores acreditavam) entidades desencarnadas estavam a comunicar, como operavam elas? Em todo o caso, o que estava a acontecer quando a Sra. Leonard produzia a sua informação verídica? Se habilidades paranormais da própria mente da médium estavam a funcionar, qual era o processo? Num esforço para explicar, vários assistentes publicaram análises exaustivas do material que tinham recebido. Os seus registos são de grande interesse, independentemente do seu quadro de referência. A informação sobre o *modus operandi* vinha de duas fontes: externa — as observações e inferências dos assistentes; e interna — declarações dos controladores e comunicantes, que, ao longo dos anos, deram relatos detalhados, se bem que altamente complexos, dos seus problemas e procedimentos.

Conforme foi explicado ao Drayton Thomas, Feda e todos os controladores pessoais fazem uso direto do cérebro e do corpo da médium para transmitir mensagens. Enquanto Feda está no controlo, o Thomas diz que os comunicantes estão realmente presentes nos seus “corpos etéricos”, ocupando posições no espaço e visíveis para ela. A comunicação é frequentemente difícil porque eles têm de se adaptar a uma condição ‘intermédia’ anormal, e por causa de variações no ‘poder’ mediúnico. Feda tentou ampliar e clarificar tudo isto, mas habitualmente só conseguia deixar o assistente mais confuso do que nunca.

No entanto, como diz a Lady Troubridge, na quase completa ignorância deles respeitante às condições que governam a comunicação em transe, a palavra de Feda valia pelo menos tanto quanto a de qualquer outra pessoa. Ela apontou que, visto que Feda emprega um vocabulário limitado para descrever a maneira como a informação é impressa na sua consciência, é difícil para ela explicar o que realmente acontece. Além da emergência ocasional de termos como “Eu sinto” ou “Fico com a impressão de”, Feda contenta-se

em dizer ao assistente que “vê”, “ouve”, “sente” ou “cheira” os dados recebidos. (Os olhos da médium, claro, estão fechados; e nenhum dos vislumbres, sons, sensações ou odores descritos são perceptíveis para o assistente.) Tais observações, escreve a Lady Troubridge, 1 “levaram-me a suspeitar que, em muitos casos onde Feda descreve pessoas e objetos, ela usa o termo ‘ver’ meramente como um hábito de linguagem, e que o processo envolvido pode mais provavelmente ser uma série de impressões recebidas por ela telepaticamente, uma de cada vez, de alguma mente, seja encarnada ou desencarnada, conforme o caso.” Esta hipótese também justificaria a maneira como as descrições são frequentemente dadas, pouco a pouco, transmitindo ao ouvinte a impressão de alguém que encontra peças isoladas

1 Una, Lady Troubridge, “The Modus Operandi of So-Called Mediumistic Trance” Proc. S.P.R., Vol. XXXII, 1922.

de um quebra-cabeças e as distribui uma a uma para o destinatário as juntar. A Troubridge continua: É certamente incrível que Feda ou qualquer outra pessoa visse uma pessoa sem a sua peculiaridade mais marcante de feições ou coloração, e no entanto deve presumir-se frequentemente que este é o caso se a visão de Feda deve ser aceite pelo seu valor nominal. Eu própria a conheci a pretender ver claramente um comunicante cuja aparência ela descreveu minuciosamente, dando um relato perfeitamente exato das suas feições, tez e expressão, incluindo o facto de ele ser notavelmente belo, mas ela permaneceu... ignorante de que as feições mais distintivas da sua aparência eram o cabelo prematuramente branco como a neve de notável abundância, e olhos de um azul peculiarmente vívido.

A audição de Feda está aberta à mesma crítica, continua a Lady Troubridge. Na pessoa da médium ela inclina-se para a frente, repete palavras, frequentemente de forma errada, e parece em certas ocasiões ter grande dificuldade. Ela frequentemente abandonará por iniciativa própria a tentativa de ouvir, e recorrerá a desenhar uma a uma, com o dedo no ar, ou talvez na manga do assistente, letras que ela assevera estarem a ser “escritas” ou “construídas” pelo comunicante para ela

ver. Às vezes ela não aguardará a conclusão de uma palavra por este processo, mas tendo soletrado uma sílaba ou duas observará subitamente, por exemplo, “‘Oh, é Jones que ele quer dizer.’ Às vezes, por outro lado, ela escreverá a palavra inteira letra por letra antes de fazer qualquer tentativa para a proferir.

Tendo escrito uma palavra com precisão, ela pode pausar, como se estivesse a ouvir, e então dizer a palavra, mesmo que esta lhe possa ser desconhecida, com a pronúncia correta. Por exemplo, ela soletrou o nome de um cão de estimação da Lady Troubridge R,U,N,E e depois pronunciou-o não apenas “‘Rune’”, mas “‘Runie’”, o que também estava correto como o diminutivo do cão. A Lady Troubridge diz: “‘Sem entrar mais na questão dos exemplos que me impressionaram, direi meramente que sou tão duvidosa do valor nominal daquilo que Feda denomina ‘audição’ quanto sou da sua alegada ‘visão’.”

Mas quanto a como as impressões mentais são telepaticamente transmitidas para Feda, ela entra em mais detalhe: Sejam letras alfabéticas, um nome ou palavra, ou a descrição de uma cena ou de um estado mental, recebi frequentemente uma forte impressão de que, à medida que uma descrição prosseguia, Feda sabia tão pouco quanto eu qual seria o próximo tijolo no edifício.

Ela frequentemente arriscará um detalhe improvável mas correto com toda a aparência de difidência, de uma maneira apologética, parecendo esperar ridículo ou protesto da parte do assistente. Ela fará uma declaração exata a respeito de algum detalhe improvável e continuará a comentar a possibilidade de não ter apreendido corretamente este ponto particular. Às vezes, é verdade, as suas descrições são tais como poderiam ser dadas por uma pessoa que contempla um indivíduo, uma cena ou um quadro, e relata, à medida que lhe surgem à atenção, os vários detalhes observados, mas frequentemente a impressão transmitida sugere um processo inteiramente diferente.

Isto é especialmente verdadeiro, parece, em descrições compostas, quando Feda combina na descrição de um indivíduo as características de várias pessoas conhecidas do assistente e que têm apelidos idênticos ou similaridade de aparência ou circunstância; ou

quando ela descreve como um único evento assuntos de natureza semelhante que ocorrem em duas ou mais ocasiões. Se, sugere a Lady Troubridge, aceitarmos o conceito de que os factos que nos são relatados por Feda são ou projetados no seu cérebro, ou são recolhidos por ela de alguma outra mente encarnada ou desencarnada, então pareceria possível que a clareza das impressões dependa grandemente da concentração consciente ou inconsciente da mente acedida ou que transmite os factos.

Pareceria que, desde que o comunicante consiga manter a sua mente exclusivamente num facto ou evento que ele deseja dar como evidência, as descrições de Feda serão relativamente claras e exatas. Se, contudo, a mente do comunicante divagar por menos que seja, o seu pensamento irrelevante terá a mesma probabilidade de alcançar Feda e, quando o fizer, aparecerá sob alguma forma na narrativa dela. Feda aparentemente não consegue sempre desemaranhar impressões relevantes de irrelevantes. Supondo, por exemplo, que eu, estando falecida, desejasse descrever através de Feda a minha residência de campo e o seu jardim com um lago ornamental, e eu deixasse o pensamento cruzar-me a mente de que, numa determinada ocasião, amigos que vieram ver o jardim tinham admirado o lago e apreciado particularmente uma boa ceia de salada de lagosta.

Eu poderia facilmente aparecer nas declarações de Feda como um espírito demente que afirmava que tinha possuído um lago ornamental no qual guardava lagostas e cultivava salada! Conheci uma improbabilidade deste género seguida de indicações que denotavam excitação por parte do comunicante. Conheci esta excitação ou a confundir Feda, ou a ser interpretada por ela como denotando a ânsia do espírito em enfatizar que a afirmação improvável está correta, e fui incapaz de resistir a imaginar-me como uma comunicante desafortunada, totalmente capaz de avaliar a extensão em que a minha comunicação tinha corrido mal, e a piorar as coisas ao transmitir telepaticamente um caos ininteligível de excitação e desânimo.

A fim de obter clarificação sobre os problemas de Feda em receber informação, o Drayton Thomas pediu aos seus comunicantes

peçoais as suas explicações.² A sua irmã Etta disse: Depende das condições. Numa parte de uma sessão, ou talvez durante uma sessão inteira, Feda vê em vez de ouvir. Comunicantes experientes descobrem cedo na sessão qual seria o melhor método para a ocasião.

2 “*The Modus Operandi of Trance Communication According to Descriptions Received Through Mrs. Osborne Leonard,*” *Proc. S.P.R.*, Vol. XXXVIII, July, 1928.

Com alguns médiuns pode ser necessário dar tudo em símbolos; outros médiuns recebem tudo por impressão, e isto não obstante o facto de lhes estar a ser falado. Outros pensam que estão a ver clarividemente quando não estão a ver, mas estão a ser informados. Notará que Feda diz de alguém: “Ele tem cabelo grosso.” Mas se, quando pergunta pelo bigode, ela não o consegue ver, pode inferir que ela não está realmente a ver, mas está a ser informada sobre isso, e no entanto não é capaz de explicar através da mente ou do cérebro da médium qual é o método real no momento.

Feda compreende mais do que pode dizer, e pode receber as nossas mensagens de maneiras diferentes. O John também tentou explicar: Quando falo, Feda fica frequentemente intrigada quanto ao meu significado e falha em captá-lo rápida ou exatamente. Isso é quando sou incapaz de fazer o meu significado chegar até ela sob a forma de palavras. Se eu então projetar o pensamento de algum objeto concreto, Feda pode observar “Vejo isto e aquilo”, mas embora possa parecer que está a ver o objeto, é realmente o meu pensamento dele que a alcançou. Feda disse ao Thomas que às vezes consegue ver e também ouvir; noutras alturas apenas ouvir ou senão apenas ver.

Mas quando as coisas estão fracas, Feda só consegue sentir — pressentindo. Um comunicante que tinha sido queimado veio lá, e não foi capaz de dizer isso a Feda. No entanto, fez com que ela cheirasse a queimado e sentisse calor. A Etta acrescentou: O teu pai diz que é algo como encontrar todas as janelas e portas trancadas exceto uma; ao entrar na casa através dessa, outras podem ser destrancadas por dentro. Eles podem ter de andar às voltas e voltas tentando um lugar e outro primeiro; é isso que dá às pessoas ocasião para concluir que eles estão a sondar, a tatear na coisa. Não importa enquanto o teu pai fala

mentalmente, mas quando ele fala com voz importa. Embora não possas ouvir a voz dele, soa como uma voz real para Feda enquanto está na médium. Para Feda, a voz do comunicante soa como a voz do assistente, ela ouve ambas a partir de dentro da médium, e nem sempre ouve ambas as vozes igualmente bem.

O Charles Drayton Thomas considera outro aspeto da receção de Feda: É um facto digno de nota que por um período, raramente mais do que vinte minutos em qualquer sessão, Feda falará como se estivesse a receber por ditado. Posso frequentemente nestas alturas captar cada frase suavemente sussurrada antes de a ouvir repetida na voz clara de Feda. Este método de ditado alcança sempre um elevado grau de exatidão, e percebo que estou a receber, não meramente os pensamentos do comunicante, mas também o estilo característico. Quando, contudo, Feda recai naquilo que parece ser o seu próprio fraseamento da mensagem, a precisão e a exatidão tornam-se marcadamente menores.

Em “A Proxy Case Extending over Eleven Sitzings with Mrs. Osborne Leonard” (ver Capítulo V), o Thomas cita o seguinte diálogo com Feda que incide sobre esta questão: C.D.T. Às vezes, durante minutos a fio, parece que apanhas as mesmíssimas palavras deles. Pergunto-me o que é que torna isso possível. Feda. O Sr. John diz: “Descobrimos numa sessão que podemos seguir pelo método do ditado, e noutra temos de fazer imagens sem ditado, e estas transferimo-las, ou ajudamos Feda a transferi-las, para o cérebro da médium. Se havemos de fazer o primeiro método ou o segundo método não está no nosso poder determinar. Temos de nos acomodar às vossas condições. Estou inclinado a pensar — e troquei ideias com muitos investigadores sérios e estamos todos de acordo — que isso não tem absolutamente nada a ver com a nossa capacidade de comunicar; exceto, como uma vez te observei, alguns de nós têm um temperamento que nos adequa para comunicar mais do que outros.” C.D.T: Isso eu posso compreender.

Feda. O Sr. John diz: “Em muitas ocasiões vim aqui preparado para ditar a Feda; e pensei: ‘Ora, o material que tenho em mãos hoje precisa do método de ditado’, mas vejo-me incapaz de ditar. Encontro

uma condição que torna aconselhável mudar para algum outro tema, a menos que o material que tenho em mãos pudesse ser mostrado pictoricamente. É limitador — detém-nos.” C.D.T: Tens notado, Feda, que condição prévia é melhor para uma sessão que há de ter muito ditado nela? Feda. Sim, tenho notado. Se a Gladys não esteve a escrever cartas, ou a pensar em cartas, ou a ler cartas que o carteiro trouxe, e esteve mesmo sem pensar em nada naquela manhã — especialmente que tenha a ver com palavras — então recebo bem o ditado.

Mas se ela faz cartas, pensa o tempo todo: “Esta pessoa precisa de saber isto e aquilo, e mesmo que eu não escreva agora, esta pessoa quer que eu diga isto e aquilo.” Ora isso não é bom para as condições. Ela desgastou-se um bocado com palavras, estás a ver. C.D.T: É que tu não ouves, então, as palavras claramente? Feda. Bem, acho que é que não as consigo obter, não as consigo captar na mente dela porque a mente dela está cansada delas, a mente dela já teve o suficiente de palavras. C.D.T: Não encontras as frases ditadas ali prontas para ti? Feda. Não. A Etta diz: estou convencida de que uma área da mente consciente, ou aquela parte do cérebro em que a mente consciente trabalha, tem sobre si uma espécie de material sensibilizado como — digamos — cera, e se foi usado para uma coisa não aceitará outra impressão. A “cera” aceitará outra coisa qualquer, mas não aceitará aquilo para o qual já foi usada. Ora isso é o que a Etta diz, e ela tem razão. Se pegares na Gladys de manhã, quando ela não esteve preocupada nem fez cartas, mas está mesmo pronta para um transe, essa é uma altura muito boa para o ditado.

A Etta disse uma vez: Feda extrai frequentemente algum pensamento sem importância de um comunicante sem o desejo dele e usá-lo-á para preencher e manter as coisas em movimento; pois um longo período de silêncio faria Feda perder o controlador da médium. Isto justifica que assuntos triviais sejam introduzidos desconetadamente às vezes.

Ocasionalmente, também, se o tema focado for algum em que a própria Sra. Leonard esteja interessada, ficções das suas próprias opiniões e associações podem igualmente intrometer-se, tornando o

composto ainda mais complexo. Isto é conhecido como “coloração.” Feda disse ao Thomas: O teu pai diz que se abstém de dizer muitas coisas que deseja dar, para que não venham a passar de forma distorcida. Feda sente isso também; pois ela nem sempre faz a voz da médium falar como pretendido. Feda toca em algo que desperta a mente da médium e então esta arranca por conta própria. C.D.T. Feda, consegues ouvir as palavras faladas pela médium? Feda. Sim, mas não a consigo impedir de falar se o que ela diz estiver errado.

Frequentemente Feda não consegue obter o poder para travar as palavras. Dora explicou ao W. S. Irving 3: Não se quer despertar nada do cérebro. Quando uma pergunta, ou uma sugestão, vem do vosso lado, é provável que traga uma resposta do vosso lado. Poderias afetar o cérebro da médium, porque o cérebro dela pertence ao mundo físico a que tu pertences. É apenas com uma certa quantidade de dificuldade que opero nele. Respeitante à “coloração”, Drayton Thomas perguntou a Etta, “O cérebro da médium colore a expressão dos teus pensamentos em extensão apreciável?”

3 The Rev. W. S. Irving, “More Thoughts on Trance Phenomena” Proc. S.P.R., Vol. XXXVI, 1928.

Ela respondeu: Sim, se for mais natural para uma médium colocá-los de certa maneira, então, embora eu pudesse dá-los à minha maneira, ainda assim passariam à dela. Se ela fosse afeita à palavra “extraordinário” e eu a “extremamente”, a dela seria dada, em vez da minha. Temos de lutar com a mente e a personalidade de Feda, bem como com as da médium. Devido à prática de Feda em ajudar as coisas a passar através da médium, é mais fácil fazer as coisas passar; ela consegue manipular a mente da médium melhor do que nós, e no entanto ela própria é uma dificuldade.

Se eu desejar falar-te de duas coisas, uma muito bonita e a outra desinteressante para Feda, seria mais difícil fazer passar a última devido à preferência dela pela primeira. Noutra altura, quando o John estivera a tentar trazer um tema novo, explicou quão difícil isto ordinariamente era. É uma coisa curiosa que eu soubesse disto há algum tempo, mas fosse incapaz de o abordar até agora. Algo que a Etta esteve a dizer hoje fez, por assim dizer, uma abertura para isto,

conduzindo um tema ao outro. Esta dificuldade deve-se inteiramente às condições da sessão. Há dificuldade em introduzir um tema inteiramente novo, introduzindo-o no cérebro da médium e a Feda. Frequentemente preparo o terreno usando palavras que conduzem ao meu assunto, algo afim dele, naquilo de que estou a falar previamente. A dificuldade reside nesta condição intermédia, e a associação de ideias é de suma importância.

Um exemplo desta dificuldade particular aconteceu numa sessão de Troubridge-Hall. O Dr. Verrall, desejando enviar uma mensagem à Lady Lodge a partir do livro *La Vita Nuova*, falou primeiro de eles terem de “desalojar” (*dislodge*) alguns dos livros, antes de poder trazer o nome Lodge para a conversa. O John descreveu uma vez as dificuldades encontradas pelo comunicante, à medida que tenta fazer os seus pensamentos ser transmitidos através da mente de outro ser humano. “Falar através de um médium”, disse ele, “é análogo a passar pedras por um crivo; parte passará enquanto o resíduo não.” De modo comparável, William James ⁴ indicou que poderíamos assumir que o organismo da médium “não só transmite com grande dificuldade as influências que recebe de além da cortina, mas mistura as suas próprias tendências automáticas da forma mais perturbadora com as mesmas.

O próprio [Richard] Hodgson costumava comparar as condições da comunicação espiritual às de duas pessoas distantes nesta terra que devessem realizar o seu intercâmbio social empregando, cada uma delas, um mensageiro completamente bêbedo.” Feda disse uma vez ao comunicante: “Não consigo obter isso... tenta outra vez.” Depois virou-se para o C. D. T.: Sabes que há alturas em que realmente o oiço e, no entanto, obtenho apenas sons confusos, não sons propriamente formados. Ele diz de novo e, se não ficar mais claro, ele tem de o mostrar ou de o fazer passar de outra maneira. Ele nem sempre sabe quando falhou em fazer Feda ouvir e continua com isso. Depois, se lhe pedem para repetir, ele pode não saber que parte Feda não ouviu e então há uma confusão de erros. Ele diz que há ainda uma boa quantidade para aprender sobre isso. Drayton Thomas escreve a respeito deste problema:

A omissão de partes importantes de uma mensagem reduz-je facilmente à confusão. Feda está ciente de lacunas na sua transmissão, embora nem sempre as mencione na altura. É particularmente infeliz quando ela falha em notar que um novo tema foi começado; pois, ao prosseguir com o assunto novo como se continuasse o anterior, corre o risco de fazer com que o todo pareça falso. Recordo como, durante a minha primeira sessão, factos que se relacionavam corretamente com uma segunda pessoa foram dados como se se aplicassem a alguém que tinha sido descrito mesmo antes. O resultado foi que, na altura, considerei esta secção da sessão como inexata, e só ao examiná-la depois se tornou aparente a fusão de duas descrições distintas, ambas minuciosamente corretas.

4 Proceedings S.P.R., Vol. XXIII, 1909, p. 28

Isto é muito provavelmente o que ocorreu no caso do segundo pai de Daisy (Capítulo IV), quando as descrições das casas dos dois pais foram fundidas. Feda. Feda não consegue ouvir tudo o que ele diz o tempo todo. Não é uma maçada? Ter de apanhar partes, como quando muitas coisas te são atiradas e tu apanhas o que consegues. Feda raramente ouve tudo o que é dito. No seguinte extrato, Feda refere-se a uma causa adicional possível de confusão. Feda. Depois de uma sessão terminar, Feda às vezes descobre que esteve alguém presente que não entrou no poder, embora tivessem tentado fazê-lo. Mas embora eles próprios não tivessem entrado, alguns dos seus pensamentos ficaram misturados com os do comunicante. Isto acontece frequentemente quando está presente mais do que uma pessoa espiritual e quando o comunicante não é bem conhecido de Feda. Nem sempre é fácil saber quem está a dar as mensagens.

Pareceria que Feda recebe facilmente do comunicante tudo o que seja da natureza de uma ideia geral, mas que palavras ou nomes específicos apresentam uma dificuldade com que ela frequentemente falha em lidar de forma satisfatória. Feda. Feda vê e sente, mas não ouve. C.D.T. Eles não te conseguem tornar as palavras claras? Feda. Quando eles se concentram numa coisa, e numa coisa só, torna-se difícil. Enquanto a conversa flui é fácil, mas quando chega a uma coisa, ou a uma palavra, e nenhuma outra servirá, então ficamos

presos. Quando o falar falha, eles mostram algo ou tentam fazer Feda sentir.

(Durante a parte inicial desta sessão, Feda não tinha sido bem-sucedida em dar o último nome do antigo colega do meu pai, Benjamin Browne, embora eu tivesse reconhecido claramente que ele era a pessoa aludida, tanto pela descrição como pelo nome, Benjamin, que passou. Passámos algum tempo nisso e cheguei ao ponto de perguntar a Feda se o nome pretendido não era o de uma cor, mas Feda foi incapaz de o fazer passar. Quando o meu pai estava no controlo, observou:) Deves perguntar-te o que se está a passar quando pedes um nome simples como Browne e não o consigo dar. C.D.T. Era Browne o nome que querias que Feda dissesse mais cedo na sessão? Pai. Sim, e por isso o obtive aqui. Abandonei a tentativa até o poder introduzir eu próprio. A aparente dificuldade de um alegado espírito em dar através de um médium o seu próprio nome ou o dos seus amigos é frequentemente comentada de forma adversa pelos céticos. É razoável supor, dizem eles, que a morte faria alguém esquecer um item de conhecimento tão familiar para si como o seu próprio nome?

A Sra. Salter sente que “não estamos autorizados a assumir que um comunicante esqueceu uma coisa porque não a pode comunicar, porque o mecanismo cerebral necessário, seja para a fala ou para a escrita, não é posto em movimento.” Pareceria certamente, pelos comentários dos comunicantes, que a recetividade da médium é variável, que o seu cérebro e a sua mente nem sempre são igualmente responsivos. Material que é numa altura dado facilmente torna-se noutras alturas um obstáculo à transmissão eficaz. Uma explicação para isto é frequentemente mencionada pelos controladores: “o poder”, como Feda lhe chama. Drayton Thomas sentiu que havia de facto evidência para a realidade desta emanção e discutiu-a com considerável detalhe.

Os seus comunicantes atribuíam grande parte da sua dificuldade a variações na sua quantidade, consistência ou outras condições. Descreviam-no como existindo no espaço e explicavam que: Médium e assistente estão rodeados por uma nuvem deste poder. Qualquer

coisa dentro desta área é visível para Feda; mas caso um comunicante permaneça fora dela, seria invisível para ela, e ela apenas com alguma dificuldade poderia obter informação dele por “pressentimento.”

Após a entrada dele na zona ou esfera de influência, Feda seria capaz de o ver e ouvir. Diz-se que este poder emana da médium numa forma semelhante a uma nuvem; o assistente também contribui com alguma pequena quantidade. A emanção é mantida fresca e viva por um fluxo contínuo a partir da fonte. Quando este fluxo cessa, a sessão termina automaticamente e, para o fim, à medida que é gradualmente reduzido, a comunicação torna-se menos bem-sucedida.

Como veremos no próximo capítulo, a hipótese do Thomas respeitante aos fenómenos de voz direta baseava-se na sua crença na realidade desta emanção: Há alturas nas sessões da Sra. Leonard em que o comunicante, enquanto transmite mensagens através de Feda, dirá subitamente algumas palavras em voz direta. Ouvi frequentemente o meu pai fazer isto. Muitos dos assistentes da Sra. Leonard notaram a mesma coisa. O meu pai diz-me que lhe parece que o falar de algumas palavras desta maneira se torna possível pelo facto de a emanção ser, por um breve intervalo, suficientemente densa para formar uma cobertura para os órgãos vocais do seu corpo etérico. Ele acrescenta que não é capaz de produzir esta voz direta à vontade, mas apenas sob condições muito favoráveis.

A Etta disse uma vez: Parece que ninguém compreende ainda o carácter único de uma sessão.... É uma terra de ninguém entre as duas condições, a vossa e a nossa. Considera-se que a comunicação diz respeito a pessoas da terra e a pessoas espirituais, ao passo que há também a peculiar ponte que tem de ser usada e que não pertence nem a uma nem a outra, tendo no entanto algumas das características de cada uma. Aqui reside toda a dificuldade. Médium e assistente estão em parte a trabalhar numa condição que não é inteiramente sua, e nós trabalhamos numa que não é inteiramente nossa. É uma partilha de recursos que cria a ponte. Fica-se sem pé às vezes, de ambos os lados. Ocasionalmente os comunicantes referem-se à médium como uma “máquina.” Dizem que, após tomar conhecimento do pensamento a ser passado do comunicante para o assistente, Feda deve então acionar

um duplo conjunto de “instrumentos” — os seus próprios e os da médium.

Feda parece pensar que coloca o pensamento no cérebro da médium, o qual permite então que as palavras sejam faladas. O John nega isto. Diz que ela opera sobre a mente da médium, ou essência da mente, e que esta por sua vez aciona o cérebro. Os psicólogos modernos poderiam questionar a distinção entre “mente” e “cérebro” — na verdade, o próprio Drayton Thomas o fez. Mas o John insiste que há uma diferença definida. Ele está seguro de que Feda está errada ao pensar que aciona o cérebro da médium. “É a mente no cérebro que Feda aciona”, diz o John. Seja o que for, Feda assegura-nos que nem sempre é fácil exercer esta influência com sucesso para garantir que a mensagem seja acolhida e vocalizada.

A Etta acrescenta: “Estranho, mas é o instrumento humano que o torna tão difícil. Se ao menos um mecânico pudesse ser feito! Mas a mente é a ponte entre o espírito e o físico.” Uma discussão sobre o *modus operandi* do transe mediúnico não estaria completa sem a consideração do papel do assistente na comunicação. Drayton Thomas escreve: Há razões para pensar que o assistente é um fator que concorre para o sucesso ou fracasso. Ao tomar notas para vários assistentes estreantes, fiquei impressionado com as vastas diferenças no resultado. Noto que uma falta de resposta estólida milita contra o sucesso, em muito como travaria a conversa na vida social. Feda fala de assistentes “surdos e mudos”! Recebi ocasionalmente boa evidência de um comunicante que me era estranho, e no entanto mais tarde, quando os seus amigos vieram partilhar a minha sessão, a evidência dada foi inferior.

Tais casos indicam que as diferenças de resultado podem não depender inteiramente do comunicante e do médium. Além da influência da postura e da atitude mental, penso que temos de contar com uma diferença psíquica nos assistentes. A presença de certas pessoas parece... inibir a comunicação. Ele perguntou uma vez: C.D.T: Feda, como distingues entre os pensamentos que vêm do comunicante e os que estão na mente do assistente? Feda. É um sentimento completamente diferente, muito diferente. Treinei-me para

me inclinar para o comunicante e para desligar o assistente. Não gosto que os assistentes estejam em frente do médium, mas gosto de ter o comunicante em frente. Concentro-me apenas naquele lugar e assim desligo os outros lugares. O teu pai diz: ‘Mesmo isso não impediria Feda de obter um pensamento e não saber que era do assistente, se este por acaso estivesse a desejar algo com muita força.

Um assistente poderia desejar o seu pensamento cinquenta vezes e falhar, mas Feda poderia acidentalmente apanhá-lo à quinquagésima primeira vez.’ C.D.T. E Feda não se daria conta de quem ele vinha? Pai. Não, a menos que estivesse com muito cuidado e atenta à interferência. Após ler transcrições do material de Leonard e de as analisar, C. D. Broad adiciona o seguinte à nossa compreensão do *modus operandi* da comunicação espiritual:⁵ Os comunicantes alegam que há duas dificuldades principais ao tentar comunicar diretamente por meio do organismo da médium. Uma é a sua própria falha em recordar, devido às limitações que lhes são impostas pela sua posse de um organismo alheio. A outra é o seu controlador imperfeito sobre o cérebro e o sistema nervoso da médium, o que frequentemente os impede de a fazer proferir palavras que expressem as ideias que querem transmitir.

Qualquer esforço especial por parte de um comunicante para fazer a médium proferir um pensamento particular seu é suscetível de ser malsucedido ao início. O cérebro da médium parece encravar. É então melhor para o comunicante virar-se para algum outro tema. Se o fizer, o processo que ele iniciou no cérebro da médium pela sua tentativa original pode eventualmente desenvolver-se até uma conclusão bem-sucedida. Ele deve então estar pronto para se lançar sobre ele e para reverter ao tema original. Estas observações podem ser comparadas com a experiência que se tem quando se tenta em vão recordar um nome, e se tem este (como dizemos) “na ponta da língua” e no entanto não se consegue proferir.

Frequentemente, se nos virarmos para outras coisas, o nome virá subitamente até nós. Os ostensivos comunicantes usam expressões que implicam que eles se sentem localizados em várias partes do cérebro da médium. Mencionarei, pelo valor que possa ter, uma observação

curiosa da persona-John. “Quando falo facilmente, encontro-me na testa da médium, não no cérebro, mas mesmo acima dos olhos em frente... Quando perco a sensação de estar mesmo ali, acho difícil exprimir-me... Eu... encontro-me atraído para diferentes partes da cabeça.” É difícil ver que interpretação colocar nestas declarações; mas pode valer a pena recordar a velha teoria de que a glândula pineal é um centro importante em ligação com certos tipos de experiência paranormal. O Broad solidariza-se com os comunicantes nas suas dificuldades: Penso que vale a pena observar que nenhum de nós tem a mínima ideia de como em detalhe o seu corpo vem a exprimir pela fala ou pela escrita as ideias que deseja exprimir.

5 C. D. Broad, “*The Phenomenology of Mrs. Leonard’s Mediumship*,” *Journal, A.S.P.R.*, Vol. XLIX, April, 1955.

O processo é voluntário e deliberado no sentido de que não se estaria a dizer ou a escrever o que se faz a menos que na altura se desejasse exprimir certas ideias. Mas certamente não é nem voluntário nem consciente no sentido de que deliberadamente se faça algo às partes apropriadas do próprio cérebro, como deliberada e conscientemente se batem as teclas apropriadas de uma máquina de escrever. Não é, portanto, de surpreender que a persona-Feda desse uma descrição confusa e emocionante daquilo que faz quando tenta fazer o organismo da Sra. Leonard exprimir uma certa ideia.

XI

VOZ DIRETA

A falecida esposa do Robert Blatchford estava pretensamente a enviar-lhe uma mensagem através de Feda a 23 de setembro de 1923. Subitamente, uma voz pareceu estar a falar em voz alta no ar, longe da médium e longe do assistente. Era a voz da sua esposa, e ele podia ouvir o seu tom ansioso e ávido enquanto ela falava as palavras: “Barb, estou aqui. Estou contigo, Barb.” Foi a pronúncia dela do seu nome que foi especialmente emocionante para o Blatchford, porque a sua esposa fora uma mulher de Yorkshire que dizia “Bob” como se rimasse não com *ob* mas com *garb*. Ele sentiu que tê-la a falar o seu nome duas vezes da sua própria maneira especial era altamente

evidente. Era a sua primeira sessão com a Sra. Leonard. Fora como um assistente anónimo, vigilante, não hostil, mas antes cético — e recebera a surpresa da sua vida. Em 1922, Blatchford, um correspondente de jornal, ficara interessado na investigação psíquica no decurso da sua própria investigação para uma série de artigos sobre o assunto. Ele descreve as suas experiências no seu livro *More Things In Heaven and Earth*. 1

1 Robert Blatchford, *More Things In Heaven and Earth*, Methuen & Co., Ltd., London, 1925. No primeiro dia de junho de 1924, o Blatchford teve outra sessão com a Sra. Leonard, altura em que perguntou a Feda se a sua esposa tinha realmente falado com ele ou se ele tinha imaginado. Feda disse: “Ela falou contigo. É uma coisa que não acontece em centenas de sessões comigo. Havia muito poder.” Nessa altura, a comunicação por voz direta era altamente invulgar nas sessões da Sra. Leonard.

Durante alguns anos, Drayton Thomas tinha ocasionalmente ouvido os sussurros do seu pai, que Feda depois repetia em voz alta. Mas nada mais. Gradualmente, à medida que a mediunidade da Sra. Leonard se tornava mais poderosa, a voz direta tornou-se mais forte e mais frequente. Pela década anterior a 1947, quando o Thomas publicou “A New Hypothesis Concerning Trance Communications”², ela tinha aumentado marcadamente.

“A sua frequência varia de sessão para sessão”, é-nos dito. “Numa pode ser ouvida apenas seis vezes, proferindo um total de doze a quinze palavras ao todo; noutra sessão pode ser ouvida até vinte e cinco vezes, proferindo cerca de sessenta palavras.” O Thomas colocou a hipótese de que algo na parte inicial da sessão facilita a voz direta, e que para o fim da sessão esse algo falha em agir. Diz ele: “É como se o poder fosse vigorosamente produzido pouco depois de a sessão começar, e alcançasse um ou mais picos, após os quais falha, ou subitamente ou de forma gradual.” Já mencionámos que o Thomas se tinha convencido de que o poder tinha uma relação direta com os problemas de comunicação.

2 *Proceedings S.P.R.*, Vol. XLVIII, 1947.

Relativamente aos fenómenos de voz direta, ele desenvolveu um conceito que elaborou da seguinte forma: O comunicante vem à sessão naquele corpo que é agora normalmente o seu nos reinos etéricos. Ele toma a posição, uns dois ou três pés em frente da médium, que Feda acha mais conveniente para a sua receção das mensagens. Ele fala a sua mensagem em palavras durante aqueles períodos da sessão que favorecem este método de comunicação, ao passo que para outros períodos parece mais eficaz dá-la por telepatia.

A diferença entre estes períodos numa sessão é causada por variações na produção de uma emanção que flui da médium, com possíveis adições do assistente e do anotador. Esta emanção é denominada por Feda “o poder”; varia em densidade de momento para momento, e a sua exaustão gradual traz dificuldade progressiva na comunicação e finalmente para-a por completo. Durante a sessão, tanto a médium como o assistente estão dentro deste campo de energia psíquica que, embora raramente luminoso por si mesmo, torna no entanto visível para Feda qualquer objeto ou pessoa, encarnada ou desencarnada, que esteja também dentro do seu alcance limitado. Daí a capacidade de Feda para descrever a aparência pessoal dos comunicantes... A emanção... leva até Feda as palavras faladas que ela ouve de forma mais ou menos clara, embora o assistente habitualmente não oiça absolutamente nada exceto o que vem dos lábios da médium.

Digo “habitualmente” por causa da exceção que será descrita adiante com alguma extensão. Esta é uma prolação ocasional de uma palavra, ou palavras, num sussurro claro e distinto, semelhante ao que se está habituado a ouvir dos comunicantes em sessões de voz direta (o de trombeta) com os que são denominados médiuns físicos. Como é que, enquanto a maior parte da mensagem não é ouvida pelo assistente, ele é capaz de ouvir estes sussurros falados ocasionais? Acredito que a explicação se encontrará na ação da já mencionada emanção. Esta emanção parece ser uma substância que tem relações com a matéria física e também com a substância etérica do estádio seguinte de existência. É suficientemente afim desta última para uso pelo comunicante desencarnado, e é suficientemente afim da terra para afetar o ar da sala de sessões, não em todas as alturas, mas quando

movida mais violentamente do que o é pelo falar habitual do comunicante.

Quando este último fala com especial vigor, as vibrações da emanção estabelecem vibrações secundárias no ar, e são estas vibrações secundárias que o assistente ouve como um sussurro claro. Nos seus exemplos, o Thomas cita algumas palavras precedentes, depois o sussurro em voz direta e a seguir a reação de Feda ao mesmo: Feda. É quando nós habitualmente ap— ap—

V.D.: Aproveitamos Feda. Aproveitamos para, etc. Feda. Aqui há um impulso interior no sentido de ir ao encontro das oportunidades a meio caminho; possivelmente deve-se a — O quê?

V.D. Discernimento.

Feda. Discernimento da existência de todas estas oportunidades.

FEDA. Isto toca noutro aspeto do nosso — Nosso quê? O nosso trabalho?

V.D. O nosso trabalho de grupo.

V.D. Tu vês, Charlie.

Feda. Tu vês, Charlie, etc. (Uma nova linha de pensamento começou com as palavras —)

V.D. Claro que alguns indivíduos

Feda. Claro que alguns indivíduos obtêm, etc. Certos casos de voz direta mostram como Feda parece ouvir a mensagem dada pelo comunicante, enquanto ao mesmo tempo o assistente está a ouvir uma ou duas palavras faladas em voz alta:

Feda. Abstinência?

V.D. Abstinência.

Feda. Estou a receber essa palavra abstinência. Não sei o que isso significa, mas significa uma coisa ou outra especial para ele. (O que o

comunicante desejava dizer era evidentemente isto: “É como ser colocado a cargo de uma instituição de Borstal”):

Feda. É como ser colocado a cargo de um departamento de javalis. Porcos? Javalis numa instituição?

V.D. Borstal.

Feda. Não tenho muita certeza. É algo que tem a ver com javalis.

Feda. Willy — O quê? Quem é ele? Willy alguém — não consigo obter o outro nome dele. Willy — alguém está a compelir-te. Espera um minuto. Confundi isso.

V.D. Não é nada disso. Feda. Queiras quer não? Está certo? Queiras quer não estás a ser compelido, etc., etc. Ao listar um grupo de exemplos, o Thomas classificou-os quanto ao propósito indicado pela voz direta:

A voz direta fornece a palavra requerida quando Feda hesita.

V.D.: As condições da minha nova vida impressionaram-me mais dr— dr—

V.D. Dramaticamente Feda. Dramaticamente, chama-lhe ele, do que a pessoas que, etc. Feda. Quando vi coisas familiares ao meu redor disse: “Graças a Deus! Graças a Deus! Todas as coisas familiares e reconfortantes estão aqui. Viverei à altura delas, ou viverei à altura da benef—, benef—”

V.D. Beneficência que mas deu.

A voz direta fornece a palavra requerida quando Feda a pede.
(Este é o seu uso mais frequente.)

Feda. Parte disso pode acontecer mais cedo, mas ele sente — O quê? O pre— O quê?

V.D. Preenchimento Feda. O preenchimento real da profecia, etc.

V.D. Uma grande tarefa reside diante de nós em harmonizá-los à medida que eles — O quê?

V.D. Se interpenetram

Feda. Se interpenetram um ao outro. É o que ele diz, harmonizá-los. O que disseste, por favor? Harmonizas o quê? **V.D.** Notas

Feda. Notas. Espera um minuto. Sei o que vais dizer. Recebi isso uma vez. Harmonizas notas em música antes de tocares um acorde.

A voz direta fornece a palavra requerida sem que esta seja pedida.

FEDA. Consegues lembrar-te de falar comigo sobre —

V.D. Itália Feda. Itália, diz ela.

A voz direta dirige-se a Feda.

FEDA. Um novo comunicante foi caracterizado por Feda, que falou de forma apreciativa da sua sinceridade e rapidez em adaptar-se às condições da sua nova vida, acrescentando: “Ele estava pronto para o fazer.”

V.D. Obrigado. Feda. Obrigado, disse ele.

C.D.T. Pelas tuas observações lisonjeiras! Feda. Ele diz: não sei se elas tinham a intenção de ser lisonjeiras, mas acho que posso ler uma certa quantidade de verdade nelas.

A voz direta corrige os erros de Feda. Estes casos são possivelmente de significação especial, pois pode supor-se que Feda não se corrigiria assim a si mesma.

Feda. Atualmente está mais claro —

V.D. Tão claro Feda. Está tão claro —

Feda. Não podias pretender ser algo diferente daquilo que não eras.

V.D. Diferente daquilo que eras Feda. Do que eras, diz ele.

Feda. Diz-lhe que ele está feliz, que não consegue ver nada nesta vida que desejasse alterado.

V.D. Nova vida Feda. Na nova vida que desejasse alterado.

Feda. Havia um caminho que iria para alguma água? Haveria um caminho para alguma água, sabes? Ela continua a dizer: “caminho-água; caminho-água.” Não vejo nenhuma água no jardim, mas fico com a sensação de que podias sair do jardim e haveria algum caminho especial para o jardim —

V.D. Para a água

Feda. Não, não para o jardim, diz ela, mas do jardim para a água; como se fosse olhado como um caminho privado.

(Esta foi uma correção altamente importante e salvou da falha uma excelente peça de evidência, desconhecida para mim na altura. Descrevia corretamente algo que já não existia, mas que fui capaz de verificar a partir de gravuras em livros arqueológicos com mais de um século.)

A voz direta corrige a pronúncia de Feda.

Feda. Ideia de almirante, diz ele.

V.D. Admirável Feda. Uma ideia admirável. Feda. É exatamente como se as coisas se tornassem separadas, como o espectro, chama-lhe ele. (Adicionando depois por si mesma —) Um homem disse uma vez que Feda era um espectro.

V.D. Espantalho, não espectro!

Feda. Ele diz, espectro; tudo fica dividido.

Feda. Quando me dei conta dos meus arredores foi uma grande surpresa, devo admitir isso. Apesar de certas coisas que tinha lido e ouvido, a morte impressionou-me como levando-me para alguma vazia — Como lhe chamas? Zona? Vazia zona?

V.D. Zona Feda. Vazia zona.

A voz direta contradiz Feda.

Feda. Este cavalheiro não está muito habituado a alinhar com outras pessoas, e com o que elas desejam que ele faça. Se lhe sugeres alguma coisa, ele não se atira a ela. Espera para ver se era o que ele quer fazer. Ele é mesmo assim.

V.D. Não sou!

Feda. És, sim. Ele é um homem bom e bondoso, mas é apenas um hábito. Sinto que ele era uma pessoa importante, de quem as pessoas pensavam muito e prestavam muita atenção às suas palavras. Ele diz que nem sempre prestavam atenção, mas teria sido melhor se o tivessem feito às vezes.... Ele é um cavalheiro engraçado!

V.D. Não sou engraçado!

Feda. Ele está a falar sobre o pecador que se arrepende! Acho que o pecador que se arrepende é uma maçada terrível!

V.D. Não, não é.

Feda. Bem, parece que é.

Feda. Deve começar na terra, como tantas miríades — Queres dizer milhões?

V.D. Não, não quero.

A voz direta exclama, reclama ou protesto.

Feda. O teu pai diz —

V.D. Uns dias fora!

Feda. Uns dias fora? O quê, fora da cama?

V.D. Não, não, no; não!

Feda. Uns dias fora? Oh, eu digo-lhe. Ele andava uns dias fora nos seus cálculos sobre a guerra.

(Antes desta sessão eu tinha mostrado à Sra. Leonard um termómetro de jardim que tinha comprado recentemente. É a isto que Feda alude no que se segue.)

Feda. Ele diz que o fenómetro — fenómenos — Ele tem um termómetro!

V.D. Eu não estava a falar sobre termómetros!

Feda. Oh, ele diz, fenómenos. Está certo? Os fenómenos referidos, etc.

Feda. Ele diz que deves ter boas de trabalho — O quê? Hipopótamos?

V.D. Hipóteses.

Feda. (mais alto) Hipopótamos.

V.D. Hipóteses — e não grites!

Feda. Não estou a gritar. Estou apenas a falar claramente. Feda. Com o seu fa- fa- O quê? Nunca ouvi ninguém usar essa palavra antes — falecimento?

C. D. T. explica o significado da palavra.

Feda. É uma palavra estúpida e feia. Falecimento! Não podes dizer “passagem”?

V.D. Não! Feda. Não, ele não quer dizer passagem. Falecimento, bem, seja como for, após o seu falecimento ela tem estado muito sozinha.

A voz direta pode não ser ouvida por Feda.

Feda. Todo o tom da vida será num plano mais artístico —

V.D. Plano.

Feda. O que disseste? (Eu tinha ouvido esta palavra claramente.) Num plano mais artístico do que tem sido possível até agora.

Feda. Para o seu próprio progresso, o seu próprio — O seu próprio quê?

V.D. Desabrochar. (Tanto o estenógrafo como eu ouvimos esta palavra distintamente, mas Feda aparentemente não.)

Feda. Espera um minuto. O seu próprio quê? Oh, desabrochar. Espera um minuto. Não está muito certo.

V.D. Desabrochar dos seus próprios poderes. A voz direta pode ser mal ouvida por Feda.

Feda. O homem era —

V.D. Então mais bucólico.

Feda. Mais belo? Não, algo parecido com belo, bu- algo. Bu- Consegues ouvi-lo?

C. D. T.: Sim, ouvi-o dizer “bucólico”.

A voz direta pode ser apenas parcialmente ouvida por Feda.

Feda. Ela diz que esteve muitas vezes em — Bic- Bic-

V.D. Bickley. Feda. Não consigo obter esse nome; soa como Bickley, mas isso não está certo, não pode estar. Assistente. Ouvi-a dizer isso, Feda, e está certo.

Thomas adiciona: Estou ciente de que a primeira reação de um crítico a este artigo será sugerir a si mesmo que eu, e outros assistentes da Sra. Leonard, fomos induzidos em erro ao supor que a voz direta vem de algum ponto no espaço longe da médium; inclinar-se-ão a pensar que, de facto, vinha dos seus lábios. Apresso-me a assegurar-lhe que não há questão possível na mente daqueles que a ouviram frequentemente. A voz direta não procede dos lábios da médium, nem é possível confundi-la com qualquer sussurro que Feda possa fazer através desses lábios. Sou sempre capaz, mesmo antes de Feda me saudar, de ouvir os seus murmúrios sussurrados em aparente conversa com o comunicante. Consigo captar uma palavra aqui e ali: “Sim, eu digo-lhe. Sim, Feda não se deve esquecer”, mas a gramática e a característica são sempre distinta e inconfundivelmente as da própria Feda. Entre isto e o sussurro em voz direta dos comunicantes há uma grande diferença. Além disso, este último vem de um lugar diferente.

O sussurro de Feda procede dos lábios da Sra. Leonard; a voz direta vem de um ponto uns dois a três pés em frente da médium.

Se a afirmação acima for verdadeira, o fenómeno da voz direta não poderia ser explicado como ventriloquia inconsciente por parte da médium. Quanto à ventriloquia consciente, a Sra. Leonard nunca na sua vida deu qualquer indicação de que pudesse possuir esta habilidade. Em segundo lugar, para aqueles que a conhecem, a sua simples negação de que alguma vez a tenha usado seria suficiente. Ninguém que tenha privado com a Sra. Leonard por qualquer período de tempo duvidou alguma vez da sua veracidade.

O C. D. Broad, comentando sobre a voz direta no seu estudo de “The Phenomenology of Mrs. Leonard’s Mediumship,” diz que esta parece ser um fenómeno físico paranormal: De ocorrência destes sussurros, e da sua ligação íntima com as observações que a persona-Feda está a fazer quase ao mesmo tempo, não há dúvida. Nem há qualquer dúvida de que eles parecem ao assistente vir de uma posição no espaço vazio a alguma distância em frente da médium. Tenho a informação de que testes feitos com instrumentos físicos apropriados falharam em mostrar que as ondas sonoras estão realmente a emanar de uma fonte neste ponto externo. Mas não sei quão fácil seria estabelecer ou refutar tal possibilidade através de aparelhos físicos. O teste a que ele se refere foi descrito no *Journal of the Society for Psychical Research*, Vol. XXVIII, June, 1933, p. 84. Os seus resultados foram declarados como inconclusivos:

Nota Sobre Uma Tentativa Para Localizar No Espaço A ALEGADA Voz Direta Observada Em Sessões Com A Sra. LEONARD.

Como o resultado obtido não foi positivo, esta nota é mantida tão breve quanto possível e fica restrita aos pontos essenciais. O método empregado foi uma adaptação do bem conhecido método do tubo duplo. Foi sugerido pelo Dr. Irons, através da intermediação do Sr. Soal. Dois pares de microfones, conforme demonstrado no diagrama seguinte, foram usados. Cada par de microfones estava ligado a um par de auscultadores numa sala distante, estando cada microfone ligado por um canal diferente ao seu auscultador apropriado. A

sensibilidade, etc., dos microfones foi cuidadosamente equilibrada, sendo as ligeiras desigualdades nos auscultadores compensadas pelo equilíbrio apropriado os microfones.¹

O Sr. Heard e o Sr. Besterman atuaram como observadores; através de uma calibração preliminar cuidadosa em duas ocasiões, uma delas imediatamente antes das sessões, eles conseguiram distinguir deslocamentos no espaço, a partir da posição normal, isto é, a da médium, de algo menor do que seis polegadas em qualquer direção horizontal. Verificou-se, contudo, que este método seria inadequado para a observação de sons suscetíveis de ser produzidos a partir de fontes diferentes e alternadas, devido ao sério atraso na localização de tais sons. Mais uma vez, verificou-se que a fadiga sobrevinha razoavelmente depressa e produzia erros sérios. A sessão realizou-se a 16 de janeiro de 1933, com o Rev. C. Drayton Thomas como assistente, sendo feitos registos fonográficos em simultâneo. As notas tomadas pelos dois observadores concordavam exatamente. Uma suposta voz direta foi ouvida quatro vezes, da seguinte forma (horas corrigidas aproximadamente): da manhã.

11.21½ "Peter" 11.34 "sure to be" 11.34½ "verified" 11.35
"considerable"

Em nenhuma destas ocasiões se verificou que a voz estivesse deslocada no espaço, isto é, que emanasse de uma fonte no espaço que não fosse a posição ocupada pela médium.

1 Este trabalho foi realizado pela equipa técnica de gravação da Gramophone Co., a cujo auxílio eficiente e voluntário ficamos muito penhorados.

Drayton Thomas perguntou uma vez à Sra. Leonard se ela sabia o que Feda queria dizer quando falava de “o poder.” “Descobri”, disse ele, “que a Sra. Leonard estava familiarizada com o termo, mas não tinha nenhuma teoria sobre o assunto.” A Sra. Leonard notava que estava menos alerta de mente imediatamente após uma sessão e supunha que o poder tinha algo a ver com isso. Nos primeiros tempos, quando ela dava quatro sessões diariamente, o poder parecia renovar-se para cada uma. Ela não conseguia sugerir como, mas supunha que

Feda encerrava cada sessão antes de o poder se ter esgotado. Os médiuns falam frequentemente desta condição variadamente como poder ou luz. O que poderia, talvez, ser a mesma coisa numa forma mais densa é chamado ectoplasma. O Thomas diz: “Esta emanção psíquica é um intermediário que é suficientemente afim da substância do Além para ser utilizável por desencarnados, e suficientemente afim da nossa matéria para a afetar sob certas condições. Estas condições estão em operação quando um comunicante faz uso dela para levitar, digamos, uma mesa na sala de sessões, ou para falar numa sessão de voz por trombeta. Tem havido, porém, poucas investigações científicas para aprender as suas propriedades reais.” Drayton Thomas continua dizendo que, quando o falecido Dr. Osty estudava o médium Rudi Schneider em Paris, se convenceu de que o Rudi podia, por vezes, produzir algo que, embora invisível e intangível, obscurecia os raios infravermelhos. O Thomas prossegue: Um grupo de investigadores, desejando verificar isto, convidou o Rudi a Londres para uma série de experiências nas salas da Society for Psychical Research.

As suas conclusões estão registadas nos *Proceedings* de junho de 1933, dos quais são tiradas as seguintes citações: Em quase todas as ocasiões foram registados muitos movimentos da bobina do galvanómetro.... Estes movimentos da bobina do galvanómetro, que confirmam a descoberta de Osty, são muito notáveis.... Além disso, a campainha em série com uma célula de selénio tocou em duas ou três ocasiões, indicando uma absorção de pelo menos 50% da radiação infravermelha.

O que quer que seja que afete o galvanómetro, ou os circuitos da campainha, parece emanar do Rudi, visto que a absorção de raios por vezes sincronizava com a sua respiração e por vezes ocorria imediatamente depois de ele dizer que aconteceria. (p. 274) Os muitos registos de grandes movimentos indicam definitivamente uma variação considerável da corrente no galvanómetro que não pode ser devida a qualquer perturbação que não seja a absorção da radiação infravermelha. Tendo em vista a distância do médium ao aparelho e o facto de ele estar sempre sob controlo vigilante, pareceria que esta

absorção se deve a algum agente atualmente desconhecido, emanando do próprio Rudi. (p. 275)

[O movimento de objetos sem o contacto do médium ou de qualquer outra pessoa dá evidência deste poder. Para ver a levitação de uma mesa sem contacto, Sir William Barrett visitou uma vez o círculo de Goligher para observar o trabalho do Dr. W. F. Crawford,] e ele informou-me de que, numa ocasião, pressionou com força a mesa numa tentativa de impedir a sua levitação, mas em vão. Sentou-se então sobre a mesa, e esta elevou-o vários pés acima do chão. A Lady Barrett, que estivera presente nestas experiências, disse-me que, enquanto Sir William estava levitado com a mesa, ela passava com o seu guarda-chuva por baixo das pernas da mesa e certificou-se de que nenhuns fios ou artefactos de qualquer espécie estavam a ser usados.

Tudo estava livre; o guarda-chuva não encontrou obstruções. Fiquei pessoalmente impressionado pela primeira vez com a realidade de uma emanção quando realizava uma sessão de mesa com a Sra. Leonard. A minha esposa e a Sra. Leonard colocaram as mãos levemente sobre a mesa de bambu enquanto eu anotava as letras à medida que eram soletradas por inclinações. Depois, a minha esposa e eu trocámos de lugar. Mensagens de carácter evidente foram assim produzidas. Quando a Sra. Leonard sugeriu que a minha esposa e eu nos sentássemos à mesa, assim o fizemos, mas nenhuns movimentos se seguiram. A Sra. Leonard colocou então os dedos levemente sobre o centro exato da mesa, onde teria sido difícil, ou provavelmente impossível, para ela movê-la por pressão. O resultado foi imediato; pois as inclinações começaram e continuaram até que a médium retirou gradualmente a sua mão. À medida que o fazia, a mesa abrandou e rapidamente cessou todo o movimento. Novamente a mão da médium foi colocada sobre ela como antes e novamente os movimentos continuaram. Foi uma clara demonstração de que algo essencial para o movimento da mesa procedia da Sra. Leonard e que nem a minha esposa nem eu podíamos produzir esse algo misterioso. ...

Pareceria que esta substância exige mais investigação. É tentador sugerir que se venha a verificar eventualmente que desempenha um

papel importante nos processos da vida física, nas regiões esquivas da sensação e da percepção, e em todas as formas de fenómenos psíquicos. Pode ser uma substância que liga o material ao imaterial e facilita a sua interação. Pode-se até concebê-la como consistindo em muitos graus, alguns dos quais interagem com a matéria enquanto outros interagem mais facilmente com a substância dos reinos que aguardam a nossa habitação após a partida do corpo terreno. Charles Drayton Thomas conclui o seu artigo referindo-se ao facto de que, ao longo dos anos, Feda deu prova constante e abundante de que consegue ver o comunicante, e prova igualmente convincente de que consegue ouvir palavras reais, enquanto o assistente não ouve nada senão a voz dela.

Diz ele: E depois, durante a sessão, tudo acontece exatamente como se o comunicante estivesse mesmo em frente da médium e ao ombro esquerdo do assistente; isso significa que ele ocupa uma posição definida no espaço. Seria difícil aceitar o que ficou dito acima sem admitir que o comunicante está presente em corpo, mesmo que sejamos incapazes de imaginar exatamente que tipo de substância forma o corpo que para os nossos sentidos permanece intangível e invisível. Citámos o suficiente para mostrar que Feda e o comunicante afirmam categoricamente tais corpos. O facto de nós próprios não podermos ver ou sentir estes corpos etéricos não depõe contra a sua falta de existência, de acordo com o Thomas.

Ele usa a analogia da água, que permanece H₂O quer seja usada para fazer flutuar um navio ou para apitar um silvo de vapor, ou quando existe invisivelmente como humidade no ar. Muitos outros assistentes, além de Drayton Thomas, escreveram sobre experiências de voz direta. Um desses casos foi a Lady Barrett, que se convenceu, após frequentar numerosas sessões com a Sra. Osborne Leonard, de que estava a receber comunicações do seu marido. Sir William F. Barrett fora Professor de Física no Royal College of Science, em Dublin, durante quarenta anos. Ele foi um dos fundadores da Society for Psychical Research.

A sua esposa acreditava que ele continuava o seu trabalho após a sua morte. Ela publicou as transcrições das suas sessões com a Sra. Leonard num livro chamado *Personality Survives Death*,³ onde

menção vários casos de voz direta. O seguinte é típico: (W. F. B. é Sir William Barrett; F. E. B. é a Lady Barrett.) W.F.B. Sim, mas deve insistir-se nisso. O Will está aqui. (Dito muito claramente em voz direta, interrompendo a voz do controlador.) W.F.B. Gosto de falar eu próprio uns pedaços pelo meio. F.E.B. Quero que o faças. W.F.B. Mas não posso. F.E.B. Sim, mas mais tarde não podemos tentar? W.F.B. Tenho tentado à noite, quando vais dormir. Podes ouvir o meu silvo. (“O meu silvo” foi dito muito claramente em voz direta, mas antes como que com esforço. A Lady Barrett não conseguia pensar no que significava.) F.E.B. Disseste: “O meu silvo?” W.F.B. Sim, disse. Não te lembras da minha própria pequena marca de silvo? (A F. E. B. diz: “Então tudo me voltou à mente, embora eu não tivesse pensado nisso desde que ele faleceu. Quando ele estava muito feliz e contente, costumava fazer um pequeno silvo claro na respiração. Eu costumava dizer, a rir: ‘És como um gato que se espreguiça quando estás feliz, só que tu silvas em vez disso.’ ”))

3 Barrett, Personality Survives Death, p. 68 London, Longmans Green, 1937.

XII A PONTE EM CONCLUSÃO, apresentamos um caso, relatado por Nea Walker em *The Bridge, a Case for Survival*,¹ que abrange muitos dos tipos de fenómenos discutidos nos outros capítulos deste livro. Além disso, fornece-nos uma assistente que mais tarde, aparentemente, se torna comunicante. A Sra. Eleanor Sidgwick, na sua recensão de *The Bridge*, diz:² “Este livro importante dá o relato de uma tentativa de comunicação e do seu desenvolvimento gradual entre uma Sra. White e o seu falecido marido, com algumas experiências adicionais após a própria morte da Sra. White em 1924.”

Ela acrescenta que neste livro se encontra “o que sem dúvida é, como o título insinua, um caso a favor da sobrevivência, e um caso valioso.” Gwyther White e a sua esposa Mary eram um par casado invulgarmente dedicado que foi separado pela morte dele, com a idade de trinta e oito anos, a 16 de março de 1920. Ele sofrera de uma doença prolongada da qual sempre esperara recuperar. A sua esposa, que o assistia, conhecia o carácter desesperante da sua condição, mas ocultou-lho até ao fim.

1 Walker, Nea, The Bridge, London, Cassell & Co., Ltd., 1927. 2 Proc. S.P.R., Vol. XXXVIII, p. 10.

À morte dele, a Sra. White sentiu-se totalmente desamparada; e, embora não conhecesse o Sir Oliver Lodge, apelou para ele por ajuda. A Nea Walker realizou sessões substitutas para ela, as quais foram, como diz a Sra. Sidgwick, “uma tentativa sistemática e muito bem-sucedida de obter evidência numa forma que elimina a mente do assistente como uma fonte possível do conhecimento demonstrado pelo comunicante — conhecimento de coisas de que tanto a médium como o assistente eram ignorantes.”

Antes de conhecer a Sra. White em pessoa, a Miss Walker sugeriu por carta que ela pedisse ao seu marido para tentar comunicar através de vários médiuns, trazendo evidências da sua identidade. Eles seguiriam o procedimento habitual das sessões substitutas da Nea; e a Sra. White poderia mais tarde verificar a evidência recebida. A Mary White entrou na experiência de bom grado e revelou-se uma colaboradora muito boa; seguiu-se uma longa série de sessões. Algumas das mensagens preliminares foram dadas por três clarividentes de Cardiff, no País de Gales, os quais, diz a Nea Walker, se assemelhavam por ser de um tipo simples e honesto.

“Eles certamente não estavam na posição afortunada da Sra. Leonard no que diz respeito a oportunidades para exercer o seu dom sob as melhores condições possíveis. Nem o dom era do mesmo calibre. Mas, por vezes, os resultados obtidos através deles articulavam-se com os resultados mais importantes através de canais mais fortes.” Um terceiro tipo de médium empregado foi uma amadora não profissional, Damaris Walker, irmã da Nea. As personalidades conhecidas como o Grupo, que afirmavam ser amigos falecidos dos Walkers, tornaram-se evidentes como assistentes do comunicante. O contacto inicial foi pretensamente estabelecido com o Gwyther White através de todos os outros médiuns antes de a Sra. Leonard alguma vez ser visitada; e a própria Sra. White começou a fazer experiências com o tabuleiro ouija.

Recebeu-se uma longa série de correspondências cruzadas em que mensagens que descreviam a última doença do Gwyther, o seu

amor pela sua esposa e pela casa deles vinham primeiro através de um sensitivo e depois de outro. Todas estas foram depois confirmadas através da Sra. Leonard, e muito material novo foi adicionado. As sessões com a Sra. Leonard, escreve a Nea, “renderam a evidência mais forte para a sobrevivência que foi obtida, e também as melhores mensagens” do Gwyther White para a sua esposa. A Nea foi cautelosa na sua avaliação do material. “Eu andava à procura de factos puros”, diz ela, “e tinha um medo distinto de que alguém romanceasse sob qualquer forma ou feitio.” Mas, ao fim da série de sessões, foi capaz de afirmar categoricamente que o “encanto do romance” que era evidente ao longo de todo o caso era fiel aos factos.

A Sra. White era altamente sentimental e intensamente musical. O seu marido tinha partilhado o seu amor pela música, pelas flores e pela natureza em geral. Ela era requintada, charmosa e graciosa. Ele era enérgico, alegre, um grande folgazão, com um elevado sentido de humor; e nunca se mostrava impaciente com as incursões dela no reino da fantasia. A vizinha deles, a Sra. Reese, disse mais tarde à Nea: “Não posso senão lamentar não os ter conhecido bem nos seus dias despreocupados, antes de ele adoecer, pois estou certa de que a sua característica principal nessa altura deve ter sido uma felicidade infantil, quase a ‘transbordar’, que penso ser muito rara...” Talvez o grande sucesso das comunicações pessoais da Sra. White com o seu marido se devesse a esta ligação extremamente forte entre ambos.

A primeira sessão substituta com a Sra. Leonard para a Sra. White foi realizada por Nea Walker a 2 de junho de 1921. Feda declarou que alguns membros do Grupo estavam presentes: Geoff, Woolley e outros.

Depois ela disse:

Mas também está aqui outra pessoa, mas não as vossas habituais. Outro homem. . . . Ele quer outra pessoa, Sra. Nea, não a si, na verdade. Alguém diferente. Há muito que é dado aqui que ajuda a identificar o Gwyther White; depois, segue-se o seguinte:

FEDA Ele construiu a letra B; e B, I, e. Não conseguiu obtê-la como queria.

COMENTÁRIO O nome carinhoso dela para ele era "B" ou "Bec." A Nea não sabia isto.

FEDA M M é quase tão importante quanto B.

COMENTÁRIO Mary ou "Missus" (patroa/senhora), que ele por vezes lhe chamava.

FEDA O G também tem algo a ver com em.

COMENTÁRIO Gwyther.

FEDA Ele diz: "Soletrei-lhe rosas."

COMENTÁRIO Este é um exemplo de correspondência cruzada. "Rosas" tinha sido frequentemente soletrado para a Sra. White no tabuleiro ouija.

FEDA Ele diz: "Sabe que elas são sempre simbólicas para ela e para mim, não são apenas rosas."

COMENTÁRIO As rosas foram o seu ramo de noiva. As flores usadas quando o Gwyther foi sepultado. O jardim estava cheio delas.

FEDA Ele não as consegue cheirar.

COMENTÁRIO Ele não conseguia cheirar bem normalmente.

FEDA Ela costumava fazer algo engraçado ao pequeno-almoço sobre o qual o B costumava fazer observações e rir-se. . . . Ele ria-se dela, metia-se com ela, mas ela insistia em fazê-lo. . . . Algum método particular que ela empregava a respeito do pequeno-almoço.

COMENTÁRIO Ela mexia as folhas de chá no bule. Isso sempre o divertia.

Da sessão de 13 de junho:

FEDA Ele está a mostrar o que Feda pensa ser um jardim de que ele gosta imenso. E ele continua a levar-me por um caminho, mas não um caminho lateral; é como um caminho central, com verde de cada lado. Não todo de flores, mas verde . . .

COMENTÁRIO Totalmente correto. Da parte das rosas do jardim, um caminho central conduz ao topo do jardim; tem uma borda de relva de cada lado.

FEDA Parecem árvores. Ela chamou-lhe a atenção para elas ultimamente, para o desabrochar das árvores lá em baixo. Ele diz, de duas espécies, de duas cores. Ela achou que eram lindas e pediu-lhe para olhar para elas. Ela estava preocupada com algo lá em baixo, dizendo: "Que pena." Sim . . .

COMENTÁRIO As cerejeiras de flor da Austrália (cor-de-rosa) e os laburnos (amarelos) tinham estado ultimamente em flor. Ela dissera-lhe: "Não são lindas, B?" e depois: "Que pena as outras terem morrido!"

FEDA Agora espera um minuto, ele está a tentar pensar. O quê? Ele diz: "Ora, semanas e dias são tão difíceis! Acho que não na semana passada, mas no fim da semana anterior, ela e eu olhámos juntos para um pôr do sol." Ele diz: "Acho que foi há cerca de nove ou dez dias, ela lembrar-se-á. Olhámos para ele juntos. Ela olhou para ele por algum tempo, não apenas por um momento, e pensou em todo o tipo de coisas ligadas a mim, a nós, às nossas vidas aqui. E ela foi elevada mesmo acima das condições terrenas. Ela sabia que nós estávamos lá."

COMENTÁRIO A Sra. White mantinha um diário das suas experiências psíquicas. Exatamente nove dias antes, ela tinha escrito nele: "Observei o pôr do sol vermelho-dourado sobre as colinas e pensei nos muitos pores do sol que tínhamos observado, especialmente aqueles sobre o urzal . . . a pequena cabana onde nos recolhíamos para passar a noite. Ela tinha escrito: 'E agora eu saio ao teu encontro, querido, para as ilhas do pôr do sol, e descanso naquele verde terno e pacífico, apenas por um bocadinho . . .'"

A 17 de junho, a Nea foi ficar com a Mary White na sua casa no País de Gales para a ajudar a lidar com o material obtido até então. Esteve lá até 29 de junho: esta foi a sua única visita à casa da Sra. White. Enquanto ela estava fora, a sua irmã Damaris recebeu uma descrição exata das duas mulheres no seu ambiente. A 2 de setembro,

a Sra. White veio ficar com os Walkers por várias semanas. A Nea realizou uma sessão substituta com a Sra. Leonard a 7 de setembro. Nessa altura, Feda disse:

FEDA Sabe, não sabe, que o B gosta de música? Oh, que engraçado! Sra. Nea, sabe o piano, aquele com os grandes dentes brancos? . . .

COMENTÁRIO O Gwyther chamava frequentemente ao piano da Mary "o animal com os grandes dentes brancos."

FEDA O B. chama-lhe "a senhora do B."

COMENTÁRIO "Minha senhora" era uma frase favorita do Gwyther.

A 19 de novembro, a Sra. White teve a sua primeira sessão pessoal com a Sra. Leonard. Foi anónima, como todas as suas sessões subsequentes. A Sra. White, vestida com um fato cinzento, não parecia viúva; e presumivelmente não havia maneira de a Sra. Leonard saber quem ela era. Nenhum indício foi dado de qualquer ligação com a Nea Walker ou o seu grupo de comunicantes, que por esta altura eram bem conhecidos de Feda, mas que nunca eram discutidos com a Sra. Leonard no seu estado normal. Contudo, assim que a sessão começou, o Woolley, um membro do Grupo, disse: "Está tudo bem, Feda. Todos nós a conhecemos, ela conhece-nos a todos."

FEDA Bom dia! Vem um espírito que já esteve antes. Eles empurram-no para a frente. B, B. Eles estão determinados a que ele venha hoje. Eles fazem-no entrar —

COMENTÁRIO A Damaris tinha querido arranjar uma rosa vermelha para a Sra. White levar consigo, não sabendo, mas de algum modo pressentindo, que ela dava sempre ao B uma rosa vermelha.

FEDA ...em frente de toda a gente aqui. Ele veio contigo. . . . Não importa as rosas, ele sabia que não as podias obter hoje. Trazes-lhe frequentemente rosas. As rosas passaram a ser um símbolo. . . .

COMENTÁRIO A Damaris tinha querido arranjar uma rosa vermelha para a Sra. White levar consigo, não sabendo, mas de algum modo pressentindo, que ela dava sempre ao B uma rosa vermelha.

FEDA Algo sobre o tempo das rosas, o tempo, o tempo. A estação é importante para ti e para ele, no futuro e no passado.

COMENTÁRIO O dia do casamento deles. Também um dos médiuns galeses tinha dito: "O teu marido diz: "Tão perto e tão longe! Unir-nos-emos mais cedo do que pensas, no tempo das rosas!"

FEDA Uma profecia, diz ele. As rosas são uma profecia. Uma coisa estranha para te dizer. Ele vem e agarra-se a ti, coloca os braços ao teu redor e eleva-te até ele. Uma profecia de estarmos juntos novamente. Sabes como ele o tem querido. Mas ele teve de trabalhar para te ajudar a ficar — algo que tens de fazer. Mas não tardará. É estranho dizer-te isto. Já te disse tantas vezes, diz ele. Ele não tem de esperar até que fiques velha. (Feda. Mas ele não te deve dizer demasiado!)

COMENTÁRIO Este é um caso de precognição. A Sra. White iria morrer em breve — em julho de 1924. Ela tinha tido indícios disso através dos médiuns galeses, através do seu tabuleiro ouija e através da Damaris.

FEDA Ele dá B . . . (soletra) B, i, d, d, y. Ele aponta para ti. Tu. Ele não deixa mais ninguém usá-lo. Ele soletra B, e, e. (Nesse exato momento, Feda interrompeu-se por completo e ficou em silêncio. Nesse silêncio, a Sra. White ouviu a voz do Gwyther dizer: "O B ama-te tanto." A voz estava cheia de anseio, e houve uma pausa, tensa de emoção.)

COMENTÁRIO O nome dele para ela, nunca usado por mais ninguém, era Biddy. O nome dela para ele. Voz direta.

FEDA O B tem-te estado a impressionar para organizares as coisas de modo a estares pronta para fazer a passagem. Ele pensa que será súbito. E poderia estragar as coisas na nossa lua de mel se não tivesses feito primeiro tudo o que querias. **COMENTÁRIO** Precognição. A sua morte foi súbita, embora após uma longa doença.

NOTA EDITORIAL (A voz da médium tornou-se agora mais profunda e muito mais impressionante, e o seu falar mais lento. Parecia ser um caso de, pelo menos, controlo parcial por parte do Gwyther.)

FEDA Ele disse: Estarei sempre, sempre contigo, enquanto estiveres aqui. E isso não será por muito tempo. . . . Lembra-te de que vens para mim, vens para mim.

COMENTÁRIO Controlador pessoal.

Mary White teve várias sessões com a Sra. Leonard, e de cada vez recebia-se material semelhante ao que ficou acima. A sua última sessão foi a 20 de maio de 1922. Uma semana mais tarde, ela adoeceu. Faleceu a 12 de julho de 1924, no tempo das rosas. Numa sessão substituta que a Nea Walker realizou com a Sra. Leonard a 12 de setembro de 1924, dois meses após a morte da Sra. White, Feda disse: "O B quer enviar o seu amor também de forma bastante especial, ele diz que tem tanto de que falar." Depois, continuou a dizer pelo B que "ambos" fariam muito trabalho no Grupo. "Quais ambos?", perguntou-lhe Feda, visivelmente intrigada. O B continuou a falar através de Feda sobre quão feliz estava agora que "ela" estava com ele, e mesmo enquanto repetia isto, Feda dizia: "Não compreendo, B", e "Estás a dizer algumas coisas engraçadas hoje, B!"

Tornou-se óbvio para a Nea que Feda não sabia da morte da Sra. White. Ela disse: "Diz à Feda, por favor, B", e ele assim fez. Feda explicou mais tarde que a Sra. White estivera fora do círculo de poder, de modo que ela não a conseguira ver ao início. Mais adiante na sessão, subitamente Feda exclamou: "É ela? É ela, Sra. Nea! Só que parecia diferente quando Feda a viu! Não tem vestidos-casacos velhos e feios vestidos." Feda disse que agora a Sra. White usava um lindo vestido branco. Com o passar do tempo, tanto o Sr. como a Sra. White passaram a estar entre os membros mais ativos do Grupo, e o segundo livro de Nea Walker, *Through a Stranger's Hands*, relata muitas sessões substitutas nas quais se dizia que eles estavam envolvidos. Antes de morrer, a Sra. White deixou uma declaração para ser publicada em *The Bridge*: "Gostaria aqui de mencionar especialmente o meu apreço pela mediunidade da Sra. Leonard. Não só as minhas

sessões com ela renderam muito valor evidente, como foram sempre cheias de atmosfera para mim. O Gwyther era essencialmente ele próprio, e tão distinto dos outros como quando [estava] aqui.

As sessões deram-me grande prazer e conforto, e desejo assim agradecer-lhe publicamente.” Os investigadores psíquicos também foram frequentemente conhecidos por expressar o seu apreço à Sra. Leonard, com louvores mais contidos, talvez, mas com gratidão não menos sincera. Os longos e diligentes estudos feitos sobre a sua mediunidade acrescentaram grandemente ao manancial de conhecimento sobre as personalidades de transe, e acumularam quantidades de material de elevada qualidade que atesta a sobrevivência do espírito humano.

Quer o material seja aceite como evidência de sobrevivência ou não, a sua consideração abre novas portas de especulação. “Este não é um assunto”, disse o Sir Oliver Lodge, “sobre o qual se chegue leve e facilmente a uma conclusão, nem a evidência pode ser explicada exceto àqueles que lhe queiram dedicar tempo e estudo cuidadoso; mas claramente a conclusão ou é loucura e autoengano, ou é uma verdade da máxima importância para a humanidade.”